
ISTO COMEÇA AQUI
COLLEEN HOOVER
TOP SEL LER
A IMPERDÍVEL SEQUELA DE *ISTO ACABA AQUI*

COLLEEN
HOOVER

ISTO COMEÇA AQUI

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar



NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Este livro é uma sequela de *Isto Acaba Aqui* e começa exatamente onde o primeiro livro termina. Para uma melhor experiência de leitura, *Isto Começa Aqui* deve ser lido depois do primeiro desta série de dois livros.

Depois de publicar *Isto Acaba Aqui*, nunca imaginei que um dia estaria a escrever uma sequela. Nunca imaginei que o livro fosse tão bem recebido por tanta gente. Estou muito grata a todos os que consideraram a história da Lily tão empoderadora como eu considero a da minha mãe.

Devido ao impulso que *Isto Acaba Aqui* ganhou graças ao *TikTok*, fui inundada com pedidos para mais Lily e Atlas. E como podia eu dizer que não a uma comunidade que mudou a minha vida? Escrevi este romance como forma de agradecimento pelo tremendo apoio e, por isso mesmo, quis oferecer-vos uma experiência muito mais leve.

A Lily e o Atlas merecem-no.

Espero que desfrutem da sua jornada.

Com todo o meu amor,

Colleen Hoover

Este livro é dedicado à valente e corajosa Maria Blalock.

CAPÍTULO UM

ATLAS

O erro ortográfico no palavrão *ass whole*[1] escrito a tinta vermelha na porta das traseiras do Bib's faz-me pensar na minha mãe.

Ela inseria sempre uma breve pausa entre as sílabas, fazendo uma palavra soar como se fossem duas. De cada vez que a ouvia, dava-me vontade de rir, mas era difícil encontrar o humor subjacente quando era criança, já que era sempre eu o recipiente do violento insulto.

— *Ass… whole* — murmura o Darin. — Só pode ter sido um miúdo. A maior parte dos adultos não dá erros a escrever essa palavra.

— Não seria de estranhar. — Toco na tinta, mas não se me cola aos dedos. Isto deve ter sido feito assim que fechámos ontem à noite.

— Achas que foi de propósito? — pergunta ele. — Estarão a sugerir que és tão cara de cu que és um *completo cu*?

— Porque é que partes do princípio de que o alvo era eu? Podias ser tu ou o Brad.

— O restaurante é teu. — O Darin tira o casaco e usa-o para arrancar um grande estilhaço de vidro da janela. — Pode ter sido um empregado descontente.

— Eu tenho empregados descontentes? — Não consigo imaginar uma única pessoa que trabalhe para mim a fazer uma coisa destas. A última pessoa que dispensei foi há 5 meses, e ela saiu a bem, depois de ter concluído uma licenciatura.

— Havia aquele tipo que lavava pratos antes de contratares o Brad. Como é

que ele se chamava? Tinha o nome de um mineral, ou coisa parecida. Era muito estranho.

— Quartz — respondo. — Era uma alcunha. — Já quase não me lembrava dele, e duvido que tenha guardado algum ressentimento contra mim depois deste tempo todo. Despedi-o pouco depois de abrirmos, porque descobri que não lavava os pratos, a menos que tivessem comida lá pegada. Copos, pratos, talheres… tudo o que viesse de uma mesa para a cozinha e parecesse limpo ia diretamente para a prateleira de secagem.

Se não o tivesse despedido, a Inspeção Sanitária tinha-nos fechado a porta à conta dele.

— Devias chamar a polícia — diz o Darin. — Temos de apresentar queixa, por causa do seguro.

Antes de eu objetar, o Brad aparece à porta das traseiras, espezinhando o vidro partido. O Brad tem estado lá dentro a fazer o inventário, para ver se roubaram alguma coisa. Coça a barba rala no queixo.

— Levaram os *croutons*.

Segue-se uma pausa de confusão.

— Disseste *croutons*? — tenta clarificar o Darin.

— Sim. Levaram todos os *croutons* que foram preparados ontem à noite. Mas parece que não falta mais nada.

Não era de todo o que eu estava à espera de ouvir. Se alguém assalta um restaurante e não leva equipamentos ou outras coisas de valor, o mais provável é que o faça por ter fome. Conheço esse tipo de desespero em primeira mão.

— Não vou apresentar queixa.

— Porquê? — pergunta o Darin, virando-se para mim.

— Podem apanhar quem o fez.

— É essa a ideia.

Tiro uma caixa vazia do contentor do lixo e começo a apanhar estilhaços de vidro.

— Uma vez assaltei um restaurante. Roubei uma sandes de peru.

Agora tanto o Brad como o Darin estão a olhar para mim.

— Estavas bêbedo? — pergunta o Darin.

— Não. Tinha fome. Não quero que ninguém seja preso por roubar *croutons*.

— Está bem, mas a comida pode ter sido só o início. E se vierem buscar os equipamentos? — questiona o Darin. — A câmara de vigilância ainda está avariada?

Há meses que ele me chateia para a mandar reparar.

— Tenho andado ocupado.

O Darin tira-me a caixa de vidros da mão e começa a apanhar os cacos que faltam.

— Devias tratar disso antes que eles voltem. Caramba, esta noite até podem tentar assaltar o Corrigan's, visto que o Bib's foi um alvo tão fácil.

— O Corrigan's tem o sistema de vigilância a funcionar. E duvido que, quem quer que fosse, vá vandalizar o meu restaurante novo. Foi uma questão de conveniência, não um assalto premeditado.

— Esperas tu — diz o Darin.

Abro a boca para responder, mas sou interrompido por uma mensagem de texto. Acho que nunca peguei no telemóvel tão depressa. Quando vejo que a mensagem não é da Lily, desanimo um pouco.

Encontrei-a por acaso esta manhã, quando andava a tratar de assuntos. Foi a primeira vez que nos vimos num ano e meio, mas ela estava atrasada para o trabalho e eu tinha acabado de receber a mensagem do Darin a dar-me conta do assalto. Separámo-nos de modo um pouco constrangedor, com a promessa de que ela me enviaria uma mensagem assim que chegasse ao trabalho.

Já passou uma hora e meia e ainda não tive notícias dela. Uma hora e meia não é nada, mas não posso ignorar o incómodo no meu peito, tentando convencer-me de que ela está com dúvidas acerca de tudo o que foi dito entre nós naquela conversa de cinco minutos no passeio.

Pelo meu lado, não tenho dúvidas nenhumas acerca do que *eu* disse. Posso ter

ficado empolgado pelo momento — ao ver como ela estava feliz e descobrir que já não está casada. Mas fui sincero em todas as palavras que lhe disse.

Estou pronto para isto. *Mais* do que pronto.

Procuro o contacto dela no meu telemóvel. Tantas vezes quis mandar-lhe uma mensagem ao longo do último ano e meio, mas da última vez que falei com ela deixei a bola do seu lado. Com tanta coisa a acontecer na sua vida, eu não queria complicar-lha ainda mais.

Mas agora ela está solteira e deu a entender que está finalmente preparada para dar uma oportunidade ao que quer que possa existir entre nós. Contudo, teve uma hora e meia para pensar na nossa conversa, e uma hora e meia é muito tempo para criar arrependimentos. Cada minuto que passar sem uma mensagem vai parecer um dia inteiro.

Ainda tenho o contacto dela gravado como Lily Kincaid, por isso edito-o e torno a mudar o apelido para Bloom.

Sinto o Darin a pairar por ali, olhando por cima do meu ombro para o ecrã do meu telemóvel.

— Essa é a *nossa* Lily?

O Brad anima-se.

— Ele está a mandar mensagens à Lily?

— *Nossa* Lily? — pergunto, confuso. — Vocês só a viram uma vez.

— Ela ainda está casada? — pergunta o Darin.

Abano a cabeça.

— Ainda bem para ela — diz ele. — Estava grávida, não era? O que é que teve? Menino ou menina?

Não quero falar sobre a Lily porque ainda não há nada para dizer. Não quero fazer disto mais do que pode vir a ser.

— Uma menina, e essa é a última pergunta a que respondo. — Olho para o Brad. — O Theo vem hoje?

— É quinta-feira. Há de aparecer.

Entro no restaurante. Se falar do assunto da Lily com alguém, será com o

Theo.

CAPÍTULO DOIS

LILY

Ainda tenho as mãos a tremer, apesar de já terem passado quase duas horas desde que me cruzei com o Atlas. Não sei se tremo porque estou agitada ou porque ainda não tive tempo para comer desde que entrei aqui. Mal tive cinco segundos de sossego para processar o que aconteceu esta manhã, quanto mais para comer o pequeno-almoço que trouxe comigo.

Isto aconteceu realmente? Perguntei mesmo ao Atlas todas aquelas coisas tão embaraçosas que me vão deixar mortificada até ao ano que vem?

Mas ele não me pareceu constrangido. Pareceu-me muito feliz por me ver e, quando me abraçou, tive a sensação de que uma parte adormecida de mim ganhou vida subitamente.

Mas só agora é que tive um momento até para ir à casa de banho e, depois de me ver ao espelho, só me apetece chorar. Estou cheia de nódoas, tenho cenouras espalhadas pela blusa, o verniz das unhas está estalado desde janeiro, por aí.

Não que o Atlas espere ou queira perfeição. Mas, das inúmeras vezes que me imaginei a esbarrar com ele, em nenhuma dessas fantasias eu aparecia a meio de uma manhã caótica, meia hora depois de ser o alvo de uma criança de 11 meses com uma mão cheia de comida de bebé.

Ele estava tão bonito. Cheirava tão bem.

Eu devo estar a cheirar a leite materno.

Estou tão nervosa com o possível significado do nosso encontro fortuito, que demorei o dobro do tempo a organizar tudo para o motorista das entregas esta

manhã. Ainda nem vi as novas encomendas no nosso site. Olho-me uma última vez ao espelho, mas tudo o que vejo é uma mãe solteira com excesso de trabalho.

Saio da casa de banho e volto para a caixa. Tiro uma nota de encomenda da impressora e começo a escrever o cartão. A minha mente nunca esteve mais necessitada de distração, por isso dou-me por satisfeita por ser uma manhã atarefada.

A encomenda é de um ramo de rosas para alguém que se chama Greta, de alguém chamado Jonathan. O texto é: «*Peço desculpa pela noite passada. Perdoas-me*?»

Resmungo. Flores com pedidos de desculpa são o género de bouquet que menos gosto de fazer. Fico sempre obcecada, a pensar nas razões que estão por trás. Terá faltado ao encontro romântico? Terá chegado atrasado a casa? Terão discutido?

Ter-lhe-á batido?

Por vezes, apetece-me escrever o número do abrigo local para vítimas de violência doméstica no cartão, mas tenho de me recordar que nem todos os pedidos de desculpa estão relacionados com algo tão horrível como aquilo a que os pedidos de desculpa que eu costumava receber se referiam. Talvez o Jonathan seja amigo da Greta e esteja a tentar animá-la. Talvez seja seu marido e tenha levado uma brincadeira longe demais.

Qualquer que seja a razão para as flores, espero que sejam um bom sinal. Introduzo o cartão no envelope e colo-o ao ramo de rosas. Depois de o colocar na prateleira das entregas, estou a verificar a encomenda seguinte quando recebo uma mensagem.

Atiro-me ao telefone como se a mensagem estivesse prestes a autodestruir-se e eu só dispusesse de três segundos para a ler. Estremeço ao olhar para o ecrã. Não é do Atlas, é do Ryle.

Ela pode comer batatas fritas?

Escrevo uma resposta rápida.

Das caseiras.

Pouso o telefone no balcão com força. Não gosto que ela coma batatas fritas muitas vezes, mas o Ryle só fica com ela um ou dois dias por semana, por isso tento dar-lhe alimentos mais nutritivos quando está comigo.

Foi bom não pensar no Ryle por alguns minutos, mas a mensagem recorda-me da existência dele. E enquanto ele existir temo que qualquer género de relacionamento, ou mesmo uma amizade entre mim e o Atlas, *não* possa acontecer. Como é que o Ryle irá reagir se eu começar a sair com o Atlas? Como iria agir se alguma vez tivessem de estar juntos?

Talvez eu esteja a pôr a carroça à frente dos bois.

Olho para o telefone, perguntando-me o que devo dizer ao Atlas. Tinha-lhe dito que lhe enviava uma mensagem quando chegasse à loja, mas ainda antes de abrir já cá estavam clientes à espera. E agora que o Ryle enviou uma mensagem, apercebi-me de que ele também faz parte deste cenário, o que me deixa hesitante em relação a enviar uma mensagem ao Atlas.

A porta da loja abre-se e finalmente entra a minha funcionária Lucy. Parece sempre tão composta, mesmo quando se percebe que está de mau humor.

— Bom dia, Lucy.

Ela sacode o cabelo da frente dos olhos e pousa a mala no balcão com um suspiro.

— Será?

A Lucy não está no seu estado mais simpático de manhã. É por isso que sou eu ou a Serena, a minha outra funcionária, que normalmente trabalhamos na caixa pelo menos até às 11 horas, enquanto ela faz arranjos na parte de trás. Ela lida muito melhor com os clientes depois de uma chávena de café… ou cinco.

— Acabei de descobrir que os nossos cartões de lugar não chegaram porque foram descontinuados, e já não temos tempo para encomendar outros. O casamento é daqui a menos de *um mês*!

Tanta coisa correu mal nos preparativos para este casamento que quase me

apetece dizer-lhe que não avance. Mas não sou supersticiosa. Espero que ela também não seja.

— Os cartões de lugar artesanais estão na moda — sugiro.

A Lucy revira os olhos.

— Odeio trabalhos manuais — murmura. — Neste momento, já nem quero um casamento. Parece que passámos mais tempo a planeá-lo do que a namorar. — *É bem verdade.* — Às tantas, cancelamos e vamos a Vegas. Tu fugiste para casar, não foi? Estás arrependida?

Não sei por onde começar a responder.

— Como é que podes odiar trabalhos manuais? Trabalhas numa florista. E sou divorciada; é claro que estou arrependida. — Entrego-lhe uma pequena pilha de encomendas de que ainda não tratei. — Mas *foi* divertido — admito.

Quando a Lucy vai para as traseiras para tratar do resto das encomendas, volto a pensar no Atlas. *E no Ryle*. E no Armagedom, que é o que me parece que está a acontecer no meu cérebro quando penso neles os dois.

Não imagino como é que isto possa vir a funcionar. Quando eu e o Atlas nos encontrámos, foi como se tudo o resto se desvanecesse, incluindo o Ryle. Mas agora o Ryle recomeça a infiltrar-se nos meus pensamentos. Não da forma como o Ryle ocupava a minha mente antigamente, mas mais como se fosse um obstáculo na estrada. A minha vida amorosa enveredou finalmente por um caminho a direito, sem lombas nem curvas, basicamente porque foi praticamente inexistente no último ano e meio, mas a sensação que tenho agora é a de que só tenho terreno acidentado e obstáculos e penhascos à minha frente.

Valerá a pena? É claro que o *Atlas* vale a pena.

Mas e *nós*, valeremos a pena? Teremos o potencial para nos transformarmos em algo que compense o stress que isso inevitavelmente trará a todas as outras áreas da minha vida?

Há muito tempo que não me sentia perante um dilema tão grande. Uma parte de mim tem vontade de ligar à Allysa e contar-lhe que encontrei o Atlas, mas a

verdade é que não posso. Ela sabe o que o Ryle sente por mim. Sabe como ele se sentiria se eu trouxesse o Atlas para cena.

Não posso falar com a minha mãe, porque é a minha mãe. Por muito que nos tenhamos aproximado ultimamente, nunca discutiria a minha vida amorosa com ela.

Na verdade, há apenas uma mulher com quem me sinto à vontade para falar do Atlas.

— Lucy?

Ela aparece lá de trás, tirando um auscultador do ouvido.

— Precisas de mim?

— Substituis-me aqui por um momento? Preciso de ir tratar de um assunto. Volto daqui a uma hora.

Ela vai para trás do balcão e eu pego na mala. Não tenho muito tempo só para mim, agora que tenho a Emerson, por isso, de vez em quando, roubo uma hora aqui e ali ao trabalho semanal, quando tenho alguém para me substituir na loja.

Por vezes, gosto de me concentrar nos meus pensamentos, e é impossível fazê-lo na presença de uma criança, porque mesmo quando, ela está a dormir eu mantenho-me em modo mãe. E, com o constante fluxo de tráfego no trabalho, é raro encontrar um bocadinho de paz sem ser interrompida.

Descobri que ficar sozinha no meu carro com a minha música e, ocasionalmente, uma sobremesa da Cheesecake Factory é, por vezes, o suficiente para resolver os nós do meu cérebro.

Quando estaciono com uma vista desimpedida para o porto de Boston, reclino o banco e pego no caderno e na caneta que trouxe comigo. Não sei se isto ajuda tanto como acontece por vezes com a sobremesa, mas preciso de libertar os meus pensamentos da mesma maneira que fazia no passado. Este método já me ajudou quando precisei que as coisas encaixassem no seu lugar. No entanto, desta vez, só espero que as coisas não desmoronem por completo.

Querida Ellen,

Adivinha quem voltou?

Eu.

E o Atlas.

Os dois.

Esbarrei com ele quando ia ao encontro do Ryle com a Emmy esta manhã. Foi tão bom vê-lo. Mas, por mais reconfortante que fosse vê-lo e saber em que posição nos encontramos nas nossas vidas, acabou de uma forma um pouco desastrada. Ele tinha uma pequena emergência no restaurante e estava com pressa; eu já ia atrasada para abrir a loja. Separámo-nos com a promessa de que lhe enviaria uma mensagem.

Eu quero enviar-lhe uma mensagem. Quero. Sobretudo porque vê-lo me recordou da falta que me faz aquilo que sinto quando estou perto dele.

Não tinha percebido o quanto me sentia solitária antes daqueles poucos minutos com ele esta manhã. Mas desde que eu e o Ryle nos divorciámos… ah, espera.

Uau. Não te falei do divórcio.

Há muito tempo que não te escrevia. Deixa-me atualizar-te.

Depois do nascimento da Emmy, decidi que a minha separação do Ryle devia ser permanente. Pedi-lhe o divórcio assim que ela nasceu. Não procurei ser cruel ao escolher esse momento, apenas não sabia qual era a minha escolha até a segurar nos meus braços e saber com cada fibra do meu ser que faria tudo o que fosse necessário para quebrar o ciclo do abuso.

Sim, pedir um divórcio dói. Sim, eu estava destroçada. Mas não, não me arrependo. A minha escolha ajudou-me a perceber que, por vezes, as decisões mais difíceis que uma pessoa toma são as que têm os melhores resultados.

Não posso mentir e dizer que não sinto falta dele, porque sinto. Sinto falta daquilo que por vezes éramos. Sinto falta da família que podíamos ter sido para a Emerson. Mas sei que tomei a decisão certa, apesar de por vezes ficar assoberbada com o peso disto tudo. É difícil, porque ainda tenho de interagir

com o Ryle. Ele ainda possui todas as boas qualidades pelas quais me apaixonei, e agora, que já não tenho uma relação com ele, é raro ver o lado negativo que acabou por destruir o nosso casamento. Acho que isso tem que ver com o facto de ele apresentar o seu melhor comportamento. Teve de ser agradável e não dar muita luta, porque sabia que eu podia ter feito queixa dele pelos incidentes de violência doméstica que vivi às suas mãos. Ele podia ter perdido muito mais do que a mulher, por isso, quando se tratou do acordo de guarda, as coisas foram mais amigáveis do que eu esperava.

Pode ter sido porque eu dei menos luta do que ele. A minha advogada foi muito franca quando eu lhe disse que queria a guarda total. A menos que eu quisesse lavar roupa suja num tribunal, não podia fazer muito para evitar que o Ryle tivesse visitas com a Emerson. E mesmo que quisesse denunciar a violência doméstica, a minha advogada disse que é muito raro que um pai de sucesso e sem cadastro, que dá apoio económico, veja qualquer tipo de direito ser-lhe retirado.

Eu tinha duas opções. Podia optar por fazer queixa e arrastar tudo aquilo nos tribunais, para provavelmente não conseguir mais do que uma guarda partilhada; ou podia tentar negociar um acordo com o Ryle que satisfizesse os dois, preservando a nossa coparentalidade.

Acho que se pode dizer que chegámos a um compromisso, apesar de não haver qualquer acordo no mundo que me fizesse sentir confortável ao deixar a minha filha com alguém que sei que tem mau génio. Mas a única coisa que posso fazer é escolher o menor de dois males em relação à custódia e esperar que a Emmy nunca veja esse lado dele.

Quero que a Emmy crie uma ligação com o pai. Nunca quis tirar-lha. Só quero garantir que está em segurança, e foi por isso que supliquei ao Ryle que concordasse com visitas diurnas durante os primeiros dois anos. Nunca lhe disse diretamente que é porque não sei se confio completamente nele em relação a ela. Acho que me desculpei com o facto de estar a amamentar e de

ele estar sempre de serviço, mas lá no fundo tenho a certeza de que ele sabe porque é que nunca quis que ela passasse uma noite com ele.

Os abusos passados são algo de que não falamos. Falamos sobre a Emmy, falamos de trabalho, colamos sorrisos quando estamos com a nossa filha. Por vezes, isto parece forçado e falso, pelo menos da minha parte, mas é melhor do que podia ter sido se o tivesse levado a tribunal e perdido. Fingirei um sorriso até ela ter 18 anos, se isso significar que não tenho de partilhar a guarda e eventualmente expor a minha filha às piores partes do seu pai numa base mais regular.

Até agora tem resultado, se não contarmos com a ocasional manipulação e sedução indesejada da parte dele. Por mais claros que eu tenha deixado os meus sentimentos durante o divórcio, ele ainda tem esperança em nós. Por vezes, diz coisas que indicam que ainda não desistiu completamente da ideia de nós os dois. Temo que uma enorme parte da cooperação do Ryle se baseie na noção de que vai acabar por me reconquistar, se for bastante bonzinho por bastante tempo. Meteu na cabeça que eu vou amolecer com o tempo.

Mas a vida não vai acontecer assim, Ellen. Eu acabarei por avançar e, para ser honesta, espero acabar por avançar na direção do Atlas. É demasiado cedo para saber se isso é uma possibilidade, mas tenho a certeza de que nunca avançarei na direção do Ryle, por mais tempo que passe.

Há quase um ano que pedi o divórcio ao Ryle, mas já se passaram quase 19 meses desde a discussão que acabou por causar a nossa separação. O que significa que estou solteira há mais de um ano e meio.

Um ano e meio de separação entre potenciais relacionamentos parece muito tempo, e talvez fosse, se se tratasse de outra pessoa e não do Atlas. Mas como é que eu posso fazer isto funcionar? E se eu enviar uma mensagem ao Atlas e ele me convidar para almoçar? E se o almoço correr maravilhosamente, coisa que estou certa de que irá acontecer, e o almoço levar ao jantar? E se o jantar nos levar ao ponto em que ficámos quando

éramos mais novos? *E se depois estivermos os dois felizes e voltarmos a apaixonar-nos e ele se tornar uma parte permanente da minha vida*?

Eu sei que parece que estou a pôr a carroça à frente dos bois, mas é do Atlas que estamos a falar. A menos que ele tenha feito um transplante de personalidade, acho que tanto tu como eu sabemos como é fácil para mim amar o Atlas, Ellen. É por isso que estou tão hesitante, porque tenho medo de que resulte.

E se resultar, como é que o Ryle se vai sentir com a minha nova relação? A Emerson tem quase um ano, e passámos este ano todo sem muito drama, mas sei que é porque encontrámos um bom fluxo que nada interrompeu. Então porque é que sinto que qualquer menção ao Atlas pode causar um tsunami?

Não que o Ryle mereça a preocupação que sinto agora quanto a esta situação, mas ele tem o potencial de transformar a minha vida amorosa num inferno. Porque é que o Ryle ainda ocupa uma parede inteira nas minhas muitas camadas de pensamentos? É a sensação que dá — como se estas coisas maravilhosas acontecessem, mas, quando começam a ser absorvidas, acabam por chegar a uma parte de mim que ainda está a tomar decisões baseadas no Ryle e nas suas eventuais reações.

As suas reações são o que temo mais. Quero ter esperança de que ele não fique ciumento, mas vai ficar. Se eu começar a sair com o Atlas, ele vai tornar tudo difícil para toda a gente. Embora saiba que o divórcio foi a escolha certa, essa escolha ainda acarreta consequências. E uma delas é que o Ryle vai sempre olhar para o Atlas como a causa do fim do nosso casamento.

O Ryle é o pai da minha filha. Seja quem for o homem que entre ou saia da minha vida de agora em diante, o Ryle é uma constante que terei sempre de apaziguar, se quiser que a minha filha tenha uma experiência pacífica. E se o Atlas Corrigan voltar à minha vida, o Ryle nunca será apaziguado.

Quem me dera que pudesses dizer-me que decisão tomar. Deverei sacrificar aquilo que sei que me faria feliz só para evitar a inevitável perturbação que a presença do Atlas iria causar?

Ou deverei ficar para sempre com um buraco em forma de Atlas no meu coração, a menos que permita que ele o ocupe?

Ele está à espera de uma mensagem minha, mas acho que preciso de mais tempo para processar isto. Nem sequer sei o que hei de dizer-lhe. Não sei o que fazer.

Logo te digo, se chegar a alguma conclusão.

Lily

CAPÍTULO TRÊS

ATLAS

— «Chegámos finalmente *à margem*»? — diz o Theo. — Disseste-lhe mesmo isso? Em voz alta?

Remexo-me desconfortavelmente no sofá.

— Criámos uma ligação a ver o *À Procura de Nemo*, quando éramos mais jovens.

— Citaste um *filme de animação*. — O Theo revirou a cabeça de forma dramática. — E não resultou. Já passaram mais de 8 horas desde que a encontraste, e ela ainda não deu notícias.

— Se calhar, tem estado ocupada.

— Ou talvez tu tenhas entrado com ela a pés juntos — diz o Theo, inclinando-se para a frente. Cruza as mãos entre os joelhos e volta ao assunto. — Pronto, então o que é que aconteceu depois de dizeres as frases pirosas?

Ele é brutal.

— Nada. Tivemos de ir trabalhar. Perguntei se ela ainda tinha o meu número e ela disse que o sabia de cor, e depois despedi…

— Espera aí — interrompe o Theo. — Ela sabe o teu número *de cor*?

— Parece que sim.

— Muito bem. — Ele parece esperançoso. — Isso significa alguma coisa. Já ninguém sabe números de cor.

Eu estava a pensar a mesma coisa, mas também me perguntava se ela teria decorado o número por outras razões. Quando eu o escrevi e guardei na capa do

telefone dela, era para uma emergência. Talvez uma parte dela temesse o dia em que viria a precisar do número e o tivesse decorado por razões completamente alheias a mim.

— Então, o que é que eu faço? Envio-lhe uma mensagem? Telefono-lhe? Espero que ela entre em contacto?

— Só passaram 8 horas, Atlas. Tem calma.

Os conselhos dele estão a deixar-me tonto.

— Há dois minutos, parecia que 8 horas sem uma mensagem era muito tempo. Agora dizes-me que tenha calma?

O Theo encolhe os ombros e depois dá um pontapé na minha secretária para fazer girar a cadeira.

— Tenho 12 anos. Ainda nem sequer tenho telemóvel, e tu queres a minha opinião sobre a etiqueta das mensagens?

Surpreende-me que ele ainda não tenha telemóvel. O Brad não tem ar de ser um pai severo.

— Porque é que não tens telemóvel?

— O pai diz que só posso ter um quando fizer 13 anos. Faltam dois meses — diz ele, desejoso.

Desde que o Brad foi promovido, há seis meses, o Theo começou a vir ao restaurante alguns dias por semana depois das aulas. Disse-me que quer ser psicólogo quando for grande, por isso deixo-o praticar comigo. Ao início, as nossas conversas eram para benefício dele. Mas ultimamente sinto que tenho sido eu a sair a ganhar.

O Brad espreita para o meu gabinete à procura do filho.

— Anda embora. O Atlas tem de trabalhar. — Faz um gesto para mandar o Theo levantar-se, mas ele continua a girar na minha cadeira.

— Foi o Atlas que me chamou. Precisava de conselhos.

— Nunca conseguirei compreender isto — diz o Brad, apontando para mim e para o Theo. — Que conselhos é que o meu filho te dá? Como evitar os trabalhos de casa e ganhar no *Minecraft*?

O Theo levanta-se e estica os braços por cima da cabeça.

— Sobre raparigas, na verdade. E o objetivo do *Minecraft* não é ganhar, pai. É mais um jogo interativo. — O Theo olha-me por cima do ombro à saída do meu gabinete. — Manda-lhe uma mensagem e pronto. — Di-lo como se fosse uma solução óbvia. Talvez seja.

O Brad puxa-o para fora da porta.

Volto a instalar-me à secretária e olho para o ecrã em branco do telemóvel. *Talvez ela tenha memorizado o número errado.*

Abro o contacto dela e hesito. O Theo é capaz de ter razão. A minha abordagem esta manhã foi demasiado forte. Não falámos muito quando nos encontrámos, mas o que dissemos teve significado e intenção. Talvez isso a tenha assustado.

Ou… talvez eu esteja certo e ela tenha memorizado o número errado.

Os meus dedos pairam sobre o teclado do telemóvel. Quero escrever-lhe uma mensagem, mas não a quero pressionar. No entanto, tanto ela como eu sabemos que as nossas vidas teriam sido diferentes se eu não tivesse dado tantos passos errados em relação a ela no passado.

Passei anos sob o pretexto de que minha vida não era suficientemente boa para que a Lily fizesse parte dela, mas ela sempre se encaixou. Sempre se encaixou na perfeição. Desta vez, recuso-me a deixá-la partir sem um pouco mais de esforço da minha parte. Vou começar por me assegurar de que tem o meu número certo.

Foi bom voltar a ver-te hoje, Lily.

Fico à espera, para ver se ela me responde. Quando vejo os três pontinhos, sustenho a respiração.

A ti também.

Contemplo a resposta dela durante demasiado tempo, esperando que chegue mais texto. Mas não chega. É só isto.

São apenas três palavras, mas eu sei ler nas entrelinhas.

Suspiro, derrotado, e pouso o telemóvel na secretária.

CAPÍTULO QUATRO

LILY

A minha situação com o Ryle não tem sido convencional desde que a Emerson nasceu. Duvido que muitos casais preencham os papéis do divórcio ao mesmo tempo que preenchem a certidão de nascimento de um filho.

Por mais que eu estivesse desiludida com o Ryle por ter sido o responsável pela minha decisão de acabar com o casamento, não queria impedi-lo de criar uma ligação com a nossa filha. Colaboro o mais que posso com ele, visto o seu horário ser tão caótico. Por vezes, até levo a Emmy ao trabalho dele, para que a veja no intervalo do almoço.

Ele tem a chave do meu apartamento desde antes de a Emerson nascer. Só lha dei porque vivia sozinha e tinha medo de entrar em trabalho de parto e ele precisar de entrar. Mas ele nunca me devolveu a chave depois do nascimento dela, embora tenha andado para lha pedir. Por vezes, usa-a, nas raras ocasiões em que tem uma cirurgia que demora até tarde e tem tempo livre para passar com a Emmy de manhã depois de eu ir para o trabalho. Por isso é que ainda não lha pedi. Mas ultimamente tem usado a chave para levar a Emmy a casa.

Há pouco, enviou-me uma mensagem mesmo antes de eu fechar a loja a dizer que a Emmy estava cansada e que por isso ia levá-la para a minha casa e deitá-la. A frequência com que tem usado a chave ultimamente faz-me pensar se é só com a Emmy que ele está a tentar passar mais tempo.

Quando finalmente chego ao meu apartamento, encontro a porta destrancada. O Ryle está na cozinha. Ergue o olhar para mim quando ouve a porta a fechar-se.

— Trouxe jantar — diz ele, mostrando um saco do meu restaurante tailandês favorito. — Ainda não comeste, pois não?

Isto não me agrada. Ele está a pôr-se cada vez mais à vontade cá em casa. Mas o dia de hoje já me deixou emocionalmente exausta, por isso abano a cabeça e decido enfrentar o problema noutra altura.

— Ainda não. Obrigada. — Pouso a mala em cima da mesa e saio da cozinha, dirigindo-me ao quarto da Emmy.

— Acabei de a deitar — avisa ele.

Paro e encosto o ouvido à porta do quarto. Há silêncio, por isso afasto-me da porta e dirijo-me à cozinha sem a acordar.

Sinto-me horrível em relação à resposta curta que dei ao Atlas há pouco, mas esta interação com o Ryle confirma todas as minhas preocupações. Como poderei começar algo com alguém quando o meu ex ainda me traz o jantar e tem a chave do meu apartamento?

Preciso de estabelecer limites firmes com o Ryle antes sequer de começar a acalentar a ideia do Atlas.

O Ryle escolhe uma garrafa de vinho da estante de vinhos.

— Importas-te que abra esta?

Encolho os ombros enquanto me sirvo de *pad thai*.

— Podes abrir, mas eu não vou beber.

O Ryle guarda a garrafa e opta por um copo de chá. Eu vou buscar uma água ao frigorífico e sentamo-nos os dois à mesa.

— Como é que ela esteve hoje? — pergunto-lhe.

— Um bocadinho rabugenta, mas eu tinha muitas coisas para tratar. Acho que ficou cansada de entrar e sair da cadeirinha do carro. Melhorou quando fomos para a casa da Allysa.

— Quando é a tua próxima folga? — pergunto-lhe.

— Ainda não tenho a certeza. Depois digo-te. — Estende o braço e, com o polegar, limpa qualquer coisa na minha bochecha. Estremeço um pouco, mas ele não repara. Ou talvez finja não reparar. Não tenho a certeza se ele percebe que a

minha reação sempre que a mão dele se aproxima de mim é negativa. Conhecendo o Ryle, provavelmente pensa que estremeci porque senti alguma química.

Depois de a Emmy nascer, houve um ou outro momento em que eu senti alguma química entre nós. Quando ele dizia ou fazia alguma coisa querida, ou quando cantava para a Emmy quando a tinha no colo, eu sentia aquele familiar desejo por ele a fervilhar dentro de mim. Mas arranjei sempre maneira de me retirar desse momento. Basta uma má recordação para amortecer quaisquer sentimentos fugazes que tenha na sua presença.

Tem sido uma longa estrada acidentada, mas esses sentimentos deixaram finalmente de existir.

Atribuo isso à lista que escrevi com todas as razões para ter escolhido divorciar-me dele. Por vezes, depois de ele se ir embora, vou para o meu quarto e leio-a, para confirmar que esta foi a melhor decisão para todos nós.

Bem. Talvez não esta *exata* decisão. Ainda gostaria de ter a minha chave de volta.

Estou prestes a meter mais uma garfada de *noodles* na boca quando ouço um apito abafado vindo da minha mala do outro lado da mesa. Largo o garfo e estendo a mão para o telefone rapidamente, antes que o Ryle o faça. Não que ele leia as minhas mensagens, mas a última coisa que quero neste momento é que tente ser delicado entregando-me o telemóvel. Podia ver que a mensagem é do Atlas, e eu não estou preparada para a tempestade que isso haveria de provocar.

Mas a mensagem não é do Atlas. É da minha mãe. Está a enviar-me as fotografias da Emmy que tirou esta semana. Pouso o telemóvel e pego no garfo, mas o Ryle está de olhos postos em mim.

— Era a minha mãe — digo. Nem sei porque o digo. Não lhe devo qualquer explicação, mas não me agrada a maneira como me olha.

— Quem é que *estavas à espera* de que fosse? Atiraste-te praticamente para cima da mesa para pegares no telemóvel.

— Ninguém. — Bebo um gole. Não faço ideia se o Ryle consegue ler-me bem

ou não, mas parece ter percebido que estou a mentir.

Ele revira o garfo nos *noodles* e baixa o olhar para o prato, com o maxilar rígido.

— Andas a sair com alguém? — A voz dele agora tem uma pontinha de irritação.

— Não que isso seja da tua conta, mas não.

— Não estou a dizer isso. Estou só a fazer conversa.

Não respondo a isto porque é mentira. Qualquer marido recém-divorciado que pergunte à ex-mulher se anda a sair com alguém está a fazer tudo menos conversa casual.

— Mas acho que, a dada altura, vamos precisar de ter uma conversa mais séria acerca de encontros amorosos — diz ele. — Antes que algum de nós traga outras pessoas para junto da Emerson. Talvez estabelecer algumas regras básicas.

Assinto com a cabeça.

— Acho que precisamos de estabelecer regras básicas para muito mais do que isso.

Ele semicerra os olhos.

— Como por exemplo?

— O teu acesso ao meu apartamento. — Engulo em seco. — Gostava de reaver a minha chave.

O Ryle fita-me estoicamente. Depois limpa a boca e diz:

— Não posso pôr a minha filha na cama?

— Não é nada disso que estou a dizer.

— Sabes que tenho um horário de loucos, Lily. Já assim mal consigo vê-la.

— Não estou a dizer que quero que a vejas menos. Só quero a minha chave de volta. Valorizo a minha privacidade.

A expressão do Ryle é tensa. Está chateado comigo. Eu sabia que ele iria ficar chateado, mas está a fazer disto mais do que é. Não tem nada que ver com o querer ou não que ele veja a Emmy. Só não quero que ele tenha acesso fácil ao meu apartamento. Por alguma razão mudei de casa e me divorciei dele

Não será uma grande mudança, mas é uma mudança que precisa de acontecer, ou ficaremos presos para sempre nesta rotina pouco saudável.

— Nesse caso, começo a ficar com ela durante a noite — diz ele, de modo muito convicto, enquanto observa a minha reação. Sei que sente o desconforto em que de repente me afogo.

Mantenho a voz calma.

— Acho que não estou preparada para isso.

O Ryle deixa cair o garfo no prato com um estrondo.

— Se calhar precisamos de alterar o acordo de guarda.

Estas palavras enfurecem-me, mas consigo evitar que a minha raiva transborde. Levanto-me e pego no meu prato.

— A sério, Ryle? Peço-te que devolvas a chave do *meu* apartamento e tu ameaças-me com o tribunal?

Aceitámos o acordo, mas ele está a agir como se este fosse para *meu* benefício e não dele. Sabe que eu podia tê-lo levado a tribunal para obter a guarda total, depois de tudo o que me fez. Caramba, nunca tentei sequer que fosse detido. Devia estar-me grato por ter sido tão generosa.

Quando chego à cozinha, pouso o prato e agarro-me à beira da bancada, afundando a cabeça entre os ombros. *Calma, Lily. Ele está só a reagir*.

O Ryle suspira com pesar e depois segue-me para a cozinha. Encosta-se à bancada enquanto lavo o meu prato.

— Podes ao menos dar-me um prazo? — Fala com uma voz mais baixa. — Quando é que posso ficar com ela durante a noite?

Encosto a anca à bancada e fito-o.

— Quando ela souber falar.

— Porquê?

Detesto que ele precise que eu diga isto em voz alta.

— Para me poder contar, se acontecer alguma coisa, Ryle.

Quando ele compreende verdadeiramente o que digo, morde o lábio inferior e faz um pequeno aceno de cabeça. Dá para ver a sua frustração nas veias que lhe

incham no pescoço. Tira as chaves do bolso e retira a do meu apartamento. Atira-a para cima da bancada e vai-se embora.

Quando pega no casaco e desaparece porta fora, sinto aquela familiar pontada de culpa a apoderar-se do meu peito. A culpa é sempre seguida por dúvidas como *«Estarei a ser demasiado dura com ele?»* e *«E se ele realmente tiver mudado?»*.

Sei as respostas a essas perguntas, mas por vezes é bom ler os lembretes. Vou para o meu quarto e tiro a lista do guarda-joias.

1) Ele deu-te uma estalada porque te riste.
2) Empurrou-te por um lanço de escadas.
3) Mordeu-te.
4) Tentou ter sexo à força.
5) Tiveste de levar pontos por causa dele.
6) O teu marido magoou-te fisicamente mais do que uma vez.
Isto teria continuado a acontecer.
7) Fizeste-o pela tua filha.

Passo o dedo pela tatuagem no meu ombro, sentindo as pequenas cicatrizes que os dentes dele lá deixaram. Se o Ryle me fez estas coisas no auge da nossa relação, o que seria capaz de fazer nos piores momentos?

Dobro o papel e volto a guardá-lo no guarda-joias, para a próxima vez que precisar de me lembrar.

CAPÍTULO CINCO

ATLAS

— É decididamente um alvo — diz o Brad, olhando para os grafitis.

Quem quer que tenha vandalizado o Bib's há duas noites decidiu atacar o meu restaurante novo na noite passada. O Corrigan's tem duas janelas partidas e há outra mensagem pintada a spray na porta das traseiras.

Vai-te foder, Atlass.

Acrescentaram um *s* e sublinharam *ass* no meu nome. Dei por mim com vontade de rir pela astúcia, mas a minha disposição não arranja espaço para o humor esta manhã.

Ontem, o vandalismo mal me incomodou. Não sei se foi por ter acabado de encontrar a Lily e ainda estar num estado de espírito positivo, mas esta manhã acordei encalhado na sua evidente atitude de estar a evitar-me. Por causa disso, os danos no restaurante novo parecem magoar-me um pouco mais fundo.

— Vou ver as imagens de videovigilância. — Espero que revelem algo de útil. Ainda não sei se quero ir à polícia. Se calhar, se for alguém meu conhecido, posso confrontá-lo, antes de ser forçado a recorrer a uma queixa formal.

O Brad segue-me até ao meu gabinete. Ligo o computador e abro a aplicação de segurança. Acho que o Brad consegue sentir a minha frustração, porque deixa-se ficar calado enquanto procuro as imagens por vários minutos.

— Ali — diz o Brad, apontando para o canto inferior esquerdo do ecrã. Abrando as imagens até ver uma figura.

Quando primo *play*, ficamos ambos a olhar, confusos. Está alguém enrolado

nos degraus das traseiras, imóvel. Olhamos para o ecrã durante cerca de meio minuto, até eu retroceder novamente. De acordo com o relógio na filmagem, a pessoa permanece nas escadas por mais de duas horas. Sem um cobertor, no mês de outubro, em Boston.

— Dormiu aqui? — diz o Brad. — Não estava com muito medo de ser apanhado, pois não?

Volto ainda mais atrás até ver a pessoa entrar no campo de visão pela primeira vez, um pouco depois da uma da manhã. Como está escuro, é difícil ver-lhe as feições, mas parece jovem. Mais um adolescente do que um adulto.

Anda por ali alguns minutos e vasculha no caixote do lixo. Verifica a fechadura da porta das traseiras. Saca da lata de spray e deixa a sua mensagem. Depois, tenta partir as janelas com a lata, mas os vidros do Corrigan's são triplos, por isso a pessoa farta-se, ou então fica cansada de tentar fazer um buraco suficientemente grande para entrar, como fez no Bib's. É então que se deita nos degraus e adormece.

Mesmo antes de o sol nascer, a pessoa acorda, olha em volta e vai-se embora com naturalidade, como se aquela noite não tivesse acontecido.

— Consegues reconhecê-lo? — pergunta o Brad.

— Não. E tu?

— Não.

Paro a imagem na que pode ser a melhor visualização do intruso, mas está granulosa. Usa calças de ganga e camisola preta com um capuz tão apertado que não se vê o cabelo.

Seria impossível reconhecê-lo se o víssemos em pessoa. Não é uma imagem suficientemente clara e ele nunca olha diretamente para a câmara. A polícia não veria qualquer utilidade nestas imagens.

Mesmo assim, envio um ficheiro para o meu e-mail. No preciso momento em que o envio, um telemóvel apita. Olho para o meu, mas foi o do Brad que recebeu uma mensagem.

— O Darin diz que está tudo bem no Bib's. — Guarda o telemóvel no bolso e

dirige-se à porta. — Vou começar a limpar.

Espero que o ficheiro acabe de ser transferido para o meu e-mail e passo novamente as imagens, sentindo mais pena do que irritação. Lembro-me das noites frias que passei naquela casa abandonada antes de a Lily me oferecer abrigo no seu quarto. Só de pensar nisso, sinto o frio nos ossos.

Não faço ideia de quem possa ser. É inquietante que tenha escrito o meu nome na porta, e ainda mais inquietante que se sinta confortável para ficar ali a fazer uma soneca de duas horas. É como se estivesse a desafiar-me para o confrontar.

O meu telemóvel começa a vibrar na secretária. Pego nele, mas é um número que não reconheço. Normalmente não atendo, mas ainda tenho a Lily no pensamento. Pode ser ela a ligar-me de um telefone de trabalho.

Caramba, sou patético.

Encosto o telemóvel ao ouvido.

— Estou?

Há um suspiro do outro lado. Uma mulher. Parece aliviada por eu ter atendido.

— Atlas?

Também suspiro, mas não de alívio. Suspiro porque não é a voz da Lily. Não sei quem é, mas, pelos vistos, qualquer pessoa que não seja a Lily é dececionante.

Recosto-me na cadeira.

— Posso ajudá-la?

— Sou eu.

Não faço ideia de quem possa ser *eu*. Penso nas minhas ex que podiam ligar-me, mas nenhuma delas tem esta voz. E nenhuma partiria do princípio de que eu saberia quem era dizendo apenas «sou eu».

— Quem fala?

— *Eu* — diz ela de novo, enfatizando a palavra como se isso fizesse alguma diferença. — A Sutton. A tua *mãe*.

Afasto imediatamente o telemóvel da orelha e volto a olhar para o número. Só podia ser uma brincadeira. Como é que a minha mãe tinha o meu número? Para

que é que o *queria*? Passaram-se anos desde que deixou claro que não queria voltar a ver-me.

Não digo nada. *Não tenho nada para dizer.* Alongo a coluna e inclino-me para a frente, esperando que ela desembuche a razão para finalmente fazer um esforço para me contactar.

— Eu… hum. — Faz uma pausa. Oiço uma televisão em fundo. Parece-me *O Preço Certo.* Quase posso imaginá-la, sentada no sofá, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra às 10 da manhã. Quando eu era criança, ela trabalhava quase sempre à noite, por isso comia e ficava acordada para ver *O Preço Certo* antes de ir dormir.

Era a parte do dia de que eu menos gostava.

— O que é que queres? — A minha voz é entrecortada.

Ela produz um ruído no fundo da garganta e, apesar de se terem passado anos, percebo que está chateada. Percebo naquela exalação que ela não *queria* telefonar-me. Está a fazê-lo porque *precisa*. Não está a contactar-me para pedir desculpa, mas sim porque está desesperada.

— Estás a morrer? — pergunto. É a única coisa que pode impedir-me de pôr fim a este telefonema.

— Se estou a *morrer*? — Ela repete a minha pergunta com uma gargalhada, como se eu estivesse a ser absurdo e irracional e um *completo cu.* — Não, não estou a morrer. Estou muito bem.

— Precisas de dinheiro?

— Quem é que não precisa?

Toda a ansiedade com que ela me costumava encher regressa naqueles poucos segundos ao telefone. Termino imediatamente a chamada. Não tenho nada para lhe dizer. Bloqueio o número dela, arrependido de lhe ter dado tanto tempo para falar. Devia ter terminado o telefonema assim que ela me disse quem era.

Inclino-me para a frente na secretária e seguro a cabeça com as mãos. Tenho o estômago às voltas, devido ao caráter inesperado dos últimos minutos.

Estou surpreendido com a minha reação, para ser sincero. Pensei que isto

podia acontecer um dia, mas achava que não me ia importar. Assumi que me sentiria tão indiferente em relação ao regresso dela à minha vida como me senti quando ela me forçou a sair da dela. Mas nessa altura eu era indiferente a muitas coisas.

Agora *gosto* verdadeiramente da minha vida. Tenho orgulho naquilo que concretizei. Não tenho qualquer desejo de permitir que alguém do meu passado venha ameaçá-lo.

Passo as mãos pela cara, forçando-me a engolir os últimos minutos, depois afasto-me da secretária. Vou lá fora ajudar o Brad com as reparações e dou o meu melhor para ultrapassar este momento. Mas é difícil. É como se o meu passado estivesse a cair-me em cima, vindo de todas as direções, e eu não tivesse absolutamente ninguém com quem falar acerca disso.

Após alguns minutos a trabalharmos em silêncio, digo para o Brad:

— Tens de arranjar um telemóvel ao Theo. Ele já tem quase 13 anos.

O Brad ri-se.

— E tu tens de arranjar um psicólogo com uma idade mais próxima da tua.

CAPÍTULO SEIS

LILY

— Já decidiste o que vais fazer para o aniversário da Emerson? — pergunta a Allysa.

No primeiro aniversário da Rylee, a Allysa e o Marshall organizaram uma festa tão grande para a filha, que mais parecia a dos «Doces 16 Anos».

— Acho que vou só dar-lhe um bolinho que ela possa estraçalhar e um ou outro presente. Não tenho espaço para fazer uma grande festa.

— Podíamos fazer alguma coisa em nossa casa — sugere a Allysa.

— E quem é que eu convidava? Ela vai fazer um ano, não tem amigos. Nem sequer sabe falar.

A Allysa revirou os olhos.

— As festas infantis não são para os nossos *bebés*. São para impressionar os nossos amigos.

— Tu és a minha única amiga, e eu não preciso de te impressionar. — Entrego à Allysa uma nota de encomenda que tiro da impressora. — Jantamos esta noite?

Juntamo-nos para jantar pelo menos duas vezes por semana em casa deles. O Ryle por vezes aparece, mas planeio deliberadamente as minhas visitas para as noites em que está de serviço. Não sei se a Allysa já reparou. Se reparou, provavelmente não me censura. Diz que é doloroso ver o Ryle quando eu estou por perto, porque ela também desconfia que ele ainda tem esperanças em relação a nós. Ela prefere estar com ele quando eu não estou presente.

— Os pais do Marshall vêm para cá hoje, lembras-te?

— Ah, sim. Boa sorte com isso. — A Allysa gosta dos pais do Marshall, mas acho que ninguém está verdadeiramente desejoso de hospedar os sogros durante uma semana inteira.

A porta da frente tilinta e eu e a Allysa erguemos o olhar ao mesmo tempo. Mas duvido que o mundo dela comece a girar como o meu.

O Atlas encaminha-se na nossa direção.

— Este é…?

— Oh, meu Deus — murmuro.

— Sim, ele é mesmo um deus — sussurra a Allysa.

O que é que ele está a fazer aqui?

E porque é que parece *mesmo* um deus? Isso dificulta muito a decisão que tenho estado a avaliar. Quase nem consigo falar para lhe dizer olá. Limito-me a sorrir e aguardo que ele chegue junto de nós, mas o caminho da porta até ao balcão parece ter aumentado um quilómetro.

Ele não tira os olhos de mim enquanto o percorre. Quando chega junto de nós, reconhece finalmente a presença da Allysa com um sorriso. Depois olha de novo para mim, quando coloca um recipiente de plástico em cima do balcão.

— Trouxe-te almoço — diz casualmente, como se me trouxesse o almoço todos os dias e eu devesse estar à espera disso.

Ah, aquela voz… Já me tinha esquecido do alcance que tem.

Pego no recipiente, mas não sei o que dizer, com a Allysa ali ao meu lado, a assistir à nossa interação. Lanço-lhe um olhar. Ela finge não reparar, mas como não paro de a fitar, lá acaba por ceder.

— Muito bem, vou… tratar das flores. — Vai-se embora, dando-nos privacidade.

Viro novamente a minha atenção para o almoço que o Atlas trouxe.

— Obrigada. O que é isto?

— O nosso prato especial de fim de semana — diz o Atlas. — Chama-se *massa à porque é que me evitas*.

Rio-me. Depois estremeço.

— Não estou a evi… — Abano a cabeça com um suspiro rápido, sabendo que não posso mentir-lhe. — Estou a evitar-te, *sim*. — Pouso os cotovelos no balcão e tapo a cara com as mãos. — Desculpa.

O Atlas fica tão calado que acabo por levantar os olhos para ele. Parece sincero quando diz:

— Queres que me vá embora?

Abano a cabeça. Assim que o faço, os olhos dele franzem-se um pouco nos cantos. Mal chega a ser um sorriso, mas faz com que uma onda de calor me desça pelo peito.

Ontem de manhã, quando me encontrei com ele, disse-lhe tantas coisas. Agora estou demasiado confusa para falar. Não sei como conseguirei ter uma conversa a sério com ele acerca de tudo o que me tem passado pela cabeça nas últimas 24 horas, quando sinto a língua tão presa junto dele.

Ele tinha o mesmo impacto em mim quando eu era mais nova, mas nessa altura era mais ingénua. Não sabia como são raros os homens como o Atlas, por isso desconhecia a sorte que tinha por o ter na minha vida.

Agora sei, por isso estou aterrorizada por poder estragar tudo. Ou por o *Ryle* poder estragar tudo.

Levanto o recipiente com massa que ele trouxe.

— Cheira mesmo bem.

— E *está mesmo* bom. Fui eu que fiz.

Eu devia rir-me, ou sorrir, mas a minha reação não encaixa na conversa. Pouso o recipiente. Quando volto a olhar para ele, ele vê a minha expressão a debater-se. Ele contra-ataca com um olhar reconfortante. Não dizemos muito, mas as pistas não-verbais que trocamos dizem o suficiente. Os meus olhos pedem desculpa pelo meu silêncio ao longo das últimas 24 horas, ele diz-me silenciosamente que está tudo bem, e ambos nos perguntamos o que virá a seguir.

O Atlas desliza a mão lentamente ao longo do balcão, para a aproximar da

minha. Levanta o indicador e passa-o pelo meu mindinho. É um gesto terno mínimo, mas faz o meu coração saltar.

Ele retira a mão e fecha o punho, como se tivesse sentido o mesmo que eu. Aclara a garganta.

— Posso ligar-te esta noite?

Estou prestes a fazer um gesto de assentimento quando a Allysa irrompe subitamente pela porta que dá para a sala dos fundos, de olhos arregalados. Aproxima-se e sussurra:

— O Ryle está quase a chegar.

O sangue parece que me gela nas veias.

— *O quê?* — Não o digo para que ela o repita. Digo-o porque estou chocada, mas ela repete, ainda assim.

— O Ryle vem aí. Acabou de mandar uma mensagem. — Faz sinal com a mão na direção do Atlas. — Tens 10 segundos para o esconder.

Tenho a certeza de que o Atlas consegue ver o medo absoluto na minha expressão quando olho para ele, mas diz muito calmamente:

— Para onde queres que vá?

Aponto para o meu gabinete e empurro-o nessa direção. Quando lá entramos, penso melhor.

— Ele pode vir aqui. — Tapo a boca com uma mão trémula enquanto penso, e depois aponto para a arrecadação do material de escritório. — Podes esconder-te ali?

O Atlas olha para a arrecadação e depois para mim. Aponta para a porta.

— Na arrecadação?

Ouço a porta da frente tilintar e fico ainda mais aflita.

— Por favor? — Abro a porta da arrecadação. Não é o sítio ideal para esconder um ser humano, mas é espaçoso. Ele vai caber.

Nem consigo olhá-lo nos olhos quando ele passa por mim e entra na arrecadação. Estou capaz de morrer agora mesmo. Isto é mortificante. Apenas consigo murmurar «desculpa», ao mesmo tempo que fecho a porta.

Esforço-me ao máximo para recuperar a minha compostura. A Allysa está a conversar com o Ryle quando saio do gabinete. Ele cumprimenta-me com um aceno, mas volta a atentar na Allysa. Ela está à procura de qualquer coisa na mala.

— Estavam aqui antes — diz.

O Ryle tamborila de modo impaciente com os dedos.

— O que procuras? — pergunto.

— Umas chaves. Trouxe-as comigo por engano, e o Marshall precisa do SUV para ir buscar os pais ao aeroporto.

O Ryle parece irritado.

— De certeza que não as puseste de parte quando te disse que vinha buscá-las?

Inclino a cabeça, fitando a Allysa.

— Já sabias que ele vinha? — Como podia ter-se esquecido de me avisar que ele vinha a caminho quando o Atlas apareceu?

Ela cora um pouco.

— Distraí-me com… eventos inesperados. — Levanta a mão, vitoriosa. — Encontrei-as! — Coloca as chaves na palma da mão do Ryle. — Pronto, adeus, podes ir andando.

O Ryle parece prestes a sair, mas depois vira-se e começa a cheirar o ar.

— O que é que cheira tão bem?

Os olhos dele e os da Allysa encontram o recipiente ao mesmo tempo. A Allysa pega nele, segurando-o com as duas mãos.

— Fiz o almoço para mim e para a Lily — mente.

O Ryle ergue o sobrolho.

— *Tu* cozinhaste? — Estende a mão para o recipiente. — Tenho de ver isso. O que é?

A Allysa hesita antes de lhe entregar a tigela.

— Sim, é frango… baraba doula… com carne. — Olha-me com olhos arregalados. *É uma péssima mentirosa.*

— Frango *quê?* — O Ryle abre o recipiente e inspeciona o conteúdo. — Parece massa com camarão.

A Allysa pigarreia.

— Sim, cozinhei o camarão em… caldo de galinha. É por isso que se chama frango baraba doula com carne.

O Ryle volta a colocar a tampa e olha para mim com preocupação, enquanto empurra o recipiente na direção da Allysa.

— Se eu fosse a ti, encomendava pizza.

Forço uma gargalhada, e a Allysa faz o mesmo. Os risos de ambas tornam a nossa reação demasiado forçada para uma piada que nem sequer tinha graça.

O Ryle semicerra os olhos. Dá alguns passos atrás, com uma expressão desconfiada no olhar. Deve estar acostumado a que tenhamos piadas privadas de que ele não faz parte, porque nem sequer nos questiona. Dá meia-volta e sai da florista em passo apressado, para levar as chaves ao Marshall. Eu e a Allysa deixamo-nos ficar imóveis como estátuas, até termos a certeza de que ele saiu do edifício e já não consegue ouvir-nos. É então que a olho com incredulidade.

— Frango barbe*quê*? Inventaste uma língua nova?

— Tinha de dizer *alguma coisa* — diz ela, defendendo-se. — Ficaste aí especada como uma lesma! Não tens de quê.

Espero alguns minutos para ter a certeza de que o Ryle teve tempo de sair. Vou lá à frente certificar-me de que o carro dele não está. Depois caminho de forma pesarosa até ao meu gabinete e dirijo-me à arrecadação do material para informar o Atlas de que o caminho está livre. Suspiro antes de abrir a porta.

O Atlas aguarda pacientemente, de braços cruzados, encostado a uma prateleira, como se estar escondido numa arrecadação não o incomodasse minimamente.

— Peço muita desculpa. — Não sei quantos mais pedidos de desculpa serão necessários para compensar o que acabei de pedir ao Atlas para fazer, mas estou preparada para mais um milhar de vezes.

— Ele foi-se embora?

Assinto com a cabeça, mas, em vez de sair da arrecadação, o Atlas segura-me a mão, puxa-me para dentro e fecha a porta.

Agora estamos os dois lá dentro.

A arrecadação escura. Mas não tão escura que não dê para ver o brilho nos seus olhos, que indica que está a conter um sorriso. *Talvez ele não me odeie completamente por isto.*

Ele solta-me a mão, mas o espaço é tão apertado para os dois que há partes dele a roçar em partes minhas. O meu estômago dá um nó, por isso encosto-me à prateleira atrás de mim numa tentativa de não me encostar a ele, mas a sensação que dá é que ele me envolve como um cobertor quente. Está tão perto que consigo cheirar o seu champô. Tento respirar calmamente, apesar dos nervos.

— Então? Posso? — pergunta ele num sussurro.

Não faço ideia do que está a perguntar, mas quero responder com um sim confiante. Em vez de soltar o meu consentimento a um pedido que nem sei qual é, conto silenciosamente até três. Depois digo:

— Podes o quê?

— Ligar-te esta noite.

Ah. Ele tinha saltado diretamente de volta para a conversa que estávamos a ter na loja, como se o Ryle nunca nos tivesse interrompido.

Recolho o lábio inferior e mordo-o. Quero dizer que sim, porque quero que o Atlas me telefone, mas também quero que ele saiba que escondê-lo do Ryle dentro da arrecadação é, provavelmente, um indicador de como será o resto das nossas interações, visto que o Ryle estará sempre presente por causa da nossa filha.

— Atlas… — Enuncio o nome dele como se fosse dizer algo de horrível em seguida, mas ele interrompe-me.

— Lily. — Diz o meu nome com um sorriso, como se nada do que eu acrescentasse ao seu nome pudesse ser horrível.

— A minha vida é complicada. — Não queria que as palavras soassem como um aviso, mas soaram.

— Quero ajudar-te a descomplicá-la.

— Tenho medo de que a tua presença a complique ainda mais.

Ele ergue o sobrolho.

— Vou complicar a *tua* vida ou a vida *do Ryle*?

— As complicações dele tornam-se as *minhas* complicações. Ele é o pai da minha filha.

O Atlas baixa muito ligeiramente a cabeça.

— Exatamente. É pai dela. Não é teu marido, por isso não deves deixar que a tua preocupação pelos sentimentos dele te levem a desistir do que pode ser a segunda melhor coisa que já te aconteceu.

Ele di-lo com tal convicção que me faz cair o coração aos trambolhões. *A segunda melhor coisa que já me aconteceu*? Quem me dera que a confiança que ele tem em nós fosse contagiosa.

— Qual é a *primeira* melhor coisa que já me aconteceu?

Ele lança-me um olhar penetrante.

— A Emerson.

Ouvi-lo dizer que a minha filha é a melhor coisa que me aconteceu quase me faz derreter. Abraço o meu corpo e contenho o sorriso.

— Vais dificultar-me a vida, não vais?

O Atlas abana lentamente a cabeça.

— A última coisa que quero ser para ti é uma dificuldade, Lily. — Quando ele se mexe, a porta começa a abrir-se, deixando entrar alguma luz na arrecadação. Ele olha para mim, com uma mão na porta e a outra na parede.

— Qual é a melhor hora para te ligar esta noite? — Ele parece tão à vontade com a conversa, que me dá vontade de o puxar de volta lá para dentro e beijá-lo. Pode ser que assim seja contagiada por alguma da sua confiança e paciência.

A minha boca parece algodão quando respondo:

— Qualquer hora.

Os olhos dele fixam-se nos meus lábios por um segundo, fazendo-me sentir o

seu olhar até às pontas dos pés. Mas depois o Atlas fecha a porta e deixa-me sozinha na arrecadação.

Esta foi merecida.

Uma mistura de embaraço, nervosismo e talvez um bocadinho de desejo acorre-me às faces. Permaneço imóvel até ouvir o tilintar abafado da porta da loja a abrir.

Estou a abanar-me quando a Allysa abre a porta da arrecadação momentos depois. Baixo rapidamente as mãos para as ancas, a fim de esconder o que a presença do Atlas me provoca.

A Allysa cruza os braços diante do peito.

— Escondeste-o na arrecadação?

Os meus ombros descaem com a vergonha.

— Pois foi.

— *Lily*. — Ela parece desapontada comigo, mas o que é que eu havia de fazer? Voltar a apresentá-los um ao outro? — Quer dizer, ainda bem que o fizeste, porque não sei como é que as coisas teriam corrido, mas… escondeste-o *na arrecadação*. Atiraste-o cá para dentro como se fosse um casaco velho.

O facto de ela estar a reviver o momento não está a ajudar-me a recuperar dele. Avanço para a parte da frente da loja com a Allysa no meu encalço.

— Não tive escolha. O Atlas é o único homem do mundo que o Ryle nunca aprovaria que eu namorasse.

— Lamento dar-te esta notícia, mas há um único homem no mundo que o Ryle aprovaria que tu namorasses, e esse é o Ryle.

Não respondo a isto, pois tenho pavor de que ela tenha razão.

— Espera — diz a Allysa. — Tu e o Atlas *namoram?*

— Não.

— Mas acabaste de dizer que ele era o único homem que o Ryle nunca aprovaria que tu namorasses.

— Só disse isso porque, se o Ryle o tivesse visto aqui, seria isso que teria assumido.

A Allysa cruza os braços em cima do balcão e parece apoquentada.

— Estou a sentir-me muito excluída neste momento. Há uma enorme lacuna que tens de preencher.

— Lacuna? Como assim? — Tento parecer ocupada, puxando uma jarra para mim e mudando algumas flores de lugar. A Allysa tira-me a jarra das mãos.

— Ele trouxe-te o almoço. Porque é que te trouxe o almoço, se vocês não têm falado um com o outo? E se têm falado, porque é que não *me* contaste?

Volto a tirar-lhe a jarra.

— Encontrámo-nos ontem por acaso. Não foi nada. Já não falava com ele desde antes de a Emmy nascer.

A Allysa pega novamente na jarra.

— Eu encontro velhos amigos todos os dias. Eles não me trazem o almoço. — Faz deslizar a jarra para junto de mim. Estamos a usá-la para passar a palavra, como se fosse necessária para termos permissão para falar.

— Provavelmente, os teus amigos não são *chefs*. Os *chefs* fazem o almoço às pessoas. — Faço deslizar a jarra para ela, mas ela não acrescenta nada. Está tão concentrada, que é como se tentasse ler a minha mente de modo a ignorar todas as mentiras que sente que estou a dizer. Volto a tirar-lhe a jarra. — A sério, não se passa nada. *Ainda.* Serás a primeira a saber, se alguma coisa mudar.

Ela parece momentaneamente satisfeita com a resposta, mas vislumbro algo na sua expressão antes de desviar o olhar. Não percebo se é preocupação ou tristeza. Não lhe pergunto, porque sei que é difícil para ela. Imagino que a ideia de *qualquer* homem que não o Ryle a trazer-me o almoço a deixe um pouco triste.

Na ideia de um mundo perfeito da Alyssa, o seu irmão nunca me magoaria, e eu ainda seria a sua cunhada.

CAPÍTULO SETE

ATLAS

— Quando estiveres a trabalhar com linguado, seguras sempre assim a faca. — Demonstro como começar pela ponta do rabo, mas o Theo desvia o olhar assim que começo a escamar o peixe.

— Que nojo — murmura, tapando a boca. — Não sou capaz. — Vai para o outro lado da bancada, deixando algum espaço entre ele e a aula de cozinha.

— Só estou a escamá-lo. Ainda nem o abri.

O Theo faz um som como se fosse vomitar.

— Não tenho interesse nenhum em trabalhar com comida. Contento-me em ser o teu psicólogo. — Senta-se na bancada. — Por falar nisso, chegaste a enviar uma mensagem à Lily?

— Sim.

— Ela respondeu?

— Mais ou menos. Foi uma mensagem curta, por isso decidi levar-lhe hoje o almoço e perceber qual é a ideia dela.

— Foi uma jogada arriscada.

— Passei a vida a não fazer jogadas arriscadas quando se tratava dela. Queria garantir que desta vez ela sabia qual era a minha posição.

— Oh, não — diz o Theo. — Que pirosice é que lhe disseste acerca de peixes e praias e margens?

Nunca devia ter-lhe contado o que tinha dito à Lily acerca de finalmente termos chegado à margem. Ele nunca mais se vai calar com isso.

— Cala-te. O mais certo é nunca teres falado sequer com uma rapariga. Tens 12 anos.

O Theo ri-se, mas depois reparo num certo embaraço, quando pensa que não estou a olhar. Fica calado, apesar do bulício à nossa volta. Há pelo menos mais cinco pessoas na cozinha neste momento, mas estão todas tão concentradas no seu trabalho que ninguém presta atenção à conversa que estou a ter com o Theo.

— Gostas de alguém? — pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros.

— Mais ou menos.

As conversas que tenho com o Theo são, em geral, unilaterais. Por mais que ele goste de fazer perguntas, não responde a muitas, por isso avanço com cuidado.

— Ai é? — Tento parecer casual na minha reação, para que ele desenvolva. — Quem é ela?

O Theo baixa o olhar para as mãos.

Está a limpar a unha do polegar, mas vejo os seus ombros baixarem um pouco depois da minha pergunta, como se eu tivesse feito algo errado.

Ou *dito* algo errado.

— Ou *ele* — clarifico. Sussurro para ter a certeza de que só ele me ouve.

O Theo lança-me um olhar disparado.

Não precisa de confirmar nem negar nada. Vejo a verdade estampada no medo que reside no seu olhar. Devolvo a atenção ao peixe que estou a preparar e, da forma mais natural possível, pergunto-lhe:

— É teu colega de escola?

O Theo não responde de imediato.

Não tenho a certeza se serei a primeira pessoa a quem ele admite esta parte de si, por isso quero garantir que trato o assunto com o cuidado que merece. Quero que ele saiba que tem em mim um aliado, mas espero que esteja ciente de que tem um aliado também no pai.

O Theo olha em volta, para ver se não anda por ali alguém que possa ouvir a

conversa.

— Está comigo no clube de matemática. — As suas palavras são rápidas e concisas, como se ele quisesse libertá-las e nunca mais voltar a dizê-las.

— O teu pai sabe?

O Theo abana a cabeça. Observo-o enquanto reprime o que parecem ser pensamentos nervosos.

Pouso a faca quando acabo de escamar o peixe e vou ao lava-louça mais próximo do Theo para lavar as mãos.

— Conheço o teu pai há muito tempo. Não é por acaso que é um dos meus melhores amigos. Não me rodeio de pessoas que não sejam boas. — Consigo ver a confiança a instalar-se nele quando digo isto, mas também percebo que está desconfortável e provavelmente quer mudar de assunto. — Podia dizer-te que enviasses uma mensagem a essa pessoa de quem gostas, mas és capaz de ser o único miúdo de 12 anos ao cimo da terra que não tem telemóvel. Por este andar, nunca irás namorar com ninguém. O mais certo é ficares solteiro e sem telemóvel para sempre.

O Theo fica aliviado por eu estar a brincar com ele.

— Ainda bem que decidiste ser *chef* e não psicólogo. Não tens jeito nenhum para dar conselhos.

— Isso deixa-me ofendido. Eu dou bons conselhos.

— Está bem, Atlas. Como queiras. — Parece mais solto. Segue-me quando regresso à minha bancada. — Convidaste a Lily para sair quando foste ao trabalho dela?

— Não. Vou convidá-la esta noite. Vou ligar-lhe quando chegar a casa. — Passo pelo Theo a caminho do frigorífico, despenteando-lhe o cabelo.

— Olha, Atlas…

Detenho-me. Tem os olhos cheios de preocupação, quando um dos empregados de mesa transpõe as portas e passa no meio de nós, impedindo-o de dizer o que pretendia. Mas não precisa de dizer nada.

— Não vou dizer uma palavra, Theo. A confidencialidade entre psicólogo e

paciente funciona para os dois lados.

Isto parece sossegá-lo.

— Ainda bem, porque, se dissesses alguma coisa ao meu pai, eu dizia-lhe como as tuas frases de engate são pirosas. — O Theo dramatiza, levando as mãos às faces. — Chegámos finalmente à margem, minha baleiazinha.

Olho-o intensamente.

— Não foi nada assim que eu disse.

O Theo aponta para o outro lado da cozinha:

— Repara nesta aragem! Chegámos à margem!

— Para com isso.

— Lily, que maçada, a nossa barca está afundada!

Ainda anda a seguir-me pela cozinha, fazendo troça de mim, quando o turno do pai dele acaba. Nunca me senti tão feliz por vê-lo ir-se embora.

CAPÍTULO OITO

LILY

São quase nove e meia da noite e não tenho chamadas não atendidas. A Emerson está a dormir há uma hora e meia e normalmente acorda às seis da manhã. Eu deito-me por volta das dez, porque, se não dormir pelo menos oito horas, funciono com a capacidade de um zombie. Mas se o Atlas não me telefonar antes das dez, não sei se serei capaz de dormir. Pergunto-me se devia ter pedido desculpa mais 70 vezes por o ter escondido numa arrecadação.

Vou para o lavatório da casa de banho, para dar início aos meus cuidados de pele noturnos, e levo o telemóvel comigo. Tenho andado sempre com ele, desde que o Atlas apareceu à hora de almoço e me disse que me ligava esta noite. Eu devia ter clarificado o significado de *esta noite*.

Para o Atlas, podia ser às onze da noite.

Para mim, podia ser às oito.

É provável que tenhamos duas definições completamente diferentes do próprio significado de manhã e noite. Ele é um *chef* bem-sucedido que chega a casa para relaxar depois da meia-noite; eu já estou de pijama às sete da tarde.

O meu telemóvel emite um som, mas não é um toque. É o som de alguém a querer entrar numa chamada de FaceTime comigo.

Por favor, que não seja o Atlas.

Não estou preparada para uma chamada de vídeo: acabei de pôr esfoliante na cara. Olho para o telemóvel e, claro está, é ele.

Atendo e viro rapidamente o ecrã, para ele não poder ver-me. Deixo-o no

lavatório enquanto apresso o processo de limpeza de pele.

— Perguntaste se podias *ligar*-me. Isto é uma videochamada.

Ouço-o a rir-se.

— Não consigo ver-te.

— Pois, porque estou a lavar a cara e a preparar-me para ir para a cama. Não precisas de me ver.

— Preciso sim, Lily.

A voz dele provoca-me arrepios na pele. Viro a câmara e seguro-a com uma expressão de *eu bem te disse*. Tenho o cabelo molhado enrolado numa toalha, envergo uma camisa de noite que deve ter sido da minha avó e ainda tenho a cara coberta de espuma verde.

O sorriso dele é fluido e *sexy*. Está sentado na cama, com uma t-shirt branca, encostado a uma cabeceira de madeira preta. A única vez que fui à casa dele não entrei neste quarto. A parede é azul, como se fosse ganga.

— A decisão de fazer uma videochamada valeu mesmo a pena — diz ele.

Volto a pousar o telemóvel, desta vez virado para mim, e termino a limpeza da cara.

— Obrigada pelo almoço de hoje. — Não quero elogiá-lo em demasia, mas foi a melhor massa que já comi. E só consegui fazer um intervalo para o almoço e comê-la duas horas depois.

— Gostaste da massa *porque é que me evitas*?

— Tu sabes que estava fantástica. — Dirijo-me para a cama depois de ter terminado na casa de banho. Encosto o telemóvel a uma almofada e deito-me de lado. — Como foi o teu dia?

— Foi bom — diz ele, mas não é muito convincente a forma como a sua voz baixa na palavra *bom.*

Faço uma careta para ele perceber que não acredito.

Ele desvia o olhar do ecrã por um segundo, como se estivesse a processar um pensamento.

— É só uma daquelas semanas, Lily. Mas agora está melhor. — A sua boca

desenha um ligeiro sorriso, que me faz sorrir também.

Nem sequer preciso de fazer conversa de circunstância. Era capaz de ficar a olhar para ele em silêncio total durante uma hora.

— Como é que se chama o teu restaurante novo? — Já sei o nome, mas não quero que saiba que o pesquisei no *Google*.

— Corrigan's.

— Serve o mesmo género de comida que o Bib's?

— Mais ou menos. É comida sofisticada, mas com um menu de inspiração italiana. — Ele vira-se de lado, apoiando o telemóvel de modo a espelhar a minha posição. Parece que voltámos aos velhos tempos, quando ficávamos a conversar até tarde na minha cama. — Não quero falar sobre mim. Como estás tu? Como vai o negócio das flores? Como é a tua filha?

— Isso são muitas perguntas.

— Tenho muitas mais, mas comecemos por estas.

— OK. Então. Estou bem. Exausta, a maior parte do tempo, mas acho que é o resultado de ser dona de um negócio e mãe solteira.

— Não pareces exausta.

Rio-me.

— É efeito da luz.

— Quando é que a Emerson faz um ano?

— No dia 11. Vou chorar; este primeiro ano passou tão depressa.

— É incrível como ela se parece tanto contigo.

— Achas?

Ele assente com a cabeça e depois diz:

— Mas a florista vai bem? És feliz?

Abano a cabeça de um lado para o outro e faço uma careta.

— Razoavelmente.

— Porquê apenas razoavelmente?

— Não sei. Acho que estou cansada daquilo. Ou simplesmente cansada, de um modo geral. É muita coisa e o trabalho é fastidioso, para tão pouco retorno

financeiro. Quer dizer, estou orgulhosa por tê-la aberto e por estar a ter sucesso, mas há alturas em que sonho acordada com a ideia de trabalhar numa linha de montagem.

— Eu percebo isso — diz ele. — A ideia de poder chegar a casa e não pensar no trabalho é tentadora.

— Alguma vez te aborreces de ser um *chef*?

— De vez em quando. Sinceramente, foi por isso que abri o Corrigan's. Decidi assumir mais um papel de proprietário e menos de *chef*. Ainda cozinho algumas noites por semana, mas grande parte do meu tempo é passado a tratar da parte do negócio.

— Tens horários loucos?

— Tenho. Mas nada que me impeça de combinar um encontro.

Isto faz-me sorrir. Remexo o edredão, evitando o contacto visual porque sei que estou a corar.

— Estás a convidar-me para sair?

— Estou, sim. Estás a aceitar?

— Posso libertar uma noite.

Já estamos os dois a sorrir. Mas é então que o Atlas pigarreia, como se estivesse a preparar-se para uma advertência.

— Posso fazer-te uma pergunta difícil?

— Podes. — Tento esconder os nervos em relação ao que ele vai perguntar.

— Hoje, à hora do almoço, disseste que a tua vida é complicada. Se isto… *nós os dois*… der em alguma coisa, vai ser mesmo um problema para o Ryle?

Nem sequer hesito.

— Sim.

— Porquê?

— Ele não gosta de ti.

— De mim, especificamente, ou de qualquer tipo com quem possas sair?

Franzo o nariz.

— De ti, especificamente.

— Por causa da briga no meu restaurante?

— Por uma série de coisas — admito. Viro-me para o outro lado e levo o telemóvel comigo. — Ele culpa-te pela maioria das nossas discussões. — O Atlas está claramente confuso, por isso elaboro, sem deixar que as coisas se tornem demasiado desconfortáveis. — Lembras-te de quando éramos adolescentes e eu tinha um diário?

— Lembro. Apesar de nunca me teres deixado ler nada.

— Bem, o Ryle encontrou os diários. E leu-os. E não gostou do que leu.

O Atlas suspira.

— Lily, éramos uns miúdos.

— Ao que parece, o ciúme não tem prazo de validade.

O Atlas cerra por um momento os lábios numa linha fina, como se tentasse conter a frustração.

— Detesto que estejas preocupada com a eventual reação dele a coisas que ainda nem sequer aconteceram. Mas compreendo. É a infeliz posição em que te encontras. — Ele olha-me de modo reconfortante. — Vamos dar um passo de cada vez, pode ser?

— Um passo muito *lento* de cada vez — sugiro.

— Combinado. Passos lentos. — O Atlas ajusta a almofada debaixo da cabeça. — Eu via-te escrever naqueles diários e punha-me a pensar o que escreverias sobre mim. *Se* escreverias sobre mim.

— Era quase tudo sobre ti.

— Ainda os tens?

— Sim, estão numa caixa no meu roupeiro.

O Atlas senta-se na cama.

— Lê-me qualquer coisa.

— Não. — *Caramba*, não!

— Lily.

Ele parece tão esperançoso e entusiasmado com a ideia, mas eu não posso ler-

lhe os meus pensamentos de adolescência em voz alta por videochamada. Só de pensar nisso, até me sinto a corar.

— Por favor?

Tapo a cara com a mão.

— Não, não implores. — Se ele não parar de me olhar daquela maneira, vou acabar por ceder àqueles olhos azuis de cachorrinho.

Ele percebe que está a demover-me.

— Lily, desde adolescente que estou desejoso de saber o que pensas de mim. Um parágrafo. Dá-me pelo menos isso.

Como é que posso dizer que não? Resmungo e atiro o telemóvel para cima da cama, admitindo a derrota.

— Dá-me dois minutos. — Vou ao roupeiro e tiro de lá a caixa. Levo-a para a cama e começo a folhear os diários, procurando algo que não me deixe demasiado envergonhada. — O que é que queres que leia? O meu relato do nosso primeiro beijo?

— Não. Estamos a avançar devagar, lembras-te? — diz ele, de um modo provocador. — Começa com qualquer coisa do início.

Assim é muito mais fácil. Pego no primeiro diário e folheio-o até encontrar algo que me parece curto e não demasiado humilhante.

— Lembras-te da noite em que cheguei ao pé de ti a chorar porque os meus pais estavam a discutir?

— Lembro — diz ele. Instala-se na almofada e põe um braço atrás da cabeça.

Reviro os olhos.

— Põe-te confortável enquanto eu me mortifico — murmuro.

— Sou eu, Lily. Somos *nós*. Não tens nada de que te envergonhar.

A voz dele ainda tem aquele efeito calmante que sempre teve. Sento-me de pernas cruzadas, com o telemóvel numa mão e o diário na outra, e começo a ler.

Dali a alguns segundos, a porta das traseiras abriu-se e ele pôs-se a olhar

para trás de mim, e depois para a esquerda e para a direita. Só quando olhou para a minha cara é que se apercebeu de que eu estava a chorar.

— Estás bem? — perguntou, saindo para o exterior. Usei a roupa para secar as lágrimas, e reparei que ele saíra de casa ao invés de me convidar para entrar. Sentei-me no degrau do alpendre e ele sentou-se ao meu lado.

— Estou bem — disse eu. — Estou apenas furiosa. Por vezes choro quando fico furiosa.

Aproximou-me mais de mim e, com a mão, prendeu-me o cabelo atrás da orelha. Gostei quando ele fez isso e, de repente, dei-me conta de que já nem sequer estava tão furiosa. Em seguida pôs o braço em meu redor e puxou-me para junto dele, de modo que minha cabeça pudesse apoiar-se no seu ombro. Não sei como conseguiu acalmar-me sem sequer dizer uma palavra, mas a verdade é que conseguiu. Há pessoas que simplesmente possuem uma presença calma; ele é uma dessas pessoas. O completo oposto do meu pai.

Ficámos assim sentados durante algum tempo, até que vi a luz do meu quarto acender-se.

— Devias ir — sussurrou. Conseguíamos ambos ver a minha mãe no meu quarto, à minha procura. Só nessa altura me apercebi da visão perfeita que ele tinha do meu quarto.

Enquanto regressava a casa, tentei pensar em todo o período de tempo desde que o Atlas começara a viver naquela casa. Tentei recordar-me se andara pelo quarto com a luz acesa à noite, já que quando estou no meu quarto apenas costumo ter vestida uma t-shirt. E a coisa mais doida é o seguinte, Ellen: tinha uma certa esperança de que tivesse sido esse o caso.

Lily

O Atlas não está a sorrir quando termino de ler. Está de olhos fixos em mim com imenso sentimento. E o peso no seu olhar provoca-me um aperto no peito.

— Éramos tão jovens — diz ele. A sua voz transmite um pouco de pesar.

— Pois éramos. Demasiado jovens para lidar com as coisas com que lidávamos. Principalmente tu.

O Atlas já não está a olhar para o telemóvel, mas mexe a cabeça em concordância. O seu estado de espírito alterou-se e percebo que ele está a pensar noutra coisa diferente. Isso leva-me de volta àquilo a que tentou esquivar-se anteriormente, quando disse que tinha sido *uma daquelas semanas*.

— O que é que está a incomodar-te?

O seu olhar regressa ao telemóvel. Parece prestes a esquivar-se de novo, mas depois suspira e senta-se mais direito, encostado à cabeceira.

— Alguém vandalizou os restaurantes.

— Os dois?

Ele confirma com um aceno de cabeça.

— Sim. Começou há uns dias.

— Achas que é alguém que conheças?

— Não é ninguém que eu reconheça, mas as imagens de videovigilância não são muito nítidas. Ainda nem apresentei queixa.

— Porquê?

Ele franze as sobrancelhas.

— Quem quer que seja, parece jovem, talvez adolescente. Acho que o meu medo é o de que ele esteja numa situação semelhante à que eu estive em tempos. De indigente. — A tensão nos seus olhos alivia um pouco. — E se ele não tiver uma Lily para o salvar?

Demoro alguns segundos a interiorizar o que ele diz. Quando isso acontece, não sorrio. Engulo o nó na garganta, esperando que ele não consiga ver a minha reação interna. Não é a primeira vez que menciona que o salvei naquela época, mas, sempre que o diz, apetece-me contradizê-lo. Eu não o salvei. A única coisa que fiz foi apaixonar-me por ele.

Posso ver *porque* é que me apaixonei por ele. Que proprietário está mais preocupado com a situação da pessoa que vandaliza o seu estabelecimento do que com os próprios danos?

— O Atlas consciencioso — sussurro.

— O que é que disseste? — pergunta ele.

Não queria dizê-lo em voz alta. Deslizo uma mão pelo calor que atravessa o meu pescoço.

— Nada.

O Atlas pigarreia, inclinando-se para a frente. Um sorriso subtil materializa-se.

— Voltando ao teu diário — diz ele. — Eu perguntava-me se tu saberias que eu conseguia ver a janela do teu quarto nessa altura, porque, a partir dessa noite, deixaste a luz acesa muitas vezes.

Rio-me, satisfeita por ele estar a aligeirar o ambiente.

— Tu não tinhas televisão. Queria dar-te algo para te entreteres.

Ele resmunga.

— Lily, tu *tens* de me deixar ler o resto.

— Não.

— Hoje trancaste-me numa arrecadação. Deixares-me ler os diários seria uma boa forma de te desculpares por isso.

— Pensei que não tinhas ficado ofendido.

— Talvez seja uma ofensa ao retardador. — Ele começa a abanar a cabeça lentamente. — Pois… começo a sentir agora. Estou *verdadeiramente* ofendido.

Estou a rir-me quando a Emmy começa a chorar do outro lado do corredor. Suspiro porque não quero desligar, mas também não sou o género de mãe que consegue deixar a filha num choro pegado.

— A Emmy está a acordar. Tenho de ir. Mas deves-me uma saída.

— Diz-me quando — diz ele.

— Estou de folga aos domingos, por isso um sábado à noite pode ser uma ideia.

— Amanhã é sábado — diz ele. — Mas estamos a avançar devagar.

— Pois… até é bastante devagar, se contarmos a partir do dia em que nos

conhecemos. São bastantes anos entre conhecer-te e sair contigo pela primeira vez.

— Às seis da tarde?

Sorrio.

— Perfeito.

Assim que o digo, o Atlas cerra os olhos por dois segundos.

— Espera. Amanhã não posso. *Merda.* Temos um evento. Precisam de mim no restaurante. Domingo?

— Domingo tenho a Emmy. Prefiro esperar algum tempo antes de a levar para junto de ti.

— Eu percebo — diz o Atlas. — No próximo sábado?

— Assim tenho tempo para arranjar alguém que fique com ela.

O Atlas sorri.

— Está combinado, então. — Levanta-se e começa a andar pelo quarto. — Estás de folga aos domingos, não é? Posso ligar-te no domingo?

— Quando dizes ligar, referes-te a videochamada? Desta vez quero estar preparada.

— Não podias estar despreparada, mesmo que tentasses — diz ele. — E sim, será um FaceTime. Porque é que haveria de gastar tempo a fazer uma chamada telefónica, se posso olhar para ti?

Agrada-me este lado sedutor do Atlas. Tenho de morder o lábio inferior por dois segundos para conter o sorriso.

— Boa noite, Atlas.

— Boa noite, Lily.

A simples forma como ele estabelece um intenso contacto visual ao despedir-se dá-me a volta ao estômago. Termino a chamada e enterro a cabeça na almofada. Guincho como se tivesse outra vez 16 anos.

CAPÍTULO NOVE

ATLAS

— Deixa-me ver uma fotografia — pede o Theo. Está sentado nos degraus das traseiras a ver-me apanhar vidros partidos e vários sacos de lixo resultantes do terceiro incidente, que ocorreu na noite passada. O Brad ligou esta manhã para me dizer que o Bib's foi novamente atacado. Ele e o Theo encontraram-se comigo aqui para limparmos, apesar de eu lhes ter dito que não se incomodassem a vir. Odeio quando os meus funcionários têm de aparecer para alguma coisa no único dia da semana em que estamos fechados.

— Não tenho nenhuma fotografia dela — digo ao Theo.

— Então ela é feia?

Atiro a caixa de vidros para o contentor do lixo.

— É linda, e muito acima do meu campeonato.

— Mesmo que fosse feia, estaria muito acima do teu campeonato — diz ele com uma expressão impávida. — Ela não tem redes sociais?

— Tem, mas são privadas.

— Não és amigo dela em nenhuma? No *Facebook*? No *Instagram*? Ao menos tens *Snapchat*?

— O que é que tu sabes do *Snapchat*? Nem sequer tens telemóvel.

— Eu cá tenho os meus recursos — diz ele.

O pai dele volta cá fora com um saco. Abre-o e começamos a atirar lá para dentro algum do lixo espalhado, enquanto o Theo permanece nos degraus.

— Eu até vos ajudava, mas acabei de tomar duche — diz ele.

— Tomaste duche ontem — diz o Brad.

— Pois, e ainda estou limpo. — O Theo foca-se novamente em mim. — Tens redes sociais?

— Não, não tenho tempo para isso.

— Então como é que sabes que as dela são privadas?

Senti-me algumas vezes tentado a procurá-la online, e por mais que não queira admiti-lo, duvido que haja alguém neste planeta que não tenha feito pesquisas no *Google* sobre pessoas do seu passado.

— Procurei-a antes. É preciso ter um perfil e segui-la para ver o que publica.

— Então cria um perfil e segue-a — diz o Theo. — Olha que às vezes tornas as coisas mais difíceis do que é necessário.

— É complicado. Ela tem um ex-marido que não gosta de mim, e se ele visse que éramos amigos online, isso podia ser um problema para ela.

— Porque é que ele não gosta de ti? — pergunta o Theo.

— Envolvemo-nos numa briga. Aqui no restaurante, na verdade — digo, fazendo sinal para o edifício com a cabeça.

O Theo ergue ligeiramente as sobrancelhas.

— Mesmo? Uma briga a sério?

O Brad endireita-se.

— Espera lá. Aquele tipo era o *marido* da Lily?

— Pensava que sabias — respondo.

— Nenhum de nós sabia quem ele era, nem porque estavas à briga com ele. Mas foi a primeira vez que te vimos expulsar alguém do restaurante. Agora faz muito mais sentido.

Acho que é a primeira vez que falo sobre o que aconteceu. Lembro-me de ter saído porta fora logo a seguir àquela briga com o Ryle, por isso ninguém teve oportunidade de me fazer perguntas. Quando voltei ao trabalho na segunda-feira seguinte, as pessoas devem ter-se apercebido da minha falta de disposição para falar sobre o assunto.

— Porque é que andaram à briga? — pergunta o Theo.

Olho de relance para o Brad, porque ele está ciente daquilo por que a Lily passou. Ela contou-lhe, assim como ao Darin, em minha casa. Mas o Brad parece estar a deixar ao meu critério se sou ou não sincero com o Theo. Costumo sê-lo em relação a quase tudo, mas não me compete a mim falar da vida da Lily.

— Já nem me lembro — murmuro.

Acho que este podia ser um bom momento para dar uma lição ao Theo sobre como nunca se deve tratar um parceiro, mas esta é uma parte da vida da Lily acerca da qual não me sinto confortável a falar sem ela estar presente. É também uma parte da vida dela na qual eu não devia ter interferido, embora não tivesse agido de maneira diferente se voltasse a ter a oportunidade. Por mais imatura que a minha reação possa ter sido naquela noite em que bati no Ryle, estava a conter-me. Queria fazer mais do que apenas esmurrá-lo. Nunca tinha estado tão zangado com outro ser humano — nem sequer com a minha mãe ou o meu padrasto. Nem sequer com o pai da Lily.

Uma coisa é não gostar de alguém pela forma como me trata, mas quando a pessoa que mais admiro neste mundo é maltratada, a raiva é completamente diferente.

Sinto o telemóvel a vibrar no meu bolso. Tiro-o rapidamente e vejo que a Lily está a tentar devolver a minha chamada de FaceTime de há uma hora. Ela ia a conduzir e disse que me ligava quando chegasse a casa.

Trocámos várias mensagens desde a nossa conversa na sexta-feira, mas estou ansioso por voltar a falar com ela cara a cara.

— É ela? — pergunta o Theo, empertigando-se.

Assinto com a cabeça e tento desviar-me dele nos degraus, mas ele levanta-se e segue-me até ao restaurante.

— A sério? — pergunto, encarando-o.

— Quero ver a cara dela.

Tenho de atender antes que perca a chamada, por isso deslizo o dedo pelo ecrã enquanto tento fechar o Theo do lado de fora.

— Eu faço um *screenshot* para ti. Vai ajudar o teu pai. — Quando o vídeo

estabelece a ligação, o Theo ainda está a tentar entrar. — Oi — digo, sorrindo para a Lily no ecrã.

— Oi — responde a Lily.

— Deixa-me ver — sussurra o Theo, enfiando o braço pela porta numa tentativa de me tirar o telemóvel.

— Dá-me um segundo, Lily. — Seguro o telemóvel junto ao peito de maneira que ela não veja nada, depois abro a porta das traseiras apenas o suficiente para encostar a palma da mão à cara do Theo. Guio-o de volta ao primeiro degrau. — Brad, anda buscar o teu filho!

— Theo, anda cá! — diz o Brad. — Ajuda-me com isto.

O Theo deixa descair os ombros, mas acaba por ceder e vira-se para o pai.

— Mas eu estou *limpo* — queixa-se.

Fecho a porta e afasto o telemóvel do peito. A Lily está a rir-se.

— O que foi isso?

— Nada. — Vou para o meu gabinete e tranco a porta para ter privacidade. — Como está a ser o teu dia? — Sento-me no sofá.

— Bom. Acabei de voltar de um almoço com a minha mãe e o namorado dela. Fomos a uma lojinha de sanduíches em Borden, foi giro.

— Como está a tua mãe? — Ainda nem tínhamos falado sobre os pais dela, tirando a menção à morte do pai.

— Está ótima — responde a Lily. — Namora com um tipo chamado Rob. Ele fá-la feliz, apesar de ser um pouco estranho vê-la embeiçada por um homem. Mas gosto dele.

— Ela agora vive em Boston?

— Sim, mudou-se para cá depois de o meu pai morrer, para estar mais perto de mim.

— Isso é bom. Fico feliz por teres família aqui.

— E tu? O teu tio ainda vive em Boston?

O meu tio?

Ah. Foi o que eu lhe disse. Aperto a nuca e estremeço.

— O meu tio. — Não me lembro da mentira exata que lhe disse nessa altura, já foi há tanto tempo. — O meu tio morreu quando eu tinha 9 anos, Lily.

Ela franze as sobrancelhas, confusa.

— Não, tu foste viver com um tio quando tinhas 18 anos. Foi por isso que partiste.

Suspiro, desejando poder voltar atrás e refazer a maior parte do tempo que passámos juntos nessa altura, bem como as coisas que lhe disse ou deixei de dizer para poupar os seus sentimentos. Mas não voltaríamos todos atrás se pudéssemos refazer os nossos anos de adolescência?

— Menti-te. Nessa altura, não tinha nenhum tio em Boston.

— O quê? — Ela ainda está a abanar a cabeça, tentando compreender. Mas não parece zangada. Está mais confusa do que outra coisa. — Então, foste viver com quem?

— Com ninguém. Não podia continuar a esconder-me no teu quarto para sempre. Sabia que não iria acabar bem e, tirando tu, não havia nada naquela cidade que pudesse ajudar-me a melhorar a minha situação. Em Boston havia abrigos e recursos. Só te disse que o meu tio ainda estava vivo para não te preocupares comigo.

A Lily deixa cair a cabeça para trás, contra a cabeceira da cama, e fecha os olhos por um instante.

— Atlas. — Diz o meu nome com empatia. Quando torna a abrir os olhos, parece que está a tentar não chorar. — Não sei o que dizer. Pensei que tivesses família.

— Desculpa ter mentido. Não foi por maldade. Só queria poupar-te…

— Não peças desculpa — diz ela, interrompendo-me. — Tomaste a decisão certa. O inverno estava a chegar e podias não ter sobrevivido naquela casa. — Ela enxuga uma lágrima. — Nem consigo imaginar como terá sido difícil. Mudares-te para Boston naquela idade e sem nada. Sem ninguém.

— Funcionou — digo eu, abrindo um sorriso. — Correu tudo bem. — Estou a

tentar arrancá-la ao estado de espírito em que a deixei. — Não penses na posição em que estávamos, pensa só naquela em que nos encontramos.

Ela sorri.

— Onde é que estás? Isso é o teu escritório?

— É. — Rodo o telemóvel para ela poder ter um vislumbre. — É pequeno. Só um sofá e um computador, mas eu raramente cá estou. Passo a maior parte do tempo na cozinha.

— Estás no Bib's?

— Sim. Os dois restaurantes estão fechados ao domingo. Só cá vim limpar.

— Estou desejosa de ir ao Corrigan's. É aí que vamos no nosso encontro do próximo sábado?

Rio-me.

— Nem pensar que vou levar-te a um dos meus restaurantes num encontro. As pessoas com quem trabalho têm demasiada curiosidade na minha vida pessoal.

Ela sorri.

— Tem graça. Eu também tenho curiosidade na tua vida pessoal.

— Para ti, sou um livro aberto. O que é que queres saber?

Ela pondera por alguns segundos e reage em seguida.

— Quero saber quem são as pessoas na tua vida. Quando éramos adolescentes, não tinhas verdadeiramente ninguém, mas agora és adulto, com negócios e amigos e toda uma vida acerca da qual sei muito pouco. Quem são as tuas pessoas, Atlas Corrigan?

Não sei como responder a isto com algo que não seja uma gargalhada.

Ela, porém, não sorri de volta, o que me faz pensar que a pergunta é mais por preocupação comigo do que por curiosidade. Olho-a com ternura, na esperança de aliviar parte daquela apreensão.

— Eu tenho amigos — respondo. — Alguns conheceste há algum tempo em minha casa. Não tenho família, mas isso não me causa um vazio. Gosto da minha carreira e da minha vida. — Faço uma pausa e depois digo algo completamente sincero. — Sou feliz, se é isso que queres saber.

Vejo o canto da boca dela a levantar.

— Ainda bem. Sempre tive curiosidade em saber o que te tinha acontecido. Tentei encontrar-te nas redes sociais, mas não tive sorte.

Isto faz-me rir, tendo em conta que eu e o Theo tínhamos acabado de ter esta conversa.

— Não uso muito as redes sociais. — Se lhe dissesse que haveria de usá-las todos os dias se as páginas dela não fossem privadas, o Theo iria dizer que a confissão poderia assustá-la. — Tenho contas para os restaurantes, mas são geridas por um dos meus empregados. — Deixo a cabeça cair no sofá. — Não tenho tempo para isso. Descarreguei o *TikTok* há uns meses, mas foi um erro. Absorveu-me durante várias horas numa noite, e na manhã seguinte faltei a uma reunião. Apaguei a aplicação ao fim do dia.

A Lily ri-se.

— Daria quase tudo para te ver a fazer vídeos no *TikTok*.

— Nunca irá acontecer.

A atenção da Lily é desviada por um momento e ela começa a levantar-se na cama, mas detém-se.

— Espera um segundo, preciso de pousar o telemóvel. — Ela larga o aparelho, mas não me parece que tenha percebido que este embateu em qualquer coisa e ficou virado para cima. A câmara está a focá-la, de modo que a vejo a passar a Emerson de um peito para o outro. São apenas alguns segundos, é quase demasiado rápido para que eu perceba o que está a acontecer antes que termine. Acho que a ideia dela não era ficar com a câmara apontada para si.

Quando repara no telemóvel, arregala os olhos por um segundo e encobre o ecrã com a mão, deixando-o negro. Quando o aponta novamente ao seu rosto, está a tapar os olhos com os dedos abertos.

— Peço imensa desculpa.

— Porquê?

— Acho que acabei de me exibir a ti.

— Sim, mas não deves pedir desculpa por isso. Eu é que devo agradecer-te.

Ela riu-se, parecendo apreciar o comentário.

— Nada que nunca tenhas visto — diz ela, com um encolher de ombros adoravelmente envergonhado. Ajeita uma almofada debaixo do braço com que segura a Emerson enquanto a amamenta. — Estou a tentar desmamá-la, visto que está quase a fazer um ano. Agora é só uma vez por dia, mas os domingos são difíceis, porque estou o dia inteiro com ela. — Franze o nariz. — Desculpa. Duvido que estejas interessado em pormenores de amamentação.

— Não me ocorre um único tema de conversa teu que possa aborrecer-me.

— Oh, aposto que consigo lembrar-me de algum antes do nosso encontro — diz ela, tratando o meu comentário como se fosse um desafio. Desvia os olhos do ecrã do telemóvel. Não consigo ver a Emerson, mas dá para perceber que a Lily está a olhar para ela, porque fica com aquele sorriso na cara que só lhe vejo quando está a falar da filha ou a olhar para ela. É um sorriso nascido do orgulho, e uma das expressões que mais me agrada ver transparecer na cara dela.

— Está a adormecer — sussurra a Lily. — Tenho de ir.

— Sim, é melhor eu ir também. — Não quero deixar o Brad e o Theo lá fora a limpar a maior parte dos estragos sem mim.

— Posso ligar-te esta noite, se achares bem — diz a Lily.

— Claro que sim. — Vem-me à cabeça o que o Theo disse acerca de querer ver uma fotografia da Lily, por isso, antes de ela desligar, capto um *screenshot*. Faz um barulho óbvio, e a Lily inclina a cabeça com curiosidade.

— Acabaste de…

— Queria uma fotografia tua — digo rapidamente. — Adeus, Lily. — Termino a chamada antes de me sentir demasiado envergonhado. Não imaginava que fosse fazer aquele barulho e que ela conseguiria ouvi-lo. É bom que o Theo dê valor a isto.

Abro a porta do meu gabinete e vejo o Brad a varrer a cozinha. Fico confuso, porque a cozinha é limpa depois de fecharmos, e os danos feitos ao restaurante durante a noite confinaram-se ao exterior.

— O chão não foi lavado ontem à noite?

— A cozinha está ótima, estou só a fingir que varro — diz o Brad. Ao perceber a minha confusão, decide elaborar. — Queria que o Theo tivesse de limpar a maior parte da porcaria lá fora, já que odeia tanto fazê-lo. É uma coisa de pai.

— Ah. Faz sentido. — Não faz *qualquer* sentido, mas deixo o Brad a fingir que varre e encaminho-me para a porta.

O Theo está a fazer caretas enquanto usa o indicador e o polegar para apanhar um bocadinho ínfimo de lixo.

— Isto é tão nojento — murmura, deitando-o no saco. — Tens de contratar um segurança privado ou assim, isto está a ficar descontrolado.

Não é má ideia.

Seguro o telefone diante da cara do Theo, para que ele possa ver a fotografia que guardei da Lily.

Ele inclina o pescoço para trás, surpreendido.

— Essa é a Lily?

— É a Lily. — Guardo o telemóvel no bolso e tiro o saco do lixo das mãos do Theo.

— Isso explica tudo. — Senta-se no primeiro degrau.

— Explica o quê?

— Porque é que ficas com a língua presa quando estás com ela e dizes as parvoíces que dizes.

Discordo da sua opinião de que as coisas que lhe digo são parvoíces, mas ele tem razão numa coisa. Ela é tão bonita que por vezes me deixa com a língua presa.

— Mal posso esperar por que comeces a namorar — digo-lhe. — Vou chatear-te tanto!

CAPÍTULO DEZ

LILY

— Mãe, está tudo bem. A sério. — Estou a prender o telemóvel entre a bochecha e o pescoço. — Já cheguei à casa da Allysa, não há problema nenhum.

— Tens a certeza? O Rob disse que podia tomar conta dela.

— Não, o Rob precisa de tomar conta de ti.

— Está bem. Diz à Emmy que a Vó pede desculpa.

— Vó? É assim que queres ser tratada agora?

— Estou a fazer a experiência — diz ela. — Não gostei de Vovó.

Ela já usou quatro maneiras diferentes para se referir a si própria como avó desde que a Emmy nasceu. Mas não gostou de nenhuma.

— Adoro-te, mãe. Desejo-te as melhoras.

— Também te adoro.

Desligo a chamada e tiro a Emmy da cadeirinha do carro. Estou aliviada por ver que o carro do Ryle não se encontra no lugar atribuído. Eu não fazia tenções de vir ao prédio onde ele e a Allysa vivem, mas esta semana a minha mãe e a Emmy ficaram as duas doentes.

Ontem, quando fui buscar a Emmy a casa da minha mãe, tinha uma febre baixinha. Começou a subir por volta das duas da manhã e não consegui fazer nada que ajudasse. Mas hoje, à hora de eu me preparar para trabalhar, já tinha passado. Só que esta tarde atacou a minha mãe com força, e tive de ir buscar a Emmy a meio do dia de trabalho. Tive um pequeno momento de pânico, porque

esta noite tenho o jantar com o Atlas. Pensei que teria de cancelar, mas a Allysa salvou a situação.

Não lhe disse porque é que precisava de uma *babysitter*. Enviei-lhe uma mensagem a perguntar se podia tomar conta da Emmy por algumas horas e ela respondeu com uma palavra.

Traz-ma.

Avisei-a de que a Emmy tinha tido febre na noite passada, mas a Emmy e a Rylee passam tanto tempo juntas que há meses que deixámos de ter receio de que peguem alguma coisa uma à outra, porque acontece semana sim, semana não. O mais certo é que a Emmy até tenha apanhado esta febre com a Rylee.

Bato à porta da Allysa, que lança imediatamente os braços para a Emerson.

— Anda cá — diz ela. Puxa a Emerson para si e aperta-a. — Ela cheira tão bem. A Rylee já não cheira a bebé. Isso entristece-me. — Abre mais a porta para mim e, quando eu entro com o saco das fraldas na mão, a Allysa repara finalmente na minha indumentária. — Espera lá — diz. Aponta para o meu corpo de alto a baixo. — O que é que se passa? Porque é que eu vou fazer de *babysitter*?

Na verdade, não quero dizer-lhe aonde vou, mas é da Allysa que estamos a falar. Ela conhece-me melhor do que ninguém. Apercebe-se da hesitação na minha expressão a interpreta-a da forma correta.

— Estás vestida para um *encontro*? — Sussurra a pergunta e fecha a porta. — É com o deus grego?

— O Atlas. Sim. Por favor, não contes ao teu irmão.

No preciso momento em que digo isto, reparo que o Marshall se encontra por perto, na sala de estar. Tapa imediatamente os ouvidos, dizendo:

— Não ouvi nada. Não vejo nada. Lalalalalala. — Atravessa o vestíbulo e desaparece na cozinha.

A Allysa desvaloriza a presença dele com um abanar de mão.

— Ele é ótimo a manter a neutralidade, não te preocupes com ele. — Faz-me

sinal para que a siga até à sala. Como a Rylee está no parque, a Allysa leva a Emmy para lá.

— Rylee, olha quem está aqui!

A Rylee sorri ao ver a Emmy. As meninas começam a mostrar entusiasmo na presença uma da outra. Adoro que não tenham uma grande diferença de idade. À medida que a Emmy cresce, a diferença de seis meses parece cada vez mais curta.

— Aonde é que ele te vai levar?

Aliso a roupa com as mãos e dou um piparote numa partícula de cotão.

— A jantar, mas nunca fui àquele restaurante. Espero não ter exagerado na roupa.

— É a primeira vez que sais com ele? Pareces nervosa.

— É a nossa primeira saída e estou *mesmo* nervosa. Mas é um nervoso diferente. Um nervoso bom. Como já o conheço tão bem, não tenho a sensação de estar prestes a passar o serão com um estranho.

A Allysa observa-me por um momento com olhos bondosos.

— Pareces entusiasmada. Tinha saudades desse teu lado.

— Pois, eu também. — Inclino-me para dar um beijinho à Emmy e à Rylee. — Não vou voltar muito tarde. Agora tenho de ir fechar a loja pela Lucy, por isso ele vai buscar-me lá. Devo estar de volta perto das nove e meia, por isso, tenta mantê-la acordada até lá, se não te importares.

— Porque é que vais voltar tão cedo? Que seca!

— Não dormi na noite passada. Estou exausta. Mas não queria cancelar o jantar, por isso vou aguentar.

— Bah. A maternidade — diz a Allysa, revirando os olhos. — Eu mantenho-a acordada, vai lá divertir-te. Toma um café, ou uma bebida energética, ou algo do género.

Já perdi a conta aos cafés que bebi hoje.

— Adoro-te. Obrigada por me desenrascares — digo, a caminho da porta.

— É para isso que cá estou — cantarola ela.

CAPÍTULO ONZE

ATLAS

Queria que o dia passasse mais depressa, por isso decidi ajudar na cozinha do Bib's, apesar de ter preparado a noite com a equipa completa. Agora estou a cheirar a alho. É a terceira vez que me esfrego para tentar perder o cheiro, mas sem sucesso. Contudo, se não sair agora, vou chegar atrasado.

Estamos a levar as coisas devagar, por isso vou buscá-la ao trabalho e não ao seu apartamento. Não faço ideia de onde é que ela vive agora, ou se ainda vive no prédio onde eu fui ter com ela há quase dois anos, quando ela precisou de ajuda. Não sei porquê, o sítio onde vivemos nunca surgiu nas nossas conversas. Ela nem deve saber que vendi a minha casa e me mudei para o centro da cidade no início do ano. Estou curioso para saber a que distância vivemos agora um do outro.

— Cheira-me a água-de-colónia — diz o Darin ao passar por mim. Para a caminho do frigorífico e vira-se, para me olhar de relance. — Porque é que estás a usar água-de-colónia? Porque é que estás todo aperaltado?

Cheiro as mãos.

— Não cheiro a alho?

— Não, cheiras a quem vai sair. Estás de saída?

— *Estou mesmo* de saída. Mas estarei de regresso por volta da hora de fecho. Sou capaz de passar aqui a noite, para ver se consigo apanhar a pessoa que anda a vandalizar os restaurantes. — Houve vários dias de acalmia entre incidentes, mas fomos atacados pela quarta vez ontem à noite. Se bem que desta vez não foi

muito dispendioso. Limitaram-se a espalhar novamente o lixo por todo o lado. Limpar é muito mais fácil do que foi pintar. Talvez seja porque o Brad continua a trazer o Theo para ajudar. Acho que devia avisar o Theo de que quanto mais ele se queixa de uma tarefa, mais provável é que seja obrigado a realizá-la.

Esta noite tenciono confrontar a pessoa que está a causar os danos e ver se consigo perceber os seus motivos e demovê-la antes de envolver a polícia. Acredito que a maior parte das coisas podem ser tratadas com uma conversa simples e franca, em vez de uma intervenção dramática, mas não faço ideia de com quem estou a lidar.

O Darin inclina-se para mim e pergunta baixinho:

— Com quem é que vais sair? Com a Lily?

Seco as mãos com uma toalha e assinto com a cabeça.

O Darin sorri e afasta-se. Agrada-me que os meus amigos gostem da Lily. Falaram dela algumas vezes depois da nossa noite de póquer, mas devem ter percebido que isso me deixava incomodado. Não gostava de falar da Lily quando ela não fazia parte da minha vida.

Mas agora parece haver uma possibilidade de ela voltar ao cenário. Talvez. Pode ser por isso que eu estou tão nervoso, porque reconheço o enorme risco que a Lily está a correr ao sair comigo esta noite. Se as coisas entre nós avançarem, isso pode ter um efeito negativo na vida dela. E talvez por isso tenha começado a sentir, há duas horas, a imensa pressão de fazer com que esta noite valha a pena para ela.

Mas cheiro como se tivesse pavor a vampiros, por isso as coisas já não estão a correr a meu favor.

* * *

Chego ao parque de estacionamento cinco minutos antes das seis. A Lily devia estar à minha espera, porque sai da loja e tranca a porta ainda antes de eu sair do carro.

Assim que a vejo, fico ainda mais nervoso. Está incrível, com um macacão preto e saltos altos. Veste o casaco e vai ter comigo a meio do parque de estacionamento.

Inclino-me e cumprimento-a com um beijo rápido na face.

— Estás deslumbrante. — Juro que ela cora um bocadinho quando lhe digo isto.

— Estou? Não dormi nada na noite passada. Sinto-me com 90 anos.

— Porque é que não dormiste?

— A Emmy esteve toda a noite com febre. Agora está melhor, mas… — A Lily boceja. — Desculpa. Tomei café ainda agora, vai fazer efeito daqui a nada.

— Não faz mal. Eu não estou cansado, mas cheiro a alho.

— Eu gosto de alho.

— Ainda bem.

A Lily inclina-se para trás e avalia a sua indumentária.

— Como nunca fui a esse restaurante, não sabia o que vestir.

— Eu também nunca lá fui, por isso não faço ideia. Mas tenho a impressão de que estás bem. — Escolhi um restaurante novo que ando com vontade de experimentar. Fica a cerca de 45 minutos de carro, mas achei que assim teríamos tempo para pôr a conversa em dia.

— Tenho um presente para ti — diz ela. — Está no meu carro, deixa-me ir buscá-lo.

Sigo-a até ao carro e vejo-a retirar algo do porta-luvas. Quando mo entrega, não consigo esconder um sorriso.

— É o teu diário? — Ela leu-me outra passagem rápida na noite passada, mas sentiu-se tão envergonhada por estar a ler em voz alta que não quis ler mais.

— É um deles. Dependendo de como corre esta noite, logo te dou o outro.

— Sem pressão nem nada. — Conduzo-a até ao meu carro e abro-lhe a porta do passageiro. Quando a fecho, ela começa outra vez a bocejar.

Sinto-me mal, porque ela é capaz de estar demasiado exausta para ir sair. Não faço ideia do que é criar um filho. Sinto-me um pouco egoísta por não lhe

sugerir que reagendemos, por isso falo no assunto antes de sair do parque de estacionamento.

— Se preferires ir para casa dormir, podemos fazer isto num outro fim de semana.

— Não há nada que eu queira fazer mais do que isto, Atlas. Tenho tempo para dormir quando estiver morta. — Coloca o cinto de segurança. — Cheiras mesmo a alho.

Acho que ela está a brincar. A Lily estava sempre na brincadeira quando éramos mais novos. Era uma das coisas que eu mais adorava nela — parecia que estava sempre bem-disposta, apesar de todas as coisas más à sua volta. Foi essa mesma força que admirei nos dias que passei com ela, depois de ela ter descoberto que estava grávida quando foi às Urgências. Sei que esse foi um dos piores momentos da sua vida, mas, mesmo assim, ela conseguiu sorrir e até passar um serão inteiro a impressionar os meus amigos com o seu humor durante um jogo de póquer.

Toda a gente lida com o stress de uma maneira diferente, e nenhuma dessas maneiras é necessariamente errada, mas a Lily lida com ele com graciosidade. E a graciosidade é a qualidade que mais me atrai numa pessoa.

— Como é que consegues escapar num sábado à noite? — pergunta a Lily.

Detesto ter de estar a conduzir, porque quero olhar para ela enquanto respondo. Nunca a vi com uma aparência tão… de mulher? Será isto um elogio? Nem sei. É melhor não o dizer em voz alta, não se dê o caso de não ser, mas quando eu e a Lily nos apaixonámos, nenhum de nós era o que agora consideraríamos um adulto. Mas esta noite é diferente. Somos adultos com carreiras, e ela é mãe, patroa e independente. *É sexy à brava*.

O único período que passei com ela na condição de adulto foi quando ela tecnicamente ainda estava com o Ryle, por isso pareceu-me errado pensar nela como estou a pensar agora. *Com desejo.*

Mantenho-me concentrado na estrada e tento não criar uma pausa na nossa conversa, mas acho que devo estar um bocadinho agitado. Isso surpreende-me.

— Como é que consegui escapar? — digo, fingindo que estou a ponderar a questão e não obcecado com o quanto quero olhar para ela. — Contrato pessoas de confiança.

A Lily sorri.

— Trabalhas sempre aos fins de semana?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Só costumo tirar os domingos de folga, quando estamos fechados. E uma ou outra segunda-feira.

— De que é que gostas mais no teu trabalho?

Ela está muito perguntadora esta noite. Lanço-lhe um olhar de soslaio e sorrio.

— De ler as críticas.

Ela produz um ruído, como se estivesse chocada.

— Desculpa — começa ela. — Disseste *críticas?* Tu lês as críticas ao teu restaurante?

— Não me escapa uma.

— *O quê?* Oh, meu Deus, não deves ter um pingo de insegurança. Eu mando a Serena ver as nossas redes sociais, só para poder *evitar* as críticas.

— As tuas críticas são ótimas.

Ela vira praticamente todo o corpo para mim no banco do carro.

— Tu lês as *minhas* críticas?

— Leio as críticas de toda a gente que conheço que tenha um negócio. É estranho?

— Não deixa de ser.

Ligo o pisca.

— Gosto de ler críticas. Sinto que as críticas aos negócios são um reflexo do proprietário e quero saber o que as outras pessoas pensam dos meus restaurantes. As críticas construtivas ajudam. Eu não tenho a experiência de cozinha que muitos *chefs* têm, e os críticos são dos melhores professores.

— E o que é que aprendes a ler as críticas aos negócios dos *outros*?

— Nada, na verdade. É só para me entreter.

— Eu recebo algumas negativas? — A Lily desvia o olhar de mim e endireita-se ligeiramente, ficando novamente virada para a frente. — Esquece, não respondas. Vou só fingir que são todas boas e que toda a gente adora as minhas flores.

— Toda a gente *adora* as tuas flores.

Ela comprime os lábios numa tentativa de conter o sorriso.

— Qual é a parte que *menos* gostas no teu trabalho?

Adoro que ela esteja a fazer perguntas tão aleatórias. Faz-me lembrar as noites em que ficávamos acordados até tarde e ela me bombardeava com perguntas sobre mim.

— Até à semana passada, eram as inspeções sanitárias — admito. — São extremamente enervantes.

— Porquê até à semana passada? O que é que mudou?

— O vandalismo.

— Voltou a acontecer?

— Sim, duas vezes esta semana.

— E ainda não fazes ideia de quem possa ser?

Abano a cabeça.

— Nem imagino.

— Tens algumas ex-namoradas zangadas?

— Não, duvido. Não me parecem desse género.

A Lily descalça os sapatos de salto alto e dobra uma das pernas no assento, pondo-se mais confortável.

— Quantas relações sérias tiveste?

Ela vai por aí. Tudo bem.

— Define sérias.

— Não sei. Mais de dois meses?

— Uma — respondo.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Um pouco mais de um ano. Conheci-a quando estava na tropa.

— Porque é que acabaram?

— Fomos viver juntos.

— Foi por isso que acabaram?

— Acho que o facto de vivermos juntos fez-nos perceber rapidamente que éramos incompatíveis. Ou talvez estivéssemos apenas em fases diferentes das nossas vidas. Eu estava focado na minha carreira e ela só pensava na roupa que ia usar nos clubes noturnos onde eu estava demasiado cansado para ir com ela. Quando saí da tropa e regressei a Boston, ela ficou para trás e foi viver num *loft* com duas amigas.

A Lily ri-se.

— Não te imagino num clube noturno.

— Pois. Deve ser por isso que estou solteiro. — O meu telemóvel toca com uma chamada do Corrigan's, interrompendo-nos antes que eu possa fazer-lhe a mesma pergunta. — Tenho de atender — digo.

— À vontade.

Atendo a chamada por Bluetooth. Trata-se de um problema com uma arca frigorífica, que me obriga a fazer mais duas chamadas antes de resolver o assunto com o envio de um técnico. Quando finalmente consigo devolver a minha atenção à Lily, percebo que está a dormir, com a cabeça descaída sobre o ombro. Ouço um delicado ressonar.

Parece que o café não fez efeito.

Deixo-a dormir o caminho todo até ao restaurante. Quando estacionamos, faltam cerca de dez minutos para as sete. Está escuro e o restaurante parece à pinha, mas temos alguns minutos antes da hora da reserva, por isso deixo-a descansar.

O ressonar dela é tão enternecedor quanto ela. É delicado, quase demasiado leve para ser audível. Faço um pequeno vídeo para poder meter-me com ela mais tarde e depois agarro no diário que ela deixou no banco de trás. Sei que me disse para não o ler à frente dela, mas tecnicamente não estou a fazê-lo. Ela está a dormir.

Abro-o na primeira página e começo a ler.

Leio a primeira entrada, completamente cativado. Sinto que estou a quebrar uma regra ao ler isto, mas afinal foi ela que o trouxe.

Leio a segunda entrada. Depois a terceira. Em seguida, vou à aplicação das reservas e cancelo a nossa, porque, a menos que a acorde neste preciso momento, vamos chegar atrasados. Prefiro que a nossa mesa vá para outra pessoa, porque a Lily parece precisar deste sono há algum tempo.

E eu quero ler outra entrada. Levo-a a jantar a outro sítio quando ela acordar.

Cada palavra que ela escreveu leva-me de volta à nossa adolescência. Há tantas ocasiões em que me apetece rir das coisas que ela diz e do modo como as diz, mas abafo as gargalhadas para não a sobressaltar.

Finalmente, leio uma passagem que quase de certeza irá conduzir ao nosso primeiro beijo. Olho para o relógio e apercebo-me de que já estamos aqui há meia hora, mas a Lily continua a dormir profundamente, e eu não consigo parar a meio desta entrada. Continuo a ler, na esperança de que ela durma o tempo suficiente para eu chegar ao fim.

— Preciso de te dizer uma coisa — disse ele.

Prendi a respiração, sem fazer ideia do que ele iria dizer a seguir.

— Falei hoje com o meu tio. A minha mãe e eu chegámos a viver com ele em Boston. Disse-me que, quando voltar de uma viagem de trabalho que está a fazer, poderei ficar com ele.

Naquele instante deveria ter ficado contente por ele. Deveria ter sorrido e tê-lo felicitado. No entanto, senti toda a imaturidade dos meus 15 anos quando fechei os olhos e senti pena de mim mesma.

— E vais? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Queria primeiro falar contigo sobre isso.

Ali deitado, estava tão próximo de mim que consegui sentir o calor da sua respiração. Reparei também que cheirava a menta e questionei-me se não

lavaria os dentes com a água engarrafada antes de vir ter comigo. Todos os dias, quando ele volta para casa, certifico-me de que leva bastante água consigo.

Levei a mão junto da almofada e comecei a puxar uma pena que estava espetada, a tentar fugir do interior. Quando consegui retirá-la, enrolei-a entre as pontas dos dedos.

— Nem sei o que diga, Atlas. Fico contente por teres um sítio onde possas viver. E como fazes em relação à escola?

— Poderia terminá-la lá — respondeu.

Acenei com a cabeça. Parecia que ele já se decidira em relação àquilo.

— Quando é que vais?

Pus-me a pensar em qual seria a distância daqui até Boston. Talvez umas quantas horas, mas isso é uma distância imensa quando não se tem um carro.

— Não tenho ainda a certeza se vou.

Larguei a pena sobre a almofada e levei a mão à cintura.

— De que estás à espera? O teu tio está a oferecer-te um lugar onde ficar. Isso é bom, não é?

Franziu os lábios e acenou afirmativamente. A seguir, pegou na pena com que eu tinha estado a brincar e começou a enrolá-la entre os dedos. Voltou a pousá-la na almofada e depois fez algo de que eu não estava à espera. Levou os dedos aos meus lábios e tocou-lhes.

Meu Deus, Ellen. Achei que ia morrer ali mesmo. Nunca antes sentira nada no meu corpo com tanta intensidade. Manteve ali os dedos durante alguns segundos e depois disse:

— Obrigado, Lily. Por tudo.

Fez deslizar os dedos para o meu cabelo e depois chegou-se para a frente e deu-me um beijo na testa. Estava a respirar com tal intensidade que tive de abrir a boca para conseguir inalar mais ar. Percebi que no peito dele o coração batia com a mesma força do meu. Olhou para mim e vi os seus olhos dirigirem-se para a minha boca.

— Alguma vez foste beijada, Lily?

Abanei a cabeça e inclinei-a na direção da dele, pois precisava que essa situação fosse emendada naquele preciso momento, caso contrário não iria conseguir continuar a respirar.

Depois — quase como se eu fosse feita de cristal — desceu a boca até junto da minha e deixou-a ali ficar. Não sabia bem o que fazer a seguir, mas nem me importei. Nem me importaria que ficássemos assim o resto da noite e nem sequer movêssemos as bocas, tal era a sensação de plenitude.

Os lábios do Atlas cerraram-se sobre os meus e pareceu-me conseguir sentir as mãos dele a tremer. Fiz o mesmo que ele estava a fazer e comecei a mover os lábios como ele fazia. Senti a ponta da língua dele roçar ao de leve nos meus lábios e achei que os meus olhos se iriam revirar nas órbitas. Voltou a fazê-lo uma segunda e ainda uma terceira vez, por isso também eu comecei a fazê-lo. Quando as nossas línguas se tocaram pela primeira vez, esbocei um pequeno sorriso, pois havia pensado bastante no meu primeiro beijo. Onde seria, com quem seria. Nunca imaginei que me pudesse fazer sentir assim.

Fez-me deitar de costas e pousou a mão na minha face, enquanto continuava a beijar-me. Foi-se tornando cada vez mais agradável à medida que me ia habituando. O momento de que mais gostei foi quando ele recuou por instantes, se deteve a olhar para mim e depois voltou a beijar-me ainda mais intensamente.

Não sei durante quanto tempo nos beijámos. Foi bastante tempo. Tanto tempo que já me doía a boca e nem conseguia manter os olhos abertos. Quando adormecemos, tenho quase a certeza de que a boca dele ainda estava colada à minha.

Não voltámos a falar sobre Boston.

Ainda não sei se ele se vai embora.

Lily

Caramba.

Caramba.

Fecho o diário e olho para a Lily. Ela descreveu o nosso primeiro beijo com tanto detalhe que me faz sentir inferior ao meu eu adolescente.

Foi mesmo assim que aconteceu?

Lembro-me dessa noite, mas estava muito mais nervoso do que a Lily me descreveu. Tem graça que, quando somos adolescentes, pensamos que somos o único ser humano inexperiente e nervoso do planeta. Pensamos que todos os outros adolescentes compreendem a vida muito melhor do que nós. Mas não é nada assim. Estávamos ambos assustados. E empolgados. E apaixonados.

Porém, eu tinha-me apaixonado por ela muito antes do nosso primeiro beijo. Amava-a mais do que alguma vez amara alguém antes desse momento. Acho que a amava mais do que alguma vez amei alguém *depois* desse momento.

Acho que ainda devo amar.

Há tanta coisa que a Lily não sabe acerca dessa parte da minha vida. Tanta coisa que lhe quero dizer, agora que li a versão dela de algum do tempo que passámos juntos. É óbvio que ela não faz ideia do papel fundamental que teve na minha vida nessa altura. Num momento em que toda a gente me virava as costas, a Lily foi a única que se chegou à frente.

Ela continua a dormir profundamente, por isso pego no telemóvel e abro as notas. Começo a escrever, descrevendo em detalhe como era a minha vida antes da chegada dela. Não estava à espera de escrever assim tanto, mas acho que tenho muita coisa para lhe dizer.

Só passados mais 20 minutos é que finalmente termino de escrever tudo, e cinco depois a Lily começa por fim a despertar.

Coloco o telefone no suporte dos copos, sem saber se a vou deixar ler o que acabei de escrever. Talvez espere uns dias. Umas semanas. Ela quer levar as coisas devagar, mas eu não sei se o que eu escrevi no fim da carta corresponde à sua noção de devagar.

Ela levanta a mão para coçar a cabeça. Como está de frente para a janela, não

lhe vejo a cara quando abre os olhos, mas percebo que está acordada, porque se endireita no assento. Olha pela janela por um instante, depois balança a cabeça na minha direção. Tem alguns fios de cabelo colados à bochecha.

Eu estou encostado à porta, observando-a de modo casual, como se isto fosse um comportamento perfeitamente normal para um primeiro encontro.

— Atlas. — Ela enuncia o meu nome como um pedido de desculpa e uma pergunta ao mesmo tempo.

— Está tudo bem. Estavas cansada.

Ela pega no telemóvel e vê as horas.

— Oh, meu *Deus*. — Inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas e a cara nas palmas das mãos. — Não acredito nisto.

— Lily, não faz mal. A sério. — Ergo o diário. — Fizeste-me companhia.

Ela olha para o diário e geme.

— Isto é *mortificante*.

Atiro o diário para o banco de trás.

— Pessoalmente, achei esclarecedor.

A Lily bate-me de forma brincalhona no ombro.

— Para de rir. Sinto-me demasiado mal para achar graça.

— Não te sintas mal, estavas exausta. E deves estar esfomeada. Podemos comer um hambúrguer no caminho de volta.

A Lily afunda-se dramaticamente no assento.

— Que o *chef* da moda leve a rapariga a comer *fast food*, visto que ela adormeceu durante o encontro. Porque não? — Ela baixa o espelho e repara que tem o cabelo colado à cara. — Bem, sou tão *mamã*! Este é o nosso último encontro? Já estraguei tudo? Não te censuraria.

Ponho o carro em marcha-atrás.

— Nem nada que se pareça, depois de tudo o que acabei de ler. Não sei se alguma coisa conseguiria suplantar este encontro.

— Tens padrões muito baixos, Atlas.

Acho a sua autocrítica adoravelmente atraente.

— Tenho uma pergunta acerca do teu diário.

— O quê? — Ela está a limpar uma mancha de rímel. Toda ela parece derrotada, agora que pensa que arruinou o nosso encontro. Mas eu não consigo parar de sorrir.

— Na noite do nosso primeiro beijo… puseste os cobertores na máquina de lavar de propósito? Foi um truque para me obrigares a dormir na tua cama?

Ela franze o nariz.

— Leste assim tanto?

— Estiveste muito tempo a dormir.

Ela reflete sobre a minha pergunta, depois admite com um aceno de cabeça.

— Queria que fosses o meu primeiro beijo, e isso não teria acontecido se continuasses a dormir no chão.

Ela é capaz de ter razão. E resultou.

Ainda resulta, porque ler a sua descrição do nosso primeiro beijo trouxe de volta todos os sentimentos que ela me provocou nessa noite. Ela podia dormir todo o caminho de volta a casa, que eu continuaria a achar que aquele era o melhor encontro da minha vida.

CAPÍTULO DOZE

LILY

— Nem acredito que me tenhas deixado dormir tanto tempo. — Já passaram dez minutos e ainda tenho o estômago às voltas por causa do embaraço. — Leste o diário todo?

— Parei depois de ler acerca do nosso primeiro beijo.

Boa. Até aí não é demasiado embaraçoso. Mas se ele tivesse estado a ler sobre a primeira vez que tivemos sexo enquanto eu dormia no banco ao lado dele, não sei bem se teria recuperado.

— Isto não é nada justo — murmuro. — Tens de fazer algo mortificante para equilibrarmos os pratos da balança, porque neste momento sinto que arruinei por completo a nossa noite.

O Atlas ri-se.

— Achas que se eu fizer algo para me mortificar tu vais sentir-te melhor acerca desta noite?

Assinto com a cabeça.

— Sim. É a lei do universo. Olho por olho, humilhação por humilhação.

O Atlas batuca com o polegar no volante enquanto massaja o queixo com a mão livre. Depois vira o olhar para o telemóvel no suporte de copos.

— Abre a *app* das notas no meu telemóvel. Lê a primeira.

Ah, ena. Eu estava a brincar, mas agarro-me rapidamente ao telemóvel.

— Qual é a tua password?

— Nove cinco nove cinco.

Introduzo os números e olho de relance para a página inicial quando abre. Todas as aplicações estão arrumadas por pasta. Tem zero SMS por ler e um e-mail por ler.

— Tu és um *freak* da organização. Quem é que só tem *um* e-mail por ler?

— Não gosto de guardar tralha — diz ele. — Efeito secundário da tropa. Quantos e-mails por ler é que tu tens?

— Milhares. — Abro a *app* das Notas e clico na mais recente. Assim que vejo as duas palavras no cimo do texto, baixo o telemóvel e viro o ecrã para baixo, encostando-o à minha coxa.

— *Atlas*.

— Lily.

Sinto o meu embaraço a ser engolido por uma calorosa onda de expetativa que me assola.

— Escreveste-me uma carta?

Ele assente lentamente com a cabeça.

— Estiveste a dormir por um bom bocado. — Quando olha para mim, o seu sorriso vacila, como se tivesse receio do que escreveu. Quando torna a olhar para a frente, vejo-lhe um nó na garganta.

Encosto a cabeça ao vidro do passageiro e começo a ler em silêncio.

Querida Lily,

Vais ficar mortificada quando acordares e perceberes que adormeceste no nosso primeiro encontro. Estou um bocadinho ansioso por essa reação. Mas parecias tão cansada quando te fui buscar, que na verdade até fico feliz por te ver descansar um pouco.

Esta última semana tem sido surreal, não tem? Quando eu já começava a pensar que nunca iria ter um lugar significativo na tua vida, eis que tu apareces.

Podia começar a falar incessantemente acerca do que esse encontro

fortuito significou para mim, mas prometi ao meu psicólogo que ia deixar de te dizer cenas pirosas. Não te preocupes, tenciono quebrar essa promessa muitas vezes, mas pediste para levar as coisas devagar, por isso vou deixar passar mais alguns encontros.

Em vez disso, acho que vou fazer o mesmo que tu e falar sobre o nosso passado. É mais do que justo. Já que me deixaste ler alguns dos teus pensamentos mais íntimos numa época tão vulnerável da tua vida, o mínimo que posso fazer é dar-te uma ideia da minha vida nessa altura.

A minha versão, contudo, é um pouco mais dura. Vou tentar poupar-te aos piores detalhes, mas não sei se conseguirás compreender totalmente o que a tua amizade significou para mim sem saberes o que passei antes de tu entrares em cena.

Eu contei-te algumas coisas — como acabei na posição em que estava, a viver naquela casa abandonada. Mas já me sentia sem-abrigo muito antes disso. Na verdade, durante toda a minha vida, apesar de ter uma casa e uma mãe e, de vez em quando, um padrasto.

Não me lembro de como as coisas eram quando eu era pequeno. Tenho a fantasia de que talvez ela tenha sido uma boa mãe em tempos. Lembro-me de um passeio de um dia que fizemos a Cape Cod, onde provámos camarão panado com coco pela primeira vez, mas se, tirando esse único dia, essa única refeição, ela era uma mãe decente, essa caraterística nunca se tornou uma memória nuclear para mim.

As minhas memórias nucleares eram períodos de tempo passados sozinho, ou apenas a tentar manter-me longe dela. Ela era rápida a zangar-se e rápida a reagir. Durante os primeiros dez anos da minha vida, ela era mais forte e mais rápida do que eu, por isso passei grande parte dessa década a esconder-me da sua mão, dos seus cigarros, do chicote da sua língua.

Eu sei que ela andava enervada. Era uma mãe solteira que trabalhava à noite para tentar sustentar-me, mas, por muitas desculpas que possa arranjar

para o comportamento dela, a verdade é que já vi muitas mães solteiras a enfrentarem a vida sem recorrerem às coisas que a minha mãe fez.

Já viste as minhas cicatrizes. Não vou entrar em detalhes, mas, por muito mau que tenha sido, tornou-se ainda pior durante o terceiro casamento dela. Eu tinha 12 anos quando eles se conheceram.

Mal sabia eu que o ano dos 12 anos seria o meu único ano tranquilo. Ela ausentava-se muito para estar com ele, e quando ficava em casa estava relativamente bem-humorada, porque estava a apaixonar-se. É curioso como o amor por um parceiro pode ser a bitola para a forma como algumas pessoas lidam com os próprios filhos.

Mas os 12 passaram a 13 e o Tim veio viver connosco, fazendo dos quatro anos seguintes um inferno para mim. Quando eu não fazia zangar a minha mãe, fazia zangar o Tim. Quando estava em casa, gritavam-me. Quando estava na escola, destruíam a casa com as suas discussões, e depois esperavam que eu limpasse tudo quando chegasse.

A vida com eles era um pesadelo, e foi quando me tornei finalmente forte o suficiente para me defender que o Tim decidiu que já não queria viver comigo.

A minha mãe escolheu-o a ele. Fui obrigado a partir. Eles não tiveram de pedir duas vezes, eu estava mais do que pronto para ir embora, mas só porque tinha um sítio para onde ir.

Até ter deixado de ter. Tinha saído de casa há três meses quando o amigo com quem fiquei se mudou com a família para o Colorado.

Nessa altura, eu não tinha mais ninguém a quem recorrer nem mais nenhum sítio para onde ir, por isso vi-me obrigado a ir ter com a minha mãe e perguntar se podia voltar para casa.

Ainda me lembro do dia em que voltei àquela casa. Ainda mal tinham passado três meses e a casa já estava a desmoronar. Ninguém tinha cortado a relva do quintal desde a última vez que eu o fizera, antes de ser expulso. Todos os mosquiteiros das janelas tinham desaparecido e havia um buraco

onde antes estivera a maçaneta da porta. Pelo estado em que se encontrava, seria de pensar que eu tinha estado fora durante anos.

O carro da minha mãe estava à entrada, mas o do Tim, não. O carro dela parecia já ali estar há algum tempo. A capota estava aberta e havia ferramentas espalhadas por perto, juntamente com, no mínimo, 30 latas de cerveja com que alguém construíra uma pirâmide encostada à porta da garagem.

Até os jornais se tinham empilhado na rampa de cimento rachado. Lembro-me de os apanhar e de os pôr a secar numa das velhas cadeiras de ferro, antes de bater à porta.

Parecia estranho bater à porta de uma casa onde eu tinha vivido tantos anos, mas, não se desse o improvável caso de o Tim lá estar, não queria abrir a porta sem permissão. Eu ainda tinha uma chave de casa, mas o Tim deixara muito claro que me denunciaria por invasão de propriedade se tentasse usá-la.

Mesmo que quisesse, não a poderia usar. Não havia maçaneta.

Ouvi alguém a atravessar a sala. A cortina da janelinha na parte de cima da porta mexeu-se, e eu vi a minha mãe a espreitar. Olhou por alguns segundos, sem se mexer.

Acabou por abrir a porta alguns centímetros. O suficiente para eu ver que, às duas da tarde, ainda estava de pijama, que consistia numa t-shirt demasiado grande dos Weezer que um dos seus ex tinha lá deixado. Eu odiava aquela t-shirt, porque gostava da banda. De cada vez que ela a usava, arruinava um pouco mais o meu gosto por eles.

Ela perguntou o que é que eu estava ali a fazer, mas eu não quis explicar-lhe logo as minhas razões. Ao invés, perguntei-lhe se o Tim estava em casa.

Ela abriu mais um pouco a porta e cruzou os braços com tanta força que fez com que um dos membros da banda parecesse ter sido decapitado. Respondeu-me que o Tim estava no trabalho e perguntou o que é que eu queria.

Perguntei-lhe se podia entrar. Ela ponderou a minha pergunta e depois olhou por cima do meu ombro, perscrutando a rua. Não sei o que estava a verificar. Talvez tivesse medo de que um vizinho a visse a deixar entrar em casa o seu próprio filho.

Deixou-me a porta aberta enquanto foi ao quarto mudar de roupa. A casa estava sinistramente escura, lembro-me bem. Todas as cortinas estavam fechadas, criando uma sensação de confusão quanto à hora do dia. Não ajudava o facto de o relógio do fogão estar a piscar e a hora estar errada em mais de oito horas. Se eu ainda ali vivesse, seria mais uma coisa que eu teria arranjado.

Se eu ainda ali vivesse, as cortinas estariam abertas. As bancadas da cozinha não estariam repletas de louça suja. Não faltaria a maçaneta da porta, nem haveria um quintal por arranjar, nem uma pilha de jornais ensopados há dias. Naquele momento, apercebi-me de que eu tinha sido o único a manter aquela casa erguida em todos os anos do meu crescimento.

Isso deu-me esperança. Esperança de que eles pudessem compreender que eu era uma mais-valia e não uma inconveniência, e que me permitissem voltar para casa até terminar a escola secundária.

Vi um kit de fechadura em cima da mesa da cozinha e peguei-lhe para o examinar. O recibo estava por baixo. Olhei para a data e vi que tinha sido comprado mais de duas semanas antes.

A maçaneta era a correta para a porta da frente. Não percebia porque é que o Tim não a tinha instalado, se já a tinha há duas semanas, por isso tirei as ferramentas de uma gaveta da cozinha e abri a embalagem. A minha mãe demorou vários minutos a sair do quarto, mas quando o fez já eu tinha montado a maçaneta.

Perguntou-me o que é que eu estava a fazer, por isso rodei a maçaneta e abri ligeiramente a porta, para lhe mostrar que funcionava.

Nunca me hei de esquecer da sua reação. Ela suspirou e disse: «Porque é que fazes estas merdas? Parece que queres que ele te odeie.» Tirou-me a

chave de fendas da mão e acrescentou, «É melhor ires-te embora, antes que ele perceba que cá estiveste.»

Uma das razões para eu nunca me dar bem com ninguém naquela casa era o facto de as reações deles parecerem sempre deslocadas. Quando eu dava uma ajuda na casa sem me terem pedido, o Tim dizia que eu estava a embirrar com ele. Quando não ajudava em alguma coisa, chamava-me preguiçoso e ingrato.

«Não estou a tentar irritar o Tim», disse eu. «Arranjei a maçaneta da porta. Estava a tentar ajudar.»

«Ele ia fazer isso assim que tivesse tempo.»

Parte do problema do Tim era que ele tinha sempre tempo. Nunca mantinha um emprego durante mais de seis meses e passava mais tempo a jogar do que com a minha mãe.

«Ele arranjou um emprego?», lembro-me de lhe ter perguntado.

«Anda à procura.»

«É isso que está a fazer agora?»

Dava para ver na expressão dela que o Tim não andava à procura de emprego. Onde quer que estivesse, tenho a certeza de que estava a endividar a minha mãe ainda mais. Na verdade, as dívidas dela foram provavelmente a gota de água que fez transbordar o copo e causar a minha expulsão de casa. Quando encontrei uma pilha de contas de cartões de crédito em dívida em nome dela, confrontei o Tim.

Ele não gostava de ser confrontado. Preferia a versão pré-adolescente que tinha conhecido de mim ao quase adulto em que me tornara. Gostava da versão de mim que ele podia maltratar sem ser maltratado. A versão de mim que podia manipular sem ser confrontado.

Essa versão de mim desapareceu entre os meus 15 e 16 anos. Quando o Tim percebeu que já não conseguia ameaçar-me fisicamente, tentou arruinar a minha vida de outras formas. Uma delas foi deixar-me sem ter onde viver.

Acabei por engolir o orgulho e ir direto ao assunto. Disse à minha mãe que

não tinha para onde ir.

A expressão da minha mãe não foi apenas vazia de empatia, foi cheia de irritação. «Espero que não estejas a pedir para voltar para cá, depois de tudo o que fizeste.»

«Tudo o que eu fiz? Referes-te a quando lhe chamei a atenção porque o vício do jogo dele te deixou endividada?

Foi quando ela me chamou cara de cu. Ou antes, completo cu. Ela dizia sempre mal esse palavrão.

Tentei convencê-la, mas ela mostrou-se rapidamente a pessoa a que eu já me habituara. Atirou-me com a chave de fendas. Foi tão repentino e inesperado, visto que nem sequer estávamos a discutir, que não consegui baixar-me a tempo. Acertou-me mesmo por cima do olho esquerdo, no meio da sobrancelha.

Esfreguei os dedos no golpe e vieram manchados de sangue.

A única coisa que fiz foi pedir para voltar para casa. Não a desrespeitei. Não a insultei. Simplesmente apareci, arranjei a maçaneta da porta e tentei chamá-la à razão, mas acabei com um golpe a deitar sangue.

Lembro-me de fitar os meus dedos e pensar: «Não foi o Tim que fez isto. Foi a minha mãe.»

Durante tanto tempo, culpei o Tim por tudo o que corria mal naquela casa, mas tudo o que havia de errado naquela casa começava nela. O Tim apenas amplificou o que já era um ambiente horrível.

Lembro-me de pensar que preferia morrer a voltar a viver com ela. Até àquele momento, havia uma parte de mim que ainda sentia algo por ela. Não sei se era uma réstia de respeito, mas eu ainda dava algum valor ao facto de ela me ter mantido vivo quando eu era mais novo. Mas essa não é a coisa mais básica que um progenitor deve fazer quando decide pôr uma criança no mundo?

Percebi nessa altura que lhe tinha dado demasiado crédito. Sempre atribuí a nossa falta de ligação ao facto de ela ser mãe solteira, mas o que não falta

por aí são mães solteiras atarefadas que mesmo assim conseguem criar vínculos com os filhos. Mães que defendem os filhos quando são maltratados. Mães que não olham para o lado quando o seu filho de 13 anos sai de um castigo com um olho negro e um lábio inchado. Mães que não permitem que os seus maridos obriguem os seus filhos em idade escolar a ficar sem casa. Mães que não atiram chaves de fendas à cabeça dos filhos.

Apesar de ter noção de que ela era realmente um ser humano sem empatia, fiz uma última tentativa para encontrar nela um pouco de humanidade. «Posso ao menos ir buscar algumas coisas minhas antes de me ir embora?»

«Não tens cá nada», disse ela. «Nós precisávamos de espaço.»

Depois disto, não consegui olhar para ela. Parecia que ela só queria apagar-me da sua vida, por isso, nesse momento, jurei que a ajudaria a fazê-lo.

Tinha sangue a escorrer-me para o olho enquanto me afastava da casa.

Não consigo dizer-te como foi o resto do dia. Sentir-me tão incrivelmente indesejado, desamado, sozinho. Não tinha ninguém. Nada. Nem dinheiro, nem pertences, nem família.

Apenas uma ferida.

Quando somos mais novos, somos impressionáveis, e quando, durante anos a fio, alguém que devia significar algo para nós nos diz que não somos nada, começamos a acreditar. E, aos poucos, passamos a ser nada.

Mas foi então que te conheci, Lily. E embora eu não fosse nada, quando tu olhaste para mim conseguiste ver alguma coisa. Alguma coisa que eu não conseguia ver. Foste a primeira pessoa na minha vida a mostrar interesse em quem eu era enquanto ser humano. Nunca ninguém me tinha feito perguntas sobre mim próprio como tu fizeste. Depois daqueles poucos meses que passei a conhecer-te, deixei de sentir que não era nada. Fizeste-me sentir interessante e único. A tua amizade deu-me valor.

Obrigado por isso. Mesmo que esta saída não dê em nada e nunca mais

voltemos a falar, ser-te-ei para sempre grato por teres visto em mim algo a que a minha própria mãe foi cega.

És a minha pessoa favorita, Lily. E agora sabes porquê.

Atlas

Tenho a garganta tão cheia de lágrimas que nem consigo reagir verbalmente ao que acabei de ler. Pouso o telemóvel na perna e enxugo os olhos. É uma pena que ele esteja a conduzir agora, porque se estivéssemos estacionados envolvia-o com os braços e dava-lhe o abraço mais forte de sempre. É provável que também o beijasse e o puxasse para o banco de trás, porque nunca ninguém me tinha dito coisas tão avassaladoramente tristes de uma maneira tão doce.

O Atlas estende o braço e pega no telemóvel. Larga-o no suporte dos copos e depois pega-me na mão. Entrelaça os dedos nos meus e aperta-me a mão, continuando a olhar em frente. Esse gesto causa uma agitação no meu peito. Quando envolvo as costas da mão dele com a minha, o estarmos assim de mãos dadas faz-me lembrar todas as viagens de autocarro que fazíamos em silêncio, sentindo-nos tristes e com frio, agarrados um ao outro.

Eu olho pela janela e ele olha em frente, e nenhum de nós diz uma palavra na viagem de volta para o centro da cidade.

* * *

Paramos para comprar hambúrgueres para levar a apenas três quilómetros da minha loja. O Atlas sabe que não quero que a Emerson fique a pé até muito depois da sua hora de deitar, por isso comemos no parque de estacionamento da Lily Bloom’s. Desde que voltámos ao centro da cidade e fomos buscar hambúrgueres, a nossa conversa tornou-se muito mais ligeira. Não deixo de notar que já não me sinto mortificada. O facto de ele ser vulnerável comigo foi

como o botão de *reset* de que eu precisava para o nosso encontro voltar aos eixos.

Temos estado a falar de todos os lugares para onde viajámos. Ele bate-me aos pontos, tendo em conta o tempo que passou nos Marines. Ele já foi a cinco países diferentes, enquanto eu só estive fora do país quando fui ao Canadá.

— Nunca foste sequer ao México? — pergunta o Atlas.

Limpo a boca com um guardanapo.

— Nunca.

— Tu e o Ryle não tiveram uma lua de mel?

Bah. Odeio ouvir o nome dele no meio deste encontro.

— Não. Fomos casar a Las Vegas. Não tínhamos tempo para uma lua de mel.

O Atlas dá um gole na sua bebida. Quando me olha, o seu olhar é penetrante, como se tivesse esperança de que isso lhe revelasse os pensamentos que não estou a dizer.

— Tu querias um casamento?

Encolho os ombros.

— Não sei. Eu sabia que o Ryle nunca tinha querido casar, por isso, quando ele disse que devíamos ir casar-nos a Las Vegas, vi isso como uma janela de oportunidade que podia fechar-se. Acho que pensei que fugir para casar era melhor do que nada.

— E se casares outra vez? Queres que seja diferente?

Rio-me da pergunta e assinto imediatamente com a cabeça.

— Sem dúvida. Vou querer tudo. Flores e damas de honor e tudo o mais. — Meto uma batata frita na boca. — E votos românticos e uma lua de mel mais romântica ainda.

— Aonde querias ir?

— Paris. Roma. Londres. Não tenho vontade nenhuma de ficar numa praia de águas quentes algures. Quero conhecer todos os lugares românticos da Europa e fazer amor em todas as cidades e tirar fotografias aos beijos diante da Torre

Eiffel. Quero comer croissants e andar de mão dada em comboios. — Deito a caixa de batatas fritas vazia para dentro do saco. — Então e tu?

O Atlas procura a minha mão livre e pega nela. Não me responde. Apenas sorri e aperta-me a mão, como se o que ele quer fosse um segredo que ainda é demasiado cedo para revelar.

Estar de mão dada com ele parece uma coisa tão natural. Talvez por costumarmos fazer isto quando éramos adolescentes, mas estar sentada neste carro com ele *sem* lhe dar a mão parece mais despropositado do que estar de mão dada.

Mesmo com o contratempo que criei no nosso encontro por ter adormecido, toda a noite foi fácil e confortável. Estar perto dele é completamente natural. Percorro-lhe o pulso com o dedo.

— Tenho de ir.

— Eu sei — diz ele, esfregando o polegar no meu. O seu telemóvel apita, ele pega nele com a mão que tem livre e lê a mensagem recebida. Suspira baixinho, e a forma como volta a deixar cair o aparelho no suporte dos copos faz-me pensar que está irritado com quem lhe enviou a mensagem.

— Está tudo bem?

O Atlas força um sorriso, mas é uma tentativa patética. Eu consigo lê-o e ele sabe disso. Interrompe o contacto visual e baixa os olhos para as nossas mãos. Vira a minha para cima e começa a percorrer as linhas. O seu dedo parece um para-raios, transmitindo eletricidade da palma da minha mão para o resto do meu corpo.

— A minha mãe ligou-me na semana passada.

Aquela confissão deixa-me abalada.

— O que é que ela queria?

— Não sei, desliguei a chamada antes de ela dizer, mas é quase certo que precisa de dinheiro.

Volto a entrelaçar as nossas mãos. Não sei o que hei de dizer. Deve ser duro, não saber nada da mãe durante quase 15 anos e ela só entrar em contacto porque

precisa de alguma coisa. Faz-me sentir tão grata por ter a minha mãe como uma parte importante da minha vida.

— Não queria largar esta bomba quando estás com pressa. Temos de guardar alguma conversa para o nosso segundo encontro. — Quando me sorri, isso altera imediatamente a minha disposição. É espantoso como o sorriso dele consegue ditar os sentimentos que ocorrem dentro do meu peito. — Anda lá, eu acompanho-te até ao carro.

Dou uma gargalhada, porque o meu carro está literalmente a meio metro de distância. Mas o Atlas apressa-se a dar a volta ao seu carro para me abrir a porta, ajudando-me a sair. E depois de um passo cada um, chegamos ao meu carro.

— Um passeio divertido — brinco.

Ele abre um sorriso rápido cujo objetivo não sei se será ser sedutor, mas de repente toda eu aqueço, apesar do tempo frio. O Atlas espreita por cima do meu ombro, fazendo sinal com a cabeça para o interior do meu carro.

— Tens aí mais diários?

— Só tinha aquele.

— Que pena — diz ele. Encosta um ombro ao meu carro, e eu faço o mesmo, olhando-o de frente.

Não faço ideia se estamos prestes a beijar-nos. Eu não me recusaria, mas a verdade é que estive a comer cebola depois de ter dormido mais de uma hora, por isso duvido que a minha boca esteja no auge da atração.

— Vai haver repetição? — pergunto.

— Repetição de quê?

— Deste encontro. Gostava de estar acordada no próximo.

O Atlas ri-se, mas depois a gargalhada dissipa-se. Fita-me por um instante.

— Tinha-me esquecido de como é divertido estar contigo.

As palavras dele confundem-me, porque *divertido* não é o modo como eu classificaria o tempo que passámos juntos no passado. Na melhor das hipóteses, foi triste.

— Achas que aqueles tempos foram divertidos?

Ele encolhe um pouco o ombro.

— Quer dizer, foi o ponto mais baixo da minha vida, sem dúvida. Mas as minhas recordações contigo na altura ainda são das minhas favoritas.

O elogio faz-me corar. Ainda bem que está escuro.

Mas ele tem razão. Foi uma época difícil nas nossas vidas, mas, ainda assim, estar com ele foi o ponto alto dos meus anos de adolescência. Parece-me que «divertido» é a descrição perfeita para aquilo em que o tornámos. E se conseguimos divertir-nos juntos numa época tão difícil, pergunto-me o que faríamos se estivéssemos no nosso melhor.

É exatamente o oposto do que senti em relação ao Ryle na semana passada. Com o Atlas, vivi o pior período da minha vida, mas ele foi sempre incrível e respeitador comigo. Já o homem que escolhi para ser meu marido por vezes desrespeitou-me de maneiras que ninguém merece… tudo quando estávamos num ponto tão alto das nossas vidas.

Estou grata pelo Atlas porque sei que ele é o padrão que agora uso para avaliar as pessoas. É o padrão com o qual devia ter comparado o Ryle desde o início.

Sente-se uma conveniente rajada de ar frio a passar entre nós. Seria a desculpa perfeita para o Atlas me puxar para ele, mas não o faz. Ao invés, o silêncio instala-se entre nós até nos restarem apenas duas alternativas: ou nos beijamos ou dizemos boa-noite.

O Atlas afasta-me uma madeixa de cabelo da testa.

— Não vou beijar-te ainda.

Espero que a minha desilusão não seja óbvia, mas sei que é. Praticamente desanimo diante dele.

— É o meu castigo por ter adormecido?

— Claro que não. Apenas me sinto inferior, depois de ter lido sobre o nosso primeiro beijo.

Dou uma gargalhada.

— Inferior a *quem*? A ti próprio?

Ele assente com a cabeça.

— O Atlas adolescente visto pelos teus olhos era encantador.

— O Atlas adulto também é.

Ele lamuria-se um pouco, como se já quisesse mudar de ideias em relação ao beijo. A lamúria faz as coisas parecerem um pouco mais sérias. Desencosta-se do carro e põe-se de frente para mim. Encosto-me à porta do carro e ergo o olhar para ele, na esperança de que esteja prestes a beijar-me loucamente.

— Além disso, pediste-me para levar as coisas devagar, por isso…

Pois foi, caramba. Eu disse *muito* devagar, se bem me lembro. *Odeio-me.*

O Atlas inclina-se para a frente e eu fecho os olhos. Sinto a respiração dele na minha face antes de ele me dar um beijo rápido de um lado da cabeça.

— Boa noite, Lily.

— Está bem.

Está bem? Porque é que eu disse está bem? Estou tão enervada.

O Atlas ri-se baixinho. Quando abro os olhos, está a recuar, dirigindo-se ao lado do condutor do seu carro. Antes de partir, apoia o braço no tejadilho e diz:

— Espero que consigas dormir um pouco esta noite.

Assinto com a cabeça, mas não sei se isso será possível. Sinto que toda a cafeína que consumi hoje acabou de fazer efeito ao mesmo tempo. Não vou ser capaz de dormir depois deste encontro. Vou ficar a pensar na carta que ele me deixou ler. E quando não estiver a pensar nisso, vou passar a noite inteira a rever mentalmente o nosso primeiro beijo, perguntando-me como irá ser a parte dois.

* * *

Basta continuares a nadar, a nadar, a nadar…

Os sons familiares de *À Procura de Nemo* chegam-me da sala da Allysa e do Marshall ao abrir a porta do seu apartamento.

Quando passo pela cozinha, o Marshall está diante do frigorífico, com as portas completamente abertas. Dirige-me um cumprimento com a cabeça e eu

aceno-lhe, mas não fico a fazer conversa de circunstância, porque estou desejosa de abraçar a Emerson.

Ao entrar na sala, fico chocada por ver o Ryle no sofá. Ele não mencionou que iria estar de folga esta noite. A Emerson está a dormir no seu peito e eu não vejo a Allysa em lado nenhum.

— Olá.

O Ryle não levanta os olhos para me cumprimentar, mas eu percebo logo que algo o incomoda. Vejo o aperto firme no seu maxilar, o que denota que está zangado. Quero pegar na Emerson, mas ela está sossegada, por isso deixo-a no peito do Ryle.

— Há quanto tempo é que ela está a dormir?

O Ryle continua de olhos postos na televisão, com uma das mãos a proteger as costas da Emmy e a outra atrás da cabeça.

— Desde que o filme começou.

Reconheço a cena, o que me permite ficar a saber que foi há cerca de uma hora.

A Allysa entra finalmente na sala, fazendo-a ganhar vida.

— Olá, Lily. Desculpa ela estar a dormir, fizemos um esforço enorme para a manter acordada. — Entreolhamo-nos por dois segundos. Ela desculpa-se em silêncio pela presença do Ryle. Eu respondo-lhe em silêncio que não faz mal. Eles são irmãos, não posso esperar que ele não apareça quando sabe que ela está a tomar conta da nossa filha.

O Ryle vira-se para a Allysa.

— Podes pôr a Emerson no parque? Preciso de falar com a Lily.

A brusquidão na sua voz alarma-me a mim e à Allysa. Entreolhamo-nos mais uma vez, enquanto ela levanta a Emerson do peito do Ryle. A minha ânsia de a abraçar aumenta ainda mais quando a Allysa a deita no parque.

O Ryle levanta-se e, pela primeira vez desde que eu entrei, estabelece contacto visual comigo. Lança-me um olhar de cima a baixo, reparando na minha

indumentária e nos saltos altos. Vejo-o a engolir em seco. Inclina a cabeça para cima, indicando que quer falar comigo no terraço do telhado.

Seja qual for o teor da conversa, quer privacidade total.

Quando ele sai do apartamento em direção ao telhado, eu olho para a Allysa em busca de orientação. Assim que o Ryle deixa de estar ao alcance da nossa voz, ela diz:

— Eu disse-lhe que tinhas um evento esta noite.

— Obrigada. — A Allysa jurou que não falaria ao Ryle do meu encontro, mas, se ele não sabe onde estive, não percebo porque é que está tão zangado. — Porque é que ele está tão chateado?

A Allysa encolhe os ombros.

— Não faço ideia. Parecia bem quando chegou, há cerca de uma hora.

Sei melhor do que ninguém que o Ryle pode parecer bem num instante e exatamente o oposto no instante seguinte. Mas normalmente sei o que desencadeia o seu comportamento.

Terá descoberto que tive um encontro? *Terá descoberto que estive com o Atlas?*

Quando chego ao telhado, avisto o Ryle debruçado sobre o parapeito, a olhar para baixo. Já tenho nós no estômago. Oiço o barulho dos meus saltos ao encaminhar-me para ele.

O Ryle lança-me um breve olhar de relance.

— Estás… *bonita*. — Di-lo de uma forma que parece mais um insulto do que um cumprimento. Ou talvez seja só a minha culpa a falar.

— Obrigada. — Inclino-me sobre o parapeito, esperando que ele fale acerca do que está a incomodá-lo.

— Chegaste agora de um encontro?

— Tive um evento. — Alinho na mentira da Allysa. Não vale a pena ser honesta com ele, porque é demasiado cedo para saber se isto com o Atlas tem algum futuro, e a verdade apenas serviria para transtornar mais o Ryle. Apoio as

costas no parapeito e cruzo os braços diante do peito. — O que é que se passa, Ryle?

Ele espera um pouco antes de, finalmente, falar.

— Nunca tinha visto aquele filme de animação.

Estará apenas a fazer conversa de circunstância ou está zangado com alguma coisa? Estou confusa.

Até que percebo.

Juro que por vezes consigo ser muito idiota. *Claro que ele está chateado.* Em tempos, ele leu todas as entradas do meu diário. Sabe o quanto aquele filme significa para mim, depois de ter lido tudo o que escrevi acerca dele, mas suponho que agora que finalmente o viu conseguiu estabelecer a ligação. E, ao que parece, terá estabelecido mais algumas ligações da sua lavra.

Vira-se para mim, encarando-me com uma expressão que revela um sentimento de traição.

— Deste o nome *Dory* à nossa filha? — Aproxima-se um passo. — Escolheste o segundo nome da minha filha por causa da tua ligação *àquele homem?*

Sinto imediatamente as minhas têmporas a latejar. *Aquele homem.* Quebro o contacto visual com ele enquanto penso como explicar-lhe isto adequadamente. Quando escolhi Dory para segundo nome da Emerson, não o fiz pelo Atlas. Aquele filme já significava algo para mim muito antes de o Atlas entrar na minha vida, mas provavelmente devia ter pensado duas vezes antes de lhe dar aquele nome.

Aclaro a garganta, tentando arranjar espaço para a verdade.

— Escolhi esse nome porque a personagem me inspirou quando era mais nova. Não teve nada que ver com mais ninguém.

O Ryle solta uma gargalhada de exasperação e desapontamento.

— Saíste-me uma bela encomenda, Lily.

Quero argumentar com ele, explicar-me melhor, mas começo a ficar nervosa. O seu comportamento está a reacender todos os medos que já tive dele. Tento acalmar a situação fugindo dela.

— Vou para casa. — Começo a dirigir-me para as escadas, mas ele é mais rápido do que eu. Passa-me à frente e põe-se entre mim e a porta para a escadaria. Dou um passo nervoso atrás. Meto a mão no bolso à procura do telemóvel, para o caso de precisar dele.

— Vamos mudar o segundo nome dela.

Mantenho a voz firme e estabilizada quando respondo:

— Chamámos-lhe Emerson por causa do teu irmão. É essa a tua ligação ao nome dela. O seu segundo nome é a *minha* ligação. É mais do que justo. Estás a ser exagerado.

Tento passar por ele, mas ele acompanha o meu movimento.

Olho de relance por cima do ombro, para avaliar a distância entre mim e o parapeito. Não que pense que ele vá atirar-me lá para baixo, mas também não o julgava capaz de me atirar pelas escadas abaixo.

— Ele sabe? — pergunta o Ryle.

Não precisa de dizer o nome do Atlas para eu saber exatamente de quem fala. Sinto a culpa a engolir-me e temo que o Ryle a pressinta.

O Atlas sabe que o segundo nome da Emerson é Dory, porque fiz questão de lhe dizer. Mas, francamente, não pus o nome à minha filha pelo Atlas. Fi-lo por *mim*. A Dory já era a minha personagem favorita antes de eu saber que o Atlas Corrigan existia. Admirava a sua força, e só pus esse nome à minha filha porque a força é uma caraterística que espero que ela venha a ter acima de tudo.

Mas a reação do Ryle está a fazer-me querer pedir desculpa, porque *À Procura de Nemo* significa mesmo algo para mim e para o Atlas, e eu sabia disso quando fui a correr pela rua atrás dele para lhe dizer qual era o segundo nome dela.

Talvez o Ryle tenha razões para estar zangado.

Mas é aí que está o nosso problema. O Ryle pode estar zangado, mas isso não significa que eu mereça tudo o que acompanha a sua zanga. Estou a cair na mesma armadilha de esquecer que nada que eu fizesse poderia justificar as suas reações extremas do passado.

Posso não ser perfeita, mas não mereço temer pela minha vida de cada vez

que cometo um erro. E este até pode ter sido um erro que mereça mais debate, mas não me sinto confortável a ter uma conversa acerca disso num telhado com o Ryle e sem testemunhas.

— Estás a deixar-me nervosa. Podemos voltar lá para baixo, por favor?

Toda a postura do Ryle se altera quando digo isto. É como se tivesse sofrido um insulto penetrante.

— Lily, *vá lá*. — Afasta-se da porta e vai até ao outro lado do terraço. — Estamos a ter uma discussão. As pessoas discutem. *Caramba.* — Vira-se de costas para mim.

Aí vem a manipulação psicológica. Está a tentar que eu me sinta louca por ter medo, embora o meu medo seja mais do que justificado. Fito-o por um momento, perguntando-me se a discussão terá terminado ou se ele tem mais alguma coisa a dizer. Por mim, já terminou, por isso abro a porta que dá para as escadas.

— Lily, espera.

Detenho-me porque a sua voz está muito mais calma, o que me leva a crer que esta noite ele poderá ser capaz de um diferendo verbal em vez de uma briga explosiva. Ele volta para junto de mim com uma expressão magoada.

— Desculpa. Sabes como me sinto com tudo o que tenha que ver com ele.

Sei mesmo, e é precisamente por isso que tenho sentimentos tão contraditórios acerca de o Atlas poder voltar a fazer parte da minha vida. A simples ideia de ter de confrontar o Ryle com essa informação dá-me vontade de vomitar. Sobretudo agora.

— Incomodou-me saber que o segundo nome da nossa filha pode ter sido escolhido deliberadamente para me magoares. Não podes esperar que uma coisa dessas não me afete.

Encosto-me à parede e cruzo os braços diante do peito.

— Não teve nada que ver contigo nem com o Atlas, teve apenas que ver comigo. Juro. — A simples enunciação do nome do Atlas em voz alta parece

ficar presa no ar entre nós, como se fosse uma coisa tangível que o Ryle pode agarrar e esmurrar.

O Ryle assente uma vez com a cabeça com uma expressão tensa, mas parece aceitar a resposta. Francamente, não sei se o deveria fazer. Talvez eu o tenha mesmo feito para o magoar, de uma forma inconsciente. Neste momento, já nem sei. A raiva dele está a fazer-me pôr em causa as minhas intenções.

Tudo isto parece tão brutalmente familiar.

Ficamos os dois calados por um momento. Eu só quero ir ter com a Emerson, mas o Ryle parece ter mais para dizer, porque se aproxima, colocando uma mão na parede ao lado da minha cabeça. Sinto-me aliviada por ele já não parecer zangado, mas não sei bem se me agrada a expressão que substituiu a raiva no seu olhar. Não é a primeira vez que ele me olha assim desde a nossa separação.

Sinto todo o meu corpo a ficar tenso devido à sua gradual mudança de atitude. Ele chega-se para mais perto, *demasiado* perto, e inclina a cabeça.

— Lily — diz, num sussurro áspero. — O que é que estamos *a fazer*?

Não lhe respondo porque não tenho a certeza do motivo da pergunta. Estamos a ter uma conversa. Que ele iniciou.

Ele levanta a mão e passa um dedo pelo decote do meu macacão que espreita por debaixo do casaco. Quando suspira, a sua respiração atravessa-me o cabelo.

— Seria tudo muito mais fácil se simplesmente pudéssemos… — O Ryle detém-se, talvez para pensar nas palavras que está prestes a dizer. As palavras que eu não quero ouvir.

— Para — sussurro, impedindo-o de concluir.

Ele não completa o pensamento, mas também não recua. Até parece que se aproxima mais. Não fiz nada no passado que possa ter-lhe dado a entender que está certo ele fazer estes avanços sobre mim. Não faço nada que lhe dê esperança em relação a nós, tirando manter uma relação civilizada de coparentalidade. É sempre ele que tenta forçar os meus limites e atravessar a linha daquilo que eu permito, e, francamente, estou farta disso.

— E se eu tiver mudado? — pergunta ele. — Mudado *mesmo*? — Os seus

olhos estão cheios de uma mistura de sinceridade e mágoa.

Não me interessa nada. *Absolutamente nada.*

— Não me interessa se mudaste, Ryle. Espero que *tenhas* mudado. Mas não é responsabilidade minha testar essa teoria.

Estas palavras atingem-no com força. Percebo-o quando ele tem de se deter um momento para engolir a resposta desagradável que sabe que não deve dar-me neste momento. Ele para de falar, para de me olhar, para de pairar à minha volta.

Bufa, frustrado, e depois recua e dirige-se para as escadas, espero que para o seu apartamento. Fecha a porta com força atrás de si.

Não vou logo atrás, por razões óbvias. Preciso de espaço. Preciso de processar.

Não é a primeira vez que ele me pergunta o que estamos a fazer — como se o nosso divórcio fosse um jogo qualquer que eu estou a prolongar. Por vezes, di-lo de fugida, outras vezes numa mensagem. Há alturas em que faz disso uma brincadeira. Mas de cada vez que ele sugere que o nosso divórcio não faz sentido, percebo o que está a fazer. É uma tática de manipulação. Ele acha que, se tratar o nosso divórcio como uma tolice da nossa parte, eu acabarei por concordar com ele e aceitá-lo de volta.

A vida dele seria mais fácil se eu o aceitasse de volta. A vida da Allysa e do Marshall podia ficar ainda mais facilitada, porque eles não teriam de andar a contornar o nosso divórcio e a sua relação deles com o Ryle.

Mas a *minha* vida não seria mais fácil. Nada é fácil quando tememos pela nossa segurança sempre que damos um passo em falso.

A vida *da Emerson* não seria mais fácil. Eu vivi a vida dela. Nada é fácil quando se vive nesse tipo de ambiente familiar.

Espero que a minha raiva se dissipe antes de voltar para baixo, mas isso não acontece. Apenas cresce mais a cada degrau que desço. Sinto que a reação que estou a ter é demasiado intensa para o que aconteceu, ou talvez me tenha condicionado para ser assim quando estou junto do Ryle. Talvez seja uma combinação entre isso e a minha falta de sono. Talvez seja por causa da saída

com o Atlas que eu quase arruinei. Seja o que for que está a fazer-me reagir tão intensamente, apanha-me mesmo à porta do apartamento da Allysa.

Preciso de um momento para controlar as minhas emoções antes de me aproximar da minha filha, por isso sento-me no chão do corredor para poder chorar. Gosto de derramar lágrimas em privado. Acontece com bastante regularidade, infelizmente, mas tenho-me sentido muitas vezes assoberbada. O divórcio é assoberbante; ser mãe solteira é assoberbante; gerir um negócio é assoberbante; lidar com um ex-marido que ainda me assusta é assoberbante.

E depois há aquela réstia de medo que se me infiltra na consciência quando o Ryle diz algo que sugere que o nosso divórcio foi um erro. Porque há ocasiões em que me pergunto se a minha vida seria menos assoberbante se ainda tivesse um marido com quem partilhar o fardo de criar uma filha. E por vezes pergunto-me se estarei a exagerar por não deixar a minha filha passar a noite com o próprio pai. Infelizmente, os relacionamentos e os acordos de guarda não vêm com manual de instruções.

Não sei se tudo o que faço é correto, mas estou a dar o meu melhor. Não preciso, ainda por cima, da sua manipulação.

Quem me dera estar em casa. Iria direitinha ao meu guarda-joias e pegava na minha lista de lembretes. É melhor tirar-lhe uma fotografia, para a ter sempre no telemóvel, de futuro. Ando mesmo a subestimar o modo como as interações com o Ryle podem ser difíceis e confusas.

Como é que as pessoas abandonam estes ciclos quando não têm os recursos que eu tive ou o apoio dos amigos e da família? Como é que conseguem manter-se fortes o suficiente a cada segundo do dia? Sinto que basta um único momento de insegurança e fraqueza na presença do nosso ex para nos convencermos de que tomámos a decisão errada.

Qualquer pessoa que já tenha deixado um parceiro manipulador e abusivo e que, de alguma maneira, tenha conseguido manter-se no caminho certo merece uma medalha. Uma estátua. Um filme de *super-heróis*, caramba!

É óbvio que a sociedade tem andado a venerar os heróis errados durante todo

este tempo, porque estou convencida de que é preciso menos força para levantar um edifício do que para abandonar de forma permanente uma situação abusiva.

Passados alguns minutos, ainda estou a chorar quando a porta da Allysa se abre. Ergo o olhar e vejo o Marshall a sair do apartamento com dois sacos de lixo. Detém-se quando me vê sentada no chão.

— Oh. — Olha rapidamente em volta, como se esperasse que outra pessoa me ajudasse. Não que eu precise de ajuda. Só precisava de um momento de pausa.

O Marshall pousa os sacos no chão e vem ter comigo. Senta-se à minha frente e estende as pernas. Coça desconfortavelmente um joelho.

— Não sei bem o que dizer. Não tenho jeito para estas coisas.

O seu desconforto faz-me rir pelo meio das lágrimas. Levanto uma mão frustrada.

— Eu estou bem. Mas por vezes preciso de chorar, quando eu e o Ryle discutimos.

O Marshall encolhe uma perna, como se estivesse prestes a levantar-se para ir atrás do Ryle.

— Ele magoou-te?

— Não. Não, estava razoavelmente calmo.

O Marshall torna a relaxar no chão e eu, não sei porquê, talvez por ele ser o azarado diante de mim neste momento, descarrego nele todos os meus pensamentos.

— Acho que o problema é mesmo esse, o facto de desta vez ele ter mesmo o *direito* a estar zangado comigo e estar relativamente calmo acerca disso. Há alturas em que discutimos e isso não leva a mais do que um desentendimento. Quando isso acontece, começo a questionar-me sobre se terei exagerado ao pedir o divórcio. Quer dizer, eu sei que não exagerei. *Sei* que não. Mas ele tem esta maneira de semear a dúvida em mim, como se as coisas pudessem ter melhorado se eu lhe tivesse dado mais tempo para se trabalhar. — Sinto-me mal por estar a atirar isto tudo para cima do Marshall. Não é justo para ele, porque o Ryle é o seu melhor amigo. — Desculpa. Isto não é problema teu.

— A Allysa traiu-me.

As palavras do Marshall deixam-me em silêncio por uns bons cinco segundos.

— O q… quê?

— Foi há muito tempo. Resolvemos isso, mas, caramba, doeu à brava. Ela partiu-me o coração.

Abano a cabeça numa tentativa de processar esta informação. Mas ele continua a falar, por isso tento acompanhar.

— Nós não estávamos bem. Íamos para universidades diferentes, tentando fazer funcionar uma relação à distância, e éramos jovens. E nem sequer foi nada de especial. Ela apanhou uma bebedeira e pôs-se aos beijos com um tipo numa festa, até se lembrar de que eu era fantástico. Mas quando ela me contou… Nunca fiquei tão zangado na minha vida. Nunca nada me tinha magoado tanto. Apetecia-me retaliar, apetecia-me traí-la, para ela ver como era, apetecia-me cortar-lhe os pneus, estoirar-lhe os cartões de crédito e queimar-lhe a roupa toda. Mas, por mais zangado que estivesse com ela, nunca, nem por um segundo, me ocorreu magoá-la fisicamente. Só queria abraçá-la e chorar no seu ombro.

O Marshall lança-me um olhar sincero.

— Quando penso no Ryle a bater-te… sinto uma fúria absurda. Porque o adoro. A sério. É o meu melhor amigo desde que éramos miúdos. Mas também o odeio por não ser melhor. Nada do que tenhas feito e nada que pudesses fazer desculparia a mão de um homem em cima de ti por raiva. Lembra-te disso, Lily. Fizeste a escolha certa ao sair dessa situação. Nunca deves sentir-te culpada por isso. Apenas deves sentir orgulho.

Eu não fazia ideia do peso que tudo isto estava a ser para mim, mas as palavras do Marshall aliviaram-me tanto que me senti capaz de flutuar.

Não sei bem se estas palavras poderiam ter mais significado se viessem de outra pessoa. Há algo de reconfortante em obter validação de alguém que ama o Ryle como um irmão. Algo de empoderador.

— Estás enganado, Marshall. Tens muito jeito para isto.

O Marshall sorri e ajuda-me a levantar. Ele pega nos sacos de lixo e eu entro

no apartamento deles para ir ter com a minha filha e abraçá-la com muita força.

CAPÍTULO TREZE

ATLAS

É espantoso como uma noite pode mudar de algo que eu passei anos a desejar que acontecesse para algo que eu temia que acontecesse há anos.

Se eu não tivesse recebido aquela mensagem no momento em que me despedia da Lily, de certeza que a teria beijado. Mas quero que o nosso primeiro beijo de adultos seja livre de distrações.

A mensagem era do Darin, a comunicar-me que a minha mãe se encontrava no Bib's. Não disse à Lily do que se tratava porque ainda não lhe contei que a minha mãe está a tentar voltar à minha vida. E assim que lhe contei que a minha mãe me telefonou, arrependi-me. O encontro estava a correr tão bem, e eu pu-lo em risco ao terminar com uma nota tão sombria.

Não respondi à mensagem do Darin porque não quis interromper o meu tempo com a Lily. Mas mesmo depois do fim do encontro e de nós termos seguido em carros separados, continuo a não ter respondido ao Darin. Ando às voltas com o carro durante meia hora, tentando perceber o que hei de fazer.

Tenho esperança de que a minha mãe se canse de esperar por mim. Demorei algum tempo a voltar ao restaurante, mas agora estou aqui e acho que preciso de enfrentar isto. Ela parece determinada a falar comigo.

Estaciono no beco atrás do Bib's para poder entrar pela porta das traseiras, caso ela esteja à espera no átrio ou numa mesa. Não tenho a certeza de que me reconheceria se me visse, mas prefiro ter a vantagem de a abordar nos meus próprios termos.

O Darin vê-me a entrar pela porta das traseiras e vem logo ter comigo.

— Recebeste a minha mensagem?

Confirmo com um aceno de cabeça e dispo o casaco.

— Recebi. Ela ainda cá está?

— Sim, fez questão de esperar. Sentei-a na mesa oito.

— Obrigado.

O Darin olha para mim com cautela.

— Se calhar estou a ir longe demais, mas… ia jurar que disseste que a tua mãe tinha morrido.

Isto quase me faz rir.

— Nunca disse que tinha *morrido*. Disse que tinha partido. Há uma diferença.

— Posso dizer-lhe que não vens cá hoje. — Ele deve estar a pressentir a tempestade a formar-se.

— Está tudo bem. Tenho a sensação de que ela não se vai embora enquanto eu não falar com ela.

O Darin acena com a cabeça e vira-se para voltar à sua bancada na cozinha.

Ainda bem que ele não faz demasiadas perguntas, uma vez que eu não faço ideia de porque é que ela aqui está, nem sequer de quem ela é agora. O mais provável é que queira dinheiro. Se isso significar que não me telefona nem aparece mais, eu dou-lho, caramba!

Tenho de me preparar para esse desenlace. Vou ao meu gabinete e tiro um punhado de notas do cofre, depois transponho as portas da cozinha para entrar no restaurante. Hesito antes de olhar de relance para a mesa oito.

Quando o faço, fico aliviado ao ver que ela está de costas para mim.

Acalmo-me com uma respiração profunda e vou ter com ela. Não quero ter de a abraçar ou simular gentilezas, por isso não permito qualquer intervalo de tempo entre estabelecer contacto visual com ela e sentar-me à sua frente.

Quando olha para mim, tem a mesma expressão impávida de sempre. Uma pequena ruga brinca-lhe no canto da boca, mas sempre ali esteve. Embora inadvertidamente, ela está sempre a franzir a boca.

Parece gasta. Passaram apenas cerca de 13 anos desde a última vez que a vi, mas as novas rugas que se formaram em torno da boca e dos olhos parecem ter décadas.

Ela observa-me por um momento. Sei que pareço muitíssimo diferente da última vez que me viu, mas ela não mostra qualquer sinal de surpresa em relação a isso. Está completamente estoica, como se fosse eu que devesse falar primeiro. Não falo.

— Isto é tudo teu? — pergunta ela, por fim, abarcando o restaurante com um gesto.

Assinto com a cabeça.

— Ena!

Qualquer pessoa que esteja a observar-nos haverá de pensar que ela está impressionada. Mas não a conhecem como eu. Aquela palavra foi proferida com desdém, como se estivesse a dizer: «*Ena, Atlas. Não tens inteligência suficiente para isto tudo.*»

— De quanto é que precisas?

Ela revira os olhos.

— Não vim cá por causa de dinheiro.

— Então o que é? Precisas de um rim? De um *coração*?

Ela recosta-se na cadeira, pousando as mãos no colo.

— Tinha-me esquecido de como é difícil ter uma conversa contigo.

— Então porque é que insistes?

A minha mãe semicerra os olhos. Ela só conhecia a versão de mim que se sentia intimidado por ela. Já não me sinto intimidado. Só zangado e desiludido.

Ela bufa, depois põe os braços em cima da mesa, cruzando-os.

— Não consigo encontrar o Josh. Tinha esperança de que tivesses falado com ele.

Sei que não vejo a minha mãe há muito tempo, mas, por mais que me esforce, juro que não consigo lembrar-me de ninguém chamado Josh. *Quem é o Josh, que*

diabo? Um namorado novo que ela acha que eu devia conhecer? *Será que ela ainda se mete nas drogas*?

— Ele está sempre a fazer isto, mas nunca durante tanto tempo. Estão a ameaçar-me com acusações por abandono escolar, se ele não voltar.

Estou completamente perdido.

— Quem é o Josh?

Ela atira a cabeça para trás, como se estivesse irritada por eu não estar a acompanhar.

— O *Josh*. O teu irmão mais novo. Fugiu outra vez.

O meu… *irmão*?

Irmão.

— Sabias que os pais podem ir para a cadeia por abandono escolar? Arrisco-me a uma *pena de prisão*, Atlas.

— Eu tenho *um irmão*?

— Sabias que eu estava grávida quando fugiste.

Não sabia, de maneira nenhuma…

— Eu não fugi, tu puseste-me fora de casa. — Não sei porque é que clarifico esse facto, ela sabe-o perfeitamente. Está só a tentar esquivar-se à culpa. Mas o facto de ela me ter expulsado naquela altura faz agora muito mais sentido. Eles tinham um bebé a caminho e eu já não encaixava naquela vida.

Levanto os braços e entrelaço as mãos atrás da cabeça, frustrado. Chocado. Depois deixo-os cair de novo em cima da mesa e inclino-me para a frente, para tentar perceber.

— Eu tenho um *irmão*? Que idade tem? Quem é o… é filho do Tim?

— Tem 11 anos. E, sim, o Tim é o pai dele, mas ele foi-se embora há anos. Nem sequer sei onde vive agora.

Espero que a ficha caia. Esperava tudo *menos* isto. Tenho tantas perguntas, mas o mais importante neste momento é perceber onde está o miúdo.

— Quando é que o viste pela última vez?

— Há umas duas semanas.

— E apresentaste queixa na polícia?

Ela faz uma careta.

— Não. Claro que não. Ele não está desaparecido, está só a tentar irritar-me.

Tenho de comprimir as têmporas para me impedir de levantar a voz. Ainda não percebi como é que ela me encontrou nem porque é que acha que um miúdo de 11 anos está a tentar dar-lhe uma lição, mas agora estou totalmente focado em encontrá-lo.

— Voltaste para Boston? Foi aqui que ele desapareceu?

A minha mãe faz uma expressão confusa.

— Voltei?

Parece que estamos a falar duas línguas diferentes.

— Voltaste para cá ou ainda vives no Maine?

— Oh, céus — murmura ela, tentando lembrar-se. — Voltei para cá há uns dez anos. O Josh ainda era bebé.

Ela vive aqui há dez anos?

— Vão levar-me presa, Atlas.

O filho dela desapareceu há duas semanas e ela está mais preocupada com a possibilidade de ser presa do que com ele. *Há pessoas que nunca mudam.*

— O que é que precisas que eu faça?

— Não sei. Estava com esperança de que ele tivesse entrado em contacto contigo e tu soubesses onde ele está. Mas se nem sequer sabias que ele existia…

— Porque é que ele havia de entrar em contacto comigo? Ele sabe que eu existo? O que é que ele sabe?

— Tirando o teu nome? Nada, nunca estiveste presente.

A adrenalina percorre-me a grande velocidade; até me admira que ainda esteja sentado diante dela. Todo o meu corpo está tenso quando me inclino para a frente.

— Deixa lá ver se nos entendemos. Eu tenho um irmão mais novo de cuja existência nunca soube, e ele pensa que eu não quis saber se ele *existia*?

— Não me parece que ele pense ativamente em ti, Atlas. Estiveste ausente

toda a sua vida.

Ignoro o comentário porque ela está errada. Qualquer miúdo daquela idade pensaria no irmão que acha que o abandonou. Tenho a certeza de que ele odeia a ideia de mim. Caramba, provavelmente é ele que tem andado… *Merda. É óbvio*.

Isto explica muita coisa. Seria capaz de apostar os meus dois restaurantes em como é ele que os tem andado a vandalizar. E a razão pela qual o palavrão errado me fez lembrar a minha mãe. O miúdo tem 11 anos, de certeza que é capaz de procurar informações sobre mim no *Google*.

— Onde é que vives? — pergunto-lhe.

Ela praticamente retorce-se no seu assento.

— Estamos a mudar de casa, por isso nos últimos dois meses temos ficado no Risemore Inn.

— Volta para lá, não vá ele aparecer — sugiro.

— Não tenho dinheiro para ficar lá mais tempo. Estou entre empregos, por isso vou ficar com uma amiga alguns dias.

Levanto-me e tiro o dinheiro do bolso. Atiro-o para cima da mesa diante dela.

— O número de onde me ligaste no outro dia é o do teu telemóvel?

Ela assente com a cabeça, fazendo deslizar o dinheiro da mesa para a sua mão.

— Eu ligo-te se descobrir alguma coisa. Volta para o hotel e tenta reservar o mesmo quarto. Ele precisa que estejas lá, se voltar.

A minha mãe assente com a cabeça e, pela primeira vez, parece um pouco envergonhada. Deixo-a com esse sentimento sem me despedir dela. Espero que ela sinta pelo menos uma fração do que me fez sentir durante anos. Do que provavelmente está a fazer o meu irmão sentir agora.

Não consigo acreditar nisto. Ela criou um ser humano e não se lembrou de me dizer?

Atravesso a cozinha e saio pela porta das traseiras. Não está ninguém no beco, por isso tiro um momento para me recompor. Não sei se alguma vez me senti tão aturdido.

O filho dela anda por aí a percorrer as ruas de Boston sozinho e ela espera

duas malditas semanas antes de fazer alguma coisa? Não sei porque é que isso me surpreende. Ela é assim. Foi sempre assim.

O meu telemóvel começa a tocar. Estou tão irritado que só me apetece atirá-lo para o contentor do lixo, mas quando vejo que é a Lily a tentar fazer uma videochamada, controlo-me.

Faço deslizar o dedo pelo ecrã, preparado para lhe dizer que não é boa altura, mas, quando surge o rosto dela, a altura parece perfeita. Sinto-me aliviado por saber dela, apesar de só não a ver há uma hora. Daria tudo para entrar pelo telemóvel adentro e abraçá-la.

— Olá. — Tento manter a voz estável, mas nota-se a acutilância. Ela percebe, porque faz uma expressão preocupada.

— Estás bem?

Assinto com a cabeça.

— As coisas descarrilaram um pouco quando voltei para o trabalho. Mas estou bem.

Ela sorri, mas é um sorriso triste.

— Pois, a minha noite também descarrilou.

Ao princípio, não reparei, mas parece que ela esteve a chorar. Tem os olhos vidrados e um pouco inchados.

— E *tu*, estás bem?

Ela força outro sorriso.

— Vou ficar. Só queria agradecer-te por esta noite antes de ir dormir.

Detesto que ela não esteja à minha frente neste momento. Não gosto de a ver triste, faz-me lembrar demasiado de todas as vezes que a vi triste quando éramos mais novos. Pelo menos nessa altura eu estava próximo o suficiente para a abraçar. *Talvez ainda possa fazê-lo.*

— Um abraço fazia-te sentir melhor?

— Obviamente. Mas vou ficar bem depois de dormir um pouco. Falamos amanhã?

Não faço ideia do que aconteceu entre o nosso encontro e esta chamada, mas

ela parece completamente derrotada. Está muito parecida com o que eu sinto.

— Os abraços demoram dois segundos, e tu vais dormir muito melhor. Estarei de volta aqui antes de eles se aperceberem que saí. Qual é a tua morada?

Um pequeno sorriso espreita através da sua expressão sombria.

— Vais conduzir oito quilómetros só para me dar um abraço?

— Eu *correria* oito quilómetros só para te dar um abraço.

O sorriso dela fica ainda maior.

— Eu envio-te a morada por mensagem. Mas não faças muito barulho a bater à porta, acabei de deitar a Emmy.

— Até já.

CAPÍTULO CATORZE

LILY

Há muito tempo que estou fora do circuito dos namoros, por isso não faço ideia se abraço é código para outra coisa.

De certeza que um abraço ainda significa apenas um abraço.

Mal me entendo com as redes sociais, quanto mais manter-me a par do calão. Juro que sou a *millennial* mais desatualizada que conheço. É como se tivesse saltado a Geração X e começado nos *baby boomers*. Sou uma *boomer millennial*. Uma *boollennial*. Que diabo, a minha mãe é uma *boomer* e provavelmente sabe mais acerca destas coisas do que eu. Ela é que tem um namorado novo. Devia telefonar-lhe a pedir-lhe indicações.

Lavo os dentes, só para o caso de um abraço afinal ser *um beijo*. E depois mudo de roupa duas vezes, até que acabo novamente com o pijama que tinha quando fiz a videochamada. Estou a esforçar-me em demasia para parecer que não estou a esforçar-me nada. Há alturas em que ser mulher é uma parvoíce pegada.

Ando de um lado para o outro, ansiosa por que ele bata à porta. Não sei porque é que estou tão nervosa, se acabei de passar três horas com ele.

Bem, uma hora e meia, se não contar com a soneca que fiz a meio do nosso encontro.

Várias dezenas de passos depois, oiço uma leve batida na porta do meu apartamento. Sei que é o Atlas, mas mesmo assim espreito pelo óculo.

Até visto por um óculo, todo distorcido, ele tem bom aspeto. Sorrio quando

reparo que também mudou de roupa. Só o agasalho, mas mesmo assim. Ele tinha vestido um casaco preto, grosso, quando saímos, mas agora está só com uma camisola de capuz cinzenta.

Gosto tanto, valha-me Deus.

Quando abro a porta, o Atlas deixa zero segundos entre o nosso contacto visual e o momento em que os seus braços me envolvem para um abraço.

Abraça-me com tanta força que me dá vontade de lhe perguntar o que é que se passou de tão mau na última hora, mas não pergunto. Abraço-o simplesmente em silêncio. Encosto a face ao ombro dele e desfruto do seu conforto.

O Atlas nem sequer entrou no meu apartamento. Estamos apenas à porta, como se um abraço não fosse mais do que um abraço. A água-de-colónia dele é agradável. Faz-me lembrar o verão, como se ele estivesse a desafiar o frio. Há umas horas, ele parecia tão preocupado por cheirar a alho, mas o único aroma que eu sentia era o deste perfume.

Ele leva uma mão à minha nuca e repousa-a aí com ternura.

— Estás bem?

— Agora estou. — A minha resposta fica abafada junto ao corpo dele. — E tu?

Ele suspira, mas não diz que está bem. Deixa a resposta suspensa no ar que exalou, até me soltar lentamente. Levanta uma mão e desce os dedos por uma madeixa do meu cabelo.

— Espero que hoje consigas dormir bem.

— Tu também — digo.

— Não vou para casa, vou ficar no restaurante esta noite. — Tenta descartar a resposta com um gesto, como se não devesse ter dito nada. — É uma longa história e eu preciso de voltar. Amanhã conto-te tudo.

Quero convidá-lo para entrar e obrigá-lo a contar-me todos os pormenores, mas sinto que ele o faria se tivesse vontade. Eu certamente não estou com disposição para falar sobre o que aconteceu com o Ryle, por isso não vou forçá-

lo a falar do que quer que seja que tenha estragado a *sua* noite. Só queria que houvesse uma forma de eu poder torná-la melhor.

Empertigo-me quando me lembro de algo que pode resultar.

— Precisas de mais material de leitura?

Os olhos dele reluzem com uma centelha de entusiasmo.

— Por acaso até preciso.

— Espera aqui. — Dirijo-me ao meu quarto e procuro na caixa das minhas coisas o diário seguinte. Quando o encontro, levo-lho. — Este é um bocadinho mais gráfico — provoco.

O Atlas pega no diário com uma mão e envolve-me o fundo das costas com o outro braço, puxando-me para ele. Depois, num ápice, rouba-me um beijo. É tão terno e rápido que nem dou conta de que me beijou até terminar.

— Boa noite, Lily.

— Boa noite, Atlas.

Nenhum de nós se mexe. Parece que vai doer se nos separarmos. O Atlas puxa-me ainda mais para junto dele e depois baixa os lábios para o ponto da minha clavícula onde a tatuagem se esconde sob a camisola. A tatuagem que ele nem sabe que ali está. Beija-a sem saber e depois parte, com tristeza.

Fecho a porta e encosto lá a testa. Tenho todos os sentimentos de uma paixoneta que me são familiares, mas desta vez acompanhados por preocupação e hesitação, apesar de se tratar do Atlas e de o Atlas ser um dos bons.

Culpo o Ryle por isso. Foi ele que acabou com a já pouca confiança que eu tinha nos homens por causa do meu pai.

Mas acho que esta paixoneta é um sinal de que o Atlas poderá ser capaz de me devolver o que o meu pai e o Ryle me roubaram. O meu estômago passa da sensação de borboletas com que o Atlas o deixou para o que parece uma queda de dois metros, porque sei como o Ryle se vai sentir em relação a isto.

Quanto mais alegre me sinto com as minhas interações com o Atlas, mais apavorada fico ao pensar que tenho de dar a notícia ao Ryle.

CAPÍTULO QUINZE

ATLAS

Quando eu estava na tropa, estive destacado com um amigo que tinha família em Boston. Os tios preparavam-se para se reformar e queriam vender o seu restaurante. Chamava-se Milla's. Quando o visitei durante um período de licença, apaixonei-me completamente pelo sítio. Podia dizer que foi a comida, ou o facto de se localizar em Boston, mas a verdade é que me apaixonei por ele por causa da árvore que crescia no centro da sala de jantar principal.

A árvore fazia-me lembrar a Lily.

Se há algo que faça alguém lembrar-se do seu primeiro amor, as árvores serão provavelmente a última coisa que se quer como lembrança. Estão por todo o lado. O que é capaz de explicar o facto de eu ter pensado na Lily diariamente desde os meus 18 anos, ou talvez seja porque ainda hoje sinto que lhe devo a minha vida.

Não tenho a certeza se terá sido a árvore ou o facto de o restaurante já vir completamente equipado e com pessoal, mas senti um impulso de o comprar quando ficou à venda. Não era meu objetivo ser proprietário de um restaurante assim que saísse da tropa. Tinha planeado trabalhar como *chef* para ganhar experiência, mas quando a oportunidade se apresentou, não consegui virar-lhe as costas. Usei o dinheiro que tinha poupado nos meus tempos de *marine* e consegui um empréstimo comercial, depois comprei o restaurante, mudei-lhe o nome e criei uma ementa completamente nova.

Por vezes, sinto-me culpado pelo sucesso que o Bib's teve — como se eu não

o tivesse merecido. Não só herdei o pessoal, que já conhecia as suas funções, como também herdei clientes. Não o criei de raiz, e é por isso que sinto uma intensa síndrome de impostor quando as pessoas me felicitam pelo sucesso do Bib's.

Foi por isso que abri o Corrigan's. Não sei se estava a tentar provar alguma coisa a alguém além de mim próprio, mas queria saber que podia fazê-lo. Queria o desafio de criar algo a partir do nada e vê-lo florescer e crescer. Tal como o que a Lily escreveu no seu diário acerca de gostar de cultivar coisas no seu jardim quando éramos adolescentes.

Talvez seja por isso que me sinto mais protetor em relação ao Corrigan's do que ao Bib's, porque o criei do nada. Talvez seja também por isso que me empenho mais em protegê-lo. O Corrigan's tem um sistema de vigilância a funcionar e é muito mais difícil de assaltar do que o Bib's.

E é por isso que decido passar a noite no Bib's, apesar de ser a vez de o Corrigan's ser atacado, se seguirmos a agenda alternada que este miúdo desenvolveu. Na primeira noite foi o Bib's, na segunda foi o Corrigan's, depois fez alguns dias de pausa, e o terceiro e quarto incidentes foram no Bib's. Posso estar enganado, mas tenho a sensação de que ele vai aparecer aqui outra vez antes de voltar ao Corrigan's, simplesmente porque teve mais sucesso a entrar no menos seguro dos dois. Só espero que esta não seja uma das noites em que ele decide não aparecer.

Se estiver com fome, aparece, de certeza. O Bib's é a sua melhor hipótese em termos de comida, e é por isso que estou à espera, escondido do outro lado do contentor do lixo. Trouxe uma das cadeiras velhas que os fumadores usam quando vêm cá fora, e tenho passado o tempo a ler. As palavras da Lily têm-me feito companhia. Talvez até demais, porque várias vezes me senti tão embrenhado na leitura do diário que até me esqueci de estar alerta.

Não tenho a certeza se o miúdo que anda a vandalizar o meu restaurante é o mesmo que partilha a mãe comigo, mas o *timing* faz sentido. E os insultos pintados a spray e dirigidos a mim também fazem sentido, se vierem de um

miúdo que me despreza. Não me ocorre mais ninguém que tenha uma boa razão para estar mais zangado comigo do que um miúdo que se sente abandonado pelo irmão mais velho.

São quase duas da manhã. Verifico a aplicação de segurança do Corrigan's, mas também aí não acontece nada de novo.

Retomo a leitura do diário, apesar de as últimas entradas terem sido difíceis de ler. Não me tinha apercebido do quanto a minha partida para Boston tinha abalado a vida da Lily quando era mais nova. Naquela idade, na minha cabeça, eu sentia-me uma inconveniência na vida dela. Não fazia ideia do quanto ela achava que eu *trazia* para a sua vida. Ler as cartas que ela escreveu nessa altura tem sido muito mais difícil do que eu estava à espera. Julguei que seria divertido ler os seus pensamentos, mas, quando comecei a lê-los, recordei-me de como as nossas infâncias foram cruéis para ambos. Já não penso muito nisso, porque estou muito longe da vida que levava nessa época, mas parece que esta semana estou a ser obrigado a reviver esses momentos de todos os ângulos. A informação nas entradas do diário, a minha mãe, descobrir que tenho um irmão — tudo me dá a sensação de que aquilo de que tenho tentado fugir formou uma pequena goteira que ameaça afundar-me.

Mas é aí que entra a Lily e o seu *timing* impecável para voltar à minha vida. Ela parece aparecer sempre quando eu preciso de uma boia de salvação.

Folheio o resto do diário e vejo que já vou a meio da última entrada que ela escreveu. Tenho muito poucas memórias daquela noite, por causa da forma horrível como acabou. Parte de mim nem sequer deseja vivenciá-la pelo ponto de vista dela, mas não posso ficar sem saber o que a fiz sentir estes anos todos.

Abro a última entrada e continuo a ler onde parei.

Pegou nas minhas mãos e disse-me que iria partir para o serviço militar mais cedo do que planeara, mas que não poderia ir-se embora sem me dizer obrigado. Disse-me que iria estar fora durante quatro anos, e que a última coisa que queria era que eu fosse uma rapariga de 16 anos que me privasse

de viver a vida por causa de um namorado que nunca via ou do qual nunca ouvia nada.

O que disse a seguir fez os seus olhos azuis encherem-se de lágrimas:

— Lily, a vida é uma coisa curiosa. Apenas temos um número limitado de anos para a viver, por isso há que fazer todos os possíveis para que esses anos sejam recheados de coisas boas. Não devemos desperdiçar tempo com coisas que poderão acontecer um dia, ou que talvez nunca venham a acontecer.

Sei ao que estava a referir-se. Que estava de partida para o serviço militar e que não queria que eu ficasse à sua espera enquanto ele estivesse longe. Na verdade, não estava a romper comigo porque nunca havíamos estado juntos. Fôramos apenas duas pessoas que se tinham ajudado uma à outra numa altura de necessidade e cujos corações se haviam, no decurso desse processo, fundido num só.

Era duro ser deixada por alguém que nunca chegara sequer a ter-me por inteiro. Durante todo o tempo que passámos juntos, creio que de certo modo ambos sabíamos que isto não iria durar para sempre. Não sei bem porquê, pois eu poderia amá-lo assim mesmo sem quaisquer problemas. Julgo que talvez em circunstâncias normais, se estivéssemos juntos como os adolescentes tipicamente estão e se ele tivesse uma vida normal com um lar estável, talvez pudéssemos ter formado esse tipo de casal. O tipo de casal que se junta facilmente e nunca chega a experimentar uma vida por vezes assolada pela crueldade.

Nem sequer tentei fazê-lo mudar de ideias naquela noite. Sinto que temos o tipo de ligação que nem sequer o fogo dos infernos seria capaz de quebrar. Sinto que ele poderá ir passar o tempo que tem a passar no serviço militar e que eu passarei os próximos anos a ser adolescente e que, depois disso, na altura certa, de alguma maneira, tudo se irá compor.

— Vou prometer-te uma coisa — disse ele. — Quando a minha vida for suficientemente boa para poderes fazer parte dela, virei ver-te. Mas não quero que fiques à minha espera, visto que isso poderá nunca acontecer.

Não gostei daquela promessa, pois queria dizer uma de duas coisas. Ou ele pensava que talvez nunca sobrevivesse ao serviço militar, ou então achava que a sua vida nunca seria boa o suficiente para mim. A sua vida já era suficientemente boa para mim, mas acenei com a cabeça e forcei-me a sorrir.

— Se não voltares para me encontrar, vou eu à tua procura. E não vai ser bonito, Atlas Corrigan.

Riu-se da minha ameaça.

— Bem, não vai ser muito difícil encontrar-me. Sabes exatamente onde estarei.

Sorri.

— Onde tudo é melhor.

Ele sorriu de volta.

— Em Boston.

E depois beijou-me. Ellen, sei que és adulta e que sabes bem o que veio a seguir, mas ainda assim não me sinto confortável a contar-te o que aconteceu durante o par de horas que se seguiu. Direi apenas que nos beijámos imenso. Que nos rimos imenso. Que nos amámos imenso. Que respirámos imenso. Imenso mesmo. E que tivemos de tapar as bocas e manter-nos em silêncio o mais possível, para não sermos apanhados.

Quando terminámos, abraçou-me e apertou-me contra si, pele com pele, com a mão junto ao coração. Beijou-me e olhou- -me diretamente nos olhos.

— Amo-te, Lily. Tudo aquilo que és. Amo-te.

Sei que essas palavras são usadas e abusadas, sobretudo por adolescentes. Muitas vezes de modo prematuro e sem grande mérito. Porém, quando ele me disse aquilo, soube que não estava a dizê-lo como se estivesse meramente apaixonado por mim. Não foi esse tipo de «amo-te».

Imagina todas as pessoas que conheces ao longo da vida. São tantas. Surgem como que em vagas, vêm e vão, como as marés. Algumas vagas são bastante maiores e causam um impacto maior do que outras. Por vezes, as vagas trazem consigo algo que estava nas profundezas do mar e depositam-no

nas margens. Marcas nos grãos de areia que provam que as ondas ali estiveram, em tempos, mesmo muito depois de a maré ter recolhido.

Era isso que o Atlas me estava a transmitir quando me disse «amo-te». Queria que eu soubesse que era a maior vaga que jamais o alcançara. E que trouxera comigo tanta coisa que as marcas que deixara ficariam ali para sempre, mesmo depois de a maré vazar.

Depois de dizer que me amava, acrescentou que tinha um presente de aniversário. Entregou-me um pequeno saco castanho.

— Não é muito, mas foi o que pude comprar.

Abri o saco e retirei de lá o melhor presente que alguma vez recebi. Era um íman que dizia «Boston» na parte superior. Na parte inferior, em letras pequenas, podia ler-se «Onde tudo é melhor». Disse-lhe que o guardaria para sempre e que, sempre que olhasse para o íman, iria lembrar-me dele.

Quando comecei a escrever esta entrada, disse que o dia do meu décimo sexto aniversário foi um dos melhores da minha vida. Porque até esse momento foi mesmo.

Os minutos que se seguiram é que não foram nada bons.

Antes de o Atlas ter aparecido naquela noite, nem sequer estava à espera dele, por isso não me lembrei de trancar a porta do meu quarto. O meu pai ouviu-me falar com alguém, e quando abriu a porta e viu o Atlas deitado na minha cama, ficou mais zangado do que alguma vez o vira. E o Atlas estava em desvantagem, já que nem sequer estava preparado para o que aconteceu a seguir.

Enquanto for viva, jamais esquecerei esse momento. Estava completamente indefeso quando o meu pai o atacou com um taco de basebol. O som dos ossos a estalar foi a única coisa que se sobrepôs aos meus gritos.

Ainda nem sei quem terá chamado a polícia. Tenho a certeza de que foi a minha mãe, mas já passaram seis meses e ainda não voltámos a falar a respeito dessa noite. Quando a polícia chegou ao meu quarto e afastou o meu

pai dele, nem sequer consegui reconhecer o Atlas, tal era a quantidade de sangue que o cobria.

Estava histérica.

Perfeitamente histérica.

Não só tiveram de levar o Atlas dali numa ambulância, como também foi preciso chamar uma ambulância para mim: não conseguia sequer respirar. Foi o primeiro e único ataque de pânico que tive na vida.

Ninguém era capaz de me dizer onde ele estava ou se estava bem. O meu pai nem sequer foi preso por ter feito o que fez. Ficou-se a saber que o Atlas estava a viver naquela casa velha e que era um sem-abrigo. O meu pai foi aclamado pelo seu ato heroico — o de salvar a sua filhinha do rapaz sem-abrigo que a manipulara e obrigara a ter sexo com ele.

O meu pai disse que eu havia envergonhado toda a família ao dar à cidade um assunto sobre o qual pudessem bisbilhotar. E, deixa-me que te diga, o certo é que ainda continuam a fazê-lo. Ouvi hoje a Katie no autocarro a dizer a alguém que tentara avisar-me a respeito do Atlas. Disse que, desde o momento em que o vira, soubera que ele não era boa rês. O que é um disparate. Se o Atlas tivesse estado ao meu lado no autocarro, provavelmente ter-me-ia mantido calada, agindo com mais maturidade, tal como ele tentou ensinar-me daquela outra ocasião. Em vez disso, fiquei tão furiosa que me virei e disse à Katie que poderia ir para o inferno. Disse-lhe que o Atlas era um ser humano melhor do que ela jamais conseguiria ser e que, se mais alguma vez voltasse a ouvi-la dizer mal dele, ela se arrependeria.

A Katie limitou-se a revirar os olhos e disse:

— Meu Deus, Lily, será que ele te fez uma lavagem ao cérebro? Era um miúdo porco, um ladrãozeco sem abrigo, que provavelmente consumia drogas. Usou-te para obter comida e sexo e ainda estás a defendê-lo?

Ela teve sorte por naquele preciso momento o autocarro ter parado à frente da minha casa. Agarrei na mochila e saí do autocarro, entrei em casa e fui para o meu quarto chorar durante três horas. Até me dói a cabeça agora, mas

sabia que a única coisa que me faria sentir melhor seria finalmente pôr tudo isto por escrito. Há seis meses que andava a evitar escrever esta entrada.

Não te ofendas, Ellen, mas ainda me dói a cabeça. Tal como o coração. Talvez ainda mais agora do que ontem. Escrever não ajudou nem um bocadinho.

Acho que vou parar de te escrever por uns tempos. Escrever-te lembra-me dele, e tudo isso me dói demasiado. Até ele voltar para ver de mim, vou simplesmente continuar a fingir que está tudo bem. Vou fingir que continuo a nadar, quando na realidade tudo o que faço é flutuar. Mal mantenho a cabeça à tona.

Lily

Fecho o diário depois de ler a última página.

Não sei o que sentir, porque sinto tudo. Raiva, amor, tristeza, felicidade.

Sempre detestei não conseguir lembrar-me da maior parte dessa noite, por mais esforço que fizesse para pensar em cada palavra que tínhamos dito. O facto de a Lily ter escrito tudo é uma dádiva — ainda que triste.

Havia tantas coisas acerca daquela época da minha vida que eu temia que ela fosse demasiado frágil para ouvir. Só queria protegê-la das coisas negativas que aconteciam na minha vida, mas ao ler as suas palavras percebi que ela não precisava de proteção em relação a isso. Aliás, podia até ter-me ajudado.

Fico com vontade de lhe escrever outra carta, mas tenho mais vontade ainda de estar na sua presença, a falar destas coisas cara a cara. Sei que estamos a levar as coisas devagar, mas, quanto mais estou com ela, mais impaciente me sinto para estar novamente com ela.

Levanto-me para ir lá dentro guardar o diário e trazer uma bebida para a espera, mas detenho-me assim que me ponho em pé. Há um candeeiro público do outro lado do beco que ilumina o edifício, e há uma sombra que se move através da luz. A sombra move-se ao longo do edifício na outra direção, como se

o que a projeta viesse em direção a mim. Dou um passo atrás para poder ficar escondido.

Alguém entra, por fim, no meu campo de visão. Um miúdo aproxima-se da porta das traseiras.

Não sei se este miúdo é o meu irmão, mas é seguramente a mesma pessoa que vi nas câmaras de vigilância do Corrigan's. As mesmas roupas, o mesmo capuz apertado em redor da cara.

Permaneço escondido a observá-lo, cada vez mais convencido de que se trata exatamente de quem eu penso que é. Tem a minha constituição. Até se mexe como eu. O meu corpo enche-se de uma energia ansiosa, porque quero conhecê-lo. Quero dizer-lhe que não estou zangado e que sei o que ele está a passar.

Nem sei bem se estaria zangado com quem quer que estivesse a fazer aquilo antes de saber que podia ser o meu irmão. É difícil estar zangado com um miúdo, mas é especialmente difícil estar zangado com um miúdo criado pela mesma mulher que tentou criar-me a mim. Sei o que é ter de fazer o que for possível para sobreviver. Também sei como é estar disposto a tudo para ter a atenção de alguém. *Seja de quem for.* Houve momentos na minha infância em que eu só queria que reparassem em mim, e tenho a sensação de que é exatamente isso que se passa aqui.

Ele tem esperança de ser apanhado. Isto é mais uma chamada de atenção do que outra coisa qualquer.

Encaminha-se para a porta traseira do restaurante sem um mínimo de hesitação. Este sítio tornou-se familiar para ele. Verifica a porta, para ver se está trancada. Quando esta não abre, tira uma nova lata de spray do blusão. Espero que ele a erga, e é então que decido anunciar a minha presença.

— Estás a segurá-la mal. — A minha voz sobressalta-o. Quando se vira para olhar para mim e eu vejo como ele é jovem, as cordas do meu coração esticam tanto que parece que vão rebentar. Tento imaginar o Theo aqui sozinho a meio da noite, como ele.

Existe ainda uma juvenilidade no medo nos seus olhos. Quando começo a

dirigir-me a ele, recua um passo, olhando em volta em busca de uma escapatória rápida. Mas não tenta fugir.

Tenho a certeza de que está curioso acerca do que vai acontecer. Não é por isso que ele tem aparecido aqui noite após noite?

Estendo a mão para a lata de tinta. Ele hesita, mas depois entrega-ma. Demonstro-lhe como se deve segurá-la.

— Se fizeres assim, não escorre. Tu estás a segurá-la perto demais.

Todas as emoções lhe percorrem o rosto enquanto me examina, da raiva ao fascínio e ao sentimento de traição. Mantemo-nos calados enquanto absorvemos o quanto somos parecidos. Ambos nos parecemos com a nossa mãe. A mesma linha de maxilar, os mesmos olhos claros, a mesma boca, até o franzir involuntário. É muito para eu assimilar. Já estava resignado à ideia de que não tinha família, mas, no entanto, aqui está ele, em carne e osso. Pergunto-me o que estará a sentir enquanto me devolve o olhar. Raiva, obviamente. Desilusão.

Encosto um ombro à parede, baixando o olhar para ele com completa transparência.

— Eu não sabia que tu existias, Josh. Só soube há umas horas.

O miúdo enfia as mãos nos bolsos e olha para os pés.

— Tretas — murmura.

A dureza dele numa idade tão jovem entristece-me. Ignoro a zanga na sua resposta e pego nas chaves para abrir a porta do restaurante.

— Tens fome? — Seguro a porta para ele entrar.

Ele parece querer fugir, mas, depois de um momento de indecisão, baixa a cabeça e entra.

Acendo as luzes e dirijo-me à cozinha. Pego nos ingredientes para lhe fazer uma tosta de queijo e começo a cozinhar enquanto ele anda por ali lentamente, observando tudo. Toca nas coisas, abre gavetas, armários. Talvez esteja a fazer o inventário para a próxima vez que decida cá entrar. Ou talvez a curiosidade seja só para disfarçar o medo.

Estou a pôr-lhe a comida no prato quando ele finalmente fala.

— Como é que sabes quem eu sou, se não sabias que eu existia?

Isto pode levar a uma conversa longa, que prefiro ter quando ele se sentir mais à vontade. Aqui nas traseiras não há uma mesa com assentos, por isso faço sinal para as portas que dão para a sala de jantar. Há luz suficiente vinda dos sinais de saída, pelo que não preciso de acender as luzes da sala.

— Senta-te aqui. — Aponto a mesa oito e ele senta-se exatamente onde a nossa mãe se sentou há umas horas. Começa a comer assim que lhe ponho a comida à frente.

— O que é que queres beber?

Ele engole e depois encolhe os ombros.

— Qualquer coisa.

Vou à cozinha buscar-lhe um copo de água gelada e depois sento-me diante dele. Ele bebe metade de um só trago.

— A tua mãe apareceu aqui esta noite — digo. — Anda à tua procura.

Ele faz uma careta que indica que não se importa e continua a comer.

— Onde é que tens ficado?

— Em sítios — responde, de boca cheia.

— Andas na escola?

— Ultimamente, não.

Deixo-o dar mais algumas dentadas antes de prosseguir. A última coisa que quero é afugentá-lo com demasiadas perguntas.

— Porque é que fugiste? — pergunto. — Por causa dela?

— Da Sutton?

Confirmo com um aceno de cabeça. Pergunto-me que espécie de relação têm, se ele nem sequer a trata por mãe.

— Sim, tivemos uma discussão. Discutimos sempre por causa das merdas mais estúpidas. — Dá a última dentada e emborca o resto da água.

— E o teu pai? O Tim?

— Foi-se embora quando eu era pequeno. — Os seus olhos deambulam pela

sala e detêm-se na árvore. Quando volta a olhar para mim, inclina a cabeça. — Tu és rico?

— Se fosse, não te dizia. Já me tentaste roubar várias vezes.

Vejo um sorriso trocista a brincar-lhe nos lábios, mas ele recusa-se a soltá-lo. Relaxa mais um pouco no banco, tirando o capuz da cara. Empurra para trás as madeixas de cabelo castanho oleoso que lhe caem para a frente. O cabelo tem aspeto de precisar de um corte há muito tempo, com as pontas demasiado compridas e irregulares para ser intencional.

— Ela disse-me que te foste embora por minha causa. Disse que não querias um irmão.

Tenho de conter a irritação. Puxo o prato vazio e o copo para mim e levanto-me.

— Só hoje é que soube que tu existias, Josh. Juro. Se tivesse sabido antes, tinha ficado por perto.

Ele olha-me do seu assento, examinando-me. Perguntando-se se poderá confiar em mim.

— Agora já sabes da minha existência.

Di-lo como se fosse um desafio para eu fazer melhor. Para provar que as suas baixas expetativas em relação ao mundo estavam erradas.

Faço sinal com a cabeça para as portas para a cozinha.

— Tens razão. Vamos.

Ele não se levanta logo.

— Para onde?

— Para a minha casa. Tenho um quarto para ti, desde que digas menos palavrões.

Ele ergue uma sobrancelha.

— És algum fanático religioso?

Faço-lhe sinal para que se levante.

— Um miúdo de 11 anos sempre a dizer impropérios parece desesperado. Não é *cool*, pelo menos enquanto não tiveres uns 14 anos.

— Não tenho 11, tenho 12.

— Ah. Ela disse que tinhas 11. Mas vai dar ao mesmo. Novo demais para ser *cool*.

O Josh levanta-se e faz tenção de me seguir pela cozinha adentro.

Viro-me para ele quando transponho as portas.

— E para referência futura, escreveste mal «asshole». Não tem *w*

Ele mostra-se surpreendido.

— Pareceu-me divertido, depois de escrever.

Ponho os pratos no lava-louça, mas são quase três da manhã e não me apetece estar a lavá-los. Apago as luzes e sigo o Josh em direção à porta das traseiras. Quando estou a trancá-la, ele pergunta:

— Vais dizer à Sutton onde é que eu estou?

— Ainda não sei o que vou fazer — admito. Começo a descer o beco e ele apressa-se para me acompanhar.

— Seja como for, estou a pensar em ir para Chicago — diz ele. — Não devo ficar mais do que uma noite em tua casa.

Rio-me da ideia de este miúdo pensar que o vou deixar fugir para outra cidade, agora que sei que ele existe. *No que é que eu me estou a meter?* Tenho a sensação de que as minhas responsabilidades quotidianas acabaram de duplicar.

— Temos mais algum irmão de que eu não saiba? — pergunto.

— Só os gémeos, mas eles têm apenas 8 anos.

Paro de repente e olho para ele.

Ele ri-se.

— Estou a brincar. Somos só nós os dois.

Abano a cabeça e agarro-lhe a parte de trás do capuz, puxando-lho para a cabeça.

— Saíste-me uma bela encomenda.

Quando chegamos ao meu carro, ele está a sorrir. Eu também sorrio, até sentir uma forte pontada de preocupação no centro das minhas entranhas.

Só o conheço há meia hora. Só sei da existência dele há menos de um dia. No

entanto, de repente sinto que irei protegê-lo durante a vida inteira.

CAPÍTULO DEZASSEIS

LILY

Depois de termos filhos, deixamos de ter manhãs.

Dantes, eu abria os olhos e deixava-me ficar na cama alguns minutos antes de pegar no telemóvel para ficar a saber tudo o que pudesse ter perdido enquanto dormia. Tomava um café e depois, durante o duche, planeava mentalmente o meu dia.

Porém, agora que tenho a Emmy, o seu choro matutino arranca-me da cama e transforma-me na sua criada antes mesmo de ter tempo até para fazer chichi. Mudo-lhe a fralda à pressa, visto-a à pressa, dou-lhe de comer à pressa. À hora em que finalmente dou por terminados os meus deveres matinais de mãe, já estou atrasada para o trabalho e mal tenho tempo para fazer as minhas próprias coisas.

É por isso que gosto das manhãs de domingo. Parece ser o único dia da semana em que consigo ter alguma sensação de calma. Aos domingos, quando a Emmy acorda, trago-a sempre para a cama comigo. Ficamos deitadas juntas enquanto a oiço balbuciar, e eu não tenho pressa absolutamente nenhuma para me levantar ou ir para algum sítio.

Por vezes, como aconteceu agora, ela torna a adormecer e eu fico simplesmente a contemplá-la por longos períodos de tempo — deslumbrada com a maravilha da maternidade.

Pego no telemóvel e tiro-lhe uma fotografia para enviar ao Ryle, mas hesito antes de o fazer. Não sinto qualquer falta do Ryle, mas em momentos como este

fico triste por ele não poder fazer isto connosco, ou por eu não poder partilhar as alegrias que *eles* partilham. Não há nada melhor do que adorar o filho que fizemos com a pessoa com quem o fizemos, e é por isso que procuro sempre enviar-lhe fotografas e vídeos. Mas ainda estou chateada por causa da noite passada e não me apetece falar já com ele. Guardo a fotografia para um dia mais tranquilo.

Maldito Ryle.

O divórcio é difícil. Eu sabia que o seria, mas é muito mais duro do que eu estava à espera. E gerir o divórcio com uma criança pelo meio é um milhão de vezes mais complicado. Ficamos obrigados à interação com a outra pessoa para o resto da nossa vida. Temos de arranjar uma maneira de planear festas de aniversário juntos ou de não nos importarmos com festejos em separado. Temos de planear que feriados cada um passa com a criança, que dias da semana, por vezes até que horas do dia.

Não podemos estalar os dedos e ver-nos livres da pessoa com quem casámos e de quem nos divorciámos. Estamos presos a ela. Para sempre.

Estou obrigada a lidar com os sentimentos do Ryle para sempre e, francamente, começo a ficar farta de ter sempre pena dele, de estar sempre preocupada com ele, receosa por ele, de ter sempre os seus sentimentos *em consideração*.

Quanto tempo é que tenho de esperar antes de começar a namorar com outra pessoa sem que os ciúmes do Ryle se justifiquem? Quanto tempo tenho de esperar antes de lhe dizer que ando a sair com o Atlas, se a relação for em frente? Quanto tempo até poder começar a tomar decisões na minha vida sem me preocupar com os sentimentos dele?

O meu telefone vibra. É a minha mãe. Levanto-me devagarinho da cama e vou para a sala antes de atender.

— Olá.

— Posso ficar com a Emerson hoje?

Rio-me da forma descarada como ignora a filha, agora que tem uma neta.

— Estou bem, e tu? — A minha mãe ama a Emmy tanto quanto eu. Estou convencida disso. Quando a Emmy fez seis semanas, a minha mãe começou a ficar com ela por algumas horas enquanto eu trabalhava. No mês passado, a minha filha chegou mesmo a passar a noite em casa dela. Foi a primeira vez que a Emmy dormiu longe de mim desde que nasceu. Tinha adormecido em casa da minha mãe e nenhuma de nós queria acordá-la, por isso fui buscá-la na manhã seguinte.

— Eu e o Rob estamos por perto. Podemos ir buscá-la daqui a 20 minutos. Vamos ao jardim botânico, pensei que seria divertido levá-la a passear. Tenho a certeza de que te dá jeito essa pausa.

— Sim, claro. Vou vesti-la.

* * *

Passada meia hora, batem-me à porta. Abro-a para deixar entrar a minha mãe e o Rob. A minha mãe atravessa a sala e vai direita à Emmy, que está num parque no chão.

— Olá, mãe — digo eu, provocadora.

— Olha que fatinho tão adorável — diz a minha mãe, pegando nela. — Fui eu que lho comprei?

— Não, herdou-o da Rylee, na verdade. — É bom que a Rylee seja seis meses mais velha. Não foi preciso comprar muita roupa à Emmy porque a Allysa dá-me mais do que o suficiente. E está sempre em excelentes condições, porque não me parece que a Rylee use a mesma roupa mais do que uma vez.

A Emmy está com a roupa que a Rylee usou na sua primeira festa de aniversário. Eu tinha esperanças de que passasse para ela, porque é amorosa. Um par de *leggings* cor-de-rosa com melancias verdes e uma camisola de manga comprida verde, com uma fatia de melancia cor-de-rosa no centro.

A minha mãe comprou quase tudo o resto que a Emmy usa, incluindo o casaco azul que lhe estou a vestir.

— Isso não combina com a roupa dela — diz a minha mãe. — Onde está o casaco cor-de-rosa que lhe comprei?

— Está-lhe muito pequeno, e é só um casaco e ela só tem um ano. Não faz diferença se não combinar.

A minha mãe bufa, e pela expressão que ela faz percebo que a Emmy vai voltar para casa esta tarde com um casaco novo. Dou um beijo na bochecha da Emmy e a minha mãe encaminha-se para a porta.

Entrego o saco das fraldas ao Rob e ele põe-no ao ombro.

— Queres que eu a leve ao colo? — pergunta à minha mãe.

Ela aperta a Emmy com mais força.

— Eu levo. — Fala comigo por cima do ombro. — Voltamos daqui a umas horas.

— Por volta de que horas? — pergunto-lhe. Normalmente, não especifico um horário, mas estou a pensar em perguntar ao Atlas o que é que está a fazer. Podíamos ir almoçar, visto que ele está de folga e eu estou sem a Emmy.

— Mando-te uma mensagem. Porquê? Vais a algum sítio? — pergunta ela. — Pensei que ias só pôr o sono em dia.

Não me atrevo a dizer-lhe que talvez dê uma saída para me encontrar com um homem. Haveria de ficar a fazer-me perguntas até depois da hora de fecho do jardim botânico.

— Sim, provavelmente vou só dormir. Mas vou manter o telemóvel ligado. Divirtam-se.

A minha mãe já saiu e já vai a meio do corredor quando o Rob faz uma pausa e olha para mim.

— Tenta estacionar o carro no mesmo lugar. Ela vai reparar se o mudares de sítio, e vai fazer perguntas. — Pisca-me o olho, uma indicação clara de que me lê melhor do que ela.

— Obrigada pela dica — sussurro.

Fecho a porta e vou à procura do telemóvel. Andei tão à pressa para vestir a

Emmy e prepará-la para sair, que nem olhei para o telemóvel depois de falar com a minha mãe. Tenho uma chamada não atendida do Atlas de há 20 minutos.

O meu estômago revira-se de expetativa. Espero que ele esteja de folga hoje. Uso a câmara do telefone para verificar a minha aparência e ligo-lhe por videochamada.

Detestei quando ele me ligou por videochamada da primeira vez, mas agora parece-me o mais natural. Quero sempre ver a cara dele. Gosto de ver o que tem vestido, onde se encontra e as expressões que faz quando diz as coisas que diz.

Já estou a sorrir quando ouço o som que indica que ele atendeu a chamada. Ele levanta o telemóvel e, quando finalmente distingo o que estou a ver, percebo que está numa cozinha que não me é familiar. É branca e luminosa, bem diferente da cozinha que recordo de quando visitei a sua casa, há quase dois anos.

— Bom dia — diz ele. Embora esteja a sorrir, parece cansado, como se mal tivesse acabado de acordar ou estivesse prestes a adormecer.

— Olá.

— Dormiste bem? — pergunta ele.

— Dormi. Finalmente. — Semicerro os olhos, tentando ver por trás dele. — Remodelaste a cozinha?

O Atlas olha de relance por cima do ombro e volta a olhar para mim.

— Mudei de casa.

— O quê? Quando?

— No princípio deste ano. Vendi a minha casa e arranjei um sítio mais perto do restaurante.

— Ah. Isso é bom. — Mais perto do restaurante significa mais perto de mim. Pergunto-me a que distância um do outro viveremos agora. — Estás a cozinhar?

O Atlas aponta o telemóvel para a bancada. Há uma frigideira com ovos, uma pilha de fatias de bacon, panquecas e… *dois pratos. Dois* copos de sumo. Cai-me o coração aos pés.

— Isso é imensa comida — digo, tentando esconder o ciúme imenso que me

percorre.

— Não estou sozinho — diz ele, voltando o ecrã para o rosto.

O meu desapontamento deve ser bem evidente em mim, porque ele abana imediatamente a cabeça.

— Não, Lily. Não é… — Ele ri-se e parece corado. A sua reação é adorável, mas ainda não inteiramente tranquilizadora. Levanta um pouco mais o telemóvel, até eu ver uma pessoa atrás dele. Não sei ao certo quem está com ele, mas não é outra mulher.

É um miúdo.

Um miúdo que é a cara chapada do Atlas e que está a olhar para mim com olhos idênticos aos do Atlas. *Será que ele tem um filho que eu desconheço?*

O que é que se passa?

— Ela pensa que eu sou teu filho — diz o miúdo. — Estás a assustá-la.

O Atlas vira imediatamente o telefone para o seu próprio rosto.

— Não é meu filho. É meu irmão.

Irmão?

O Atlas vira o telefone para eu ver novamente o irmão.

— Diz olá à Lily.

— Não.

O Atlas revira os olhos e lança-me um olhar em jeito de pedido de desculpa.

— Ele é um bocado parvo. — Diz isto mesmo à frente do irmão.

— Atlas! — sussurro, chocada com toda esta conversa.

— Não faz mal, ele sabe que é parvo.

Vejo o miúdo a rir-se atrás dele, por isso percebo que ele sabe que o Atlas está a brincar. Mas estou muito confusa.

— Não fazia ideia de que tinhas um irmão.

— Eu também não sabia. Descobri ontem à noite, depois do nosso encontro.

Penso na nossa noite e de como era óbvio que algo na mensagem que recebera o estava a incomodar, mas não imaginava que pudesse ser uma questão familiar. Suponho que isto explique o motivo por que a mãe estava a tentar contactá-lo.

— Parece que tens muito com que te entreter hoje.

— Espera, não desligues já — diz ele. Sai da cozinha e vai para outra divisão em busca de privacidade. Fecha a porta e senta-se na cama. — Os biscoitos ainda demoram uns 10 minutos, posso falar.

— Uau. Panquecas *e* biscoitos. É um miúdo com sorte. O meu pequeno-almoço foi café.

O Atlas sorri, mas o sorriso não lhe chega aos olhos. Parecia estar bem-disposto diante do irmão, mas agora que o vejo sozinho percebo a tensão na sua atitude.

— Onde está a Emmy? — pergunta ele.

— A minha mãe ficou com ela por umas horas.

Quando ele se apercebe de que estamos ambos de folga e eu não tenho a Emmy, suspira de frustração.

— Quer dizer que tinhas o dia livre?

— Não faz mal, estamos a levar isto com calma, lembras-te? Além disso, não é todos os dias que descobres que tens um irmão mais novo.

Ele enfia uma mão pelo cabelo e suspira.

— É ele que tem andado a vandalizar os restaurantes.

Sobressalto-me com o comentário. Preciso de ouvir o resto da história.

— Foi por isso que a minha mãe tentou ligar-me na semana passada, para saber se eu tinha tido notícias dele. Agora sinto-me uma besta por ter bloqueado o número dela.

— Tu não sabias. — Estou de pé na minha sala, mas quero ter esta conversa sentada. Vou até ao sofá e pouso o telemóvel no braço deste, apoiado no suporte. — Ele sabia da tua existência?

O Atlas confirma com um aceno de cabeça.

— Sim, e pensava que eu sabia que ele existia, por isso é que estava a descarregar a raiva nos meus restaurantes. Tirando os milhares de dólares que me custou, parece um bom miúdo. Ou pelo menos parece ter potencial para ser

um bom miúdo. Não sei, ele passou por muitas das merdas por que eu também passei com a minha mãe, não há maneira de saber o que isso lhe fez.

— A tua mãe também está aí?

O Atlas abana a cabeça.

— Ainda não lhe contei que o encontrei. Falei com um amigo que é advogado e ele disse que quanto mais depressa lhe disser, melhor, para ela não poder usar isto contra mim.

Usar isto contra ele?

— Pretendes obter a guarda dele?

O Atlas confirma sem qualquer hesitação.

— Não sei se é isso que o Josh quer, mas não me contento com mais nenhuma opção. Sei o género de mãe que ela é. Ele disse que queria encontrar o pai, mas o Tim ainda é pior do que a minha mãe.

— Que direitos é que tens enquanto irmão? Algum direito?

O Atlas abana a cabeça.

— Não. A menos que a minha mãe concorde em deixá-lo viver comigo. Não estou nada desejoso de ter essa conversa. Ela vai dizer que não, só para me fazer a desfeita, mas… — O Atlas solta um suspiro pesado. — Se ele ficar com ela, não terá qualquer hipótese. Ele já é mais duro do que eu era na idade dele. Mais zangado. Tenho medo daquilo em que essa raiva possa transformar-se, se ele não conseguir alguma estabilidade na vida. Mas quem é que diz que eu tenho capacidade para uma coisa destas? E se eu o deixar mais fodido do que a minha mãe já deixou?

— Isso não vai acontecer, Atlas. Sabes que não vai acontecer.

Ele aceita a minha garantia com um sorriso rápido.

— Para ti é fácil dizer isso, tens jeito para esta cena de criar miúdos.

— Apenas finjo bem — respondo. — Não faço ideia do que estou a fazer. Não há nenhum pai ou mãe que saiba. Estamos todos cheios de síndrome de impostor, improvisando a cada minuto do dia.

— Porque é que isso é ao mesmo tempo reconfortante e aterrorizador? —

pergunta ele.

— Acabaste de resumir a parentalidade com essas duas palavras.

Ele suspira.

— Acho que é melhor voltar para a cozinha e ver se ele não está a roubar-me. Ligo-te mais tarde, está bem?

— Está bem. Boa sorte.

A maneira como o Atlas desenha silenciosamente com os lábios a palavra *adeus* é sexy à brava.

Quando termino a chamada, tombo na cama e suspiro. Adoro a forma como me sinto depois de falar com ele. Ele faz-me sentir zonza e revigorada e feliz, mesmo tendo sido uma chamada tão chocante e caótica.

Quem me dera saber onde ele vive. Ia lá dar-lhe um abraço de fugida, como o que ele me deu na noite passada. Detesto que ele esteja a passar por isto, mas ao mesmo tempo estou feliz por ele. Não consigo imaginar o quanto se tem sentido sozinho, sem um único membro da família na sua vida.

E aquele pobre miúdo. Parece a repetição da história do Atlas, como se não bastasse um miúdo a sentir-se tão desamado pela mãe.

O meu telemóvel apita, indicando que tenho uma mensagem. Sorrio quando vejo que é dele. Sorrio ainda mais quando vejo como é longa.

Obrigado por seres a parte mais reconfortante da minha vida neste momento. Obrigado por seres sempre o farol de que preciso quando me sinto perdido. Quer decidas iluminar-me ou não. Estou grato por ti. Senti a tua falta. Devia ter-te beijado, sem dúvida.

Tapo a boca com a mão quando acabo de ler. A emoção que me enche é tanta que nem sei onde a pôr.

O Josh tem sorte em te ter na vida dele agora.

Em segundos, o Atlas assinala a minha mensagem com um coração. Depois envio outra.

E tens razão. Devias mesmo ter-me beijado.

O Atlas põe um coração nesta também.

CAPÍTULO DEZASSETE

ATLAS

O Josh não confia em mim, mas eu vou dar-lhe a volta. Sou capaz de apostar que ele não confia em ninguém, por isso não vou levar a peito. Se a sua infância for parecida com a minha, de certeza que aos 12 anos está endurecido de uma forma que nenhum miúdo devia estar.

Por muito que ele me olhe com olhos desconfiados, também sinto que tem curiosidade em relação a mim. Não faz muitas perguntas, mas observa-me de uma maneira que mostra que é evidente que tem um milhão de perguntas na ponta da língua. Por alguma razão, está constantemente a contê-las. Provavelmente estará a perguntar-se porque é que eu fui tão mole com ele na noite passada, depois de descobrir que anda a vandalizar os meus restaurantes. Também deve estar a perguntar-se porque é que eu não sabia da existência dele e como é que me tornei tão diferente da minha mãe e do Tim.

Seja o que for que esteja a pensar, está a tentar conter as suas expressões. Não quero que se sinta desconfortável, por isso tenho feito a maior parte da conversa enquanto ele toma o pequeno-almoço. Não é assim tão difícil, tenho tantas perguntas para ele como ele tem para mim. É uma das razões para eu não ter conseguido dormir ontem à noite, quando finalmente chegámos à minha casa. Estive sempre à espera de o ouvir a tentar escapulir-se. Fiquei francamente admirado por ainda cá estar esta manhã.

Por muito que as minhas perguntas provavelmente o chateiem, ainda me lembro do que era ter 12 anos. Tudo o que eu queria era que alguém se

interessasse por quem eu era, mesmo que fosse a fingir. Se a vida dele for parecida com a minha, ele já passou doze anos a ser ignorado, e eu recuso-me a permitir que se sinta assim debaixo do meu teto. Mas só lhe tenho feito perguntas fáceis. Vou passar às mais difíceis.

O Josh come uma coisa de cada vez. Primeiro um biscoito, depois bacon. Está a atacar as panquecas pela primeira vez quando lhe pergunto:

— Quais são os teus interesses? Tens hobbies?

Ele dá uma dentada e uma das suas sobrancelhas ergue-se um pouco, mas não sei se é por causa da minha pergunta ou da comida.

— Porquê?

— Porque é que estou a perguntar pelos teus interesses?

Tem o pescoço rígido quando assente com a cabeça.

— Perdi doze anos da tua vida. Quero saber quem tu és.

O Josh interrompe o contacto visual e mete mais garfadas de panqueca na boca.

— Manga — murmura.

Fico admirado. Porém, graças ao Theo, sei o que é manga.

— Qual é a tua coleção favorita?

— *One Piece*. — Abana a cabeça, eliminando a resposta. — Não, a minha favorita deve ser a *Chainsaw Man*.

Isto é o mais longe que eu consigo avançar na conversa sem parecer ignorante.

— Podemos ir a uma livraria mais tarde, se quiseres.

Ele assente com a cabeça.

— Estas panquecas são boas.

— Obrigado.

Dá um gole no sumo e, quando pousa o copo, diz:

— E tu? Quais são os teus interesses? Além de cozinhar.

Não sei responder a isto. A maior parte do meu tempo é dedicado aos meus restaurantes. O pouco que me resta é passado a fazer reparações em casa, lavar roupa, dormir.

— Gosto do canal de culinária.

O Josh solta um riso abafado.

— Isso é triste.

— Porquê?

— Eu disse além de cozinhar.

É uma pergunta mais difícil do que eu pensava, agora que penso nela.

— Gosto de museus — respondo. — E de ir ao cinema. E de viajar. Só que não faço nenhuma destas coisas.

— Porque estás sempre a trabalhar?

— Sim.

— É o que eu digo. É triste. — Debruça-se sobre o prato para dar mais uma dentada na panqueca.

As perguntas para o conhecer estão a fazer ricochete, por isso deixo-me de rodeios.

— Porque é que discutiram?

Ele encolhe os ombros.

— Metade do tempo nem sequer percebo o que é que fiz de errado. Ela simplesmente zanga-se sem razão nenhuma.

Consigo identificar-me com isto. Deixo-o comer antes de fazer outra pergunta.

— Onde é que tens dormido?

O Josh não olha para mim. Remexe a comida no prato por um instante e depois diz:

— No teu restaurante. — O seu olhar desloca-se lentamente para o meu. — Tens um sofá muito confortável no escritório.

— Tens dormido *no restaurante*? Há quanto tempo?

— Duas semanas.

Estou em choque.

— Como é que tens entrado?

— Não tens alarme naquele restaurante, e ao fim de algumas tentativas

consegui perceber como arrombar a fechadura. No teu outro restaurante é que é difícil entrar.

— Tu sabes arrombar… — Não consigo evitar rir-me. O Brad e o Darin vão adorar dizer «*eu bem te disse*».

— Porque é que passaste de dormir no restaurante a começar a vandalizá-lo?

O Josh olha-me com relutância.

— Não sei. Acho que estava zangado. — Empurra o prato e recosta-se na cadeira. — E agora? Vou ter de voltar para ela?

— O que é que queres que aconteça?

— Quero viver com o meu pai. — Coça o cotovelo. — Podes ajudar-me a encontrá-lo?

Quero tanto encontrar o Tim como queria encontrar a minha mãe, ou seja, nada.

— Sabes alguma coisa acerca dele?

— Acho que ele agora vive no Vermont. Só não sei onde.

— Quando foi a última vez que o viste?

— Há uns anos. Mas ele já não sabe onde encontrar-me.

Neste momento, o Josh parece mesmo ter a idade que tem. Um miúdo frágil, abandonado pelo pai, mas que se recusa a perder a esperança. Não quero ser eu a arrancar-lha, por isso limito-me a anuir com a cabeça.

— Está bem, vamos ver o que posso fazer. Mas, para já, preciso de avisar a tua mãe de que estás bem. Tenho de lhe ligar.

— Porquê?

— Se não o fizer, isto pode ser considerado rapto.

— Não se eu estiver aqui de livre vontade — diz ele.

— Mesmo que estejas aqui de livre vontade. Não tens idade para decidir onde queres viver, e, neste momento, a tua mãe tem a tua guarda legal.

Ele começa a ficar visivelmente irritado. Espeta o garfo na comida fazendo uma carranca, mas não come mais.

Afasto-me para ligar à Sutton. Acabei por desbloquear o número dela ontem à

noite, não se desse o caso de ela precisar de entrar em contacto comigo. Marco o número e encosto o telemóvel ao ouvido. Após alguns toques, ela atende finalmente com uma voz muito grogue.

— Olá. Encontrei-o.

— Quem fala?

Fecho os olhos por um instante, enquanto espero que ela acorde e se lembre de que o filho está desaparecido. Após alguns segundos de silêncio, ela fala:

— Atlas?

— Sim. Encontrei o Josh.

Ouço restolhar do outro lado, como se estivesse a saltar da cama.

— Onde é que ele tem estado?

Não tenho vontade nenhuma de responder a isto. Sei que ela é mãe dele, mas sinto que o sítio onde ele tem estado não lhe diz respeito, o que é uma opinião invulgar.

— Não sei bem onde tem estado, mas agora está comigo. Olha… Estava a pensar se ele poderia ficar aqui por uns tempos... Para te dar descanso?

— Queres que ele fique aí *contigo*?

A forma como ela põe a ênfase na última palavra faz-me estremecer. Isto vai ser mais difícil do que eu pensava. Ela é o género de pessoa que discute só por discutir, independentemente do resultado que pretenda.

— Eu podia matriculá-lo na escola e assegurar-me de que não falta às aulas — sugiro. — Assim já te libertava da questão do abandono escolar.

Do lado dela há silêncio, como se pudesse estar a ponderar.

— Que *mártir* — murmura ela. — Trá-lo de volta. Já. — Termina a chamada.

Tento ligar mais três vezes, mas ela deixa cair para o voicemail.

— Não me pareceu prometedor — diz o Josh. — Está à porta da cozinha. Não sei bem o que é que ele ouviu do meu lado, mas pelo menos não ouviu o lado dela.

Meto o telemóvel no bolso.

— Ela quer-te de volta hoje. Mas vou ligar a um advogado amanhã. Caramba,

até telefono à Comissão de Proteção de Menores, se quiseres. Só não posso fazer grande coisa a um domingo.

Os ombros do Josh descaem quando digo isto.

— Ao menos dás-me o teu número de telefone? — pergunta ele, como se temesse que eu dissesse que não.

— Claro. Não vou abandonar-te, agora que sei que existes.

Ele enfia o dedo num buraco na manga, evitando o contacto visual comigo quando diz:

— Eu não te censuraria se estivesses zangado comigo. Custei-te muito dinheiro.

— Isso é verdade — digo. — Aqueles *croutons* eram caros.

O Josh ri-se pela primeira vez esta manhã.

— Meu, aqueles *croutons* eram *deliciosos*, caraças!

Resmungo.

— Para de falar assim!

* * *

O Risemore Inn é mesmo do outro lado de Boston. Demoramos 45 minutos com trânsito a chegar lá, e nem sequer é dia de semana. Quando paramos no parque de estacionamento, o Josh não sai logo do carro. Deixa-se ficar sentado em silêncio no banco do passageiro, fitando o edifício como se fosse o ultimo sítio onde queria estar.

Quem me dera não ter de o devolver à mãe, mas fiz mais um telefonema para o meu amigo advogado esta manhã depois de falar com a Sutton. Ele disse que se eu quisesse fazer as coisas da maneira certa, sem que ela tivesse qualquer arma contra mim, a única opção era devolvê-lo. E depois, se eu quiser levá-la a tribunal, disse que preciso de um advogado para acompanhar o processo.

Tudo o que fosse feito *fora* do processo podia ser usado contra mim.

Ao que parece, não podemos simplesmente raptar o nosso irmão, mesmo

sabendo que está em perigo.

Queria explicar tudo isto ao Josh em mais detalhe — fazê-lo saber que não estou simplesmente a abandoná-lo com ela —, mas ele está tão decidido a querer viver com o pai, que nem sequer tenho a certeza se quer viver comigo. E não tenho a certeza se estou preparado para criar um irmão mais novo, mas, enquanto eu for vivo, não o deixarei de livre vontade sob a guarda permanente desta mulher sem ao menos tentar. Nem pensar.

Até ser capaz de perceber o que fazer a seguir, não quero que ele se encontre numa situação em que não tem o que comer, nem dinheiro para prolongar a estadia no hotel. Pego na minha carteira e dou-lhe um cartão de crédito.

— Posso confiar-te isto?

O Josh observa o cartão de crédito na minha mão e arregala um pouco os olhos.

— Não sei porque hás de confiar. Passei as duas últimas semanas a tentar destruir os teus negócios.

Estendo-lhe a mão com o cartão de crédito.

— Usa-o para as necessidades básicas. Comida, minutos para o teu telemóvel. — Tínhamos parado no caminho para cá e eu tinha-lhe comprado um telemóvel com chamadas pré-pagas, para ele poder manter-se em contacto comigo. — Talvez algumas roupas novas do teu tamanho.

O Josh tira relutantemente o cartão de crédito da minha mão.

— Nem sequer sei como é que isto se usa.

— É só passar. Mas não digas à Sutton que o tens. — Aponto para o telemóvel. — Guarda-o entre a capa e o telemóvel.

Ele tira a capa do telemóvel e guarda o cartão lá dentro. Depois diz:

— Obrigado. — Põe a mão na porta do carro. — Vens falar com ela?

Abano a cabeça.

— Acho que é melhor não ir. O mais certo era ficar mais zangada.

O Josh suspira e sai do carro. Entreolhamo-nos por alguns segundos até ele finalmente fechar a porta do carro.

Sinto-me um idiota por tê-lo trazido de volta. Mas tenho de fazer isto da maneira certa. Se eu não o entregar, ela pode apresentar queixa contra mim. E, conhecendo-a como a conheço, é provável que o faça. É melhor deixá-lo hoje, e amanhã, assim que a semana começar, posso fazer uns telefonemas e perceber o que poderei fazer para que vá viver comigo.

Sei que, se ele ficar aqui com ela, não terá oportunidade nenhuma. Eu tive a sorte de encontrar a Lily. Ela salvou-me a vida. Mas não sei bem se haverá sorte suficiente no mundo para *ambos* sermos salvos por uma qualquer desconhecida.

Ele só me tem a mim.

Permaneço no carro enquanto o Josh atravessa o parque de estacionamento. Sobe as escadas e bate à segunda porta a contar da ponta. Olha para mim por cima do ombro, por isso aceno-lhe, no preciso momento em que a porta se abre.

Do sítio onde me encontro no parque de estacionamento consigo ver a raiva nos olhos da Sutton. Ela começa logo a gritar com ele. *E depois dá-lhe uma bofetada*.

Levo a mão ao puxador da porta mesmo antes de o Josh ter hipótese de reagir à bofetada. A mão da Sutton agarra-o agora pelo braço, enquanto o puxa para dentro do quarto de hotel. Estou a alguns metros do meu carro quando o vejo tropeçar na entrada e desaparecer no interior do quarto.

Subo dois degraus de cada vez, com o coração disparado. Chego à porta antes de ela a fechar. O Josh ainda está a tentar equilibrar-se, mas ela está debruçada sobre ele, a ralhar-lhe.

— Eu podia ter ido parar à *cadeia*, seu monte de merda!

Ela não faz ideia de que estou atrás dela. Enlaço-a pela cintura e afasto-a do Josh, levantando-a do chão e atirando-a para cima do colchão atrás de mim. Acontece tudo tão depressa que ela nem reage, de tão chocada que fica.

Ajudo o Josh a pôr-se de pé. O telemóvel dele está no chão, a alguns centímetros de distância, por isso pego nele e entrego-lho, apressando-o depois em direção à porta.

A Sutton percebe o que está a acontecer e salta da cama. Segue-nos até à

porta.

— Trá-lo cá! — Sinto as mãos dela em cima de mim. Está a puxar-me a camisola, tentando que eu pare ou me desvie, para poder chegar ao Josh.

Incito-o a avançar.

— Vai para o carro!

Ele avança para as escadas e eu paro e viro-me para a encarar. Ela inala intensamente depois de ver a fúria absoluta nos meus olhos. Depois bate-me no peito com as palmas das mãos e empurra-me.

— Ele é *meu* filho! — grita. — Vou chamar a polícia!

Solto uma gargalhada exasperada. Quero dizer-lhe que chame a polícia. Quero gritar com ela. Mas, acima de tudo, quero o Josh longe dela. Ela não vai arruinar a vida dele comigo a ver.

Nem sequer tenho energia para lhe dizer nada. Esta mulher não merece as minhas palavras. Vou-me embora e deixo-a aos gritos comigo, como fazia antigamente.

O Josh já está sentado no banco da frente do carro quando regresso. Bato com a minha porta e seguro o volante com ambas as mãos antes de ligar o carro. Preciso de me acalmar antes de voltar à estrada.

O Josh parece invulgarmente calmo perante o que acabou de acontecer. Faz-me pensar se esta será uma interação normal entre eles, porque nem a respiração está alterada. Não está a chorar. Não está a dizer palavrões. Está apenas a olhar para mim, e eu apercebo-me de que a minha forma de reagir neste momento será possivelmente algo que ele irá absorver para toda a vida.

Faço deslizar as mãos pelo volante e exalo calmamente.

O Josh tem a bochecha vermelha e está a sangrar de um pequeno golpe na testa. Tiro um guardanapo do porta-luvas e dou-lho, depois baixo o espelho para que ele possa ver o que limpar.

— Eu vi a bofetada que ela te deu, mas de onde veio esse corte?

— Acho que bati na mesa da televisão.

Lento e firme, Atlas. Ponho o carro em marcha-atrás e saio do parque de

estacionamento.

— Talvez seja melhor passarmos pelas urgências, para verem esse corte. Garantir que não tens nenhum traumatismo.

— Está tudo bem. Normalmente consigo perceber se é um traumatismo.

Normalmente consegue perceber? Cerro os maxilares assim que ele o diz. Apercebo-me de que não faço ideia absolutamente nenhuma do inferno por que este miúdo já passou, e estava prestes a mandá-lo de volta às suas chamas.

— Vale mais prevenir — é o que digo, mas o que quero mesmo dizer é: *É melhor ter isto documentado, caso precisemos de provas do abuso dela mais tarde.*

CAPÍTULO DEZOITO

LILY

Há cinco dias que não vejo o Atlas. Tento não stressar por estarmos tão ocupados, porque sei que as coisas vão melhorar quando eu estiver mais à vontade para o deixar estar com a Emmy. Mas antes de trazer seja quem for para junto dela, o mais responsável é informar o pai da Emmy de que comecei a sair com alguém.

É frustrante que a coisa responsável a fazer seja também aterradora. Faço tenções de a adiar o máximo de tempo possível. Não há vergonha em ser paciente.

A florista está com falta de pessoal esta semana, por causa do casamento próximo da Lucy, e o Atlas tem andado ocupado com questões legais relativas à guarda, a gerir dois negócios e a tomar conta de um miúdo. Ainda por cima, a febre que a minha mãe teve na semana passada transformou-se numa grande gripe e ela não tem podido ficar com a Emmy. Trouxe-a comigo dois dos três dias em que trabalhei esta semana.

Foi uma semana infernal. Demasiado atarefada até para um abraço de fugida.

Hoje, o Ryle e o Marshall levaram as meninas ao jardim zoológico. O mais provável é que a Emmy seja demasiado novinha para apreciar, por isso deve ser um dia interessante para o Ryle.

A troca da guarda esta manhã correu bem, embora já não falássemos desde a nossa conversa no telhado, na semana passada, acerca do segundo nome dela.

Ele foi um tanto rude, mas prefiro a rudeza dele às insinuações subtis que ainda me faz por vezes.

A Allysa está a trabalhar comigo hoje, visto não ter a Rylee. Acabou de voltar com café, agora que o trabalho está em ordem. Todas as nossas encomendas saíram no camião de entregas há uma hora, pelo que este é o primeiro momento em que temos realmente tempo para falar em privado desde o meu encontro com o Atlas na semana passada.

A Allysa entrega-me o café e mexe o rato do computador para ver se chegaram mais encomendas.

— O que é que vais levar vestido ao casamento da Lucy? — pergunto-lhe.

— Nós não vamos.

— O quê?

— Não podemos. Os meus pais fazem 40 anos de casados e eu e o Ryle estamos a preparar um jantar surpresa.

Ela tinha-me falado nisso, mas eu não fazia ideia de que calhava no dia do casamento da Lucy.

— Foi a única noite que o Ryle conseguiu tirar — diz ela.

Desanimo. Odeio o horário do Ryle. Sei que as coisas haverão de melhorar com o tempo, quando ele deixar de ser um dos cirurgiões mais novos da equipa, mas mesmo quando os seus horários não dificultam a guarda da nossa filha, fazem com que a minha melhor amiga tenha de escolher entre um casamento e os pais.

Sei que a culpa não é do Ryle, mas gosto de silenciosamente lhe atribuir a culpa por coisas que ele não controla. Sabe-me bem.

— A Lucy sabe que não vais?

A Allysa confirma com um aceno de cabeça.

— Ela não se importa. São menos duas bocas para alimentar. — Dá um gole no café. — Vais levar o Atlas?

— Não o convidei. Pensei que tu e o Marshall iam e não queria pedir-vos que mentissem por mim outra vez. — Senti-me mal por ter pedido à Allysa para

tomar conta da Emmy na semana passada, para eu poder sair, porque sabia que ela teria de mentir ao Ryle se ele perguntasse. E ela *teve mesmo* de lhe mentir.

— Quando é que tencionas dizer ao Ryle que estás de volta à cena dos namoros?

Resmungo.

— Tem mesmo de ser?

— Ele vai acabar por descobrir.

— Quem me dera poder fingir que ando a sair com um tipo qualquer chamado Greg. Não sei se ele se sentiria tão ameaçado se fosse um Greg. Talvez eu não precise de ser específica acerca da pessoa com quem saio, e ele assim não fica tão zangado. Daqui a uma ou duas décadas logo lhe digo, com jeitinho, que se trata do Atlas.

A Allysa ri-se, mas depois olha-me com curiosidade.

— Afinal, porque é que o Ryle odeia tanto o Atlas?

— Não gostou que eu guardasse recordações de quando namorávamos.

A Allysa está de olhos postos em mim. À espera.

— E que mais?

Abano a cabeça. Mais nada.

— Como assim?

— Traíste o Ryle com o Atlas?

— *O quê?* Não. Claro que não! Nunca teria feito isso ao Ryle. — Sinto-me um pouco ofendida com a pergunta dela, mas por outro lado, não. É natural que a reação do Ryle fizesse alguém perguntar-se o que é que a provocara.

Os olhos da Allysa estão cheios de espanto.

— Continuo a não perceber. Se não andavas a traí-lo com ele, porque é que o Ryle o odeia?

Solto um suspiro exagerado.

— Já fiz essa pergunta a mim mesma um milhão de vezes, Allysa.

Ela faz uma expressão de irritação que só os irmãos podem reservar uns aos outros.

— Eu nunca quis perguntar porque pensei que tinhas vergonha de ter traído o meu irmão e não querias dizer-me.

— Não beijo o Atlas desde os meus 16 anos. O Ryle simplesmente não conseguia lidar com o facto de o meu passado, por vezes, se infiltrar no meu presente, de uma forma absolutamente platónica.

— Espera. Não beijas o Atlas desde os 16 anos? — Ela focou-se no ponto absolutamente errado desta conversa. — Nem sequer no encontro da semana passada?

— Estamos a levar as coisas com calma. E para mim está bem. Quanto mais devagar avançarmos, mais tempo tenho para dar a notícia ao teu irmão.

— Acho que deves arrancar o penso de uma vez. — Aponta para o meu telemóvel em cima do balcão. — Envia agora uma mensagem ao Ryle a dizer que andas a sair com o Atlas. Ele vai ultrapassar, não tem outro remédio.

— É uma coisa que preciso de lhe dizer em pessoa.

— És demasiado atenciosa.

— E tu és demasiado ingénua. Se pensas que o Ryle vai *ultrapassar,* não conheces muito bem o teu irmão.

— Nunca afirmei que conhecia. — A Allysa suspira e pousa o queixo na mão. — O Marshall disse-me que te contou que eu o tinha traído.

Estou tão contente por ela mudar de assunto.

— Sim, foi um choque.

— Um erro de bêbeda. Tinha 19 anos. Até aos 21, nada conta.

Rio-me.

— Isso é verdade?

— Sim. — Ela salta para cima do balcão e começa a balançar as pernas. — Fala-me mais do Atlas. Conta-me tudo como tua melhor amiga e não como irmã do teu ex-marido.

E voltamos à mesma conversa. Foi um intervalo rápido.

— Tens a certeza de que não é desconfortável para ti?

— Porquê? Por o Ryle ser meu irmão? Não, não é nada desconfortável. Se ele

te tivesse tratado melhor, tu não terias de namorar com deuses gregos. — Franze as sobrancelhas com um sorriso. — Então, como é que ele é? Parece misterioso.

— Mas não é. Pelo menos, para mim. — Sinto que o sorriso se quer espalhar pelo meu rosto, por isso permito que o faça. — É tão fácil falar com ele. E ele é bondoso. É bondoso como *o Marshall*, mas menos extrovertido. É mais reservado. Ele trabalha muito, e eu estou sempre com a Emmy, por isso tem sido difícil arranjarmos tempo para alguma coisa juntos. Além disso, esta semana descobriu que tem um irmão mais novo, por isso a vida dele agora está um pouco caótica. As mensagens e os telefonemas são a nossa principal fonte de comunicação, o que é uma treta.

— É por isso que estás sempre a olhar para o telemóvel?

Sinto as faces quentes quando ela diz isto. Detesto que tenha reparado. Esforcei-me ao máximo para ser discreta. Não quero que ninguém saiba com que frequência eu e o Atlas trocamos mensagens, ou quantas vezes *penso* em enviar-lhe uma mensagem, ou quantas vezes penso *nele*.

Talvez tenha medo de falar disto com a Allysa porque não quero permitir-me ser feliz em relação ao Atlas até saber que o Ryle não vai ficar furioso por causa dele.

Recebo uma mensagem mesmo a meio desse pensamento e preciso de todas as minhas forças para conter o sorriso quando olho para o telemóvel e a leio.

— É ele? — pergunta a Allysa.

Confirmo com um aceno de cabeça.

— O que é que ele diz?

— Perguntou se quero que me traga o almoço.

— *Sim* — diz a Allysa de modo enfático. — Diz-lhe que estás a morrer de fome, e a tua amiga também.

Rio-me e respondo ao Atlas:

Hoje podes trazer almoço para duas? A minha colega fica com inveja quando me trazes comida.

Ele responde de imediato:

Chego dentro de uma hora.

* * *

Quando o Atlas finalmente aparece, tanto eu como a Allysa estamos ocupadas com clientes. Ele traz um saco de papel pardo. Faço-lhe sinal para que espere junto ao balcão, por isso ele aguarda pacientemente enquanto terminamos. A Allysa despacha-se primeiro, e, pelo menos durante cinco minutos, ela e o Atlas têm uma conversa que não consigo ouvir do outro lado da loja. Estou a tentar dar atenção ao cliente diante de mim, mas saber que a Allysa está a falar à vontade com o Atlas deixa-me extremamente nervosa. Nunca sei o que vai sair da boca dela.

O Atlas, porém, parece satisfeito. Seja o que for que ela esteja a dizer-lhe, está a agradar-lhe.

Quando finalmente me liberto para me juntar a eles, parece que passou uma década. O Atlas inclina-se para me cumprimentar com um beijo na face quando me aproximo. Depois do cumprimento, os dedos dele roçam no meu cotovelo durante alguns segundos, antes de ele retirar a mão. Esse simples gesto físico faz com que eu seja percorrida por uma corrente, tornando difícil concentrar-me sem se tornar muito óbvio que fico zonza junto dele.

A Allysa lança-me um sorriso cúmplice.

— Com que então, o Adam Brody?

Não faço ideia ao que ela se refere, até olhar para o Atlas e vê-lo a sorrir. Eu tinha um póster do Adam Brody na parede do meu quarto da primeira vez que o Atlas foi a minha casa.

Dou um empurrão no braço do Atlas.

— Eu tinha 15 anos!

Ele ri-se, e eu adoro que a Allysa esteja a ser simpática com ele. Sei que ela tem todo o direito de dedicar lealdade completa ao irmão, mas não está na sua natureza ser rude com alguém só porque outras pessoas não gostam dele.

Ela não é uma amiga que perdoa tudo, nem é uma irmã que perdoa tudo. É isso que mais aprecio nela, porque eu também não sou. Se alguém fizer alguma parvoíce, serei a amiga que diz que está a fazer uma coisa parva. Não me vou juntar à pessoa nessa parvoíce.

Quero que os meus amigos me tratem da mesma maneira. Prefiro a sinceridade à lealdade, porque a lealdade *acompanha* a sinceridade.

— Obrigada pelo almoço — digo. — Resolveste a situação da escola do Josh?

O Atlas tem estado a tentar matriculá-lo numa escola mais perto da sua casa, em vez de continuar na dele, que é do outro lado da cidade.

— Resolvi. Estou a fazer figas para não analisarem muito atentamente o formulário que preenchi. Menti um bocadinho.

— De certeza que vai correr tudo bem — digo. — Estou ansiosa por conhecê-lo.

— Que idade tem ele? — pergunta a Allysa.

— Fez agora 12 anos — diz o Atlas.

— Bem… — diz a Allysa. — A pior idade de todas. Mas pelo menos não tens de pagar creche. Nem tudo é mau. — A Allysa estala os dedos. — Por falar em crianças, a Lily vai estar sem a Emerson no próximo sábado porque vai a um casamento. Uma noite só para ela, como adulta solteira.

Viro a cabeça para olhar para ela.

— Eu ia convidá-lo. Não precisava da tua ajuda.

O Atlas empertiga-se.

— Com que então, um casamento? — Um sorriso matreiro brinca-lhe nos lábios. — Tencionas dormir o tempo todo?

Coro imediatamente, deixando a Allysa curiosa. O Atlas vira-se para ela e diz:

— Ela não te contou que dormiu no nosso primeiro encontro?

Nem sequer estou a olhar para a Allysa, mas sinto-a a fitar-me.

— Estava cansada — digo, justificando o injustificável. — Foi um acidente.

— Oh, preciso mesmo de saber mais sobre essa história — diz a Allysa.

— Ela adormeceu a caminho do restaurante. Dormiu num parque de

estacionamento durante mais de uma hora. Nem chegámos a entrar no restaurante.

A Allysa começa a rir-se, e a mim só me apetece rastejar por baixo do balcão e esconder-me.

— Quem é que se vai casar? — pergunta-me o Atlas.

— A minha amiga Lucy. Ela trabalha aqui.

— A que horas?

— Às sete da tarde. Casamento noturno, não sei se podes.

— Posso. — O Atlas faz aquela coisa com os olhos em que, por instantes, parece desejar que estivéssemos sozinhos. Causa-me calafrios na espinha.

— Tenho de voltar. Bom almoço! — Faz um aceno de cabeça para a Allysa. — Prazer em conhecer-te oficialmente.

— Igualmente — diz ela.

Ele vai a meio caminho da saída quando começa a assobiar. Afasta-se bem-disposto, e o meu coração incha ao vê-lo tão feliz. Não faço ideia se a sua boa-disposição tem algo que ver comigo, mas a adolescente que há em mim e que se preocupava com ele há tantos anos está extremamente agradada por o ver tão bem na vida.

— O que é que ele tem de errado?

Quando olho de relance para a Allysa, ela está a fitar com curiosidade a porta por onde o Atlas acabou de desaparecer.

— Como assim?

— Porque é que ele não é casado? Porque é que não tem namorada?

— Esperemos que tenha uma namorada em breve. — Não consigo dizê-lo sem sorrir.

— Deve ser mau na cama. Se calhar é por isso que é solteiro.

— Não é nada mau na cama, nem por sombras.

O queixo dela descai.

— Como é que sabes, se disseste que ainda nem o beijaste?

— Depois de *adultos* — respondo. — Esqueces-te de que tenho um passado

com ele. Foi o meu primeiro, e foi muito, muito bom. E estou certa de que melhorou ainda mais.

A Allysa olha-me por um instante e depois diz:

— Fico feliz por ti, Lily. — Mas está a franzir o sobrolho. — O Marshall também vai gostar dele. Ele é tão *gostável*. — Diz isto como se fosse a pior conclusão possível.

— E isso é mau?

— Não sei se será *bom* — diz ela. — Tudo isto é muito confuso. Tu sabes disso. Não preciso de to explicar. Mas percebo perfeitamente que estejas hesitante em relação a contar ao Ryle. Saber que a ex-mulher partilha a cama com aquele pedaço de perfeição deve abalar a sua virilidade.

Ergo uma sobrancelha.

— Não tanto como bater na mulher. — Fico um pouco chocada quando as palavras me saem da boca, mas não posso desdizê-las. Mas acho que não preciso, porque, felizmente, a minha melhor amiga não defende o irmão contra tudo e todos.

Ao invés de ficar ofendida, a Allysa concorda com um aceno de cabeça.

— *Touché*, Lily. *Touché*.

CAPÍTULO DEZANOVE

ATLAS

Não faço ideia se aos 12 anos se é demasiado jovem para usar um Uber, mas não queria deixar o Josh novamente sozinho em minha casa depois das aulas, por isso mandei um ir buscá-lo e trazê-lo aqui ao restaurante. No início da semana, decidimos que ele devia dar uma ajuda para pagar os danos que causou.

Tenho estado a acompanhar o Uber num mapa, por isso vou ter com ele à porta. Quando sai do carro, parece um miúdo completamente diferente do que conheci há uns dias. Veste roupas que lhe servem, ontem levei-o a cortar o cabelo e hoje traz uma mochila cheia de livros em vez de latas de tinta em spray.

Duvido que a Sutton o reconhecesse, se o visse.

— Como foi a escola? — Hoje foi o seu segundo dia na escola nova. Ontem disse que tinha sido razoável, mas não quis desenvolver.

— Foi razoável.

Acho que vai ser o máximo que vou conseguir de um miúdo de 12 anos. Abro a porta para o restaurante e o Josh detém-se antes de entrar. Ergue os olhos para o edifício e avalia-o.

— É engraçado que eu tenha dormido aqui durante duas semanas e esta seja a primeira vez que uso a porta de entrada.

Rio-me e entro no restaurante atrás dele. Estou entusiasmado por ele ir conhecer o Theo, embora eu ainda não tenha tido oportunidade de falar ao Theo acerca do Josh. O Theo chegou há uns minutos e entrou pelas traseiras no preciso momento em que eu saía pela porta da frente para ir buscar o Josh.

O Theo não vem ao restaurante desde a semana passada, e eu não tenho trazido cá o Josh porque tive de tirar algum tempo de folga para organizar a vida dele. Quando transpomos as portas duplas que dão para a cozinha atarefada, o Josh para, pasmado. Fita a azáfama de olhos arregalados. Estou certo de que o sítio durante o dia é muito diferente do que era quando ele dormia aqui à noite.

A porta do meu gabinete está aberta, o que significa que o Theo deve estar lá a fazer os trabalhos de casa. Conduzo o Josh nessa direção e ele segue-me para o interior do gabinete. O Theo está sentado à minha secretária, a ler. Levanta os olhos para mim, depois olha para o Josh. Reclina-se na cadeira da secretária e empina o queixo.

— O que é que estás aqui a fazer?

— O que é que *tu* estás aqui a fazer? — pergunta o Josh ao Theo.

Estão a perguntar como se se conhecessem. Não achei que isso fosse possível, porque as escolas aqui são muito grandes, e há imensas. Eu nem sabia bem em que escola é que o Theo andava.

— Vocês conhecem-se?

— Sim, ele é o miúdo novo da minha escola — responde-me o Theo. — Mas como é que tu conheces o Atlas? — pergunta ele ao Josh.

O Josh larga a mochila e aponta para mim com a cabeça, enquanto se atira para o sofá.

— Ele é meu irmão.

O Theo olha para mim e depois para o Josh. E depois para mim.

— Porque é que eu não sabia que tu tinhas um irmão?

— É uma longa história — digo.

— Não achas que é uma coisa que o teu psicólogo devia saber?

— Não estiveste cá a semana toda — replico.

— Tive treino de matemática todos os dias depois das aulas — diz ele.

— Treino de matemática? Como é que se treina matemática?

O Josh intervém:

— Espera lá. O Theo é o teu *psicólogo*?

O Theo responde-lhe:

— Sim, mas ele não me paga. Olha, apanhaste o Trent como professor de Matemática?

— Não, apanhei a Sully — responde o Josh.

— Que seca. — O Theo olha para mim e depois de novo para o Josh. Depois de novo para mim. — Como é que nunca referiste que tinhas um irmão? — O Theo parece incapaz de ultrapassar este facto, mas eu não tenho tempo para lhe explicar agora. O trabalho na cozinha está a atrasar-se.

— O Josh pode contar-te. Tenho uma cozinha para gerir. — Deixo-os no escritório e vou ajudar com tudo o que está em atraso.

Agrada-me que eles se conheçam, mas agrada-me ainda mais que o Theo tenha parecido à vontade junto dele. Conheço muito melhor o Theo do que o meu irmão mais novo, e creio que ele teria tido alguma reação se não tivesse gostado de ver o Josh.

* * *

Cerca de uma hora mais tarde, a cozinha tem o *staff* completo e eu tenho alguns minutos para me libertar. Quando entro no gabinete, o Josh e o Theo estão a ter o que parece ser uma intensa discussão sobre uma manga que o Theo tem na mão.

— Desculpem interromper. — Faço sinal ao Josh para me seguir. — Já terminaste os trabalhos de casa?

— Evidente — diz ele.

— Evidente? — Não o conheço o suficiente para saber que género de resposta é *evidente.*

— Isso é um sim? É um não? Um quase tudo?

— Sim. — Ele suspira, seguindo-me para fora da cozinha. — Quase tudo. Acabo esta noite. Dói-me o cérebro.

Apresento-o a algumas pessoas na cozinha, terminando com o Brad.

— Josh, este é o Brad. É pai do Theo. — Aponto para o Josh. — Este é o Josh, o meu irmão mais novo. — O Brad franze a testa em confusão, mas não diz nada. — O Josh tem uma dívida para pagar. Tens trabalho para ele?

— Tenho uma dívida? — pergunta o Josh, atordoado.

— Uma dívida de *croutons*.

— Ah, isso.

O Brad junta imediatamente dois mais dois. Acena lentamente com a cabeça e depois pergunta ao Josh:

— Alguma vez lavaste pratos?

O Josh revira os olhos e segue o Brad para o lava-louça.

Sinto-me mal por obrigá-lo a trabalhar, mas haveria de sentir-me ainda pior se os milhares de dólares que ele me custou não tivessem qualquer consequência. Vou deixá-lo lavar louça durante uma hora e depois digo que estamos quites.

Sobretudo, queria-o fora do meu escritório, para poder falar com o Theo acerca dele. Não tive oportunidade de falar com ele sem o Josh presente.

O Theo está à minha secretária, a enfiar papéis na mochila. Sento-me no sofá, preparado para lhe perguntar sobre o Josh, mas ele fala primeiro.

— Já beijaste a Lily?

É sempre sobre mim, nunca sobre ele.

— Ainda não.

— Mas que raio, Atlas? Às vezes és tão incapaz.

— Até que ponto conheces bem o Josh? — pergunto, mudando de assunto.

— Só está na escola há dois dias, por isso não o conheço super bem. Temos algumas aulas juntos.

— Como é que ele se está a sair nas aulas?

— Não faço ideia, não sou professor dele.

— Não me refiro às notas. Refiro-me às interações. Está a fazer amigos? É simpático?

O Theo inclina a cabeça.

— Estás a perguntar-me *a mim* se o teu irmão é simpático? Não devias saber?

— Acabei de o conhecer.

— Pois, também eu — diz o Theo. — E estás a fazer-me uma pergunta complexa. Os miúdos por vezes são maus, tu sabes disso.

— Estás a dizer que o Josh é mau?

— Há diferentes tipos de maldade. O Josh é do melhor género de mau.

Não estou a conseguir acompanhar. O Theo apercebe-se, por isso desenvolve.

— É uma espécie de *bully* dos *bullies*, se é que isso faz sentido.

A conversa está a deixar-me desconfortável.

— Então o Josh é… o *rei dos bullies*? Isso parece mau.

O Theo revira os olhos.

— É difícil de explicar. Mas não sei se não te surpreende que eu não seja o miúdo mais popular da escola. Estou na equipa de Matemática e sou… — descarta a última palavra. — Mas não tenho de me preocupar com miúdos como o Josh. Quando me perguntas se ele é simpático, não sei como responder a isso, porque ele não é simpático. Mas também não é mau. Ou pelo menos não é mau para as pessoas simpáticas.

Não respondo imediatamente porque estou a tentar absorver toda esta informação. Sou capaz de estar mais confuso do que antes da conversa. Mas gosto de saber que o Theo não tem medo do Josh.

— Adiante — diz o Theo, fechando a mochila. — Tu e a Lily. Já deu em alguma coisa?

— Não. Estamos ocupados. Mas amanhã vou com ela a um casamento.

— Vais finalmente beijá-la?

— Se ela quiser.

O Theo anui com a cabeça.

— Provavelmente vai querer, desde que te refreies de dizer pirosices, como, *Olha a tábua de queijos, vamos dar uns beijos*!

Agarro numa das almofadas do sofá e atiro-lha.

— Vou arranjar um psicólogo novo que não me faça *bullying*.

CAPÍTULO VINTE

LILY

É complicado ser a florista de um casamento *e também* convidada. Tenho andado o dia todo a correr para garantir que as flores são dispostas no recinto como a Lucy queria. Como se isso não bastasse, fechamos mais cedo por causa do casamento, por isso a Serena precisou de ajuda para terminar todas as encomendas e colocá-las no camião.

À hora a que o Atlas chega ao meu apartamento para me vir buscar, não estou minimamente pronta. Acabei de receber uma mensagem dele a perguntar se deve subir. Estou certa de que está com cautelas porque é tudo muito novo entre nós e ele não sabe quem poderá encontrar aqui se bater à porta, nem se eu quererei que se saiba que o Atlas é o meu acompanhante no casamento.

Estava hesitante em convidá-lo para a boda exatamente por essa razão, mas estou confiante de que ninguém no casamento da Lucy conhece sequer o Ryle. Frequentamos círculos diferentes. E na remota hipótese de alguém o conhecer e ele ficar a saber que eu estava acompanhada, a recompensa vale mais do que o risco. Estou ansiosa por esta noite desde que o Atlas aceitou ir comigo.

Sobe. Ainda estou a arranjar-me.

O Atlas bate à minha porta momentos depois. Quando abro para o deixar entrar, sinto os meus olhos a duplicarem de tamanho, como nos desenhos animados.

— Uau! — Fito-o todo aperaltado no seu fato de marca preto. Fica no corredor durante mais tempo do que normalmente eu faria alguém esperar antes

de o convidar a entrar, porque me esqueço de coisas básicas como a cordialidade quando estou na presença dele.

Traz um *bouquet* na mão, mas não é de flores. É de *bolachas*.

Entrega-mas.

— Calculei que já tivesses flores suficientes — diz ele. Inclina-se para me dar um beijo no rosto, e apetece-me virar a cara apenas o suficiente para que os seus lábios toquem nos meus, mas tenho esperança de não precisar de ser paciente por muito mais tempo.

— São perfeitas — digo, fazendo-lhe sinal para entrar. — Entra. Preciso de uns 15 minutos para me vestir.

Hoje estive tão ocupada que nem tive tempo para comer. Parto uma das bolachas e dou-lhe uma dentada. Depois falo com a boca cheia.

— Desculpa se isto é foleiro, mas estou cheia de fome. — Aponto para o meu quarto. — Podes esperar no quarto comigo enquanto me despacho. Eu não me demoro.

O Atlas olha em volta, absorvendo tudo enquanto me segue até ao quarto.

Tenho o vestido estendido em cima da cama, por isso pego nele e vou para a casa de banho. Deixo uma nesga da porta aberta, para podermos falar enquanto mudo de roupa.

— Onde é que está o Josh?

— Lembras-te do Brad, daquela noite de póquer?

— Lembro, sim.

— O filho dele, o Theo, está em minha casa com o Josh. Andam na mesma escola.

— Como é que ele se está a dar na escola?

Não vejo o Atlas, mas ele está mais perto da casa de banho quando responde:

— Bem, acho eu.

Parece que está mesmo ao pé da porta. Enfio o vestido pela cabeça e abro mais a porta. Escolhi um vestido justo cor de *merlot* e com alças fininhas. Tem um xaile a condizer, mas ainda está pendurado no roupeiro.

O Atlas olha-me de cima a baixo quando apareço à porta. Os seus olhos percorrem o meu corpo, mas não lhe dou tempo para me elogiar.

— Podes puxar-me o fecho? — Viro-me de costas para ele e levanto o cabelo, mas consigo sentir a sua hesitação. Ou talvez esteja a absorver o momento.

Passados alguns segundos, sinto os dedos dele comprimidos nas minhas costas enquanto puxa o fecho. Os arrepios percorrem-me a pele. Quando termina, deixo cair o cabelo e viro-me para o encarar.

— Preciso de me maquilhar. — Começo a recuar para a casa de banho, mas o Atlas prende-me pela cintura.

— Chega aqui — diz ele, puxando-me até eu ficar esmagada contra ele. Admira o meu rosto por alguns segundos, sorrindo com apreço. De modo sedutor. Como se estivesse prestes a beijar-me. — Obrigado por me convidares.

Devolvo-lhe o sorriso.

— Obrigada por teres vindo. Sei que tiveste uma semana atarefada.

Os olhos do Atlas parecem cansados. O brilho habitual esmoreceu um pouco, como se ele estivesse tenso e a precisar de uma noite de descanso. Não consigo deixar de lhe tocar na face quando digo:

— Podemos ir de Uber, se quiseres. Pareces estar a precisar de uma bebida.

O Atlas toca na mão com que toco no seu rosto. Inclina a cara de modo a poder beijar-me a palma da mão. Depois afasta a minha mão e entrelaça os dedos nos meus. Abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas apercebo-me do instante em que ele vislumbra a minha tatuagem.

O Atlas nunca viu a tatuagem no meu ombro — a que fiz porque ele me beijava sempre ali. Toca-lhe ao de leve com os dedos, contornando a sua forma. Os seus olhos encontram os meus.

— Quando é que fizeste isto?

Fico com a voz embargada e sou forçada a aclarar a garganta.

— Quando andava na faculdade. — Pensei muito neste momento, no que ele diria se alguma vez a visse, como é que isso o faria sentir.

Ele observa-me em silêncio e depois volta a olhar para a tatuagem. Está tão

próximo que até sinto a sua respiração na minha clavícula.

— Porque é que a fizeste?

Fi-la por tantas razões, mas opto por lhe revelar a mais óbvia.

— Porque tinha saudades tuas.

Espero que ele baixe a cabeça e dê um beijo ali, como já fez tantas vezes. Espero que *me beije*. Que encoste a boca à minha num agradecimento silencioso.

O Atlas não faz nada disso. Continua a fitar a tatuagem por um instante, mas depois solta-me e vira as costas. Tem uma voz distante quando diz:

— É melhor acabares de te arranjar, senão chegamos atrasados. — Dá alguns passos em direção à porta do quarto e depois, sem olhar para trás, acrescenta: — Eu espero na sala.

Sinto que acabaram de me sugar o ar.

Toda a sua postura se alterou. Não era nada disto que eu esperava dele. Fico petrificada durante alguns segundos deprimentes, mas depois obrigo-me a acabar de me arranjar. Talvez eu esteja a interpretar mal a sua reação e esta não tenha sido negativa. Talvez ele tenha gostado tanto que precisou de algum tempo a sós para processar tudo.

Seja qual for o motivo para a sua reação inesperada, reprimo o ardor das lágrimas durante todo o tempo em que estou a tentar maquilhar-me. Não consigo evitar. Acho que posso ter sido magoada nos meus sentimentos, e não estava nada à espera disso esta noite.

Vou ao roupeiro buscar os sapatos e o xaile, e, quando saio do quarto, quase estou à espera de que o Atlas se tenha ido embora, mas ele ainda lá está. Junto à parede do corredor a ver fotografias da Emmy. Quando me ouve sair do quarto, olha na minha direção e depois vira-se completamente para mim.

— Uau. — Parece genuinamente agradado quando volto à sua presença, por isso a chicotada confunde-me um pouco. — Estás linda, Lily.

Agradeço o elogio, mas não consigo ultrapassar o que acabou de acontecer. E se há uma coisa que aprendi com o relacionamento que tive antes e o que

testemunhei entre os meus pais é que me recuso a ser alguém que varre tudo para debaixo do tapete. Nem sequer quero que *exista* um tapete.

— Porque é que a minha tatuagem te incomodou?

A pergunta apanha-o desprevenido. Remexe na gravata enquanto parece pensar numa desculpa, mas não lhe ocorre nada e o corredor permanece em silêncio, tirando a respiração rápida e entrecortada que ele emite.

— Não foi a tatuagem.

— Então o que foi? Porque é que estás zangado comigo?

— Não estou zangado contigo, Lily. — Di-lo de forma convincente, mas não é o mesmo depois de ter visto a tatuagem, e eu não quero que comecemos com mentiras. Aparentemente, ele também não, porque consigo perceber que está a pensar no que vai dizer-me a seguir. Parece desconfortável, como se não quisesse ter esta conversa, pelo menos não agora.

Enfia as mãos nos bolsos das calças e suspira.

— Naquela noite em que te levei às urgências… eles ligaram-te o ombro. — A sua voz parece magoada, mas quando cruza o olhar com o meu, aquele som magoado não é nada em comparação com o tumulto na sua expressão. — Ouvi-te dizer à enfermeira que ele te tinha mordido, mas não estava suficientemente perto para ver que… — O Atlas detém-se a meio da frase e engole em seco. — Não estava suficientemente perto para ver a tatuagem e que ele tinha mordido… — O Atlas para novamente de falar. Está tão transtornado que nem consegue acabar a frase. Limita-se a avançar para outra. — Foi por isso que ele te mordeu? Porque leu os teus diários e soube que a tinhas feito por minha causa?

Sinto os joelhos trémulos.

Percebo porque é que o Atlas não queria ter esta conversa. É demasiado para uma conversa casual à saída de casa. Pressiono o meu estômago nervoso com uma mão aberta, preparada para lhe responder, mas é difícil falar do assunto. Sobretudo por saber que está a deixar o Atlas tão transtornado por minha causa.

Não quero magoá-lo, mas também não lhe quero mentir, nem proteger o Ryle seja de que forma for. Porque o Atlas tem razão. Foi exatamente por isso que o

Ryle fez o que fez, e detesto que a partir de agora o Atlas vá associar para sempre a minha tatuagem àquela memória horrível.

A minha falta de resposta é confirmação que baste para ele. Estremece e vira-me as costas. Vejo a inspiração profunda que se força a fazer para manter a calma. Parece que quer explodir, mas não tem aqui o Ryle para poder explodir em cima dele.

O Atlas está tão zangado, mas desta fúria eu não tenho medo.

Apercebo-me da importância deste momento. Estou sozinha com um homem zangado no meu apartamento, mas não temo pela minha vida, porque ele não está zangado comigo. Está zangado com a pessoa que *me magoou*. É uma raiva protetora, e existe todo um mundo de diferença entre as minhas reações à fúria do Ryle e à do Atlas.

Quando o Atlas se vira novamente para mim, vejo os seus maxilares cerrados e as veias salientes do seu pescoço quando fala.

— Como é que posso ser civilizado ao pé dele, Lily? — Há culpa na sua voz ao sussurrar: — Eu devia ter estado presente para ti. Devia ter feito mais.

Consigo compreender a raiva, mas o Atlas não tem nada de que sentir-se culpado. Eu não me encontrava num ponto da minha vida em que o Atlas pudesse dizer ou fazer alguma coisa que mudasse a minha visão do Ryle. Eu tinha de chegar lá sozinha.

Aproximo-me do Atlas e encosto-me à parede diante dele. Ele faz o mesmo na parede oposta, até ficarmos de frente um para o outro. Ele está a tentar gerir muitas emoções neste momento, e eu quero dar-lhe espaço para o fazer. Mas também tenho muito para dizer acerca da culpa que o Atlas carrega.

— A primeira vez que o Ryle me bateu, foi porque me ri dele. Eu estava um bocadinho tocada e achei graça a uma coisa que não tinha graça nenhuma, e ele deu-me uma estalada.

O Atlas tem de interromper o contacto visual depois de me ouvir dizer isto. Não sei se ele quer estes pormenores, mas há muito tempo que eu desejo contar-lhe tudo isto. Ele permanece quieto, encostado à parede, mas parece que precisa

de todas as suas forças para não ir a correr direito ao Ryle, onde quer que ele se encontre. Torna a olhar para mim com uns olhos penetrantes, esperando que termine.

— Da segunda vez, empurrou-me pelas escadas abaixo. A discussão começou porque encontrou o teu número escondido na capa do meu telemóvel. E quando me mordeu no ombro… tens razão. Foi porque leu os diários e descobriu que a minha tatuagem era por tua causa, e que tinhas sido tu a dar-me o íman que tinha no frigorífico. — Baixo os olhos brevemente, porque é difícil ver o quanto isto o afeta. — Dantes, eu pensava que as coisas que eu fazia justificavam, de alguma maneira, as suas reações. Por exemplo, se eu não me tivesse rido, ele talvez não me tivesse batido. Se eu não tivesse o teu número no meu telemóvel, talvez ele não tivesse ficado zangado ao ponto de me empurrar pelas escadas abaixo.

O Atlas já nem está a olhar para mim. Tem a cabeça encostada à parede e fita o teto, absorvendo tudo, petrificado na sua raiva.

— Sempre que eu começava a assumir a culpa e a justificar as reações do Ryle, pensava em ti. Perguntava a mim mesma qual teria sido a tua reação, comparando-a com a do Ryle. Porque sei que teria sido diferente. Se eu me tivesse rido de ti nas mesmas circunstâncias em que me ri do Ryle, tu ter-te-ias rido *comigo*. Nunca me terias dado uma estalada. E se algum homem deste planeta me tivesse dado o seu número de telefone como forma de me proteger de alguém que julgasse ser perigoso, tu ter-lhe-ias *agradecido* por isso. Não me terias atirado pelas escadas abaixo. E se os diários que te deixei ler fossem sobre um rapaz do secundário que não tu, terias brincado comigo. Provavelmente, terias sublinhado as frases que achasses pirosas e rido delas comigo.

Paro de falar até o Atlas voltar a concentrar-se em mim, e depois concluo.

— Sempre que duvidava de mim e pensava que o que o Ryle me fazia era, de alguma forma, merecido, bastava-me pensar em ti, Atlas. Pensava em como cada cenário teria sido diferente se fosses tu, e isso ajudou-me a lembrar-me de que nada daquilo era culpa minha. Tu és uma grande parte da razão de eu ter sobrevivido, embora não estivesses presente.

O Atlas absorve em silêncio tudo o que eu disse durante uns cinco segundos, mas depois fecha a distância entre nós e beija-me. Finalmente. *Finalmente*.

A sua mão direita enlaça-me a cintura enquanto me puxa de encontro a si, com a sua língua a deslizar de forma terna e quente pelos meus lábios, transpondo-os. A mão esquerda serpenteia pelo meu cabelo até ficar moldada pela minha nuca. Um novelo de desejo começa a desenrolar-se dentro de mim.

No seu beijo não há qualquer trepidação. A boca dele encontra a minha com confiança e a minha responde-lhe com alívio. Chego-me a ele, desejando que o seu calor se funda em mim. A sua boca e o seu toque são-me familiares, uma vez que já fizemos esta dança antes, mas, ao mesmo tempo, completamente novos, porque este beijo é composto por todo um novo conjunto de ingredientes. O nosso primeiro beijo foi feito de medo e inexperiência juvenil.

Este beijo é esperança. É conforto e segurança e estabilidade. É tudo aquilo que me tem feito falta na minha vida adulta, e estou tão feliz por eu e o Atlas nos termos novamente, que era capaz de chorar.

CAPÍTULO VINTE E UM

ATLAS

Já houve muitas coisas na minha vida que me deixaram zangado, mas nada me encheu mais de raiva do que ver a tatuagem da Lily e as cicatrizes desvanecidas em forma de dentada que a circundavam.

Nunca haverei de perceber como é que um homem pode fazer uma coisa daquelas a uma mulher. Nunca haverei de perceber como é que um *ser humano* pode fazer uma coisa daquelas a outro ser humano que devia amar e querer proteger.

O que percebo é que a Lily merece melhor. E foi a mim que calhou ser quem lhe vai *dar* melhor. Começando por este beijo que parecemos não conseguir interromper. Sempre que fazemos uma pausa para olharmos um para o outro, voltamos imediatamente a beijar-nos, como se tivéssemos de compensar todo o tempo perdido neste único beijo.

Percorro um rasto de beijos no queixo dela até à clavícula. Sempre adorei beijá-la ali, mas até ler o seu diário não sabia que ela tinha noção do quanto adorava beijá-la ali. Comprimo os lábios na sua tatuagem, determinado a garantir que ela recorde as boas partes de nós em todos os beijos futuros que lhe darei neste sítio. Se for necessário um milhão de beijos para ela não pensar nas cicatrizes que rodeiam a tatuagem do coração, então irei beijá-la aí um milhão e *uma* vez.

Dou-lhe beijos pelo pescoço acima, depois no queixo. Quando a olho de novo,

volto a deslizar a alça do vestido para o lugar, porque, por mais que me apetecesse ficar aqui horas, tenho de a levar a um casamento.

— Temos de ir — sussurro.

Ela assente com a cabeça, mas eu beijo-a outra vez. Não consigo evitar. Estou à espera deste momento desde que era adolescente.

* * *

Não sei propriamente dizer como correu o casamento, porque estava mais concentrado na Lily do que em qualquer outra coisa. Eu não conhecia lá ninguém e, depois de finalmente ter beijado a Lily esta noite, foi difícil concentrar-me noutra coisa que não fosse desejar que acontecesse outra vez. Dava para perceber que a Lily estava tão ansiosa por ficar sozinha comigo como eu por estar sozinho com ela. Ser obrigado a sentar-me pacientemente ao lado dela depois do que tinha acontecido entre nós no seu corredor foi uma tortura.

Assim que chegámos ao copo-d'água e a Lily viu tanta gente, ficou aliviada. Disse que a Lucy nunca se aperceberia se saíssemos mais cedo, e eu nem sequer conheço a Lucy, por isso não ia discutir com ela quando, depois de menos de uma hora de convívio com os outros convidados, ela me pegou na mão e nos escapulimos.

Acabámos de chegar ao prédio da Lily, e embora eu tenha quase a certeza de que ela quer que eu suba, não vou partir desse princípio. Abro-lhe a porta e espero que ela volte a calçar os sapatos. Tirou-os no carro porque estavam a magoar-lhe os pés, mas parecem difíceis de apertar. Como têm tiras, a Lily está a debater-se com elas no banco do passageiro. Mas duvido que queira caminhar descalça pelo chão da garagem.

— Posso levar-te às cavalitas.

Ela olha de relance para mim e ri-se, como se eu estivesse a brincar.

— Queres levar-me às cavalitas?

— Sim, pega nos sapatos.

Ela fita-me por um momento, mas depois sorri como se estivesse entusiasmada. Viro-me e ela enrola os braços no meu pescoço, ainda a rir-se. Ajudo-a a subir para as minhas costas e fecho a porta do carro com o pé.

Quando chegamos ao apartamento, inclino-me para a frente, para ela poder abrir a porta com a chave. Já no interior, ela ri-se quando a ponho no chão. Viro-me no preciso momento em que ela larga os sapatos e começa novamente a beijar-me.

A retomar exatamente onde interrompemos, parece-me.

— A que horas tens de estar em casa? — pergunta ela.

— Disse ao Josh dez ou onze. — Olhei para o relógio e já passa um pouco das dez. — É melhor telefonar-lhe a dizer que talvez me atrase?

A Lily assente com a cabeça.

— Vais mesmo atrasar-te. Liga-lhe enquanto preparo umas bebidas. — Enquanto ela vai à cozinha, eu pego no telemóvel para ligar ao Josh. Faço uma videochamada, para ter a certeza de que ele não está a fazer uma festa em minha casa. Duvido que o Theo o permitisse, mas não vou correr riscos com aqueles dois.

Quando o Josh atende a videochamada, o telemóvel está no chão. Vejo-lhe o queixo e a luz da televisão. Tem um comando na mão.

— Estamos a meio de um torneio — diz ele.

— Era só para saber de vocês. Está tudo bem?

— Tudo ótimo! — oiço o Theo gritar.

O Josh começa a sacudir o comando, premindo botões, mas depois grita:

— Merda! — Atira o comando para o lado e pega no telemóvel, aproximando-o mais da cara. — Perdemos.

O Theo aparece por trás dele.

— Isso não parece um casamento. Onde é que estás?

Não lhe respondo.

— Se calhar vou chegar um bocadinho mais tarde.

— Ah, estás em casa da Lily? — diz o Theo, aproximando-se mais do ecrã do

telemóvel. — Beijaste-a, finalmente? Ela ouve-me? Que frase de engate é que usaste para a convencer a convidar-te a entrar? *Lily! Vimos um casal que se ama, vamos é para a…*

Termino imediatamente a chamada, antes que ele acabe a rima, mas a Lily ouviu a conversa toda. Está a pouca distância de mim, com dois copos de vinho nas mãos. Tem a cabeça inclinada, confusa.

— Quem era esse?

— O Theo.

— Quantos anos tem?

— Tem 12.

— Falas de nós a um miúdo de 12 anos?

Ela parece divertida. Tiro-lhe um copo de vinho da mão e, um instante antes de dar um gole, digo:

— Ele é o meu psicólogo. Encontramo-nos todas as quintas-feiras às quatro da tarde.

Ela ri-se.

— O teu psicólogo ainda anda na escola?

— Sim, mas está prestes a ser despedido. — Abraço a Lily pela cintura e puxo-a para mim. Quando a beijo, sabe ao vinho tinto que acabou de servir. Beijo-a mais profundamente para obter mais desse sabor. Mais dela.

Quando ela recua, diz:

— Isto é estranho.

Não sei o que é que ela acha que é estranho. Espero que não esteja a referir-se a nós, porque estranho seria a última palavra que eu usaria para descrever isto.

— O que é que é estranho?

— Ter-te aqui. Não ter cá uma criança. Não estou habituada a tempo livre nem a… tempo para homens. — Dá mais um gole no vinho e separa-se de mim. Pousa o copo na bancada e encaminha-se para o quarto. — Anda, vamos aproveitar.

Obedeço demasiado depressa.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

LILY

Estou a tentar agir de modo confiante, mas assim que entro no quarto perco toda a confiança que me trouxe até aqui.

É que já passou tanto tempo desde que estive com alguém! Provavelmente, desde logo depois de ter engravidado da Emmy. Não tive sexo depois de ela nascer e não tenho sexo com o Atlas desde os 16 anos, e estes dois pensamentos juntam-se num rodopio e criam este monstruoso e invasivo tornado de sentimentos na minha cabeça.

Estou parada no meio do quarto quando o Atlas aparece à porta, alguns segundos depois. Ponho as mãos nas ancas e… simplesmente deixo-me ficar. Ele olha-me fixamente. Sinto que sou eu que devo tomar a próxima atitude, visto que fui eu quem o convidou para o meu quarto.

— Não sei o que fazer a seguir — admito. — Já passou algum tempo.

O Atlas ri-se. Depois passeia-se em direção à cama, porque, como é evidente, não pode simplesmente andar de uma maneira pouco atraente. Cada movimento que faz é sexy. Até a despir o casaco do fato é sexy. Atira-o para cima da minha cómoda e descalça os sapatos. *Céus, até isso foi sexy.* Depois senta-se na minha cama.

— Vamos falar. — Encosta-se à cabeceira da cama e cruza os tornozelos. Parece muito descontraído. E *sexy*.

Não me imagino a deitar-me naquela cama com este vestido. Seria

desconfortável, e provavelmente não muito divertido de tentar despir, se chegarmos a esse ponto.

— Deixa-me trocar de roupa primeiro. — Entro no *closet* e fecho a porta.

Acendo a luz, mas nada acontece. A lâmpada está fundida. *Merda.* Não consigo vestir-me às escuras. Não tenho o telemóvel comigo, por isso não posso usar a aplicação da lanterna para me ajudar.

Dou o meu melhor, mas demoro um minuto a descer o fecho. Quando finalmente consigo, em vez de sair de dentro do vestido, não sei porquê tento tirá-lo pela cabeça, e é claro que me fica preso no cabelo. Tento soltar o cabelo, mas o vestido é pesado e o processo demora uma eternidade no escuro, e eu não posso ir ao espelho porque o Atlas está lá fora. Após alguns minutos de derrota, o Atlas bate finalmente à porta.

— Estás bem?

— Não. Estou presa.

— Posso abrir a porta?

Estou em cuecas e soutien, com um vestido a meio da cabeça, mas é o que mereço. Isto é *karma* do *closet*.

— Podes, mas não estou propriamente vestida.

Ouço o Atlas a rir-se, mas, quando abre a porta e vê a minha situação, põe-se imediatamente em ação carregando no interruptor. Nada acontece, como é óbvio.

— A lâmpada está fundida.

Aproxima-se de mim para inspecionar a situação.

— O que é que aconteceu?

— O meu cabelo está preso.

O Atlas pega no telemóvel e usa a luz para ver onde é que eu estou emaranhada. Puxa-me o cabelo para um lado e o vestido para o outro, e depois, por artes mágicas, o meu vestido cai ao chão.

Aliso o cabelo.

— Obrigada. — Cruzo os braços diante do corpo. — Isto é confrangedor.

A luz do telemóvel do Atlas ainda está acesa, por isso ele vê que estou em

cuecas e soutien. Apaga a luz do telemóvel, mas a porta do *closet* está aberta e há um candeeiro no quarto, portanto continuo muito visível para ele.

Há um momento de hesitação de ambas as partes. Ele não sabe se há de ir-se embora e deixar-me acabar de vestir, e eu não sei se quero que ele o faça.

E de repente começamos a beijar-nos.

Simplesmente aconteceu, quando nos movemos ao mesmo tempo em direção um ao outro. Uma das mãos dele desliza pela minha nuca e a outra vai diretamente para o fundo das minhas costas, tão em baixo que os dedos dele roçam nas minhas cuecas.

Envolvo-lhe o pescoço com os braços e puxo-o para mim com tanta força que tropeçamos numa fileira de roupas. Ele endireita-nos de novo, mas consigo sentir-lhe um sorriso no beijo. Afasta-se da minha boca o suficiente para poder falar.

— Que cena é este que tu tens com arrecadações? — Depois torna a beijar-me.

Ficamos aos beijos no *closet* durante alguns minutos, e é tudo como me lembro de todas as vezes em que nos escondíamos para ficar na marmelada quando éramos mais novos. O desejo, o entusiasmo, a novidade de fazer coisas que nunca tínhamos feito, ou, neste caso, que não fazíamos há muito tempo.

Faz-me lembrar o quanto eu adorava estar numa cama com ele. Quer estivéssemos aos beijos, na conversa ou a fazer outras coisas, as memórias que criei com ele no meu quarto são algumas das minhas recordações favoritas. Está a beijar-me o pescoço quando sussurro:

— Leva-me para a cama.

Ele não hesita. Desliza as mãos pelo meu rabo e segura-me as coxas, levantando-me. Leva-me para fora do *closet*, atravessa o quarto e pousa-me em cima do colchão, antes de se deitar em cima de mim.

O toque dele em mim deixa-me ainda mais desesperada pelo seu corpo, mas ele lida com isto do mesmo modo como lidava com as nossas sessões de

marmelada. Com paciência e apreço — como se estar nos amassos fosse suficiente e estar apenas a beijar-me fosse já um privilégio.

Não sei onde vai buscar essa paciência, porque eu só quero que ele se dispa e me trate como se esta fosse a sua única oportunidade de me ter.

Talvez ele o fizesse, se achasse que era assim, mas ambos sabemos que isto é apenas o início. Está a levar as coisas com calma porque eu assim lho pedi. Estou certa de que, se lhe pedisse para ir mais depressa, ele também o faria.

O Atlas consciencioso.

Acabamos por chegar a um ponto em é preciso tomar uma decisão. Eu tenho um preservativo na minha gaveta e ele deverá ter algum tempo antes de precisar de se ir embora, mas quando paramos de nos beijar durante o tempo suficiente para olharmos um para o outro, ele abana a cabeça. Estamos ambos com a respiração pesada, e um pouco esgotados devido à excitação intensa, por isso ele rebola de cima de mim e deixa-se cair de costas.

Ainda está vestido. Eu ainda estou em cuecas e soutien. Não chegámos a avançar daí.

— Por mais que eu queira — ofega ele —, não quero ter de me ir embora logo a seguir.

Vira-se de lado e coloca uma mão na minha barriga. Observa-me com um olhar insatisfeito, como se quisesse dizer *«Que se dane»* e depois atacar-me.

Suspiro e fecho os olhos.

— Há alturas em que odeio a responsabilidade.

O Atlas ri-se e eu sinto-o a chegar-se mais perto. Beija-me o canto da boca e começa a falar.

— Não tenho de ir embora *já*. — Quando o diz, o seu dedo indicador desliza sob a bainha das minhas cuecas, mesmo abaixo do meu umbigo. Arrasta-o para a frente e para trás, à espera de uma reação.

Ergo as ancas, esperando ser bastante explícita.

Pareço ter todas as partes do meu corpo em brasa quando ele faz deslizar mais dois dedos para dentro da minha roupa interior. Então, quando toda a sua mão

acompanha o movimento, estou perdida. Solto um arquejo trémulo e agarro-me ao lençol de cada lado do corpo, arqueando as costas e as ancas contra a mão dele.

Ele leva a boca à minha, mas não me beija. Deixa-se ficar junto aos meus lábios, usando o movimento das minhas ancas e o som dos meus gemidos para o conduzirem até ao término.

Ele é extremamente intuitivo. Não demoro tempo nenhum até ficar tensa em torno da sua mão, puxando-lhe o pescoço para baixo de modo a poder beijá-lo durante o clímax.

Quando termino, ele tira a mão de dentro das minhas cuecas e fecha-a em concha, deixando-a sobre mim enquanto recupero. Tenho o peito arquejante quando tento recuperar o fôlego.

O Atlas também respira pesadamente, mas preciso de um minuto para recuperar antes de poder fazer algo acerca disso.

— Lily. — O Atlas beija-me com ternura na face. — Acho que tu… — Quando faz uma pausa, abro os olhos para olhar para ele. Desvia o olhar para os meus seios e de novo para o meu rosto.

Depois, puxa pela camisa branca e olha para ela, e eu percebo que tem uma mancha.

Oh, merda.

Olho para o meu soutien e vejo que está encharcado. *Oh, meu Deus.* Leite. Por toda a parte. Sou tão idiota.

O Atlas não parece nada perturbado. Rebola para fora da cama e diz:

— Vou dar-te alguma privacidade.

Sinto-me um pouco mortificada por estar com o soutien coberto de leite materno, por isso pego no lençol e tapo o peito com ele antes de ir ter com o Atlas ao fundo da cama. Isto deu cabo da disposição.

— Vais-te embora?

— Claro que não. — Beija-me e sai do quarto, como se fosse completamente normal para um homem estar nos amassos com uma mulher que está a

amamentar um bebé que nem é dele. Foi seguramente pelo menos um pouco desconfortável para ele, mas disfarçou bem.

Passo os minutos seguintes na casa de banho a tirar leite com a bomba e depois tomo um duche rápido de dez segundos. Visto uma t-shirt largueirona e uns calções de pijama antes de voltar à sala.

O Atlas está sentado no sofá, esperando pacientemente com o telemóvel na mão. Quando me ouve entrar na sala, levanta a cabeça e olha-me de alto a baixo. Ainda estou um bocadinho envergonhada, portanto, quando me sento ao seu lado, não me sento *mesmo* ao seu lado. Sento-me a cerca de meio metro dele e murmuro:

— Desculpa lá.

— Lily. — Ele consegue sentir o meu embaraço, por isso estende o braço para mim. — Anda cá. — Recosta-se no sofá e puxa a minha perna para cima da dele, para eu ficar a montá-lo. Faz deslizar as mãos pelas minhas coxas até à cintura e deixa a cabeça tombar preguiçosamente contra o sofá.

— Tudo nesta noite foi perfeito. Não te atrevas a pedir desculpa.

Reviro os olhos.

— Estás a ser simpático. Eu sujei-te de leite.

O Atlas passa a mão pela parte de trás do meu pescoço e puxa-me para ele.

— Pois, enquanto estávamos aos beijos. Não me ralo absolutamente nada, acredita. — Beija-me logo em seguida, o que pode ser um erro, porque *lá vamos nós outra vez.*

A este ritmo, vai ser impossível ir-se embora. Se calhar eu devia ter vestido outro soutien, mas sinceramente pensava que ia à sala só para me despedir dele. Não sabia que íamos retomar no sofá o que tínhamos interrompido, mas não me importo nada.

A nossa posição é tão perfeita que nem sequer precisamos de nos ajeitar para tirar o melhor partido dela. Ele geme durante o beijo, o que só me incentiva mais ainda.

Uma das mãos do Atlas sobe pelas costas da minha t-shirt, mas sinto-o a

hesitar quando não encontra nenhum soutien. Faz uma pausa no nosso beijo e olha-me nos olhos. Continuo a roçar-me nele, e a maneira como olha para mim penetra-me até ao âmago. Começa a contornar as minhas costas até ao seio. Quando o envolve na mão, isso parece ligar um interruptor dentro dele. E de mim.

O nosso beijo torna-se febril quando começo a desabotoar-lhe a camisa. Não dizemos mais nada. Apenas removemos freneticamente cada peça de roupa que ainda resta entre nós, e nem nos damos ao trabalho de ir para o quarto. Quase nem interrompemos o beijo para ele pegar na carteira, tirar de lá um preservativo e colocá-lo.

E então, como se fosse a coisa mais natural do mundo, o Atlas beija-me enquanto me penetra, e eu sinto-me tão amada como da primeira vez que isto aconteceu entre nós. Há tantos sentimentos que despertam neste momento que, quando finalmente nos unimos, nem sei bem se alguma vez terei experienciado algo tão caoticamente belo.

Ele suspira de encontro ao meu pescoço, como se estivesse a ser invadido pelos mesmos sentimentos. Começa a entrar e sair de mim devagar, beijando-me com ternura durante o tempo todo. No entanto, passados vários minutos, os beijos tornam-se frenéticos e ambos ficamos transpirados, mas estou tão completamente entregue ao momento que nada mais me importa além do facto de estarmos outra vez juntos e que isso é que está certo. Tudo nisto está tão certo.

Estou exatamente no meu devido lugar, a ser amada pelo Atlas Corrigan.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ATLAS

Eu devia mesmo ir para casa, mas é tão difícil sair desta cama depois das últimas horas com ela. A seguir ao sofá, veio o chuveiro. Agora estamos os dois demasiado cansados para fazer algo que não seja falar.

Ela está deitada de costas, com os braços cruzados sob a cabeça. Está a olhar para mim, ouvindo atentamente o relato do meu encontro de ontem com um advogado.

— Ele diz que eu fiz bem em levá-lo ao hospital. Eles foram legalmente obrigados a notificar a Comissão de Proteção de Menores. Mas não sei bem como me sinto acerca disso, porque assim o poder fica nas mãos do Estado. E se eles não acharem que eu sou o melhor para ele?

— Porque é que não haveriam de achar?

— Eu trabalho muito. Não sou casado, portanto o Josh vai ficar algum tempo sozinho. E não tenho qualquer experiência na educação de miúdos. Podem considerar que o Tim é mais adequado, visto ser o pai biológico. Até podem devolvê-lo à minha mãe, porque nem sequer estou certo de que o que ela fez é o suficiente para lhe ser retirada a guarda.

A Lily inclina-se para mim e beija-me o braço.

— Vou dizer-te o mesmo que me disseste da primeira vez que fizemos uma videochamada: «Estás a stressar por causa de coisas que ainda não aconteceram.»

Comprimo momentaneamente os lábios.

— Eu disse mesmo isso.

— Pois disseste — insiste ela. Aninha-se em mim, pondo uma perna por cima da minha coxa. — Vai correr tudo bem, Atlas. Tu és o melhor para ele, e qualquer pessoa de direito o verá. Garanto.

Enrolo-me nela, encaixando-lhe a cabeça debaixo do meu queixo. É incrível que, embora tenhamos mudado tanto fisicamente desde a nossa adolescência, de alguma forma continuemos a encaixar tão na perfeição como nessa altura.

— Tenho andado para te fazer uma pergunta — diz ela, chegando-se para trás o suficiente para me olhar. — Lembras-te da nossa primeira vez? O que é que aconteceu depois dessa noite? Depois de o meu pai te magoar?

Não me surpreende que ela pense nisso, porque também já me ocorreu na noite de hoje. É a primeira vez que temos intimidade desde essa noite que acabou de forma tão terrível, por isso é difícil não fazer comparações.

A última entrada do diário dela era exatamente sobre isso. Foi doloroso de ler, perceber o quanto ela estava magoada. Acima de tudo, gostava que tudo tivesse acabado melhor do que acabou.

— Não me lembro de grande coisa dessa noite — admito. — Acordei no hospital no dia seguinte, confuso. Sabia que tinha sido o teu pai a magoar-me, disso ainda me lembrava, mas não fazia ideia se ele te tinha feito o mesmo a ti. Premi o botão de chamada várias vezes, mas, como ninguém veio ao meu quarto, fui a coxear pelo corredor com um tornozelo partido. Estava frenético, a querer saber se tu estavas bem, mas a pobre enfermeira não fazia ideia do que é que eu estava a falar.

A Lily aperta-me mais enquanto eu falo.

— Finalmente ela lá me acalmou o suficiente para que eu lhe desse as tuas informações, e depois regressou para me dizer que só eu é que tinha dado entrada com ferimentos. Perguntou-me se o teu pai era o Andrew Bloom. Respondi-lhe que sim e que queria apresentar queixa. Quando lhe perguntei se podia vir um polícia ao meu quarto, ela olhou-me com compaixão. Lembro-me

das suas palavras exatas: «A lei está do lado dele, meu querido. Ninguém o denuncia. Nem sequer a mulher dele.»

A Lily exala de encontro ao meu peito, por isso faço uma pausa e dou-lhe um beijo no cimo da cabeça.

— E depois? — sussurra.

— Apresentei queixa na mesma — respondo. — Sabia que, se não o denunciasse, a tua mãe nunca iria sair daquela situação. Obriguei a enfermeira a chamar um agente, mas, quando ele finalmente chegou nessa tarde, não foi para ouvir o meu depoimento. Estava ali para deixar bem claro que, se alguém fosse preso, não seria o teu pai. Disse que o teu pai me podia mandar prender por invasão de propriedade e violação da filha. Foram essas as palavras exatas do agente, como se a relação que nós os dois tínhamos fosse algo de criminoso. Senti-me culpado por isso durante anos.

A Lily ergue o olhar para mim e pousa a mão no meu rosto.

— O quê? Atlas, nós só temos dois anos e meio de diferença. Não fizeste absolutamente nada de errado.

Fico grato por ouvi-la dizer estas palavras, mas isso não muda o facto de eu me sentir culpado por levar os meus problemas para a vida dela. Mas também me senti culpado por tê-la abandonado depois de levar esses problemas para a vida dela.

— Não sei se alguma escolha que eu tivesse feito nessa altura me teria parecido correta. Não queria ficar e colocar-te em mais perigo, se aparecesse novamente na tua casa. E não queria ser preso, porque assim não poderia ir para a tropa. Achei que o melhor era deixar espaço entre nós e depois, um dia, eu haveria de contactar-te para saber se ainda pensavas em mim como eu pensava em ti.

— Todos os dias — sussurra ela. — Pensava em ti todos os dias.

Acaricio-lhe as costas por um momento e depois entrelaço os dedos no seu cabelo, perguntando-me como conseguia ela fazer-me sentir tão inteiro, quando eu não fazia ideia de que, sem ela, era apenas metade de mim próprio.

É claro que tinha sentido a falta dela estes anos todos, e se pudesse ter estalado os dedos e trazê-la de volta para a minha vida, tê-lo-ia feito num ápice. Mas tínhamos construído vidas separadas, ela com o Ryle e eu com a minha carreira, e eu parti do princípio de que esse era o nosso destino. Habituara-me a não viver a vida com ela. Mas agora que ela está de volta, não sei se conseguirei voltar a sentir-me inteiro sem ela. Sobretudo depois desta noite.

— Lily — sussurro.

Ela não reage. Chego-me um bocadinho para trás e vejo que tem os olhos fechados e o seu braço ficou flácido em meu redor. Tenho medo de a acordar se me mexer. Mas disse ao Josh que só chegaria umas duas horas depois do que lhe tinha dito inicialmente, e já se passaram três horas. Nem sequer sei se é permitido deixar miúdos de 12 anos desacompanhados.

O Brad disse que eles ficavam bem sozinhos. E se ele nem sequer deixa o Theo ter telemóvel, duvido que me permitisse deixá-lo sozinho enquanto ia sair com uma mulher, se ele não tivesse já feito o mesmo com o filho.

Se calhar devia pesquisar no *Google* qual é o limite de idade em Boston para deixar um miúdo em casa sozinho.

Estou a pensar demais. É claro que eles estão bem. Nenhum deles telefonou nem mandou mensagem por causa de algum tipo de emergência, e há miúdos de 12 anos que até ficam a tomar conta de outras crianças.

Acho que está tudo bem, mas preciso de ir para casa na mesma. Ainda não conheço o Josh o suficiente para ter a certeza de que não está a fazer uma festa louca na minha casa neste momento. Retiro lentamente o braço de baixo da cabeça da Lily e esgueiro-me da cama. Visto-me o mais silenciosamente possível e vou à procura de papel e caneta. Não quero acordá-la, mas não quero ir-me embora sem lhe dizer nada. Sobretudo depois da noite que tivemos.

Encontro um bloco e uma caneta na gaveta da cozinha e sento-me à mesa para lhe escrever uma carta. Quando termino, levo-a para o quarto e pouso-a na almofada ao lado dela. Depois dou-lhe um beijo de boa-noite.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

LILY

Há um batuque na minha cabeça.

E *fora* da minha cabeça.

Levanto a cara da almofada e sinto baba no queixo. Limpo-a com a ponta da fronha. Endireito-me na cama e vejo que o Atlas deixou um bilhete ao meu lado. Vou para pegar nele mas ouço novamente a batida na porta, por isso enfio-o debaixo da almofada, para ler mais tarde, e obrigo-me a arranjar espaço no meu cérebro enevoado para o que está a acontecer neste momento.

A Emmy está em casa da minha mãe.

Acabei de ter a melhor noite de sono dos últimos dois anos.

Está alguém à minha porta.

Pego no telemóvel que está em cima da mesa de cabeceira e tento focar-me no ecrã. Tenho várias chamadas perdidas do Ryle, o que me deixa com receio de que se passe algo de errado. Mas a única coisa que tenho da minha mãe é uma fotografia da Emmy a tomar o pequeno-almoço há meia hora.

Ufa. A Emmy está bem. Descontraio imediatamente, mas saber que é provável que seja o Ryle a bater à minha porta não me permite grande descontração.

— Calma! — grito.

Visto qualquer coisa rapidamente — uma t-shirt e calças de ganga — e abro-lhe a porta. Ele passa por mim e entra sem ser convidado.

— Está tudo bem? — Parece em pânico, mas também aliviado por ver que estou viva.

— Eu estava a dormir. Está tudo bem. — Ele percebe que estou irritada. Olha de relance em volta do quarto, à procura da Emmy. — Ela passou a noite em casa da minha mãe.

— Ah. — Está desapontado. — Tentei ligar-te porque queria vir buscá-la por algumas horas. Como não atendias o telefone e a esta hora estás sempre acordada… — A voz do Ryle falha quando vê o sofá. Não preciso de olhar para lá para saber o que ele está a ver. A minha t-shirt e as minhas cuecas ainda estão espalhadas por cima das costas do sofá, tenho a certeza.

— Deixa-me ligar à minha mãe a dizer que vais lá. — Vou buscar o telemóvel ao quarto, na esperança de que o Ryle não me vá interrogar. Está a arruinar a boa-disposição com que o Atlas me deixou na noite passada.

Quando regresso à sala de estar, paro à procura do contacto da minha mãe no telemóvel. O Ryle tem um copo de vinho na mão e está a inspecioná-lo. É aquele por onde o Atlas bebeu. O meu está na bancada ao lado deste — um claro indício de que esteve aqui alguém a beber *comigo* na noite passada.

Antes de a minha roupa interior me ter sido tirada e deixada no sofá.

Vejo o ciúme do Ryle a borbulhar quando pousa o copo e me olha diretamente.

— Alguém passou aqui a noite?

Não me dou ao trabalho de negar. Sou adulta. Uma adulta descomprometida. *Bem, possivelmente já não descomprometida, mas isso é outro assunto*.

— Estamos divorciados, Ryle. Não podes fazer-me perguntas dessas.

Talvez tenha sido a coisa errada a dizer, porque o Ryle reage imediatamente, dando dois passos rápidos na minha direção.

— Não posso perguntar se alguém passou a noite na casa onde a minha filha *vive*?

Dou um passo atrás.

— Não é a isso que me refiro. E não traria ninguém para junto dela sem a tua aprovação, por isso é que ela está em casa da minha mãe.

Os olhos do Ryle estão semicerrados, acusadores. Parece estar com nojo de

mim.

— Não a deixas passar uma noite comigo, mas vais despejá-la noutro sítio qualquer quando queres que te fodam? — Ele ri-se. — Grande exemplo de mãe, Lily.

Agora estou a ficar furiosa.

— Esta é só a segunda vez que ela passa uma noite fora desde que nasceu, há quase um ano. Não me faças sentir culpada por tirar uma noite para mim mesma. E quando eu tiro uma noite para mim, o que faço durante esse tempo não te diz respeito.

O Ryle está com aquela expressão no olhar — o vazio distante que sempre se instalou instantes antes de ele ir demasiado longe.

A minha fúria transforma-se imediatamente em medo, e quando o Ryle vê que estou a recuar, solta aquele som de raiva. Um som irado e gutural de frustração que ressoa pela sala.

Sai do meu apartamento batendo com a porta. Ouço-o gritar a palavra *foda-se* no corredor.

Não sei de onde vem esta raiva em direção a mim. Está zangado por eu estar a seguir em frente? Está zangado por a Emmy estar com a minha mãe? Ou é porque eu a deixo dormir em casa da minha mãe mas ainda não me sinto à vontade a deixá-la passar a noite com ele? Talvez esteja zangado pelas três coisas ao mesmo tempo.

Solto uma exalação calmante, aliviada por ele se ter ido embora, mas antes de conseguir pensar no que fazer a seguir, o Ryle abre a minha porta outra vez. Olha-me do corredor quase sem expressão e diz:

— É ele?

Sinto o coração a ficar preso na garganta quando ele faz a pergunta. Não diz o nome do Atlas, mas a quem mais poderia estar a referir-se? Não o nego de imediato, o que para ele serve de confirmação.

O Ryle ergue os olhos para o teto por um instante, depois abana a cabeça.

— Quer dizer que eu tinha razões para estar preocupado por causa dele este

tempo todo?

Os últimos minutos tinham sido uma montanha-russa de emoções, mas nada foi tão tumultuoso como a pergunta que acabou de lhe sair da boca. Dou alguns passos até à ombreira da porta, preparada para lha fechar na cara assim que dissesse o que tinha a dizer.

— Se achas mesmo que te fui infiel, força, acredita no que quiseres. Já me falta a energia para continuar a convencer-te do contrário. Já te expliquei isto antes, por isso não vou repeti-lo. Eu nunca te teria deixado por causa do Atlas. Eu não te *deixei* por causa do Atlas. Deixei-te porque mereço ser mais bem tratada do que fui tratada por ti.

Vou para fechar a porta, mas, antes de conseguir dar um passo atrás, o Ryle avança e empurra-me, até eu bater com as costas na porta aberta da sala. Tem os olhos carregados de fúria quando desliza a mão esquerda para a base da minha garganta, aplicando pressão, como se quisesse prender-me ali. Bate com a palma da mão aberta na porta junto da minha cabeça, e isso assusta-me tanto que fecho instantaneamente os olhos, sem querer ver o que vem a seguir.

Uma enorme vaga de ansiedade e medo assola-me com tanta intensidade que receio desmaiar. Sinto a respiração do Ryle a embater na minha face ao sair através dos seus dentes cerrados, porque a cara dele está muito perto da minha. O meu coração bate com tanta força que não é possível que ele não sinta esse medo a embater na palma da sua mão, da maneira como está pressionada contra mim. Quero gritar, mas apavora-me a ideia de que, se eu fizer um barulho, ele possa ficar ainda mais zangado.

Vários segundos passam entre o momento em que o Ryle me prende contra a porta e o momento em que começa a aperceber-se do que fez. Do que mais estava *prestes* a fazer, provavelmente.

Ainda tenho os olhos fechados, mas consigo sentir o remorso no modo como ele se inclina para a frente e encosta a testa à porta, mesmo ao lado da minha cabeça. Ainda estou manietada, mas ele aliviou a pressão na mão com que me

prende o pescoço, e de dentro dele sai um som de esforço, como se estivesse a tentar não chorar.

Isto leva-me de volta à última noite em que me agrediu. Aos pedidos de desculpa que sussurrava enquanto eu perdia e recuperava a consciência. *Desculpa, desculpa, desculpa*.

Tenho o coração despedaçado, porque o Ryle não mudou nada. Por muita esperança que eu tivesse, e por mais que eu soubesse que era o que ele queria, ele continua a ser o mesmo homem que sempre foi. De certa forma, agarrei-me a uma centelha de esperança de que ele se tivesse tornado mais forte pela Emmy, mas esta é a confirmação absoluta de que as escolhas que estou a fazer para ela são as corretas.

O Ryle está agarrado a mim como se eu pudesse tornar isto melhor, e a dada altura pensei que sim. Ele é um homem destroçado, mas não por minha causa. Já estava destroçado antes de me conhecer. Por vezes, as pessoas julgam que, se amarem o suficiente alguém que está destroçado, esse amor pode acabar por curá-lo, mas o problema é que a outra pessoa acaba também destroçada.

Não posso dar-me ao luxo de deixar que tornem a destroçar-me. Tenho uma filha e preciso de estar inteira para ela.

Pressiono as mãos contra o peito dele e empurro-o para o corredor. Quando finalmente tenho espaço suficiente entre nós para fechar a porta, fecho-a, tranco-a, e em seguida ligo logo à minha mãe a dizer-lhe que meta a Emmy no carro e vá ter comigo ao parque. Não quero que elas estejam em casa se o Ryle decidir aparecer por lá.

Depois de terminar a chamada, desloco-me com propósito pelo meu apartamento. Se parar e me permitir ficar perdida no que acabou de acontecer, sou capaz de chorar. Não tenho tempo para chorar agora. Visto-me para ir ao parque, porque preciso de estar presente para a minha filha de todas as maneiras que puder.

Antes de sair porta fora, pego no bilhete que o Atlas me escreveu e meto-o na

mala. Tenho a sensação de que as suas palavras serão o único foco luminoso deste dia.

* * *

A minha premonição está a tornar-se realidade. Ouço um sonoro trovão assim que estaciono junto ao parque. Há uma trovoada a formar-se a leste e vem nesta direção. *Muito adequado.*

No entanto, ainda não está a chover, por isso perscruto a zona dos baloiços até ver a minha mãe. Tem a Emmy ao colo e estão a descer juntas no escorrega. Como ela ainda não me viu, aproveito para tirar a carta do Atlas da mala. Ainda estou zonza devido à minha interação com o Ryle. Gostava de ler algo que me deixasse com boa-disposição antes de ir saudar a minha filha.

Querida Lily,

Desculpa ter de sair sem me despedir, mas adormeces tão facilmente! Não me importo, gosto de te ver a dormir. Mesmo que seja num carro a meio de uma saída romântica.

Quando éramos mais novos, por vezes ficava a ver-te dormir. Gostava que parecesses tão tranquila, porque quando estavas acordada havia sempre em ti um medo silencioso. Mas quando dormias, o medo desaparecia, e isso deixava-me mais descansado.

Nem consigo dizer-te o que esta noite significou para mim. Acho que não preciso de o exprimir por palavras, porque tu estavas lá. Também o sentiste.

Sei que disse que carregava muita culpa por causa do que aconteceu entre nós, mas não quero que penses que me arrependo de te ter amado nessa altura. Se há alguma coisa de que me arrependo é de não ter lutado mais por ti. Acho que a maior parte da minha culpa vem daí — de saber que, se não te

tivesse abandonado, tu nunca terias encontrado um homem que acabaria por te agredir como o teu pai agredia a tua mãe.

Mas, independentemente de como chegámos aqui, é onde estamos agora. Eu tinha de chegar a um ponto em que percebesse que sempre tinha sido digno de ser amado por ti. Detesto que não tenhamos chegado aqui mais cedo, porque quem me dera que não tivesses passado por tantas coisas na tua vida, ou que eu as pudesse ter evitado. Mas qualquer outro rumo não te teria dado a Emerson, por isso sinto-me grato por termos acabado aqui.

Adoro ouvir-te falar dela. Estou desejoso de a conhecer. Mas isso chegará a seu tempo, tal como todas as outras coisas por que estou ansioso. Vamos continuar a levar isto a um ritmo que te deixe confortável. Quer possa falar contigo todos os dias ou ver-te uma vez por mês, tudo é melhor do que os anos que tive de passar sem saber nada de ti.

Estou tão feliz por estares feliz. Foi tudo o que sempre quis para ti.

Mas tenho de te dizer que não há nada melhor do que saber que é comigo que és feliz agora.

Com amor,
Atlas

Estremeço com tanta força que quase rasgo a carta ao meio quando alguém bate na minha janela. Arquejo e ergo o olhar para ver a minha mãe ao lado do carro. O rosto da Emmy ilumina-se quando me vê através do vidro, e só esse sorriso basta para eu sorrir de volta.

Bem, o sorriso dela e a carta que tenho na mão.

Dobro-a e volto a guardá-la na mala. A minha mãe abre a porta.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo bem. — Tiro-lhe a Emmy dos braços, mas a minha mãe semicerra os olhos com desconfiança.

— Parecias assustada quando me pediste para vir ter contigo ao parque.

— Está tudo bem — digo, querendo encerrar o assunto. — Só não queria que o Ryle fosse buscá-la hoje. Não está muito bem-disposto, e sabia que ela estava contigo, portanto… — Exalo e caminho até aos baloiços vazios. Sento-me num deles e ponho a Emmy ao meu colo, virada para a frente. Dou balanço com o pé, ao mesmo tempo que vejo a minha mãe a sentar-se no baloiço ao lado do nosso.

— Lily. — A minha mãe olha-me com preocupação. — Conta-me o que aconteceu.

Sei que a Emerson ainda só tem um ano e não consegue perceber o que eu digo, mas mesmo assim não me sinto à vontade para falar do pai dela na sua presença. Estou convencida de que os bebés e as crianças pequenas pressentem os estados de espírito, ainda que não compreendam o que se diz.

Tento explicar a minha situação sem referir nomes.

— Estou mais ou menos a namorar com alguém…? — A confissão sai como uma pergunta, porque ainda não é oficial, mas acho que eu e o Atlas não precisamos de pôr um rótulo nisto para sabermos para onde se encaminha.

— A sério? Quem?

Abano a cabeça. Não vou dizer-lhe que é o Atlas, embora ela provavelmente nem soubesse a quem me referia. Só o viu duas vezes quando eu era mais nova, e nunca falámos sobre ele. E se porventura se lembrar dele, estou certa de que haveria de preferir não se lembrar, uma vez que o seu marido o mandou para o hospital.

Pode chegar o dia em que eu apresente oficialmente o Atlas à minha mãe, e eu não quero que ela o associe ao meu passado, para não se sentir mortificada.

— Uma pessoa que conheci. Ainda é cedo. Mas… — Suspiro e dou novamente balanço com o pé. — O Ryle descobriu e não está nada satisfeito.

A minha mãe estremece, como se soubesse demasiado bem o que *ele não está nada satisfeito* implica.

— Apareceu lá em casa esta manhã e teve uma reação assustadora. Eu entrei em pânico, pensando que ele ia a tua casa buscá-la, por isso não queria que estivesses em casa.

— O que é que ele fez?

Abano a cabeça.

— Não estou ferida. Mas já algum tempo que não via aquele lado dele, por isso estou um pouco abalada, mas estou bem. — Beijo o cimo da cabeça da Emmy. Fico surpreendida por sentir uma lágrima a rolar-me pela face, mas limpo-a rapidamente. — Mas agora não sei o que fazer em relação às visitas dele. Quase desejo que *tivesse acontecido* alguma coisa, para desta vez poder fazer queixa dele. Mas depois sinto-me uma mãe horrível, por pensar isto do pai dela.

A minha mãe estica-se para apertar a minha mão. O baloiço para e eu viro-me para ficar de frente para ela.

— Independentemente do que decidas fazer, *não és* uma mãe horrível. Antes pelo contrário. — Solta-me a mão e agarra-se às correntes, fitando a Emmy. — Admiro as escolhas que fizeste por ela. Há alturas em que me sinto triste por não ter conseguido ser tão forte por ti.

Abano imediatamente a cabeça.

— Não podes comparar as nossas situações, mãe. Eu tive muito apoio que me permitiu fazer a escolha que fiz. Tu não tiveste ninguém.

Ela dirige-me um sorriso triste e grato. Depois inclina-se para dar balanço com o pé.

— Seja ele quem for, é um homem de sorte. — Lança-me um olhar de soslaio. — Quem é ele?

Rio-me.

— Nem penses. Não te falarei dele enquanto não for uma coisa segura.

— Ele já é uma coisa segura — diz ela. — Vejo isso no teu sorriso.

Olhamos para cima ao mesmo tempo quando começa a pingar.

Aconchego a Emmy debaixo do meu queixo e começamos a encaminhar-nos para o parque de estacionamento. A minha mãe dá um beijo na Emmy antes de eu a colocar na cadeirinha.

— Eu adoro-te. A Vozinha adora-te, Emmy.

— Vozinha? — pergunto. — Na semana passada era Vó.

— Ainda não me decidi. — A minha mãe dá-me um beijo na cara e corre para o carro dela.

Eu entro no carro no preciso instante em que o dilúvio cai do céu. Enormes gotas de chuva atacam o para-brisas, o pavimento, o tejadilho do carro. São tão gordas que parecem bolotas a embater no carro.

Fico sentada por um momento, à espera de decidir para onde vou antes de ligar o motor. Não quero ir já para casa, porque o Ryle pode voltar a aparecer. Não quero decididamente ir para a casa da Allysa, porque de certeza que vou esbarrar com ele no prédio onde vive.

Neste momento, sinto-me protetora em relação à Emmy, porque, em teoria, o Ryle tem todo o direito a aparecer e levá-la para passar o dia com ele, mas eu não vou permitir que a minha filha esteja com ele num dia em que sei que o seu pavio é inexistente.

Quando olho pelo retrovisor, a Emmy está ali sentada, sossegada, a olhar pela janela para ver a chuva. Não faz ideia do tipo de caos que rodeia a sua existência, porque, para ela, *eu sou* toda a sua existência. Cada pedacinho da sua confiança está em mim. Ela depende de mim para tudo, mas está ali sentada, feliz e confortável, como se eu tivesse tudo sob controlo.

Não sinto que tenha tudo sob controlo, mas o facto de ela assumir que sim é suficiente para mim.

— Aonde vamos hoje, Emmy?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ATLAS

— A que horas chegaste a casa ontem à noite? — pergunta o Josh. Anda pela cozinha a arrastar os pés com meias desemparelhadas. Uma delas é nova, comprei-lha eu, e a outra é minha. O Theo e o Josh estavam a dormir quando cheguei a casa, mas ainda assim eu acordei três horas antes deles. O Brad veio buscar o Theo há uns 20 minutos.

— Não é da tua conta. — Aponto para a mesa onde os trabalhos de casa do Josh estão por terminar. Ele prometeu que os fazia ontem, se eu deixasse o Theo passar cá a noite, mas tenho a sensação de que os videojogos, a manga e o *anime* se meteram pelo meio. — Não fizeste os trabalhos de casa?

O Josh olha para a pilha de papéis e depois novamente para mim.

— Não.

— Vai fazer. — Digo-o com confiança, mas não faço ideia de como fazer isto. Nunca tive de mandar um miúdo fazer os trabalhos de casa. Nem sequer sei pô-lo de castigo, se *não* os fizer. Sinto que estou a representar um papel. Sou um impostor.

— Não estou a evitá-los — diz o Josh. — Só não os sei fazer.

— São muito difíceis? São de quê, Matemática?

— Não, esses já fiz. Matemática é fácil. É esta merda estúpida que tenho de fazer para a aula de Informática.

— *Porcaria* estúpida — digo, para o corrigir. *Acho eu*. Se calhar, «porcaria

estúpida» é igualmente mau. Sento-me ao lado do Josh para perceber onde é que está a ter problemas. Ele mostra-me a tarefa e eu dou uma olhadela.

É uma pesquisa sobre antepassados. Há cinco tarefas obrigatórias para este período, e uma delas é uma árvore genealógica que devia ter sido entregue na sexta-feira passada. A outra é uma pesquisa geracional usando um site de ancestralidade, para entregar na próxima sexta.

— A ideia é encontrarmos os nossos parentes usando um site qualquer. Não sei o nome de nenhum e não faço ideia de por onde começar — diz ele. — Tu sabes?

Abano a cabeça.

— Nem por isso. Estive com o pai da Sutton uma vez, mas ele morreu quando eu era miúdo. Nem sequer me lembro do nome dele.

— Então e os pais do meu pai? — pergunta o Josh.

— Também não sei nada sobre a família dele.

O Josh tira-me os papéis da mão.

— Deviam parar de mandar os miúdos fazer estas coisas. Já ninguém tem famílias normais.

— Tens razão, de facto. — Ouço um apito no meu telemóvel na cozinha, por isso levanto-me para ir lá ver.

— Chegaste a tentar encontrar o meu pai? — pergunta o Josh.

Na verdade, tentei, mas o Tim não respondeu à mensagem de voz que lhe deixei. Só não quero dizer isso ao Josh, porque sei que vai ficar desapontado. Pego no telemóvel, mas volto para junto do Josh antes de olhar para as mensagens.

— Ainda não tive oportunidade de tratar disso como deve ser. Tens a certeza de que queres que o faça?

O Josh confirma com um aceno de cabeça.

— Ele pode querer saber notícias minhas. Tenho a certeza de que a Sutton fez tudo o que estava ao seu alcance para nos manter separados.

Sinto uma pontada de preocupação no centro do peito. Estava com esperança

de que o Josh se sentisse suficientemente confortável aqui para não querer ir à procura do pai, mas essa era uma esperança ridícula. É um miúdo de 12 anos. Claro que quer ir à procura do pai.

— Vou ajudar-te a tentar encontrá-lo. — Aponto para os papéis. — Mas, por agora, faz o que conseguires com isso. Desde que tentes, não podem dar-te má nota por não conheceres os teus avós.

O Josh debruça-se sobre o trabalho e eu olho finalmente para a mensagem. É da Lily.

Posso ligar-te?

Ela já devia saber que pode ligar-me a qualquer segundo do dia, que eu vou atender. Levo o telemóvel para o quarto e ligo-lhe sem sequer enviar mensagem primeiro. Ela atende a meio do primeiro toque.

— Olá — diz.

— Oi.

— O que é que estás a fazer?

— A ajudar o Josh com os trabalhos de casa. Tentando fingir que não estou a pensar em ti. — Ela fica calada depois de eu dizer isto, o que me faz imediatamente sentir que algo está errado. — Estás bem?

— Sim, só não quero ir para casa. Estava a pensar se podia passar por aí.

— Claro que sim. A Emmy ainda está com a tua mãe?

Ela suspira.

— A questão é essa. Ela está comigo. Eu sei que é estranho, mas explico-te quando chegar.

Se ela vai trazer a Emerson para a minha casa, passa-se mesmo algo de errado. Ela foi muito clara quando disse que não a traria para junto de mim enquanto o Ryle não soubesse de nós.

— Vou mandar-te a morada por mensagem.

— Obrigada. Estou aí daqui a nada. — Quando ela termina a chamada, eu deixo-me cair no colchão, perguntando-me que raio se terá passado entre o momento em que saí da cama dela na noite passada e este telefonema.

Terá lido a minha carta? Terei dito algo de errado?

Será que vai acabar tudo comigo?

Todas estas preocupações me rodopiam na barriga enquanto espero por ela, mas a minha maior preocupação é aquela que nem quero deixar a minha mente albergar. *Será que o Ryle a agrediu*?

* * *

Estou à espera delas quando entram na rampa de acesso à casa, por isso saio assim que chegam. Logo que ela sai do carro, apercebo-me de que algo está errado. Mas acho que não tem nada que ver comigo, pois ela parece aliviada ao ver-me. Puxo-a para um abraço, porque ela parece precisar disso.

— O que é que aconteceu?

Ela repousa as mãos no meu peito e recua para me olhar. Parece hesitante em dizer alguma coisa. Olha de relance para o banco de trás, onde a filha dorme na cadeirinha.

E é então que a Lily desata a chorar. Encosta a cara ao meu peito e soluça de encontro à minha camisola, e é de partir o coração. Pressiono os lábios no seu cabelo e concedo-lhe um momento.

Ela não precisa de muito tempo. Recompõe-se bastante depressa e depois enxuga os olhos.

— Desculpa — diz ela. — Tenho estado a conter-me a manhã inteira, desde que o Ryle se foi embora.

A menção do nome dele deixa-me a coluna tensa. Eu sabia que isto estava relacionado com ele.

— Ele sabe de nós — diz ela.

— O que é que aconteceu? — Preciso de todas as minhas forças para ficar onde estou e não ir a correr à procura dele. Os meus ossos parecem estalar de raiva. — Estás ferida?

— Não. Mas ele está mesmo transtornado, e eu não quero estar em casa

sozinha. Sei que ainda não devia trazer a Emmy para perto de ti, mas sinto-me mais segura com ela aqui do que se o Ryle aparecesse para ir buscá-la. Desculpa, só não quero estar num sítio onde ele me possa encontrar.

Inclino-lhe o queixo até ela ficar a olhar para mim.

— Ainda bem que aqui estás. Vocês *as duas*. Fica o dia todo, se quiseres.

Ela solta a respiração e pressiona os lábios nos meus.

— Obrigada. — Dirige-se à porta de trás para tirar a filha da cadeirinha. A Emerson nem sequer acorda. Está mole nos braços da Lily, profundamente adormecida. — Esteve uma hora no parque, está exausta.

Olho para a Emerson com espanto, ainda maravilhado por ela ser tão parecida com a Lily. É a cara chapada da mãe, e não me aborrece nada que não se pareça com o pai.

— Queres que leve alguma coisa?

— O saco das fraldas está no banco do pendura.

Pego nele e dirigimo-nos para casa. O Josh olha por cima do ombro quando me ouve entrar. A Lily acena-lhe com a mão e ele cumprimenta-a com a cabeça, mas depois, ao ver a Emerson, vira-se completamente na cadeira.

— É um bebé — diz ele.

— Pois é — responde a Lily. — Chama-se Emerson.

O Josh olha para mim.

— É tua? — Usa o marcador que tem na mão para apontar para a Emerson. — É minha sobrinha?

A Lily ri-se desconfortavelmente.

Eu devia ter avisado o Josh antes de elas chegarem.

— Não. Eu não sou pai e tu não és tio.

O Josh fita-nos por instantes, depois encolhe os ombros e diz:

— Está bem. — Vira-se na cadeira e torna a concentrar a atenção nos trabalhos de casa.

— Desculpa lá isto — digo baixinho. Pouso o saco das fraldas da Emerson junto ao sofá. — Queres que arranje uma manta para ela?

A Lily responde que sim com a cabeça, por isso tiro uma colcha grossa do armário do corredor e estendo-a no chão ao lado do sofá. Dobro-a ao meio para ficar mais almofadada e ela deita a Emerson, que nunca para de dormir durante toda a transferência.

— Não te deixes enganar, ela tem o sono muito leve. — A Lily descalça os sapatos e senta-se no sofá, com os pés debaixo do corpo. Sento-me ao lado dela, na esperança de que lhe apeteça falar do que aconteceu, porque preciso de saber porque é que está tão assustada.

O Josh não nos vê da sala de jantar, por isso dou um beijo rápido à Lily. Duvido que ele consiga ouvir-nos do sítio onde está, mas sussurro na mesma. — O que é que aconteceu?

Ela suspira com o corpo todo e recosta-se no sofá, virada para mim.

— Ele apareceu para ir buscar a Emmy e eu não estava à espera dele. Viu os nossos copos de vinho. A minha roupa. Somou dois mais dois e teve exatamente a reação que eu temia que tivesse.

— Que reação foi essa?

— Ficou furioso. Mas foi-se embora antes de as coisas ficarem demasiado más.

Demasiado más? Que raio significa isso?

— Ele sabe que fui eu que lá estive?

A Lily assente com a cabeça.

— Foi praticamente a primeira coisa que perguntou. Ficou furioso e eu pedi-lhe para se ir embora. E ele foi… mas…

Ela para de falar e, pela primeira vez, noto que tem a mão a tremer. Céus, odeio-o tanto. Puxo-a para mim até a sua face ficar junto ao meu peito e abraço-a.

— O que é que ele fez que te assustou, Lily?

Ela tem a palma da mão a pressionar o meu coração. Sussurra:

— Empurrou-me contra a porta e aproximou-se da minha cara, e eu pensei que me ia bater ou… sei lá. Mas não fez nada. — Ela deve estar a sentir o meu

coração a ribombar duas vezes mais forte no meu peito agora, porque levanta a cabeça e olha para mim. — Eu estou bem, Atlas, juro. Não aconteceu nada depois disso, mas há muito tempo que não o via tão zangado.

— Ele empurrou-te contra a porta. Não podes dizer que não foi nada.

Ela desvia o olhar e torna a repousar a cabeça no meu peito.

— Eu sei. Eu *sei.* Só não sei o que fazer em relação a isso. Não sei o que fazer em relação à Emmy. Na verdade, estava prestes a deixá-lo ficar com ela uma noite, e agora já nem quero que ele tenha visitas não vigiadas.

— Ele não merece visitas não vigiadas. Tens de levá-lo de novo a tribunal.

A Lily suspira, e dá para perceber que esta deve ser a parte da sua vida que lhe causa maior stress. Não consigo imaginar o que será para ela vê-lo partir com a sua pequenita no carro, sabendo do que ele é capaz. Ainda bem que ela veio para cá hoje. Sei que era importante para ela esperar até me apresentar a Emmy, mas ela tomou a decisão certa. O Ryle podia aparecer de novo para pedir desculpa e levar a Emmy, e iria encontrá-la nos seus lugares habituais.

Mas não irá encontrá-la aqui. Além do mais, eu e a Lily sabemos que esta coisa que tem estado a fervilhar entre nós é indubitavelmente uma situação a longo prazo. Ela não tem de temer que eu crie uma ligação com a Emmy e depois desapareça. Desde que a Lily me queira por perto, eu não vou a lado nenhum.

Ela levanta a cabeça para me olhar novamente e eu vejo uma mancha de rímel perto da sua têmpora. Limpo-a.

— Este conflito com ele — começa ela. — Foi acerca disto que tentei avisar-te. Pode tornar-se uma coisa constante, sobretudo agora que ele sabe que estás de volta à minha vida.

Fala como se estivesse a dar-me a oportunidade de fugir desta situação. Não posso crer que ela depreenda que isso possa sequer passar-me pela cabeça.

— Podias ter 50 ex-maridos a tentar infernizar-nos a vida. Desde que eu te tenha, nunca serei afetado pela negatividade de ninguém. É uma promessa.

Isto fá-la sorrir pela primeira vez desde que chegou. Não quero fazer ou dizer

nada que possa roubar aquele sorriso, por isso desvio o assunto do seu marido cobardolas.

— Tens sede?

Ela empurra o meu peito e abre um sorriso ainda maior.

— Sim. Tenho sede *e* tenho fome. Por que outra razão viria à casa de um *chef*?

* * *

A Lily e a Emerson já cá estão há quase quatro horas. Depois de o Josh fazer o máximo que conseguiu dos trabalhos de casa, pôs-se a brincar com a Emerson. A Lily disse que ela começou a dar passos há algumas semanas, e o Josh acha hilariante que ela o siga para toda a parte. Ela andou aos tropeções atrás dele pela casa durante uma hora, mas agora está outra vez a dormir. Adormeceu no chão ao meu lado, com a cabeça na minha perna. A Lily ofereceu-se para a tirar de lá, mas eu não deixei.

Estaria a mentir se dissesse que isto não é um pouco surreal. Lá no fundo, eu sei que eu e a Lily vamos funcionar. Ela é a minha pessoa e eu sou a dela, e isso é algo que sei desde a primeira semana em que nos conhecemos. Mas olhar para a Emerson, sabendo que esta criança provavelmente acabará por ser uma parte enorme da minha vida, isso é muito para assimilar. Um dia poderei ser o seu padrasto. É provável que venha a ser uma maior influência na vida dela do que o seu pai biológico, porque eu e a Lily acabaremos por ir viver juntos. É provável que um dia nos casemos.

Nunca irei admitir nada disto em voz alta, porque as pessoas como o Theo iriam dizer que estou a pôr a carroça à frente dos bois, mas a verdade é que estou muitos anos atrasado em relação a onde queria estar com a Lily. Onde poderia já estar com ela.

Este é um dia de extremo significado, mesmo que não volte a ver a Emerson durante meses. Pode ser o primeiro dia que estou a passar com alguém que pode acabar por tornar-se minha filha.

Penteio os fios de cabelo louro por trás da orelha da Emerson e tento compreender de onde vem parte da raiva do Ryle. Ele não pode ignorar o que o facto de a Lily estar a avançar irá significar para a sua relação com a filha. A Lily tem a Emerson a maior parte do tempo, logo, a pessoa que ela escolher trazer para a sua vida estará também com a Emmy a mesma quantidade de tempo.

Não estou de forma alguma a desculpar o comportamento do Ryle. Se eu mandasse, ele receberia uma oferta de emprego no Sudão e só teríamos de lidar com ele uma vez por ano.

Mas não é essa a realidade. O Ryle vive na mesma cidade que a filha, e a ex-mulher está a refazer a vida com outra pessoa. Isso não pode ser fácil para ninguém. Embora eu compreenda que possa ser difícil para ele, nunca irei compreender a sua incapacidade de reconhecer que a culpa é apenas dele. Se tivesse sido um homem mais maduro, mais racional, a Lily nunca o teria deixado. Ele teria a mulher e a filha, e eu e a Lily nem sequer estaríamos em contacto.

Estou preocupado com a Lily. Tenho medo de que o Ryle seja um pouco como a minha mãe e que vá retaliar, lutando só por lutar, sem qualquer outra razão.

— Alguma vez apresentaste queixa contra o Ryle? — pergunto, olhando para a Lily. Está sentada no chão ao meu lado, observando a Emerson a dormir na minha perna.

— Não. — Há uma pontinha de vergonha na resposta dela.

— Vocês têm um acordo de guarda?

Ela assente com a cabeça.

— Tenho guarda total, mas com algumas condições. Devido ao horário dele, tenho de ser flexível, mas, em termos técnicos, ele fica com ela dois dias por semana.

— Paga pensão de alimentos?

Ela volta a confirmar.

— Paga. Nunca se atrasou.

Fico aliviado por ao menos ele providenciar isso, mas saber as respostas a essas perguntas está a fazer com que a situação da Lily pareça ainda mais precária.

— Porquê? — pergunta ela.

Abano a cabeça.

— Não me diz respeito. — *Ou será que diz?* Nem sei. Estou a tentar levar as coisas devagar e dar espaço à Lily, mas essa parte de mim luta com a outra parte que quer protegê-la.

A Lily levanta uma mão para me chamar a atenção.

— É claro que te diz respeito, Atlas. Agora estamos juntos.

A resposta dela faz o meu coração vacilar. Ela acabou de oficializar a nossa relação?

— Estamos? Juntos? — Sorrio e puxo-a mais para mim, com a pulsação acelerada. — Eu e tu somos um casal, Lily Bloom?

Os lábios dela sorriem de encontro aos meus. Anui com a cabeça enquanto me beija.

Acho que ambos sabíamos que era oficial muito antes da noite passada, mas se a filha dela não estivesse agora a dormir na minha perna, eu provavelmente pegava na Lily e punha-me a andar com ela à roda. Estou feliz a esse ponto.

E empenhado a esse ponto.

A minha breve explosão de adrenalina começa novamente a abrandar, levando-me de volta aos meus pensamentos de antes de a Lily nos declarar oficiais.

O Ryle. Guarda parental. Imaturidade.

Com a cabeça no meu ombro e a mão no meu peito, a Lily sente-me a expulsar todo o ar dos pulmões. Levanta a cabeça e olha-me ansiosamente.

— Desembucha.

— Desembucho o quê? — pergunto.

— O que pensas da minha situação. Tens as sobrancelhas todas franzidas,

como se estivesses preocupado com alguma coisa. — Ela levanta a mão e usa o polegar para amainar a minha expressão séria.

— É demasiado tarde para dizer ao tribunal que ele era um perigo para ti no passado? Talvez ajudasse a impedi-lo de ter pernoitas com ela.

— Depois de duas pessoas assinarem um acordo de guarda, não podem usar evidências do passado para o alterar. Infelizmente, nunca o denunciei, por isso não posso usar as agressões como defesa nesta altura.

É pena. Mas consigo compreender que ela tivesse tentado manter as coisas civilizadas entre eles. Só me preocupa que isso se possa virar contra ela.

— Ele é demasiado ocupado para a ter metade do tempo, ou até mesmo à noite. Duvido que alguma vez tentasse obter a guarda conjunta.

Comprimo os lábios e assinto com a cabeça, na esperança de que ela tenha razão. Não o conheço como ela, mas, pelo que conheço dele, parece guardar rancor. E as pessoas que guardam rancor tendem a precisar de retaliação. Os pais estão sempre a fazer isto. Não gostam do que o outro progenitor faz, ou da pessoa com quem namora, e usam os filhos como arma. E isso preocupa-me. Consigo imaginar perfeitamente o Ryle a decidir levá-la a tribunal só para se vingar dela por estar comigo. E provavelmente conseguiria o que quer. Ele nunca fez mal à Emerson, nunca foi denunciado por agredir a Lily, nunca se atrasou a pagar a pensão de alimentos. E tem uma carreira de sucesso. Tudo isto joga a seu favor.

Quando olho para a Lily, parece que está prestes a afundar-se no chão. Não queria perturbá-la ainda mais ao falar nisto.

— Desculpa. Não estou a querer ser pessimista. Podemos mudar de assunto.

— Tu não és pessimista, Atlas. És realista e eu preciso que o sejas. — Ela levanta a cabeça do meu ombro e espreita a Emmy, que ainda dorme na minha perna. Depois, aconchega-se de novo em mim, soltando um suspiro silencioso. — Sabes, mesmo que eu tivesse denunciado o Ryle e lutado pela guarda total, as minhas hipóteses eram escassas. Ele não tem cadastro e pode pagar os melhores advogados. Quase todos os advogados com quem falei me incentivaram a lidar

com ele de modo civilizado, porque já viram casos como o nosso e o acordo com que o Ryle concordou na altura era a minha melhor opção.

Agarro-lhe a mão e entrelaço os dedos nos dela. Ela enxuga uma lágrima que lhe rola pela face. Detesto ter puxado do assunto, mas estes medos já estão dentro dela. Contudo, agrada-me saber que ela pensa nisto, porque precisa de estar alguns passos à frente do Ryle.

— Aconteça o que acontecer, já não estás sozinha.

Faz-me um sorriso de agradecimento.

A Emerson começa a acordar em cima da minha perna. Abre os olhos e olha para mim, mas em seguida procura imediatamente a Lily. Vai direita a ela, por cima do meu colo. Quando ela chega aos braços da Lily, levanto a perna para a esticar. Há mais de meia hora que não a mexia e agora está dormente.

— Temos de ir — diz ela. — Sinto-me culpada só por estar aqui com ela. Se o Ryle a levasse para junto de uma namorada sem eu saber, eu ficaria danada.

— Acho que as vossas situações são um pouco diferentes. O Ryle não tem de andar à procura de um lugar seguro para esconder a filha por estar com medo do teu mau génio. Não sejas tão dura contigo mesma.

A Lily lança-me um olhar de gratidão.

Ajudo-a a juntar as suas coisas e acompanho-a ao carro. Assim que coloca a Emerson na cadeirinha, a Lily aproxima-se para se despedir de mim. Enterro os dedos nas suas ancas e puxo-a para mim. Inclino a cabeça, roço-lhe o nariz e depois tomo-lhe os lábios nos meus. Beijo-a profundamente, desejando que ela ainda o sinta na viagem para casa.

Enfio as mãos nos bolsos de trás das suas calças de ganga e apalpo-lhe o rabo. Isto fá-la rir. Depois suspira de modo nostálgico.

— Já estou com saudades tuas.

Aceno com a cabeça, concordando.

— Eu senti muito isso — admito. — Estou um bocado obcecado contigo, Lily Bloom. — Beijo-lhe a face e obrigo-me a soltá-la.

Este é o único aspeto negativo de finalmente se estar com a pessoa que nos

está destinada. Passamos anos a ansiar estar com ela e, quando isso finalmente acontece e ela se torna uma parte significativa da nossa vida, parece que ainda dói *mais*.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

LILY

Tu desiludes-me, Lily.

Fito o telemóvel em choque.

Será uma brincadeira?

Tratas-me como um monstro sou o pai dela porra

São cinco da manhã. Acordei para ir à casa de banho e, naturalmente, olhei para o telemóvel antes de tentar aproveitar a última hora de sono até o alarme tocar.

As mensagens são todas do Ryle. Não tive notícias dele desde que apareceu em minha casa no domingo. Passaram-se quatro dias e ele nem se deu ao trabalho de entrar em contacto para me pedir desculpa por ter perdido a cabeça comigo. Ficou em silêncio durante quatro dias, e agora *isto*?

Era mais feliz antes de te conhecer.

Leio a enxurrada de mensagens, sabendo perfeitamente que ele estava bêbedo quando as enviou na noite passada. A primeira foi enviada à meia-noite, e a última, às duas da manhã, diz: **diverte-te a foder o sem-abrigo.**

Largo o telemóvel em cima da cama, com as mãos a tremer. Não posso crer que me tenha enviado estas mensagens. Estava com esperança de que os quatro dias de silêncio fossem um sinal de remorso por parte dele, mas agora parece-me óbvio que a raiva o tem estado a consumir.

Isto é muito pior do que eu pensava.

Tento voltar a adormecer, mas não consigo. Levanto-me e faço um café, mas

tenho o estômago demasiado revolto para o beber. Passo a meia hora seguinte parada na cozinha, a olhar para o nada, relembrando incessantemente aquelas mensagens na minha cabeça.

Quando a Emerson finalmente acorda, sinto um alívio. A distração da nossa caótica rotina matinal é um bálsamo para mim.

* * *

Depois de a deixar em casa da minha mãe, chego ao trabalho às oito horas em ponto. Sou a primeira na florista, por isso distraio-me com tudo o que posso até à chegada da Serena e da Lucy. A Lucy apercebe-se de que se passa algo comigo, e a certa altura até me pergunta se estou bem, mas garanto-lhe que sim.

Finjo que *estou* bem, mas não paro de olhar para a porta da loja sempre que tenho oportunidade, à espera de ver o Ryle a irromper furiosamente por ali adentro. À espera de outra mensagem maliciosa dele. À espera de que o telefone toque.

Passam-se horas, e nada. Nem sequer um pedido de desculpa.

Não conto ao Atlas, não conto à Allysa, não conto nada a ninguém durante todo o dia acerca do que ele fez. É embaraçoso. É insultuoso para o Atlas, é insultuoso para mim. Não faço ideia do que fazer acerca disto, mas sei que não é algo que esteja disposta a tolerar. Recuso-me a passar os próximos 17 anos de vida da minha filha a sofrer abusos de que tipo forem, ainda que por meio de mensagens.

A Serena já saiu e eu estou sozinha com a Lucy quando o inevitável finalmente acontece. Já passa das cinco e estamos a preparar-nos para fechar a loja, para eu poder ir buscar a Emerson à minha mãe, quando o Ryle entra pela porta da frente.

A minha ansiedade invade-me como uma explosão de lava.

A Lucy nunca foi a maior fã do Ryle, por isso resmunga entre dentes quando o vê e diz:

— Estou lá atrás, se precisares de mim.

— Lucy, espera — sussurro. Baixo os olhos para o telemóvel, como se estivesse ocupada com alguma coisa, para o Ryle não me ver mexer os lábios. — Fica aqui. — Olho de relance para ela, para que consiga ver a preocupação nos meus olhos. Assente com a cabeça e arranja qualquer coisa para se mostrar ocupada.

Tenho o coração a ribombar no peito quando o Ryle se aproxima. Nem sequer tento esconder-me sob uma expressão de falsidade quando o olho nos olhos.

Ele sustém o meu olhar por alguns segundos e depois olha de soslaio para a Lucy. Faz sinal com a cabeça para o meu gabinete.

— Podemos falar?

— Eu estava mesmo de saída. — As palavras saem-me rápidas e firmes. — Tenho de ir buscar a nossa filha.

Vejo a mão esquerda do Ryle a agarrar-se ao rebordo do balcão. Quando o aperta, faz fletir os músculos do braço.

— Por favor. Não demora muito.

Olho para a Lucy.

— Esperas por mim para fecharmos? — Ela faz-me um tranquilizador aceno de cabeça, por isso dou meia-volta e dirijo-me para o meu gabinete. Consigo ouvi-lo mesmo atrás de mim. Cruzo os braços diante do peito e inspiro antes de o encarar.

Estou tão farta dos seus remorsos. Estou tão furiosa que só me apetece arrancar-lhe da cara aquela carranca estúpida.

— Desculpa. — Passa a mão pelo cabelo e retrai-se, aproximando-se mais de mim. — Ontem à noite bebi demais num evento e…

Não digo nada.

— Nem sequer me lembro de ter enviado aquelas mensagens, Lily.

Continuo sem dizer nada. Ele começa a ficar irrequieto, cada vez mais desconfortável com a minha raiva silenciosa. Enfia as mãos nos bolsos e fita os pés.

— Contaste à Allysa?

Não respondo à pergunta. Quando muito, enfurece-me ainda mais. Ele está mais preocupado com o que a irmã vai pensar do que com os danos que me está a causar?

— Não, mas contei a uma advogada. — Estou a mentir, mas será verdade assim que ele sair deste edifício. A partir de agora, vou documentar tudo o que ele me fizer. O Atlas tem razão. Em teoria, o Ryle parece um homem perfeito, portanto, se ele vai continuar com táticas abusivas, preciso de me proteger a mim e à Emerson.

Os olhos do Ryle desviam-se lentamente para mim.

— Fizeste *o quê?*

— Mandei-as à minha advogada.

— Porque é que havias de fazer uma coisa dessas?

— A sério? Prendeste-me contra uma porta no domingo e depois enviaste-me mensagens ameaçadoras a meio da noite. Não fiz nada para merecer isto, Ryle!

Ele tira as mãos dos bolsos e aperta a nuca, ao mesmo tempo que se vira para olhar na outra direção. Endireita as costas quando inspira. Parece estar a suster essa respiração enquanto faz uma contagem silenciosa, numa tentativa de subjugar a raiva que cresce dentro dele.

Ambos sabemos como é que estas técnicas funcionaram no passado.

Quando se vira, o remorso desapareceu.

— Não vês aqui um padrão? És mesmo assim tão cega?

Ah, sem dúvida que vejo um padrão, mas julgo que estamos a olhar para padrões diferentes.

— Estivemos bem durante um *ano*, Lily. Não tivemos um único problema, até ele voltar a aparecer. Agora estamos sempre a discutir, e tu metes advogados ao barulho? — Parece ter vontade de esmurrar o ar.

— Para de culpar outras pessoas pelo teu comportamento, Ryle!

— Para de ignorar a merda do denominador comum a todos os nossos problemas, *Lily*!

A Lucy aparece à porta do meu gabinete. Olha para mim, para o Ryle e novamente para mim.

— Estás bem?

O Ryle solta uma gargalhada exasperada.

— Ela está ótima — diz ele, irritado. Encaminha-se para a porta e a Lucy tem de se encostar à ombreira para ele não ir contra ela. — A merda de uma *advogada* — ouço-o balbuciar. — Deixa-me adivinhar de quem terá sido a ideia. — O Ryle avança para a porta como se estivesse numa missão. Eu e a Lucy saímos juntas do gabinete, provavelmente com o mesmo propósito. Trancá-lo lá fora assim que sair da loja.

Quando o Ryle chega à porta da frente, vira-se para trás e lança-me um olhar acutilante.

— Eu sou um neurocirurgião. Tu trabalhas com *flores*, Lily. Lembra-te disso antes de a tua advogada fazer alguma coisa estúpida que ponha em risco a minha carreira. Eu pago a merda do apartamento onde tu vives. — Pontua a ameaça abrindo a porta de rompante.

É a Lucy que a tranca depois de ele sair, porque aquele último insulto deixou-me petrificada. Ela volta para junto de mim e dá-me um abraço cheio de empatia.

Apercebo-me nesse momento de que a parte mais difícil de pôr termo a uma relação abusiva é o facto de não estarmos necessariamente a pôr fim aos maus momentos. Os momentos maus continuarão a exibir as suas cabecinhas feias de vez em quando. Quando se termina uma relação abusiva, é aos bons momentos que se põe fim.

No nosso casamento, os poucos incidentes aterrorizadores foram encobertos por muitos bons momentos, mas agora que o casamento terminou, o manto foi levantado e o que sobra são as piores partes. Embora em tempos o nosso casamento tivesse um esqueleto almofadado por muito coração e carne, agora só sobra o esqueleto. Ossos afiados que me trespassam.

— Estás bem? — pergunta a Lucy, alisando-me o cabelo com as mãos.

Respondo que sim com a cabeça.

— Sim, mas… não te pareceu que ele saiu daqui com um intento? Como se fosse a algum sítio?

Os olhos da Lucy perscrutam novamente a porta.

— Sim, ele arrancou do parque de estacionamento a toda a velocidade. Talvez seja melhor avisares o Atlas.

Pego imediatamente no telemóvel para lhe ligar.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ATLAS

Ainda só passou meia hora desde que verifiquei o telemóvel, por isso fico alarmado quando vejo várias chamadas perdidas e três mensagens da Lily.

Liga-me, por favor.

Estou bem, mas o Ryle está zangado.

Ele apareceu aí? Atlas, por favor, liga-me.

Merda.

— Daryn, podes substituir-me?

O Daryn fica a acabar os empratamentos por mim e eu encaminho-me de imediato para o meu escritório para ligar à Lily. A chamada vai diretamente para o voicemail. Tento novamente. Nada.

Estou a preparar-me para ir para o carro quando o meu telemóvel finalmente toca.

— Estás bem?

— Estou — responde ela.

Paro de correr para a porta e encosto o ombro a uma parede. Solto a respiração, estabilizando o meu ritmo cardíaco.

Ela parece estar a conduzir.

— Vou buscar a Emmy. Só queria avisar-te de que ele está zangado. Tive medo de que aparecesse aí.

— Obrigado pelo aviso. Tens a certeza de que estás bem?

— Sim. Liga-me quando chegares a casa. Seja a que horas for.

O Ryle irrompe pelas portas da cozinha a meio da frase dela. O rebuliço é tanto que toda a gente se apercebe e para o que está a fazer. O Derek, responsável pelos empregados de mesa, vem logo atrás do Ryle.

— Eu disse que ia *chamá-lo* — está o Derek a dizer ao Ryle. Olha para mim e ergue os braços, para que eu saiba que tentou evitar a intrusão.

— Ligo-te quando for a caminho de casa — digo. Não lhe conto que o Ryle acabou de aparecer. Não quero que fique preocupada. Termino a chamada no preciso momento em que o Ryle põe os olhos em mim.

Não me parece que esteja aqui para me dar os parabéns.

— Quem é este? — pergunta o Darin.

— O meu maior fã. — Faço sinal com a cabeça para a porta dos fundos e o Ryle começa a encaminhar-se para lá.

A azáfama regressa à cozinha, com toda a gente a ignorar a intrusão do Ryle. Toda a gente menos o Darin.

— Precisas que eu faça alguma coisa?

Abano a cabeça.

— Está tudo bem.

O Ryle empurra a porta dos fundos com tanta força que esta bate na parede de fora.

Mas que grande encomenda me saíste. Sigo nessa direção, mas assim que abro a porta e me encaminho para os degraus, o Ryle atira-se a mim vindo da esquerda. Derruba-me e, quando tento levantar-me, dá-me um soco.

É um bom soco, tenho de admitir.

Merda.

Limpo a boca e levanto-me. Felizmente, ainda me dá espaço para isso. Não é propriamente justo que um esteja no chão enquanto o outro o esmurra. Mas o Ryle não me parece do género de fazer jogo limpo.

Ele vai para bater-me outra vez, mas eu ponho-me em pé e ele acaba por tropeçar. Quando se levanta do chão, olha-me, furioso. Não parece estar em modo de ataque, de momento.

— Já acabaste? — pergunto-lhe.

Ele não reage, mas não me parece que vá atacar-me outra vez. O Ryle endireita a camisa e sorri com desdém.

— Gostei mais quando tu ripostaste, da última vez.

Esforço-me por não revirar os olhos.

— Não tenho qualquer desejo de lutar contigo.

Ele endireita o pescoço e começa a andar de um lado para o outro. Há tanta raiva dentro dele que não imagino como será para a Lily quando tem de assistir a isto. Está a respirar pesadamente, com as mãos nas ancas, os olhos a trespassar-me como facas. Não vejo apenas raiva na sua expressão. Vejo uma grande dose de dor.

Por vezes, tento pôr-me no lugar do Ryle, mas, por muito que me esforce, não consigo. Nunca irei conseguir, porque não há um único ser humano cujo passado seja suficientemente infeliz para justificar o facto de bater na pessoa que deveria proteger.

— Despacha-te lá a dizer o que vieste cá dizer.

O Ryle limpa o sangue dos nós dos dedos com a camisa e eu reparo que tem a mão inchada. Parece ter estado a esmurrar coisas antes de vir cá bater-me. Ainda bem que sei que a Lily está bem, senão ele não sairia daqui nas mesmas condições em que entrou.

— Pensas que não sei que a advogada foi ideia tua? — diz ele.

Tento esconder a minha surpresa, mas não faço ideia do que fala. *Ela falou com uma advogada acerca da sua situação*? Tenho vontade de sorrir, mas estou certo de que um sorriso iria antagonizar o Ryle, e isso eu já faço só por existir.

A minha falta de reação está a deixá-lo irritado. O rosto do Ryle contorce-se de fúria.

— Podes tê-la enganado por agora, mas hás de ter a primeira discussão com ela. E a segunda. Ela vai perceber que o casamento não são só malditos arco-íris o tempo todo.

— Posso ter um milhão de discussões com ela, mas prometo que nunca irão

terminar com ela no hospital.

O Ryle ri-se. Está a tentar dar a volta ao assunto para parecer que o ridículo sou eu. Não fui eu que entrei de rompante neste local de trabalho por não ser capaz de controlar as minhas emoções.

— Não fazes ideia daquilo por que eu e a Lily passámos — diz ele. — Não fazes ideia daquilo por que *eu* passei.

É como se ele tivesse aparecido aqui com o intuito de uma luta, mas, como não lha dei, está a aproveitar para desabafar. Se calhar devia dar-lhe o número do Theo. Estou seriamente confuso.

Não quero relembrar este momento amanhã e vê-lo como uma oportunidade perdida. O meu único objetivo é tornar a vida da Lily com este homem mais pacífica. A última coisa que quero é tornar as coisas mais difíceis entre nós todos, mas até que ele meta na cabeça que é o único que pode controlar as suas reações, estou tão confuso como a Lily quanto à maneira de lidar com ele.

— Tens razão, Ryle. — Assinto lentamente com a cabeça. — Tens razão. Não faço ideia daquilo por que passaste. — Sento-me nas escadas para ele perceber que não tem motivos para se sentir ameaçado por mim. E se ele tentar atacar-me de novo enquanto estou sentado, desta vez não irei reagir com tanta compostura. Entrelaço as mãos e esforço-me ao máximo para falar de uma forma que possa chegar até ele. — Seja o que for que tenha acontecido no teu passado, isso fez de ti um grande neurocirurgião, e o mundo precisa desse teu lado. Mas o teu passado também fez de ti um marido de merda, sabe-se lá porquê. O mundo não precisa desse teu lado. Lá porque tivemos a oportunidade de ser alguma coisa, isso não é garantia de que vamos ser bons nela.

O Ryle revira os olhos.

— Isso é dramático.

— Eu vi quando ela teve de levar pontos, Ryle. Acorda, porra! Foste um marido horrível.

Ele fita-me por um instante e depois diz:

— Porque é que estás convencido de que vais ser melhor?

— Tratar a Lily da maneira que ela merece ser tratada é a parte mais fácil da minha vida. Acho que devias sentir-te aliviado por ela estar com alguém como eu.

Ele ri-se.

— Aliviado? Eu devia estar *aliviado?* — Dá vários passos na minha direção, com a raiva novamente a escalar. — É por *tua* causa que não estamos juntos!

Preciso de todas as minhas forças para permanecer naqueles degraus, e de cada grama de paciência para não lhe responder também com gritos.

— Vocês não estão juntos por *tua* causa. Foi a *tua* raiva e os *teus* punhos que te trouxeram a este ponto. Quando ela estava contigo, eu pouco mais era do que um conhecido na vida da Lily, por isso ganha maturidade e deixa de me culpar a mim, à Lily e a toda a gente pelos teus atos. — Levanto-me, mas não para lhe bater. Só preciso de arranjar espaço no peito para exalar, porque, se não o fizer, não sei quanto mais tempo aguentarei sem levantar a voz ao nível dele. É difícil olhar para ele e manter a compostura, sabendo o que fez à Lily. — *Que se lixe* — murmuro. — Isto é ridículo.

Tanto eu como o Ryle ficamos calados por um momento. Talvez ele perceba que atingi o meu limite, porque já não estou a controlar tão bem a minha frustração. Viro-me para ele, olhando-o de modo suplicante.

— Esta é a nossa vida agora. A tua, a minha, a da Lily, *a da tua filha*. Temos de lidar com isto. Para sempre. Festas, aniversários, formaturas, o casamento da Emerson. Tudo isso vai ser difícil para ti, mas és a única pessoa que pode assegurar que não seja também difícil para todos nós. Porque nenhum de nós te deve a sua felicidade. *Muito menos* a Lily.

O Ryle abana a cabeça. Anda de um lado para o outro como se pretendesse desgastar o asfalto e encontrar terra.

— O que é que esperas que eu faça? Que vos encoraje? Que vos deseje felicidades? Que te incentive a ser um bom pai para a *minha* filha, que diabo!? — Ri-se do absurdo que considera ser essa ideia, mas eu mantenho uma expressão muito séria.

— Sim. *Isso mesmo.*

Acho que a minha resposta o apanha desprevenido. Para e entrelaça as mãos na nuca.

Aproximo-me dele, mas não de uma forma ameaçadora. Não quero gritar. Quero que o Ryle perceba a sinceridade na minha voz.

— Por mais feliz que eu saiba que posso fazer a Lily, ela nunca será completamente feliz sem a tua aceitação e colaboração. E tu estás a dificultar as coisas, apesar de saberes que ela merece uma vida boa. Merecem as duas. Se queres que a tua filha cresça com a melhor versão da Lily, então, por favor, colabora com ela. Isto é possível para todos nós.

O Ryle rola o pescoço.

— Então agora somos uma espécie de *equipa*?

Detesto que ele tente fazer parecer que tudo isto está fora do reino da possibilidade.

— Quando há crianças envolvidas, uma equipa é a *única* coisa que as pessoas devem pensar em ser.

Isto afeta-o. Percebo-o pela maneira como estremece, engolindo depois discretamente em seco. Vira-me as costas e dá alguns passos enquanto pesa tudo o que eu disse. Quando se volta de novo para mim, a acrimónia já é menor.

— Quando as coisas correrem mal entre vocês os dois e a Lily for a correr à procura de um sítio para fugir, não vou ser eu a apanhar os cacos desta vez.

Dito isto, o Ryle afasta-se. Desta vez, não vai por dentro do restaurante. Encaminha-se para o beco, em direção à rua. Não consigo fazer nada além de o olhar com piedade. Ele não conhece mesmo a Lily.

Nada.

A Lily não *vai a correr* para junto das pessoas. Não foi a correr atrás de mim quando saí do Maine. Não veio a correr para mim quando deixou o Ryle. Concentrou-se em ser mãe. No entanto, é isso que ele espera que ela faça se as coisas não resultarem entre nós? *Ir a correr* para ele como se fosse o seu alicerce?

O alicerce da Lily é a Emerson, e se ele ainda não consegue perceber isso, não percebe mesmo nada.

Se a Lily tivesse ficado com ele, ele teria passado o resto das suas vidas a inventar problemas para justificar a sua raiva excessiva. Porque eu nunca fui um problema no casamento deles, nem nunca teria sido.

Inicialmente pensei que tinha pena dele, mas ele está a lutar por uma mulher que mal conhece, o que significa que está só a lutar por lutar. Tem uma personalidade muito parecida à da minha mãe, e, por vezes, não há volta a dar a isso. Temos de aprender a viver a nossa vida contornando esse aspeto.

Talvez seja o que eu e a Lily vamos ter de fazer. Aprender a viver as nossas vidas o melhor que pudermos, ao mesmo tempo que ocasionalmente lidamos com a ira ridícula do Ryle.

Não faz mal. Haverei de enfrentar esta merda todos os dias, se isso significar que sou eu que adormeço ao lado dela todas as noites.

Subo os degraus e regresso à azáfama da cozinha, retomando o trabalho como se ele nunca sequer tivesse ali estado.

Passados vários segundos, levanto os olhos e vejo que se foi embora. As portas da cozinha balançam depois da saída dele.

Não sei se a minha reação esta noite melhorou a situação, mas decerto não a piorou.

O Darin passa-me um pano molhado.

— Estás a sangrar. — Aponta para o lado esquerdo da minha boca, por isso é aí que encosto o pano. — Era o ex dela?

— Sim.

— Já está tudo bem?

Encolho os ombros.

— Não sei. Ele pode enraivecer-se e voltar. Isto pode durar anos, que diabo! — Olho para o Darin e sorrio. — Mas ela vale isso.

* * *

Três horas depois, estou a bater suavemente à porta do apartamento da Lily. Mandei-lhe uma mensagem a avisá-la de que vinha. Achei que podia precisar de outro abraço de fugida.

Quando abre a porta, é claramente disso que precisa. E do que *eu* preciso. Assim que chegamos à sala, ela envolve-me a cintura com os braços e eu aconchego-me a ela. Ficamos abraçados por alguns minutos.

Quando levanta o rosto, faz uma expressão de espanto ao ver o pequeno corte no meu lábio.

— É um cretino tão imaturo. Puseste gelo?

— Vou ficar bem. Nem sequer inchou.

A Lily põe-se em bicos de pés e beija-me o golpe.

— Conta-me o que aconteceu.

Sentamo-nos no sofá e tento recordar-me de tudo o que foi dito, mas certamente terei deixado algumas coisas de fora. Quando acabo de falar, ela está recostada no sofá com uma perna sobre a minha, com um ar concentrado. Penteia-me o cabelo com os dedos.

Mantém-se calada durante muito tempo. Depois olha para mim com uma doçura que me derrete.

— Estou convencida de que és o único homem do planeta que leva um murro e ainda oferece conselhos ao agressor. — Antes que eu consiga responder, ela desliza para o meu colo, aproximando o rosto do meu. — Não te preocupes, acho isso muito mais atraente do que se lhe tivesses batido de volta.

Deslizo as mãos pelas costas dela, surpreendido por estar tão bem-disposta. Não sei porque é que achei que esta conversa seria um peso para ela. Mas acho que este é o melhor desenlace possível. O Ryle sabe que estamos juntos, eu tive a oportunidade de lhe dizer o que pensava e todos saímos disto relativamente incólumes.

— Não posso demorar-me, mas acho que posso prolongar este abraço por mais uns 15 minutos, antes de o Josh perceber que estou atrasado.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Quando dizes abraço, referes-te a…

— Refiro-me a despirmo-nos, já só temos 14 minutos. — Deito-a de costas e beijo-a, e não paramos durante 14 minutos. Depois 17. Depois 20.

Só saio do apartamento dela 30 minutos depois.

CAPÍTULO VINTE E OITO

LILY

A Allysa tem a brilhante ideia de as sentar no chão sobre uma camada de sacos do lixo, para serem mais fáceis de limpar. A Emmy e a sua prima Rylee estão cobertas de bolo.

A Emmy não faz ideia do que se passa, mas está a divertir-se. Acabámos por organizar uma pequena festa para ela aqui na casa da Allysa. A minha mãe está presente, assim como os pais do Ryle, o Marshall e a Allysa.

O Ryle também cá está, mas já se encontra de saída. Tira um par de fotografias com o telemóvel antes de dar um beijinho de despedida às duas meninas.

Ouvi-o a dizer ao Marshall que teve um dia de trabalho ocupado, mas conseguiu vir à festa. Fiquei contente por ter chegado a tempo dos presentes, e ficou até o bolo ter sido praticamente demolido. Sei que isso terá algum significado para a Emmy um dia mais tarde, quando vir as fotografias.

Não falámos enquanto ele aqui esteve. Evitámo-nos um ao outro, fingindo que tudo estava bem diante de toda a gente, mas o Ryle está tudo menos bem. Sinto a tensão irradiar dele até mesmo do outro lado da sala. Mas ser ignorada por ele é melhor do que ser acusada por ele. Prefiro o tratamento de silêncio à sua alternativa.

Infelizmente, o tratamento de silêncio não dura muito.

O Ryle estabelece contacto visual comigo pela primeira vez hoje. Cometi o erro de ficar sozinha, e ele vê isso como uma oportunidade para vir pôr-se ao

meu lado. Fico tensa, sem querer fazer isto agora. Não falamos desde que ele me insultou à saída da minha loja na semana passada. Sei que precisamos de ter uma conversa, mas a festa de aniversário da nossa filha não é o momento nem o lugar certo.

O Ryle enfia as mãos nos bolsos. Encosta o queixo ao peito, de olhos postos no chão.

— O que é que disse a tua advogada?

A raiva sobe-me pelo peito. Olho-o de esguelha e abano a cabeça.

— Não vamos ter esta conversa agora.

— Então, quando?

Não é propriamente uma questão de quando, mas de *com quem*? Porque nunca mais vou discutir nada com ele quando estivermos sozinhos. Ele já me provou que não estou segura quando estou sozinha com ele, portanto, esse privilégio acabou.

— Eu envio-te uma mensagem — digo e depois afasto-me, deixando o Ryle sozinho. A minha mãe tem a Emmy ao colo e está a limpar-lhe bolo da cara e das mãos, por isso vou na direção delas, mas a Allysa puxa-me à parte antes de eu lá chegar.

— Vamos conversar — diz ela. Sigo-a para o seu quarto, onde ela se senta na cama.

Ela só me leva ao quarto quando me quer confrontar com alguma coisa, e o seu sentido de oportunidade é sempre impecavelmente intuitivo. Reviro os olhos assim que entro no quarto, e em seguida sento-me na cama.

— O que é que queres saber? — Já se passaram umas duas semanas desde que pusemos a conversa em dia. Há muita coisa que ela deve estar a perguntar-se sobre a minha vida. Tem sido muito cheia de acontecimentos ultimamente.

A Allysa atira-se de costas para a cama.

— As coisas entre ti e o Ryle pareciam um bocado estranhas hoje.

— Nota-se muito?

— Eu reparo em tudo. Estás bem?

Demoro-me e debato-me a pensar naquela pergunta. *Estás bem*? Eu costumava esconder-me dessa pergunta porque não estava bem. Mesmo meses depois do nascimento da Emerson, quando alguém me perguntava isso, eu exibia um sorriso enquanto encarquilhava por dentro.

Esta é a primeira vez que não estou a mentir quando respondo:

— Sim, estou bem.

A Allysa olha-me em silêncio. Há um reconforto na sua expressão, como se até acreditasse em mim desta vez. Agarra-me na mão e puxa-me até eu ficar deitada na cama ao lado dela. Enlaça os nossos braços pelos cotovelos e ficamos a olhar para o teto, desfrutando de um momento de silêncio numa casa cheia de gente.

Ainda bem que ainda tenho a Allysa. Seria a coisa mais desoladora que podia ter perdido no meu divórcio. Fico grata por ela ser tão cheia de perdão e positividade.

Gostava de poder dizer o mesmo do seu irmão. Há alturas em que sinto que o Ryle tem um monstro dentro dele que está numa busca constante para ser ofendido. O seu lado negro alimenta-se de drama, e se ninguém lho der, ele inventa-o. Mas eu já não posso continuar a participar neste jogo. Sei que as minhas intenções eram puras quando estava casada com o Ryle, por muito que ele quisesse que os seus delírios fossem verdadeiros, de modo a poder justificar o seu comportamento.

— Como estão as coisas com o Adónis?

Rio-me.

— Referes-te ao Atlas?

— Foi o que eu disse. Adónis, o belo deus grego por quem estás apaixonada.

Rio-me outra vez.

— O Adónis não era produto de um incesto?

A Allysa dá-me um safanão.

— Para de te esquivar. Como vão as coisas?

Viro-me de barriga para baixo e soergo-me sobre o cotovelo.

— Vão bem, quando conseguimos passar tempo juntos. O restaurante dele só abre quando a minha loja fecha. Ainda nem sequer passámos uma noite inteira juntos.

— O que é que o Atlas está a fazer agora? A trabalhar?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Se ele puder sair mais cedo hoje, eu fico com a Emerson esta noite. Não temos planos para amanhã. Podes vir buscá-la quando quiseres.

Os meus olhos arregalam-se diante desta oferta.

— A sério?

A Allysa salta para fora da cama.

— A Rylee adora quando ela cá está. Vai lá passar a noite com o teu Adónis.

* * *

Não enviei mensagem ao Atlas a avisá-lo de que ia a caminho do Corrigan's. Ele disse-me que estaria a trabalhar lá esta noite, e achei que seria divertido surpreendê-lo, mas quando transponho as portas que dão para a cozinha fico admirada com tanto bulício. Ninguém dá pela minha entrada, por isso olho em volta até o avistar.

O Atlas está a inspecionar cada prato que lhe é entregue para colocar em tabuleiros, depois os empregados de mesa desaparecem rapidamente com a comida através das portas duplas. Este sítio é mais requintado do que o Bib's, e eu achava que o Bib's já era requintado. Todos os empregados têm um traje formal. O Atlas tem uma jaleca branca de *chef* que condiz com mais duas na cozinha.

Eles têm uma rotina tal a decorrer, que me pergunto se devia ter vindo. Acho que vou estar a empatá-lo se for ter com ele, e de repente sinto-me constrangida por ter aparecido sem o avisar.

Reconheço o Darin assim que ele me vê. Ele sorri e acena com a cabeça, depois chama a atenção do Atlas. Aponta para mim e, quando o Atlas se vira e

me vê na sua cozinha, os seus olhos iluminam-se. Mas apenas momentaneamente. O facto de eu estar aqui faz com que o seu entusiasmo mude imediatamente para preocupação. Vem direito a mim, desviando-se de um empregado que regressa à cozinha com uma bandeja vazia.

— Oi. Está tudo bem?

— Sim. A Allysa decidiu ficar com a Emmy esta noite, por isso lembrei-me de passar por cá.

O Atlas abre um sorriso esperançoso.

— Vai ficar com ela a noite inteira? — Há uma centelha de sedução nos seus olhos.

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Traseira quente! — grita alguém atrás de mim. *Traseira quente*? Arregalo os olhos quando o Atlas nos desvia do caminho de um empregado que leva uma bandeja de comida.

— Calão de cozinha — explica. — Significa que estás no caminho de comida quente.

— Ah.

O Atlas ri-se, depois olha por cima do ombro para todos os pratos que estão a ficar atrasados.

— Dás-me uns 20 minutos para terminar o serviço?

— Claro. Não vim cá pedir-te que saísses mais cedo. Pensei que podia ficar a ver-te trabalhar por um bocado, é giro.

O Atlas aponta para uma bancada em metal.

— Senta-te ali. Tem a melhor vista e ninguém te atira ao chão. Isto aqui atrás torna-se muito movimentado. Eu despacho-me num instante. — Levanta-me o queixo e inclina-se para me beijar, depois vira costas e volta ao que estava a fazer antes da minha chegada.

Sento-me na bancada e levanto as pernas, cruzando-as para ficar completamente fora do caminho. Reparo que alguns dos empregados me atiram olhares, o que me deixa um pouco desconfortável. De todas as pessoas que estão

aqui agora, só conheço o Darin, por isso não sei quem é ninguém. Pergunto-me o que estarão a pensar da desconhecida que o Atlas acabou de beijar e que agora está a observá-los enquanto trabalham.

Não sei se o Atlas costuma trazer mulheres para aqui, mas tenho a sensação de que não. Todos me olham como se isto fosse uma anomalia.

O Darin vem cumprimentar-me assim que tem oportunidade. Dá-me um abraço rápido e diz:

— É bom voltar a ver-te, Lily. Continuas a enganar singelos jogadores de póquer?

Rio-me.

— Há algum tempo que não. Vocês ainda fazem as noites de póquer?

Ele abana a cabeça.

— Não, estamos demasiado ocupados, agora que o Atlas tem os dois restaurantes. Era difícil arranjar uma noite em que nos pudéssemos reunir todos.

— É uma pena. Agora trabalhas aqui?

— Não oficialmente. O Atlas queria ver como é que eu me dava com esta ementa, está a pensar em promover-me a *chef* principal. — Inclina-se para mim e sorri. — Diz que quer mais tempo livre. Agora acho que já sei porquê. — O Darin atira um pano por cima do ombro. — Foi bom ver-te. Parece que vais andar por cá mais vezes. — Pisca-me o olho antes de se afastar.

Saber que o Atlas está a fazer um esforço para passar menos tempo no trabalho faz o meu estômago revirar de felicidade.

Passo os 15 minutos seguintes em silêncio, a observar o Atlas a trabalhar. De vez em quando, ele olha para mim e dirige-me um sorriso caloroso, mas durante o resto do tempo está concentrado no trabalho. A sua intensidade e confiança são hipnotizantes.

Ninguém parece intimidado por ele, mas todos parecem querer a sua opinião. Estão constantemente a fazer-lhe perguntas, e ele responde a cada um deles de forma paciente. Pelo meio desses momentos de ensinamento há muitos gritos. Não o género de gritos que eu esperaria ouvir numa cozinha, mas pessoas a fazer

pedidos de comida e cozinheiros a responder que ouviram. É barulhento e atarefado, mas é uma boa vibração.

Para ser sincera, não é, de todo, o que eu esperava encontrar. Pensava que ia ver um lado completamente novo do Atlas — em que ele berrava ordens de modo irado e se comportava como todos os *chefs* que já vi na televisão. Mas, felizmente, não é nada disso que acontece nesta cozinha.

Após uma empolgante meia hora, o Atlas finalmente afasta-se do seu posto. Lava as mãos antes de vir ter comigo. Sinto um nó de excitação no estômago quando se inclina e pressiona a boca contra a minha, como se não se importasse que todo o *staff* nos visse.

— Desculpa ter demorado tanto — diz ele.

— Eu gostei. Foi diferente do que estava à espera.

— Como assim?

— Pensava que todos os *chefs* eram umas bestas e gritavam com o pessoal.

Ele ri-se.

— Lamento desapontar-te, mas não há nenhuma besta nesta cozinha. — Descruza-me as pernas para poder meter-se entre elas. — Adivinha…

— O que foi?

— O Josh fica na casa do Theo esta noite.

Não consigo conter o sorriso.

— Que coincidência maravilhosa.

Os olhos do Atlas percorrem-me, depois ele encosta a cabeça à minha, premindo os lábios ligeiramente no meu ouvido.

— Na tua casa ou na minha?

— Na tua. Quero estar numa cama que tenha o teu cheiro.

Ele mordisca-me a orelha, arrepiando-me o pescoço. Depois pega-me na mão e ajuda-me a descer da bancada. Dá atenção a alguém que vai a passar.

— Ei, podes ficar nos empratamentos?

— Claro que sim — responde o rapaz.

O Atlas olha de novo para mim e diz:

— Encontramo-nos na minha casa.

* * *

Antes de ir ao restaurante, já tinha passado pelo meu apartamento para fazer uma malinha, na eventualidade deste cenário, por isso sou a primeira a chegar à casa dele. Aproveito o tempo em que estou à espera dele no carro para falar com a Allysa.

Ela adormeceu bem?

Muito bem. Como vai a tua noite?

Muito bem. ;)

Diverte-te. Espero um relatório completo.

As luzes dos faróis do carro do Atlas refletem-se no meu quando ele chega à rampa de acesso. Ainda estou a reunir as minhas coisas quando ele me abre a porta. Assim que saio do carro, o Atlas enterra uma mão impaciente no meu cabelo e beija-me. É o género de beijo que grita *Tinha saudades de te beijar.*

Quando recua, examina-me o rosto com um sorriso terno.

— Gostei de te ter a olhar para mim na minha cozinha esta noite.

Sou percorrida por um arrepio.

— Eu gosto de olhar para ti. — Não consigo dizer isto sem abrir um sorriso. Pego no saco que está no banco do passageiro e o Atlas tira-mo das mãos e põe-no ao ombro. Sigo-o pela garagem. Ainda há caixas da mudança empilhadas ao longo de uma parede. No chão, junto às caixas por abrir, encontra-se um banco de musculação desmontado. Diante da máquina de lavar e secar, dois cestos cheios de roupa suja.

Ver um pouco de desorganização na garagem dele é reconfortante. Já começava a achar que ele era demasiado bom para ser verdade, mas o Atlas Corrigan está atrasado na vida e nos cuidados da roupa, como todos nós.

Abre a porta de casa e segura-a para eu entrar. Esta é mais pequena do que a anterior, mas é mais ele. E não é só mais uma casa de tijolo igual a todas as

outras. As casas neste bairro têm personalidade. Cada uma é completamente diferente da outra, desde a casa cor-de-rosa de dois pisos da esquina ao moderno caixote envidraçado na outra ponta da rua.

A casa do Atlas é ao estilo bangalô, aninhada entre duas casas maiores. Quando estive aqui da última vez, reparei que o pátio das traseiras dele era o maior dos três. *Muito espaço para fazer um jardim, um dia…*

O Atlas introduz o seu código de segurança.

— É nove cinco nove cinco — diz ele. — Caso um dia precises.

— Nove cinco nove cinco — repito, notando que é a mesma combinação do seu telemóvel. É um homem de compromissos. Gosto disso.

O código de segurança não é a chave de casa, mas parece igualmente significativo. Ele pousa o meu saco no sofá e acende a luz da sala. Estou encostada à parede e mantenho-me fora do seu caminho, observando-o. Ainda bem que ele me disse que gostou de me ter a olhar para ele no trabalho, porque olhar para o Atlas é o meu passatempo favorito. A minha vida podia ser como mosca na sua parede, que eu ficaria satisfeita.

— Qual é a tua rotina quando chegas a casa à noite?

O Atlas inclina a cabeça.

— Como assim?

Faço sinal para a sala.

— O que é que fazes quando chegas a casa à noite? Faz de conta que não estou aqui.

Ele olha-me em silêncio. Depois caminha na minha direção, parando mesmo diante de mim. Apoia a mão na parede ao lado da minha cabeça e inclina-se para mim.

— Bem — sussurra. — Primeiro, tiro os sapatos.

Ouço-o a descalçar um dos sapatos, depois o outro. De repente, fica uns centímetros mais abaixo e ainda mais perto da minha boca. Roça os lábios muito levemente pelos meus, provocando-me explosões de fogo de artifício sob a pele.
— Depois… — Beija-me o canto da boca. — Tomo um duche. — Tira a mão da

parede e começa a recuar, mantendo os olhos fixos em mim numa expressão de desafio.

Desaparece para dentro do seu quarto.

Estou a inalar uma golfada de ar para me acalmar quando ouço o chuveiro começar a correr. Descalço os sapatos e deixo-os ao lado dos dele, depois sigo o caminho que ele tomou pelo corredor. Empurro delicadamente a porta entreaberta e vejo o seu quarto ao vivo pela primeira vez. Já o vi nas nossas videochamadas, mas não entrei aqui da primeira vez que vim à casa dele. Reconheço a cabeceira da cama preta e a parede cor de ganga por trás, mas o resto do quarto é novidade para mim. Examino tudo em busca da porta da casa de banho.

Ele deixou-a aberta. A camisola ficou no chão, junto da entrada. Não sei porque é que o meu coração bate tão descompassadamente, como se fosse a primeira vez que vejo o Atlas sem roupa. Não se pode dizer que seja novata em relação a isto, ou a ele, ou mesmo a tomar duche com ele. Mas, sempre que estamos juntos, é como se o meu coração tivesse amnésia.

Chego à porta da casa de banho e fico desapontada ao ver que o chuveiro está escondido atrás de meia parede de pedra. Ouço os salpicos e as intermitências do fluxo da água e sinto todas as curvas do meu corpo a ficarem tensas.

Não deixo as minhas roupas junto às dele. Permaneço vestida e avanço lentamente para o chuveiro. Encosto-me à longa parede da casa de banho e aproximo-me muito devagar da abertura do chuveiro, inclinando a cabeça apenas o suficiente para o espreitar.

O Atlas encontra-se debaixo da corrente de água, de olhos fechados, a água a tombar-lhe diretamente no rosto enquanto ele passa os dedos pelo cabelo. Fico quieta e calada e mantenho-me encostada à parede enquanto o observo.

Ele sabe que eu estou aqui, mas ignora a minha presença e permite-me absorver o vislumbre da sua imagem. Quero percorrer com as mãos as subidas e descidas dos músculos dos seus ombros, e quero beijar as covinhas que tem ao fundo das costas. Ele é absolutamente lindo.

Depois de enxaguar todo o sabão do cabelo e da cara, olha para mim. Os seus olhos encontram os meus e semicerram-se. Escurecem. Depois encara-me, e o meu olhar cai, cai…

— Lily.

Quando o meu olhar regressa ao dele, ele abre um sorriso matreiro. Depois, muito rapidamente, atravessa os mosaicos molhados e arranca-me à parede, até eu ficar envolvida pelos seus braços. Puxa-me para dentro do chuveiro com ele, e eu solto um arquejo de surpresa.

Ele envolve o meu arquejo com a sua boca enquanto me aperta as coxas, enrolando em si mesmo as minhas pernas vestidas de ganga molhada. As minhas costas encontram a parede do chuveiro, aliviando o Atlas de algum do meu peso, para que possa libertar uma mão.

Uma mão que ele usa para me desabotoar a camisa.

Eu uso as duas para o ajudar. Paramos de nos beijar apenas o tempo suficiente para ele me pôr no chão e despir a camisa pelos meus braços. A camisa cai no chão molhado do chuveiro com um salpico, no preciso momento em que os dedos do Atlas encontram o botão das minhas calças de ganga.

A sua boca faminta regressa à minha enquanto ele faz deslizar as mãos entre as minhas ancas e as cuecas, puxando-me a roupa para baixo, muito a custo.

Agarra-se ao cós das minhas calças e vai descendo pelo meu corpo enquanto começa a despir-mas. Quando chegam aos meus tornozelos, ajudo-o a tirá-las, depois ele envolve-me as barrigas das pernas com as mãos, à medida que torna a subir lentamente por mim.

Quando está novamente em pé, os seus dedos reúnem-se nas minhas costas, nos colchetes do soutien. Sinto um aperto no estômago quando começa a soltá-los. A sua boca torna a encontrar a minha, mas o beijo é terno e vagaroso, como se a remoção da última peça de roupa merecesse ser saboreada.

Sinto as mãos dele a deslizarem pelos meus ombros e depois os dedos por baixo das alças, fazendo-as descer pelos meus braços. O soutien começa a descair e o Atlas afasta a boca da minha o tempo suficiente para me admirar. A

sua mão encurva sobre a minha anca, depois desliza-me pelo rabo, apertando-me.

Enrolo os braços no seu pescoço e percorro-lhe o queixo com os lábios, pousando a boca no seu ouvido.

— E agora?

Observo os arrepios que lhe percorrem os braços. Ele geme e levanta-me mais alto pela parede, até ficarmos alinhados pela cintura. Rodo as ancas para ele, desejando senti-lo duro de encontro a mim, e ele corresponde ao meu movimento com uma investida rápida, forçando-me a ofegar. É óbvio que ambos queremos isto, mas, mesmo assim, ele olha para mim à espera de permissão antes de me possuir no chuveiro. Já tivemos a conversa necessária acerca dos contracetivos e de ambos termos feito análises. Por isso, assinto com a cabeça e sussurro um «sim» desesperado.

Agarro-lhe os ombros com mais força, numa tentativa de lhe tirar mais peso dos braços para ele se poder posicionar para me penetrar. Ele usa o braço esquerdo para me segurar e o direito para se apoiar, e depois rola as ancas para a frente e para cima, até eu sentir a pressão dele dentro de mim.

Suspira para o meu pescoço ao mesmo tempo que solto todo o ar do meu peito. Sai-me como um gemido, o que incentiva o Atlas a tentar fazer-me repetir o mesmo som.

Tenho as pernas a apertar-lhe a cintura, mas ele investe com força suficiente para as soltar nos tornozelos. Quando começo a escorregar por ele, torna a içar-me e reposiciona-se, até conseguir preencher-me novamente.

Solto outro gemido e ele rola dentro de mim uma segunda vez e uma terceira, e pode não ser tão gracioso contra a parede de um chuveiro molhada como seria numa cama, mas eu não me farto deste seu lado descontrolado.

Ele dá-me esse lado descontrolado durante vários minutos até nos sentirmos ambos demasiado fracos e sem fôlego para continuar sem o apoio de uma cama. Quando sai de dentro de mim e me põe em pé, não diz nada. Simplesmente fecha a torneira e pega numa toalha. Começa pelo meu cabelo, espremendo a água

com ambas as mãos, e depois percorre-me lentamente o corpo com a toalha até eu ficar quase seca. Seca-se rapidamente com a toalha antes de pegar na minha mão e me levar para fora da casa de banho.

Não sei como é que algo tão simples como ele segurar-me a mão a caminho do quarto pode fazer expandir o meu coração desta maneira.

O Atlas levanta a manta e faz-me sinal para me meter na cama. É tão confortável que parece que estou a aconchegar-me numa nuvem. Ele aninha-se ao meu lado, parando apenas quando já não consegue aproximar-se nem mais um centímetro. Está deitado de lado, mas faz-me rebolar até eu ficar de costas, chegada a ele.

Gosto desta posição. Gosto da maneira como ele se apoia no cotovelo, pairando sobre mim. Gosto do ligeiro sorriso nos seus olhos, como se eu fosse uma recompensa bem merecida.

Quando o Atlas se baixa, o beijo deixa de ser tão suave. É um beijo imediato, profundo e faminto que começa com o mergulhar da sua língua e termina com ele a esticar-se de forma impressionante em busca de um preservativo e a colocá-lo sem interromper o ímpeto do beijo. O Atlas agarra-me o interior da coxa e empurra a minha perna para o lado, para arranjar espaço para si.

Depois põe-se por cima de mim, penetrando-me, e continua as investidas até eu dar por mim no meio de um maravilhoso colapso.

* * *

O Atlas está deitado de costas na cama e eu estou enrolada nele, com a perna por cima da sua coxa. São estes os momentos que mais anseio partilhar com ele. Os minutos sossegados que conseguimos roubar ao caos das nossas vidas, em que somos só nós os dois, saciados, satisfeitos. A minha cabeça repousa no seu peito, os seus dedos percorrem-me o braço para cima e para baixo.

Beija-me o cimo da cabeça e diz:

— Quanto tempo é que passou desde que nos encontrámos por acaso na rua?

— Quarenta dias — digo. *Tenho estado a contar.*

Ele faz um som de surpresa.

— Porquê? Parece mais tempo?

— Não, só queria saber se tens andado a contar como eu.

Rio-me e comprimo os lábios na sua pele, mesmo por cima do coração.

— Como é que correu a festa hoje? — pergunta-me ele. Sei o que está a perguntar sem que tenha de o dizer. Quer saber como é que o Ryle me tratou.

— A festa foi boa. Falei com o Ryle durante uns cinco segundos, talvez.

— Foi indelicado?

— Não. Basicamente, mantivemo-nos fora do caminho um do outro.

O Atlas passa os dedos pelo meu cabelo, percorrendo as madeixas que deixa cair sobre as minhas costas. Depois repete o movimento.

— Isso já é um progresso. Esperemos que as coisas se tornem mais fáceis a partir daqui.

— Esperemos que sim. — Eu tenho esperança de que as coisas entre mim e o Ryle se tornem mais fáceis, mas não continuarei a permitir que as suas reações controlem a minha felicidade. Estou de corpo inteiro com o Atlas, e quero estar presente nessa parte da minha vida. Se isso deixar o Ryle chateado ou desconfortável, terá de ser ele a suportar o fardo desses sentimentos. — Talvez peça à Allysa para ter uma conversa comigo e com o Ryle esta semana. Quero falar sobre o que aconteceu e o que fazer daqui para a frente, mas não quero falar sozinha com ele.

— É uma atitude inteligente.

Talvez eu e o Ryle nunca cheguemos a um ponto em que consigamos ser mais do que apenas civilizados. Mas agradar-me-ia conseguir que fôssemos civilizados. O que não me agrada nada são os insultos, as mensagens, as explosões. Ele tem muito trabalho a fazer, e estou finalmente disposta a atribuir-lhe essa tarefa.

Provavelmente devia ter sido mais firme no início, mas tenho tentado fazer

com que as coisas funcionem da forma menos dramática possível. Mas estou farta de mudar a minha vida por causa do Ryle.

A minha lealdade é para com as pessoas que trazem positividade à minha vida. A minha lealdade é para com as pessoas que querem ver-me desenvolver e ser feliz. É por essas pessoas que vou tomar decisões na vida.

Vou continuar a fazer o melhor que posso, e não posso fazer mais nada. Talvez não tenha tomado sempre as melhores decisões no melhor momento, mas é no facto de ter encontrado coragem para tomar essas decisões que vou continuar a concentrar-me.

O Atlas desliza um dedo sob o meu queixo e inclina-me a cabeça para eu o encarar. A sua expressão demonstra que está exatamente onde quer estar.

— Nem consigo dizer-te o quanto gostei disto — diz ele. Puxa-me para mais perto, deslizando-me sobre o seu peito para nos olharmos nos olhos. Acaricia-me a cabeça. — Quem me dera ter-te assim na minha cama todas as noites. Quero tomar duche contigo e cozinhar contigo e ver televisão contigo e ir às compras contigo. Quero *tudo* contigo. Detesto que tenhamos de fingir que ainda não sabemos que queremos passar o resto da nossa vida juntos.

É incrível a rapidez com que o ritmo cardíaco pode duplicar. Deslizo os dedos sobre os seus lábios.

— Não estamos a fingir. *Vamos mesmo* passar o resto das nossas vidas juntos.

— Quanto tempo temos de esperar até começarmos?

— Ao que parece, já começámos — respondo.

— Quanto tempo tenho de esperar até te convidar para vires viver comigo?

O calor rodopia no meu estômago.

— Seis meses, no mínimo.

Ele assente com a cabeça, como se estivesse a tomar notas mentais.

— E quanto tempo até poder pedir-te em casamento?

Forma-se-me um nó na garganta que é difícil de engolir.

— Um ano. Um ano e meio.

— Um ano a partir de irmos viver juntos ou um ano a partir de agora?

— A partir de agora.

Ele sorri, encostando-me a si.

— É bom saber.

Não consigo deixar de me rir para o seu pescoço.

— Esta conversa foi uma surpresa.

— Sim, o meu psicólogo vai matar-me quando lhe contar.

Estou a sorrir quando rebolo de cima dele e me deito de lado. Aninho-me na dobra do seu braço e passo os dedos pelo peito do Atlas, e depois nos músculos do seu estômago. Os músculos ficam tensos e fletem sob as minhas unhas.

— Fazes exercício?

— Quando posso.

— Nota-se.

O Atlas ri com descontração.

— Estás a tentar seduzir-me, Lily?

— Sim.

— Não preciso de elogios. Estás nua e na minha cama. Não precisas de fazer muito mais, já me conquistaste há anos.

Levanto a cabeça e abro um sorriso matreiro, como se aquilo fosse um desafio.

— Achas mesmo que não?

Ele abana a cabeça, sorrindo ociosamente. Percorre-me o lábio inferior com o polegar.

— Tenho a certeza de que estou na minha capacidade máxima. Acho que até devo ter atingido a iluminação esta noite.

Mantenho os olhos fixos nos dele, mas mudo de posição e começo lentamente a descer pelo seu corpo.

— Acho que ainda consigo impressionar-te — sussurro. Ele solta uma exalação profunda quando lhe beijo a barriga. O meu olhar continua fixo no seu rosto, e eu adoro ver a sua expressão a ficar tensa enquanto me observa.

Engole em seco quando começo a desviar o lençol para o lado, até o destapar

da cintura para baixo. Os seus olhos escurecem.

— *Foda-se*, Lily.

Deixa cair a cabeça de encontro à almofada assim que a minha língua o percorre em toda a sua extensão.

Geme quando o meto na boca e lhe demonstro que está *muito* enganado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

ATLAS

Não consigo saciar-me dela, mas acho que não faz mal porque ela também parece não conseguir saciar-se de mim. Esta manhã acordou-me a deslizar para cima de mim e a beijar-me o pescoço.

Acabou deitada de costas segundos depois, com a minha boca entre as suas coxas.

Talvez tenhamos tanta fome um do outro porque sabemos que será raro termos dias assim. Ou talvez seja por termos sentido a falta um do outro durante tantos anos.

Ou talvez as coisas sejam mesmo assim quando estamos apaixonados. Eu já estive com outras mulheres além da Lily, mas estou convencido de que ela foi a única que amei verdadeiramente.

Os meus sentimentos pela Lily são amplificados de uma maneira diferente de tudo o que já experienciei. São ainda mais amplificados do que os sentimentos que tinha por ela quando éramos mais novos. Agora é diferente — mais forte, mais profundo, mais excitante. Não há a menor hipótese de eu me afastar dela agora como fiz nessa altura.

Sei que aos 18 anos estava numa atitude mental completamente diferente, e isso teve muito que ver com o porquê de eu sentir que não devia ficar perto dela. Mas agora estou nisto de corpo inteiro. Odeio a ideia de levar as coisas devagar. Percebo porque é que é necessário, mas não tem de me agradar. Quero-a perto de

mim todos os dias, porque me sinto absolutamente incompleto nos dias em que não posso vê-la.

Agora que passámos a noite juntos, tenho a sensação de que o anseio vai ser pior. Vou ficar irritadiço quando tiver de passar muito tempo sem a ver. Ela está mesmo ao meu lado enquanto escovamos os dentes, e eu já estou apavorado porque tem de se ir embora.

Se eu me oferecer para lhe fazer o pequeno-almoço, talvez consiga tê-la pelo menos mais uma hora.

— Porque é que tens uma escova de dentes a mais? — pergunta-me a Lily. Cospe a pasta de dentes para o meu lavatório e pisca-me o olho. — Costumas ter muitos hóspedes?

Sorrio-lhe e lavo a boca, mas não respondo à pergunta. Tenho aquela escova de dentes para ela, mas não quero admiti-lo. Ao longo dos anos, fiz muitas pequenas coisas sob o pretexto *para o caso de a Lily…*

Depois de ela sair da minha casa há dois anos, quando estava escondida do Ryle, fui comprar uma série de coisas para o caso de ela precisar de voltar. Uma escova de dentes extra, almofadas mais confortáveis para o quarto de hóspedes, uma muda de roupa, caso ela aparecesse numa emergência.

Tinha um *kit* de emergência para a Lily, por assim dizer. Acho que agora é mais um *kit de pernoita* para a Lily. E sim, trouxe tudo para a casa nova quando me mudei. Sempre tive alguma esperança de que haveríamos de acabar juntos um dia.

Caramba, para ser honesto comigo próprio, tive muita esperança. Baseei muitas das minhas decisões na hipótese de a Lily poder voltar à minha vida. Até escolhi esta casa em detrimento de outra só por causa do pátio das traseiras. Pareceu-me um pátio pelo qual a Lily podia apaixonar-se.

Limpo a boca a uma toalha de mãos e entrego-lha, para que a possa usar.

— Posso fazer-te o pequeno-almoço antes de ires?

— Sim, mas primeiro beija-me. Saibo melhor do que sabia ao acordar. — Põe-se em bicos dos pés e eu envolvo-a com os braços e iço-a até à minha boca.

Beijo-a enquanto a levo para fora da casa de banho e a deito no colchão. Fico suspenso sobre ela.

— Queres panquecas? Crepes? Uma omelete? Bolachas empapadas? — Antes que ela pudesse responder-me, ouve-se a campainha da porta. — O Josh chegou. — Dou-lhe um beijo rápido. — Ele gosta de panquecas. Para ti pode ser?

— Adoro panquecas.

— Seja panquecas, então. — Encaminho-me para a sala para abrir a porta ao Josh. Abro-a e fico imediatamente imóvel ao ver a minha mãe.

Suspiro, frustrado por não ter espreitado pelo óculo.

Ela olha-me sem emoção, com os braços cruzados diante do peito.

— Tive a visita de uma assistente social ontem. — Os seus olhos são acusadores, mas pelo menos não está aos gritos.

Não vou fazer isto com a Lily aqui. Dou um passo para sair e tento fechar a porta, mas a minha mãe abre-a com uma palmada.

— Josh, anda cá! — grita para dentro de casa.

— Ele não está aqui. — Mantenho a voz baixa.

— Está onde?

— Em casa de um amigo. — Tiro o telemóvel do bolso e vejo as horas. O Brad disse que trazia o Josh às 10h e já são 10h15. *Por favor, que ele não apareça enquanto a Sutton aqui estiver.*

— Liga-lhe — ordena ela.

A porta ficou escancarada por causa da palmada da Sutton, por isso vejo pelo canto do olho a Lily a aparecer no corredor.

Não era assim que eu queria que acabasse a minha manhã com ela. Sinto os remorsos a percorrerem-me. Lanço-lhe um olhar apologético e concentro-me novamente na Sutton.

— O que é que disse a assistente social? — pergunto-lhe.

Ela franze a boca, depois olha para o lado esquerdo.

— Eles nem sequer vão abrir um inquérito. Se não mo devolveres hoje, apresento queixa.

Sei quais são os passos que a Comissão de Proteção de Menores tem de dar durante uma investigação, e eles ainda nem contactaram o Josh para uma entrevista.

— Estás a mentir. Agradecia que te fosses embora.

— Vou-me embora quando tiver o meu filho.

Exalo.

— Neste momento, ele não quer viver contigo. — *Nem agora, nem nunca*, mas poupo-a a esse golpe.

— Ele não quer *viver* comigo — repete ela, com uma gargalhada. — Que miúdo daquela idade é que *quer* viver com os pais? E quantos pais é que *nunca* deram um estalo a um miúdo daquela idade? Eles não retiram a guarda por causa disso, que diabo! — Cruza novamente os braços diante do peito. — Tu só estás a fazer isto para te vingares de mim.

Se ela me conhecesse, sabia que não sou vingativo como ela. Mas, claro está, a conclusão a que ela chega é algo que se encaixa apenas na sua maneira de ser.

— Tens saudades dele? — pergunto, com a voz calma. — Sinceramente. Tens saudades dele? Porque se estás a fazer isto para provar alguma coisa a alguém, esquece. *Por favor.*

O carro do Brad entra na rua e eu gostava que houvesse uma forma de lhe pedir que seguisse em frente. Mas ele já está a parar na berma antes sequer de eu pegar no telemóvel. A Sutton segue a linha do meu olhar e vê o Josh abrir a porta de trás do carro do Brad.

Ela avança imediatamente para lá, mas o Josh fica imóvel quando a vê. Fica *petrificado*, na verdade. Não sabe o que fazer.

A Sutton estala os dedos e aponta para o carro dela.

— Anda daí, vamos embora!

O Josh olha imediatamente para mim. Abano a cabeça e faço-lhe sinal para entrar em casa. O Brad apercebe-se de que algo está errado, por isso desliga o motor e abre a porta.

O Josh baixa a cabeça e atravessa o pátio a direito, passa pela Sutton e corre

para mim. A Sutton não desvia o olhar dele, pelo que tento que o Josh entre a tempo de eu fechar a porta na cara dela, mas ela é demasiado rápida. Não quero magoá-la com a porta, por isso deixo-a entrar.

Parece que vamos mesmo fazer isto agora.

Faço sinal ao Brad para ele perceber que pode ir-se embora e depois olho para a Lily, que está encostada a uma parede, observando todos estes desenvolvimentos com uma expressão de surpresa.

— Desculpa — murmuro em surdina.

O Josh atira a mochila para o chão e senta-se no sofá, cruzando firmemente os braços.

— Não vou contigo — diz para a Sutton.

— A decisão não é tua.

O Josh olha para mim, suplicante.

— Tu disseste que eu podia ficar.

— E podes.

A Sutton apunhala-me com o olhar, como se eu estivesse a abusar. Talvez esteja. Talvez não deva estar a meter-me entre uma mãe e o seu filho, mas ela devia ter pensado duas vezes antes de me tornar irmão daquela criança. Não posso olhar para o outro lado e simplesmente esperar que ele se safe.

— Se não vieres comigo, mando prender o teu irmão.

O Josh bate com as mãos no sofá e dá impulso para se levantar.

— Porque é que não pode ser uma escolha *minha*? — grita. — Porque é que tenho de viver com um de vocês? Já vos disse que quero viver com o meu pai, mas ninguém me ajuda a *encontrá-lo*! — Com a voz embargada, começa a marchar pelo corredor fora. Quando bate com a porta, faz-me estremecer… ou talvez tenha sido por causa do que ele disse antes de ir a correr para o quarto.

Seja como for, é um duro golpe.

A Sutton apercebe-se, porque está a olhar para mim e a avaliar a minha reação.

Depois, desata a rir.

— Oh, *Atlas*. Achavas que estavas a fazer alguma coisa? A criar um *laço* com ele? — Abana a cabeça e ergue a mão, em derrota. — Leva-o ao pai. Vais voltar a correr para mim daqui a uma semana, tal como fizeste da última vez que precisaste da minha ajuda.

Encaminha-se para a porta e sai, e eu estou demasiado atordoado com tudo o que acabou de acontecer para ir lá trancá-la.

A Lily tranca-a por mim.

Começa a dirigir-se para mim com uma expressão solidária, mas, assim que me puxa para um abraço, abano a cabeça e separo-me dela.

— Preciso de um minuto.

CAPÍTULO TRINTA

LILY

O Atlas fecha a porta do quarto atrás de si e eu e dou por mim sozinha na sala.

Sinto-me horrível por eles os dois. Não posso crer que aquela era a mãe dele. *Ou talvez possa.* Depois de ouvir as histórias sobre ela, imaginei que fosse assim desequilibrada, mas acho que esperava que tivesse um aspeto diferente. Tanto o Atlas como o irmão são tão parecidos com ela que é difícil ver aquele tipo de comportamento em alguém da família do Atlas. São polos opostos.

Sento-me à beirinha do sofá, chocada por ter testemunhado tudo aquilo. Nunca tinha visto o Atlas tão transtornado. Apetece-me abraçá-lo, mas compreendo perfeitamente que precise de um momento sozinho.

E o Josh também, pobre miúdo.

Não quero ir-me embora sem me despedir do Atlas, mas também não quero incomodá-lo sem ele ter tido um momento para recuperar. Vou até à cozinha e abro o frigorífico. Procuro ingredientes para lhes fazer o pequeno-almoço.

* * *

Deixo-me ficar pelo mais básico, porque na verdade é só o que sei fazer. Preparo ovos mexidos com bacon e ponho uma travessa de biscoitos no forno. Quando os biscoitos estão quase prontos, vou bater à porta do quarto do Josh. Posso ao menos oferecer-lhe alguma coisa para comer enquanto espero que o Atlas saia do quarto.

O Josh entreabre a porta dois centímetros e olha para mim.

— Queres tomar o pequeno-almoço? — pergunto-lhe.

— A Sutton foi-se embora?

Confirmo com um aceno de cabeça e ele sai do quarto para me seguir pelo corredor. O Josh prepara alguma coisa para beber enquanto eu tiro os biscoitos do forno e sirvo um prato de pequeno-almoço a cada um. Sento-me diante dele à mesa, e ele observa-me enquanto come. Sinto que estou a ser avaliada.

— Onde está a Emerson? — pergunta.

— Está com a tia.

O Josh acena com a cabeça e dá uma dentada na comida.

— Há quanto tempo é que tu e o meu irmão estão juntos?

Encolho os ombros.

— Depende. Conheço-o desde os 15 anos, mas começámos a namorar há cerca de um mês e meio.

Há um rasgo de surpresa no rosto do Josh.

— A sério? Nessa altura eram amigos, ou assim?

— Ou assim. — Dou um gole no meu café e pouso-o com cautela. — O teu irmão não tinha onde viver quando o conheci, por isso ajudei-o durante uns tempos.

O Josh reclina-se na cadeira.

— A sério? Pensava que ele vivia com a nossa mãe.

— Quando ela e o teu pai lho permitiam — digo. — Mas ele passou muito tempo a tentar sobreviver sem a ajuda deles. — Espero não estar a revelar em demasia, mas sinto que o Josh precisa de compreender melhor o Atlas. — Tem calma com o teu irmão, está bem? Ele gosta muito de ti.

O Josh fita-me por um instante, depois assente com a cabeça. Debruça-se de novo sobre o prato e dá uma dentada no bacon. Deixa-o cair de volta no prato e limpa a boca com um guardanapo. — Ele costuma cozinhar melhor do que isto.

Rio-me.

— É porque fui eu que fiz.

— Oh, merda — diz o Josh. — Desculpa.

Não fico nada ofendida, porque tenho a certeza de que ele está a habituar-se à comida do Atlas.

— Achas que queres ser um *chef* como ele? Ele disse-me que gostas de ajudar nos restaurantes.

O Josh encolhe os ombros.

— Não sei. É divertido. Talvez. Acho que era capaz de me fartar. Ele trabalha muitas noites. Mas sinto que me vou fartar de *qualquer* carreira ao fim de alguns anos, por isso não sei o que vou fazer.

— Às vezes sinto que também ainda não sei o que quero fazer quando for grande.

— Pensava que tinhas uma loja de flores, ou assim. Foi o que o Atlas me disse.

— E tenho. Antes disso, trabalhava numa empresa de marketing. — Empurro o meu prato e apoio os braços na mesa. — Mas ainda me sinto como tu. Com medo do tédio. Porque é que se espera que escolhamos uma coisa para experimentar e ter sucesso? E se eu quiser fazer algo completamente diferente a cada cinco anos?

O Josh anui com a cabeça como se concordasse completamente.

— Os professores na escola falam como se tivéssemos de nos decidir por uma coisa que adoramos e ficar sempre aí, mas eu quero fazer uma centena de coisas.

Adoro que ele agora esteja assim tão animado. Faz-me tanto lembrar o Atlas mais jovem.

— Como por exemplo?

— Quero ser pescador profissional. Não sei pescar, mas parece divertido. E quero ser *chef*. E há alturas em que acho que seria divertido fazer um filme.

— Por vezes, sonho em vender a minha florista e abrir uma loja de roupa.

— Eu quero fazer obras de cerâmica e vendê-las em feiras.

— Eu gostava de escrever um livro, um dia.

— Quero ser comandante de um navio — diz ele.

— Eu acho que seria divertido ser professora de arte.

— Eu acho que seria divertido ser porteiro num clube de strip.

Dou uma gargalhada, mas não sou a única a rir. Eu e o Josh levantamos os olhos e vemos o Atlas encostado à ombreira da porta, a rir-se da nossa conversa.

Fico aliviada por ver que está com um estado de espírito melhor do que aquele em que a mãe o deixou. O Atlas sorri-me calorosamente.

— A Lily fez-nos o pequeno-almoço — diz-lhe o Josh.

— Estou a ver. — O Atlas vem ter comigo e dá-me um beijo na bochecha, depois pega numa tira de bacon e dá-lhe uma dentada.

— Está um bocado mau — murmura o Josh em aviso.

— Não insultes a minha namorada, senão deixo de cozinhar para ti. — O Atlas rouba a última tira de bacon do prato do Josh.

— Estes ovos estão fantásticos, Lily — diz o Josh com um entusiasmo falso.

Rio-me enquanto o Atlas se senta ao meu lado. Por mais que queira passar o dia todo aqui com ele, já fiquei mais tempo do que tencionava.

E parece-me que ele e o Josh têm muitas coisas para resolver hoje.

— Tenho de ir — digo, com pena. O Atlas assente com a cabeça e eu levanto-me da mesa. — Vou buscar as minhas coisas. — Vou até ao quarto mas não fecho a porta, por isso ouço a conversa deles quando estou a guardar tudo no saco.

O Atlas diz:

— Apetece-te ir dar um passeio de carro hoje?

— Aonde? — pergunta o Josh.

— Descobri a morada do teu pai.

Paro de arrumar as coisas e aproximo-me da porta, para ouvir a reação do Josh.

— Descobriste? — Há uma nova excitação na voz do Josh. — Ele sabe que vamos?

— Não. Só encontrei a morada, não sei como entrar em contacto com ele. Mas tinhas razão, ele está no Vermont.

Aqui, do quarto, consigo ouvir o pavor que o Atlas tenta disfarçar na voz. *Caramba, detesto que tenha de fazer isto.*

Ouço o Josh correr para o seu quarto.

— Ele vai ficar em choque!

Acabo de arrumar as minhas coisas com um coração mais pesado. Quando regresso à cozinha, o Atlas está diante do lava-louça, a contemplar o pátio das traseiras pela janela. Como não me ouve, ponho-lhe a mão no ombro.

Ele puxa-me imediatamente e beija-me um dos lados da cabeça.

— Eu acompanho-te até ao carro.

Leva o meu saco para o carro e coloca-o no banco de trás. Eu abro a minha porta, mas abraçamo-nos antes de entrar.

Foi o tipo de abraço que o Atlas me deu quando apareceu no meu apartamento a precisar de um abraço naquela noite. É longo e triste e eu não quero libertar-me dele.

— O que é que achas que vai acontecer quando lá chegarem? — pergunto.

O Atlas solta-me, por fim, mas mantém a mão na minha anca enquanto se encosta ao meu carro. Solta um suspiro, enfiando o dedo numa presilha das minhas calças de ganga.

— Não sei. Porque é que estou tão preocupado com ele?

— Porque o amas.

Os olhos dele percorrem-me o rosto.

— É por isso que estou sempre preocupado contigo? Porque te amo?

A minha respiração fica presa com esta pergunta.

— Não sei. Amas?

O Atlas enterra os dedos na minha cintura e puxa-me para si. Levanta a mão e desce um dedo pelo meu pescoço, até encontrar a tatuagem.

— Amo-te há anos e anos e anos, Lily. Tu sabes disso. — Tira o dedo e beija-me ali, e esse gesto, juntamente com as suas palavras, leva tudo o que tenho para manter a compostura.

— Amo-te exatamente ao mesmo tempo.

O Atlas assente com a cabeça.

— Eu sei que sim. Não há ninguém no mundo que me ame mais do que tu. — Aninha-me a cabeça nas mãos, inclina-me o rosto para o dele e beija-me. Quando recua, olha-me de modo nostálgico, como se eu já me tivesse ido embora e ele já estivesse triste por causa disso. Ou talvez seja só o que eu imagino que ele sente, porque é o que *eu* sinto.

— Ligo-te logo à noite. Eu amo-te.

— Eu também te amo. Boa sorte para hoje.

Conduzo até casa cheia de sentimentos contraditórios. Cada momento com ele ao longo deste último dia foi mais do que eu podia ter desejado, mas saber o que ele está prestes a enfrentar faz com que pareça que um pedacinho do meu coração se partiu e ficou ali com ele.

Vou ficar a pensar nele o dia inteiro. Espero que não encontrem o Tim, mas, se encontrarem, espero que o Josh tome a decisão certa.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ATLAS

É uma viagem de carro de três horas até lá. O Josh não tem falado muito. Tem estado a ler, mas se estiver tão nervoso como eu em relação a isto, tenho a certeza de que não está a absorver nada do que lê. Há cinco minutos que não passa da mesma página. É um desenho do que parece uma batalha, mas o que mais vejo são decotes.

— Essa manga é apropriada para um miúdo de 12 anos? — pergunto-lhe.

Ele muda ligeiramente de posição, de modo que eu só consiga ver a capa do livro.

— Sim.

A voz dele baixou uma oitava naquela mentira. Pelo menos é um péssimo mentiroso. Se ele acabar por ficar a viver comigo, detetar se está ou não a dizer a verdade deverá ser fácil.

Se ele acabar por ficar a viver comigo, talvez seja melhor comprar-lhe uns livros de autoajuda, por uma questão de equilíbrio. Vou encher-lhe as estantes com todas as novelas gráficas que quiser, e depois introduzo secretamente alguns dos meus livros para servirem como suplemento à minha falta de habilidade como tutor. *Indomável, Man Enough, A Arte Subtil de Dizer Que Se F*da*. Se calhar até acrescento algum texto sagrado de cada uma das grandes religiões mundiais. Aceito toda a ajuda que puder ter.

Sobretudo depois do dia de hoje. Por mais que o Josh possa pensar que esta é

uma viagem só de ida, no meu íntimo eu sei que ele irá voltar para Boston comigo. Só espero que não volte a espernear e aos gritos.

Quando o GPS diz que estamos a virar para a rua, a mão do Josh aperta-se mais em volta do livro de manga. Mas ele não levanta os olhos, apesar de ainda não ter virado a página. Quando avisto a morada do Tim diante de uma estrutura de casa destruída, paro o carro. A casa é do outro lado da rua, do lado do condutor, mas o Josh finge estar embrenhado na sua história.

— Chegámos.

O Josh larga o livro e finalmente ergue o olhar. Aponto para a casa e o Josh fica a fitá-la por uns bons dez segundos. Depois guarda o livro na mochila.

Trouxe a maior parte das suas coisas com ele. As roupas que lhe comprei, alguns dos livros. Está tudo atafulhado numa mochila que quase não fecha e que ele segura no colo com a esperança de ter pelo menos um progenitor que o aceite.

— Podemos esperar um bocadinho? — pergunta.

— Claro.

Enquanto espera, remexe em tudo. Os ventiladores, o cinto de segurança, a música no Bluetooth. Passam dez minutos, enquanto pacientemente lhe dou tempo para reunir a coragem de que precisa para abrir a porta.

Olho para a casa, desviando a atenção do Josh por um momento. Há um *Ford* branco antigo na rampa de acesso, e é provavelmente por isso que o Josh ainda não conseguiu ganhar coragem para atravessar a rua e bater à porta. É um indicador de que deve estar alguém em casa.

Não tentei dissuadi-lo disto porque sei o que é querer conhecer o próprio pai. Ele irá viver nesta fantasia até ser capaz de confrontar a sua realidade. Quando era miúdo, também eu tinha expetativas elevadas em relação à família, mas, depois de anos de desilusões, percebi que, lá por termos nascido no seio de um grupo de pessoas, isso não faz delas a nossa família.

— Devo ir lá e bater à porta? — pergunta o Josh, por fim. Está assustado e, para ser franco, eu também não me estou a sentir no auge da minha coragem.

Sofri muito com o Tim. Não estou desejoso de voltar a vê-lo, e estou apavorado com o possível desenlace deste encontro.

Não acho que este seja o melhor lugar para o Josh, mas não estou em posição de lhe dizer que não pode retomar a ligação com o pai. Mas o meu maior medo é que ele escolha ficar aqui. Que o Tim seja como a minha mãe e o aceite de braços abertos só porque sabe que é a única coisa que eu não quero que aconteça.

— Posso ir contigo, se quiseres — digo, apesar de ser a última coisa que me apetece fazer. Para o bem do meu irmão, teria de ficar perante aquele homem e fingir que não desejo esmurrá-lo.

O Josh não se mexe por instantes. Eu fito o telemóvel, tentando parecer paciente enquanto ele ganha coragem, mas só me apetece arrancar com o carro e tirá-lo daqui.

A dada altura, sinto o dedo do Josh a roçar uma cicatriz antiga no meu braço, por isso olho para ele. Está com o olhar fixo no meu braço, observando as cicatrizes desvanecidas que ainda restam da vida de merda que tive com a Sutton e o Tim. Mas o Josh nunca me fez perguntas sobre as cicatrizes.

— Foi o Tim que te fez isso?

Aperto o braço e confirmo com um aceno de cabeça.

— Sim, mas já foi há muito tempo. A maneira como ele trata um filho pode ser muito diferente da maneira como tratava um enteado.

— Isso não devia importar, pois não? Se ele te tratava assim, porque é que há de ter outra oportunidade comigo?

É a primeira vez que o Josh quase admite que o pai não é nenhum herói.

Não quero ser a pessoa que ele vai culpar no futuro por não ter uma relação com o pai, mas quero dizer-lhe que tem razão. O pai dele *não* devia ter outra oportunidade. Foi-se embora sem nunca olhar para trás. Não há nenhuma desculpa que justifique o abandono de um filho.

Existe uma crença tóxica de que a família deve manter-se unida só porque é família. Mas a melhor coisa que alguma vez fiz por mim próprio foi afastar-me

deles. Assusta-me pensar onde é que estaria se não o tivesse feito. Assusta-me pensar onde é que o Josh pode acabar se *não* o fizer.

O Josh olha por cima de mim, para a casa. Os seus olhos dilatam, fazendo-me virar e olhar.

O Tim está cá fora, percorrendo o caminho da porta da frente até à carrinha. Eu e o Josh observamos num silêncio mutuamente aturdido.

Está com um ar frágil — mais velho e mais pequeno. Ou talvez isso seja por eu já não ser um miúdo.

Está a beber o resto de uma lata de cerveja quando abre a porta da frente da carrinha. Atira a lata vazia para a caixa aberta e debruça-se para dentro da cabina, à procura de alguma coisa.

— Não sei o que fazer — sussurra o Josh. Agora parece ter mesmo os seus 12 anos. Parte-me um bocado o coração vê-lo assim tão nervoso. Os olhos do Josh imploram pela verdade quando olha novamente para mim, como se precisasse da minha orientação neste momento.

Eu nunca disse mal do Tim ao Josh, mas saber que não estou a ser completamente sincero com ele acerca dos meus sentimentos parece-me um péssimo serviço prestado a um irmão. Talvez o meu silêncio sobre o assunto seja mais prejudicial do que seria a minha verdade.

Suspiro e pouso o telemóvel, dedicando toda a minha atenção a este momento. Não que antes não a tivesse, mas eu estava a tentar dar espaço ao Josh. Só que parece que ele não o quer. Quer honestidade brutal, e se não é para isso que um irmão mais velho serve, então serve para quê?

— Eu não conheço o meu pai — admito. — Sei como se chama, mas pouco mais. A Sutton disse-me que ele nos abandonou quando eu era pequeno, provavelmente da mesma idade que tu tinhas quando o Tim se foi embora. Dantes, não conhecer o meu pai incomodava-me. Eu preocupava-me com ele. Imaginava que alguma coisa horrível o mantinha afastado, que podia estar preso algures, injustamente condenado. Inventava estes cenários loucos que podiam servir de desculpa para o facto de ele saber da minha existência mas não estar na

minha vida. Afinal, que espécie de homem é capaz de ter um filho e *não* querer conhecê-lo?

O Josh ainda tem os olhos postos no Tim, do outro lado do pátio, mas consigo perceber que absorve cada palavra que lhe digo.

— O meu pai nunca enviou um cêntimo de pensão de alimentos. Nunca fez qualquer esforço. O meu pai nunca se deu ao trabalho de fazer uma pesquisa no *Google*, porque, se o fizesse, ter-me-ia encontrado facilmente. Caramba, *tu* fizeste isso com 12 anos. Tu encontraste-me, e és um miúdo. Ele é um adulto, que diabo!

Viro-me para obter a atenção completa do Josh.

— O Tim também é. É um homem adulto e capaz, e se se preocupasse com alguma coisa além de si próprio, teria feito um esforço. Ele sabe o teu nome, sabe em que cidade vives, sabe quantos anos tens.

Os olhos do Josh começam a ficar marejados de lágrimas.

— Não me cabe na cabeça que este homem com um filho como tu, que *quer* estar na vida dele, ainda não tenha feito qualquer esforço. Tu és um privilégio, Josh. Acredita, se eu soubesse que existias, teria derrubado edifícios para te encontrar.

Assim que o digo, uma lágrima escorre-lhe do olho, por isso o Josh olha rapidamente para a janela do carro, desviando o olhar da casa do Tim, desviando-o de mim. Quando o vejo a limpar os olhos, deixa-me de coração partido.

O facto de saber que eles impediram que eu soubesse da sua existência também me deixa furioso. A minha mãe sabia que eu teria sido um bom irmão para ele, portanto decidiu não nos deixar fazer parte da vida um do outro. Sabia que o meu amor por ele haveria de suplantar a sua capacidade de amar, por isso, de uma forma egoísta, manteve-nos separados.

Mas não quero que a minha raiva pela minha mãe ou pelo Tim ou mesmo pelo meu pai se infiltre na decisão do Josh. Ele já tem idade suficiente para tomar as

suas decisões. Pode pegar na minha honestidade e na sua esperança, que eu haverei de apoiá-lo no que quer que ele decida fazer com isso.

Quando o Josh finalmente torna a olhar para mim, tem os olhos cheios de lágrimas e perguntas e indecisões. Olha-me como se fosse eu que tivesse de decidir por ele.

Limito-me a abanar a cabeça.

— Eles roubaram-nos doze anos, Josh. Não me parece que consiga perdoá-los por isso, mas não vou ficar zangado se tu quiseres perdoá-los. Só quero ser sincero contigo, mas tu já és crescido, e se quiseres dar ao teu pai a oportunidade de te conhecer, eu ponho um sorriso na cara e levo-te diretamente à porta dele. Diz-me só como posso apoiar-te, e assim farei.

O Josh assente com a cabeça e usa a camisa para limpar outra lágrima. Inala e, quando exala, diz:

— Ele tem uma carrinha.

Não sei o que quer dizer com isso, mas acompanho o seu olhar até à carrinha do Tim.

— Sempre imaginei que ele era muito pobre, sem uma forma de voltar a Boston — diz ele. — Até pensei que ele nunca tinha voltado porque estava fisicamente incapaz de conduzir, porque talvez visse muito mal, ou algo assim. Não sei. Mas ele tem uma carrinha e nunca sequer tentou.

Não interfiro no fio do seu raciocínio. Só quero estar aqui para ele quando o concluir.

— Ele não me merece, pois não. — Di-lo mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

— Nenhum deles te merece.

Durante um minuto completo, ele não se mexe enquanto olha pela janela. Mas depois olha-me firmemente, sentando-se um pouco mais direito.

— Sabes aquele trabalho de casa em que estou atrasado? A árvore genealógica? — O Josh puxa o cinto de segurança e começa a afivelá-lo. — Eles

nunca disseram que tamanho é que a árvore devia ter. Vou só desenhar um rebento. Esses não têm braços. — Bate no tablier. — Vamos embora.

Rio-me com vontade. Não estava à espera desta. A maneira como este miúdo introduz humor nos momentos mais deprimentes faz-me ter esperança nele. Acho que ele vai ficar bem.

— Com que então, um rebento? — Ligo o motor e ponho o cinto de segurança. — É capaz de resultar.

— Posso desenhar um rebento só com dois ramos pequeninos. O teu e o meu. Será o início da nossa minúscula árvore familiar novinha em folha. Uma árvore que começa aqui connosco.

Sinto um ardor por trás dos olhos, por isso tiro os óculos de sol do porta-luvas e ponho-os.

— Uma nova árvore genealógica que começa aqui connosco. Gosto disso.

Ele assente com a cabeça.

— E vamos mantê-la viva muito melhor do que fizeram os nossos pais merdosos.

— Isso não deve ser muito difícil. — Sinto-me absolutamente aliviado com esta decisão dele. O Josh pode mudar de ideias no futuro, mas tenho uma forte suspeita de que, mesmo que um dia venha a contactar o pai, nunca irá escolhê-lo em meu detrimento. O Josh lembra-me muito de mim mesmo, e devoção é uma caraterística que temos às carradas.

— Atlas? — O Josh diz o meu nome assim que começo a arrancar com o carro.

— Sim?

— Posso mostrar-lhe o dedo do meio?

Olho para o Tim, para a sua carrinha e para a sua casa. É um pedido imaturo, mas é com toda a satisfação que lhe respondo:

— Estás à vontade!

O Josh inclina-se para a minha janela o máximo que o cinto lhe permite. Baixo o vidro e buzino. O Tim olha para nós quando começo a afastar-me.

O Josh mostra-lhe o dedo e grita, «cara cu» pela minha janela. Assim que ficamos fora do campo de visão do Tim, o Josh recosta-se no banco, a rir.

— É *cara de cu*, Josh.

— Cara de cu — diz ele, pronunciando corretamente.

— Obrigado. Agora para de dizer isso. Só tens 12 anos.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

LILY

Estás em casa?

A mensagem é do Atlas, por isso respondo.

Por um minuto. Porquê?

Guardo a comida de bebé no saco de fraldas da Emmy e corro pelo quarto para lhe arranjar uma muda de roupa. Atiro lá para dentro uma lata de leite em pó também, visto que já não estou a amamentar, e pego nela ao colo.

— Estás pronta para ir ver a Rylee?

A Emmy sorri quando digo o nome da Rylee.

Esta manhã, quando fui buscá-la a casa da Allysa, tive uma conversa com ela e o Marshall sobre tudo o que aconteceu com o Ryle. A Allysa concordou que foi sensato mostrar à minha advogada as mensagens que ele me enviou. Também concordou que está na hora de termos uma conversa séria com o Ryle. Estou nervosa, mas saber que ela e o Marshall me apoiam é extremamente tranquilizador.

Assim que vamos a sair, batem-me à porta. Espreito pelo óculo e fico aliviada ao ver o Atlas. Mas o Josh não está com ele, por isso o coração cai-me imediatamente aos pés. *Será que ele escolheu mesmo ficar com o pai em vez do Atlas?* Abro a porta.

— O que é que aconteceu? Onde está o Josh?

O Atlas sorri, e a confiança do seu sorriso enche-me de um alívio instantâneo.

— Está tudo bem. Ele está em minha casa.

Solto o ar.

— Ah. Então porque é que estás aqui?

— Vou a caminho do restaurante. Passei por aqui e lembrei-me de vir roubar-te um abraço.

Eu sorrio e ele segura a porta aberta para mim. Não pode dar-me um abraço completo porque tenho a Emerson empoleirada na minha anca, por isso dá-me um beijo rápido de um lado da cabeça.

— Mentiroso, o meu apartamento não te fica em caminho. E é domingo, o restaurante está fechado.

— Pormenores — diz ele, desdenhando. — Para onde vais?

— Para a casa da Allysa. Vamos jantar com eles esta noite.

Iço o saco das fraldas para o ombro, mas ele tira-mo.

— Eu acompanho-te até ao carro. — Põe o saco das fraldas ao ombro. A Emmy estica-se para ele, e acho que ficamos ambos um pouco surpreendidos quando ela mostra vontade de passar dos meus braços para os dele. Aconchega a cabeça ao peito dele, uma imagem que me faz parar por um segundo. O Atlas também para. Mas depois sorri-me e começa a dirigir-se para o meu carro. Segura-me a mão durante o caminho todo.

Tiro-lhe a Emmy dos braços e sento-a na cadeirinha. Estamos finalmente numa posição em que o Atlas pode dar-me um verdadeiro abraço, por isso puxa-me para ele. O seu abraço funciona como uma conversa completa. Aperta-me de uma maneira que me faz sentir que está necessitado de força — como se quisesse levar consigo um pedaço de mim.

— Afinal, aonde é que vais? — pergunto, recuando.

— Vou mesmo ao restaurante — responde ele. — Pedi à Sutton para se encontrar lá comigo. Precisamos de ter uma conversa séria acerca do Josh, e gostava de falar a sós com ela. Ela alimenta-se da audiência, mas eu recuso-me a oferecer-lha.

— Uau. Eu, na verdade, vou a casa da Allysa para ter aquela conversa com o

Ryle que te disse que queria ter. Hoje é domingo de resolução de problemas, ou quê?

O Atlas ri-se baixinho.

— Esperemos que sim.

Beijo-o.

— Boa sorte.

Abre um sorriso terno.

— Para ti também. Tem cuidado e liga-me assim que puderes. — Pressiona a boca contra a minha uma última vez e, ao afastar-se, diz: — Amo-te, meu doce.

Ele encaminha-se para o seu carro, e não sei porque é que as suas palavras me deixam tão agitada, mas estou a sorrir quando entro no meu. *Amo-te, meu doce*. Ainda estou a sorrir quando arranco. A minha boa-disposição surpreende-me, considerando aquilo que vou fazer, que será mais uma intervenção espontânea do que uma conversa planeada. *Vou mesmo* jantar a casa da Allysa e do Marshall, mas o Ryle não faz ideia de que vou lá com um propósito.

* * *

— Lasanha? — pergunto ao Marshall quando me abre a porta. Sinto o cheiro a alho e tomate através do corredor.

— O prato favorito da Allysa — diz ele, fechando a porta atrás de mim. Estende os braços para a Emmy. — Vem ao tio Marshall — pede, pegando nela.

Ela começa a rir-se assim que ele lhe faz uma careta. O Marshall é uma das pessoas de quem a Emmy mais gosta, mas acho que seria difícil encontrar uma criança que não goste do Marshall. — A Allysa está na cozinha?

— Sim. E ele também lá está — responde-me, num sussurro. — Não lhe dissemos que vinhas.

— Está bem. — Pouso o saco das fraldas da Emmy e dirijo-me para a cozinha. Vejo a mãe do Ryle e da Allysa sentada na sala de estar com a Rylee

quando passo. Aceno-lhe e ela sorri, mas não paro para conversar. Vou à procura da Allysa.

Quando entro na cozinha, vejo o Ryle inclinado sobre o balcão, a conversar de forma casual com a Allysa, mas assim que estabelece contacto visual comigo endireita a coluna e fica muito empertigado.

Não tenho qualquer reação. Não quero que o Ryle pense que ainda tem alguma espécie de domínio sobre mim.

A Allysa tem estado à minha espera. Cumprimenta-me com um aceno de cabeça e põe a lasanha no forno.

— Um sentido de oportunidade perfeito. — Pousa a pega na bancada e aponta para a mesa. — Temos 45 minutos até ficar pronta — anuncia, guiando-me a mim e ao Ryle para a mesa.

— O que é que se passa? — pergunta o Ryle, olhando de uma para a outra.

— É só uma conversa — diz a Allysa, incitando-o a sentar-se. O Ryle revira os olhos, mas senta-se de modo relutante à minha frente e da irmã. Recosta-se na cadeira, cruzando os braços diante do peito. A Allysa olha para mim, dando-me a palavra.

Nem sei como é que não estou assustada. Talvez o facto de o Atlas já ter tido uma conversa com o Ryle tenha dissipado a maior parte das minhas preocupações. Ter a Allysa e o Marshall presentes também funciona como uma camada de proteção. E a mãe do Ryle, apesar de ela não fazer ideia do que vai acontecer. O Ryle controla o comportamento na presença da mãe, por isso sinto-me grata por ela estar cá.

Não me ponho a questionar de onde me vêm as forças neste momento. Limito-me a aproveitar.

— Ontem perguntaste-me se falei com a minha advogada — digo, dirigindo-me ao Ryle. — Falei. Ela deu algumas sugestões.

O Ryle morde o lábio inferior por alguns segundos. Depois levanta uma sobrancelha, indicando que está a ouvir.

— Quero que te inscrevas num programa de gestão da raiva.

Assim que as palavras me saem da boca, o Ryle ri-se. Levanta-se, preparado para arrumar a cadeira e pôr fim à conversa, mas a Allysa intervém de imediato.

— Senta-te, por favor.

O Ryle olha para ela, depois para mim e novamente para ela. Passam-se vários segundos até ele assimilar o que está a acontecer. É evidente que se sente enganado, mas eu não estou aqui para lhe proporcionar empatia, e a irmã também não.

O Ryle ama e respeita a Allysa, portanto regressa ao seu lugar, apesar da fúria.

— Enquanto estiveres a fazer o programa de gestão da raiva, prefiro que as tuas visitas à Emerson aconteçam aqui, ou em qualquer sítio em que o Marshall ou a Allysa estejam presentes.

O Ryle olha para a Allysa, e embora a traição no seu olhar me tivesse causado arrepios algures no nosso passado, neste momento não me afeta nada.

Continuo.

— Dependendo das tuas interações comigo de hoje em diante, decidiremos enquanto família quando é que vamos sentir-nos confortáveis em relação às tuas visitas não supervisionadas às meninas.

— *Às meninas?* — repete o Ryle, incrédulo, olhando para a Allysa. — Ela convenceu-te de que não é seguro eu estar com a minha própria sobrinha? — A voz dele aumenta de tom.

A porta da cozinha abre-se e o Marshall entra. Senta-se à cabeceira da mesa e olha do Ryle para a Allysa.

— A tua mãe está com as meninas na sala — diz para a Allysa. — O que é que eu perdi?

— Sabias disto? — pergunta-lhe o Ryle.

O Marshall fita-o por um momento, depois inclina-se para a frente.

— Se eu sabia que perdeste a cabeça com a Lily na semana passada e a encostaste a uma porta? Ou se sabia das mensagens que lhe mandaste? Ou das ameaças que lhe fizeste quando ela disse que ia falar com a advogada?

O Ryle fita o Marshall com o olhar vazio. A sua cara enrubesce, mas ele não

reage de imediato. Está encurralado, e sabe disso.

— Uma maldita intervenção — murmura o Ryle, abanando a cabeça. Está chateado, irritado, sente-se um pouco traído. É compreensível. Mas tem duas opções: pode concordar em colaborar ou pode fraturar as poucas relações que lhe restam na vida.

O Ryle lança-me um olhar cansado.

— Que mais? — pergunta, de um modo um tanto altivo.

— Já te dei hipóteses mais do que suficientes, Ryle. Sabes que sim. Mas daqui em diante quero que saibas que o que me interessa é a Emerson. Se fizeres algo de ameaçador ou prejudicial para mim ou para a nossa filha, venderei tudo o que tenho para te enfrentar em tribunal.

— E eu vou ajudá-la — diz a Allysa. — Eu adoro-te, mas vou ajudá-la.

O Ryle tem o queixo a tremer. De resto, a sua expressão é vaga. Olha para a Allysa e depois para o Marshall. A tensão na sala é palpável, mas o apoio também. Sinto-me tão grata que estou capaz de chorar.

Estou capaz de chorar por todas as vítimas que *não têm* pessoas como eles.

O Ryle rumina tudo por um longo momento. Há um grande silêncio, mas eu disse tudo o que queria dizer e deixei óbvio que não há espaço para a negociação.

Por fim, afasta-se da mesa e põe-se em pé. Leva as mãos às ancas e olha para o chão. Depois inspira profundamente, antes de se dirigir à porta da cozinha. À saída, olha para trás, na nossa direção, mas não estabelece contacto visual com ninguém.

— Estou de folga esta quinta-feira. Estarei aqui por volta das dez, se fizerem o favor de ter cá a Emerson.

Assim que ele sai, a minha armadura desfaz-se e eu desmorono. A Allysa põe os braços à minha volta, mas eu não estou a chorar por estar perturbada. Estou a chorar porque estou extremamente aliviada. Parece mesmo que conseguimos algo de significativo.

— Não sei o que faria sem vocês os dois — digo através das lágrimas,

abraçando a Allysa.

Ela afaga-me o cabelo e diz:

— Serias tão infeliz, Lily.

Desatamos ambas a rir. Nem sei como.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

ATLAS

Telefonei à Sutton depois de ter deixado o Josh em casa e pedi-lhe para se encontrar comigo no Bib's. Cheguei aqui uma hora antes do combinado. Nunca cozinhei para ela, por isso espero que o facto de lhe fazer uma refeição tenha algum efeito nela. Que lhe agrade, que a deixe mais bem-disposta. Menos combativa.

Quando o meu telemóvel apita, afasto-me do fogão para olhar para o ecrã. Pedi-lhe que me enviasse uma mensagem quando chegasse, para poder abrir-lhe a porta. Chegou cinco minutos adiantada.

Atravesso o restaurante às escuras e vou acendendo algumas luzes pelo caminho. Ela está parada à porta da frente, a fumar um cigarro. Quando vê a porta aberta, atira o cigarro para a rua e segue-me para dentro.

— O Josh está cá? — pergunta.

— Não. Somos só nós os dois. — Indico-lhe uma mesa. — Senta-te. O que é que queres beber?

Ela observa-me em silêncio por instantes antes de responder.

— Vinho tinto. Um qualquer que já tenhas aberto. — Senta-se no banco corrido enquanto eu vou empratar a nossa comida. Fiz camarão panado com coco porque sei que é o prato favorito dela. Vi-a apaixonar-se por isto quando tinha 9 anos.

Foi no único passeio de carro em que me levou. Fomos a Cape Cod, que não é assim tão longe de Boston, mas é a única vez que me lembro de a minha mãe ter

feito algo comigo numa folga. O mais habitual era dormir ou beber o dia inteiro, por isso é que a viagem a Cape Cod, quando provámos camarão panado com coco pela primeira vez, foi algo que nunca esqueci.

Coloco os nossos pratos e bebidas numa bandeja e dirijo-me à mesa onde ela está sentada. Coloco a comida e o vinho diante dela e sento-me à sua frente. Faço deslizar os talheres para o lado do seu prato.

Ela fita o prato por instantes.

— Foste tu que cozinhaste isto?

— Sim. É camarão panado com coco.

— Qual é a ocasião? — pergunta ela, desdobrando o guardanapo. — É um pedido de desculpa por pensares que eras capaz de tomar conta de um miúdo como ele? — Ri-se como se tivesse acabado de contar uma anedota, mas a falta de ruído no restaurante faz com que a sua gargalhada se perca. Abana a cabeça e pega no copo de vinho, dando-lhe um gole.

Eu sei que ela viveu mais 12 anos do que eu com o Josh, mas sou capaz de apostar que já o conheço melhor do que ela. É provável até que o Josh me conheça *a mim* melhor do que ela, e eu vivi com ela durante 17 anos.

— Qual era a minha comida preferida quando era miúdo?

Ela olha-me com uma expressão vazia. Talvez esta seja difícil.

— Pronto. E o meu filme favorito? — Nada. — Cor? Música? — Dou-lhe mais algumas hipóteses, esperando que ela consiga responder pelo menos a uma.

Não consegue. Encolhe os ombros, pousando o copo de vinho.

— Que género de livros é que o Josh gosta de ler?

— Isso é uma pergunta com armadilha? — pergunta.

Recosto-me no banco, tentando esconder a minha agitação, mas esta não me larga.

— Não sabes nada sobre as pessoas que trouxeste a este mundo.

— Fui mãe solteira dos dois, Atlas. Não tinha tempo para me preocupar com o que gostavam de ler, quando estava atarefada a tentar sobreviver. — Larga o garfo que estava prestes a usar. — Caramba!

— Não te pedi que viesses aqui para te fazer sentir mal — digo. — Bebo um gole da minha água e depois percorro com o dedo o rebordo do copo. — Nem sequer preciso de um pedido de desculpa. Nem ele. — Olho-a com intenção, chocado por estar prestes a dizer o que vou dizer. Não era nada o que tinha planeado dizer-lhe, mas as coisas que egoisticamente me trouxeram aqui não são aquilo que me incomoda. — Quero dar-te uma oportunidade de seres uma mãe melhor para ele.

— Talvez ele devesse ser um filho melhor.

— Ele tem 12 anos. É tão bom quanto precisa de ser. Além disso, a tua relação com ele não é responsabilidade dele.

Ela coça a bochecha e depois balança a mão no ar.

— O que é isto? Porque é que estou aqui? Queres que o leve de volta porque ele é areia a mais para a tua camioneta?

— Nem por sombras — respondo. — Quero que transfiras para mim os teus direitos sobre ele. Se não o fizeres, meto-te em tribunal, e isso irá custar-nos aos dois uma quantia absurda de dinheiro que nenhum de nós quer pagar. Mas eu pago. Se for preciso, levo isto perante um juiz, que fará uma avaliação do teu historial e te obrigará a fazeres um ano de sessões de parentalidade, que ambos sabemos que não tens interesse em frequentar. — Inclino-me para a frente, cruzando os braços. — Quero a guarda legal dele, mas não estou a pedir-te que desapareças. Não quero que o faças. A última coisa que quero é que este miúdo cresça a sentir-se tão desamado por ti como eu me senti.

Ela fica petrificada com as minhas palavras. Eu pego no garfo e dou uma dentada casual na comida.

Ela fita-me enquanto mastigo, e continua a fitar-me enquanto faço a comida descer com um gole de água. Tenho a certeza de que o cérebro dela está a funcionar a mil à hora, em busca de um insulto ou ameaça, mas nada lhe ocorre.

— Todas as terças-feiras à noite jantaremos aqui, como uma família. Serás muito bem-vinda. Estou certo de que ele irá gostar. Nunca te pedirei um cêntimo.

Apenas te peço que apareças uma noite por semana e te interesses pela pessoa que ele é, nem que para isso tenhas de fingir.

Reparo que a Sutton tem os dedos a tremer quando vai pegar no copo de vinho. Ela também deve dar por isso, porque cerra a mão em punho e recolhe-a sobre o colo.

— Tu não deves lembrar-te de Cape Cod, se achas que fui uma mãe assim tão horrível para ti.

— Lembro-me perfeitamente de Cape Cod — respondo. — É a única memória a que tento agarrar-me para não te guardar tanto rancor. Mas enquanto tu sentes que fizeste uma coisa maravilhosa ao dar-me essa única memória nossa dessa única vez, eu estou a oferecer-me para dar isso ao Josh todos os dias da sua vida.

A Sutton baixa os olhos para o colo quando digo isto. Pela primeira vez, parece estar a viver uma emoção que não a raiva ou a irritação.

Talvez eu também esteja. Quando hoje decidi ter esta conversa com ela, na viagem da casa do Tim para a minha, tencionava cortá-la das nossas vidas para sempre. Mas nem os monstros conseguem sobreviver sem um coração a bater dentro do peito.

Há ali, algures, um coração. Talvez nunca ninguém na sua vida lhe tenha feito saber que estava grato por este ainda bater.

— Obrigado — digo-lhe.

O olhar dela vacila até ao meu. Pensa que estou a testá-la com este comentário.

Abano a cabeça, em conflito com o que vou dizer.

— Tu foste uma mão solteira, e eu sei que nem o meu pai nem o do Josh te deram qualquer ajuda. Deve ter sido muito difícil para ti. Talvez te sintas sozinha. Talvez estejas deprimida. Não sei porque não consegues olhar para a maternidade como a dádiva que é, mas estás aqui. Hoje apareceste, e esse esforço merece um agradecimento.

Ela baixa os olhos para a mesa, e é uma reação completamente inesperada

quando os seus ombros começam a tremer, mas ela combate as lágrimas com todas as suas forças. Põe as mãos em cima da mesa e remexe no guardanapo, mas não chega a precisar de o usar, porque não deixa cair uma única lágrima.

Não sei o que é que ela passou que a tornou tão dura. Tão avessa a mostrar-se vulnerável. Talvez um dia ela partilhe isso comigo, mas ainda tem muito a provar ao Josh enquanto mãe antes de chegarmos a esse ponto.

Põe os ombros para trás, sentando-se mais direita.

— A que horas será o jantar às terças-feiras?

— Às sete.

Ela assente com a cabeça, e em seguida parece estar prestes a levantar-se.

— Posso arranjar-te uma caixa, se quiseres levar a comida.

Ela assente rapidamente com a cabeça.

— Gostaria muito. Foi sempre o meu prato favorito.

— Eu sei. Lembro-me de Cape Cod. — Levo o prato dela para a cozinha e preparo-lhe uma caixa para levar.

* * *

O Josh está a dormir no sofá quando finalmente regresso a casa. Está a passar *anime* na televisão, por isso ponho em pausa e pouso o comando na mesinha.

Fico a vê-lo dormir por mais algum tempo, cheio de alívio depois do dia que tive. As coisas podiam ter corrido de uma maneira muito diferente. Comprimo os lábios, contendo a exaustão emocional, enquanto o observo a dormir em paz. Enquanto o fito, apercebo-me de que estou a olhar para ele da mesma maneira que a Lily olha para a Emerson, como se estivesse cheia de orgulho.

Tiro a manta das costas do sofá e tapo-o, depois dirijo-me à mesa onde ele faz os trabalhos de casa. Está tudo terminado, até a árvore genealógica. Ele desenhou um pequeno rebento a brotar do chão com dois raminhos. Um diz *Josh* e o outro diz *Atlas*.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

LILY

Quase me escapou o bilhete, tal era a pressa com que estava esta manhã. Foi enfiado por baixo da minha porta da rua e ficou preso no tapete da entrada.

Eu estava com a Emmy apoiada na anca, uma mala e um saco de fraldas ao ombro e um café na mão livre. Consegui inclinar-me e pegar-lhe sem deixar cair nada. *Supermãe*.

Tive de esperar por um momento sossegado no trabalho para o abrir. Quando desdobrei o papel e vi a letra do Atlas, senti um arrepio de alívio. Não por pensar que o bilhete poderia ser de outra pessoa. Já estamos juntos há vários meses e ele está sempre a deixar-me bilhetes. Mas este foi um dos primeiros que uma pequena parte de mim não teve medo de abrir por poder *ser* do Ryle.

Faço uma nota mental do significado deste momento.

Faço muito isto. Notas mentais de coisas importantes que servem de prova de que a minha vida está finalmente a voltar ao normal. Já não o faço com tanta frequência, mas é uma coisa boa. O Ryle é agora uma parte tão pequena da minha vida que, por vezes, me esqueço que acreditava que ia ser eternamente complicado.

Ele ainda faz parte da vida da Emmy, mas tenho-lhe exigido mais estrutura. Por vezes, tenta contrariar a minha inflexibilidade em relação às visitas com ela, mas eu só me sentirei confortável quando ela me puder dizer com as suas próprias palavras como são as visitas com o Ryle. Espero que a gestão da raiva esteja a ajudar, mas só o tempo o dirá.

O contacto que eu e o Ryle temos é por vezes seco, mas a única coisa que eu queria do meu divórcio era sentir-me livre do medo, e sinto verdadeiramente que o consegui.

Estou escondida na arrecadação no meu escritório, sentada de pernas cruzadas no chão, porque queria ler a carta sem ser interrompida. Já se passaram meses desde que obriguei o Atlas a esconder-se aqui, mas ainda tem o cheiro dele.

Desdobro o bilhete e contorno o pequeno coração aberto que ele desenhou no canto superior esquerdo da primeira página. Quando começo a ler, já estou a sorrir.

Querida Lily,

Não sei se estás ciente da data, mas namoramos oficialmente há meio ano. As pessoas comemoram aniversários de meios anos? Era para te ter comprado flores, mas não gosto de dar muito trabalho à florista.

Decidi, em vez disso, dar-te esta carta.

Dizem que há dois lados para cada história, e eu já li umas histórias tuas em que, embora tivessem sido exatamente como descreveste, a minha experiência foi completamente diferente.

Tu praticamente ignoraste este momento nos teus diários, apesar de saber que significou o bastante para ti para fazeres uma tatuagem. Mas não sei se tens consciência do quanto esse momento significou para mim.

Dizes que o nosso primeiro beijo aconteceu na tua cama, mas não é esse que eu considero o nosso primeiro beijo.

O nosso primeiro beijo aconteceu numa segunda-feira a meio do dia.

Foi daquela vez que adoeci e tu cuidaste de mim. Percebeste que eu estava doente assim que entrei pela tua janela. Lembro-me de te pores imediatamente em ação. Deste-me medicamentos, água e cobertores, e obrigaste-me a dormir na tua cama.

Não me lembro de alguma vez ter estado tão doente em toda a minha vida.

Acredito que testemunhaste o dia mais horrível por que já passei. E eu já passei por alguns dias horríveis. Mas quando estamos a passar por isso, parece não haver nada mais terrível do que uma gastroenterite.

Não me lembro de grande coisa dessa noite. Mas lembro-me das tuas mãos. As tuas mãos estiveram sempre perto de mim, ou a verificar a minha temperatura, ou a limpar-me a cara com um pano, ou a segurar-me nos ombros de todas as vezes que tive de me debruçar da tua cama.

É disso que me lembro, das tuas mãos. Tinhas as unhas pintadas com um verniz cor-de-rosa claro, e até me lembro do nome da cor, porque estava contigo quando as pintaste. Chamava-se Lírio Surpresa, e tu disseste que o tinhas escolhido por causa do nome.

Eu mal conseguia abrir os olhos, mas, sempre que o fazia, ali estavam elas, as tuas mãos esguias e prestáveis, com as tuas unhas Lírio Surpresa, a segurar na minha garrafa de água, a dar-me remédios, a afagar-me o queixo.

Sim, Lily. Lembro-me desse momento, embora não tenhas escrito acerca dele.

Depois de horas a sentir-me doente, lembro-me de acordar, ou pelo menos de ficar mais ciente do que me rodeava. Tinha a cabeça a latejar, a boca ressequida e as pálpebras demasiado pesadas para conseguir abri-las, mas senti-te.

Senti a tua respiração na minha face. Tinhas as pontas dos dedos no meu maxilar e percorreste-o até ao meu queixo.

Pensavas que eu estava a dormir, que não podia sentir-te a tocar-me, a observar-me, mas nunca senti tanto como naquele momento.

Foi nesse preciso instante que percebi que te amava. Quase detestei perceber algo de tão monumental a meio de um dia tão mau, mas bateu-me com tanta força que pensei que ia chorar pela primeira vez em anos, e não sabia o que fazer com esse sentimento.

Mas, caramba, Lily, eu tinha passado toda a minha vida sem saber o que era o amor. Não tive o amor que deve haver entre mãe e filho, ou entre pai e

filho, ou entre irmãos. E até te conhecer, nunca tinha passado tanto tempo com alguém que não fosse da minha família, muito menos com uma rapariga. Nunca tinha tido tempo suficiente para conhecer realmente uma rapariga, ou para ela me conhecer, ou para estabelecermos uma ligação e a aprofundarmos, para depois essa rapariga me demonstrar que era carinhosa e prestável e generosa e preocupada e tudo o que tu eras para mim.

Nem sequer estou a dizer que foi nesse momento que percebi que sentia amor por ti. Foi simplesmente o primeiro momento em que percebi que amava alguma coisa, alguém. Foi a primeira vez que o meu coração teve uma reação. Pelo menos de forma positiva. No passado, as pessoas tinham-me feito coisas que me encolheram o coração, mas nunca o tinham expandido daquela forma. Quando os teus dedos me percorriam o queixo como suaves gotas de chuva, achei que o meu coração ia inchar tanto que poderia explodir.

Fingi que estava a acordar lentamente nesse momento. Pus um braço por cima dos olhos e tu rapidamente retiraste a mão. Lembro-me de empertigar o pescoço e olhar pela tua janela para ver se havia luz lá fora. Já era quase de dia, por isso comecei a levantar-me da cama, fingindo não saber que estavas acordada. Tu sentaste-te direita e perguntaste se eu me ia embora, e eu tive de engolir em seco antes de conseguir falar. Quase não consegui. Disse algo como: «Os teus pais não tardam a acordar.»

Disseste que ias faltar às aulas e voltar para junto de mim daí a umas duas horas. Eu respondi que sim com a cabeça, porque ainda estava doente, mas tinha de sair do teu quarto antes de dizer ou fazer alguma coisa que me envergonhasse. Não confiava no sentimento que fervilhava sob a minha pele. Estava a criar uma necessidade ardente de olhar para ti e dizer «Amo-te, Lily!». É curioso como, assim que sentes amor pela primeira vez, tens subitamente esse enorme desejo de o professar. As palavras pareciam estar a formar-se mesmo no centro do meu peito, e embora eu estivesse mais fraco do

que provavelmente alguma vez teria estado, nunca tinha aberto a tua janela para me escapulir tão depressa.

Fechei-a, encostei-me à parede fria da tua casa e soltei o ar. A minha respiração transformou-se em névoa e eu fechei os olhos, e depois das absolutamente piores oito horas da minha vida, consegui, de alguma forma, abrir um sorriso.

Pensei sobre o amor durante o resto da manhã. Mesmo depois de teres voltado para me ires buscar, assim que os teus pais se foram embora, e de eu ter passado mais umas horas doente em tua casa, pus-me a pensar no amor. Quando tinha um vislumbre das tuas unhas Lírio Surpresa sempre que me verificavas a temperatura, punha-me a pensar no amor. De cada vez que ias ao teu quarto e me ajeitavas os cobertores, aconchegando-os debaixo do meu queixo, pensava no amor.

E quando finalmente comecei a sentir-me um pouco melhor, por volta da hora do almoço, fiquei parado no chuveiro, fraco e desidratado por causa da doença, mas, de alguma maneira, senti-me mais imponente do que antes.

Toda essa manhã e durante o resto do dia, estive consciente de que algo significativo tinha acontecido. Pela primeira vez, sentira por momentos o que a vida podia ser. Antes disso, nunca tinha pensado muito em apaixonar-me, ou em ter uma família um dia, nem mesmo na ideia de criar uma carreira bem-sucedida. A vida para mim sempre fora um fardo que eu tinha de carregar. Algo pesado e lúgubre, que tornava o acordar difícil e o adormecer um bocadinho assustador. Mas isso era porque eu tinha passado 18 anos sem saber como era gostar de alguém ao ponto de querer que essa pessoa fosse a primeira que se vê na hora de abrir os olhos. Até senti o desejo de fazer algo por mim, porque foste a primeira pessoa por quem me quis tornar melhor.

Foi nesse dia que nos deitámos juntos no sofá e me disseste que querias que eu visse o teu filme de animação favorito contigo. Foi a primeira vez que te aninhaste em mim, deitada debaixo do cobertor com as costas junto ao meu peito e o meu braço a envolver-te. Foi difícil concentrar-me na televisão

porque a palavra Amo-te ainda abria caminho pela minha garganta e eu não queria dizê-la, não podia dizê-la, porque não queria que pensasses que era demasiado cedo, ou que essa palavra não tinha peso para mim. Foi o maior peso que alguma vez carreguei.

Mas penso tanto nesse dia, Lily, e não faço ideia se o amor é assim para toda a gente, como um avião que acabou de cair mesmo em cima de nós. Porque a maior parte das pessoas vê o amor a entrar e a sair durante toda a vida. Nascem envoltas nele e passam toda a infância protegidas por ele, e têm pessoas na sua vida que lhes devolvem o seu amor, por isso não sei bem se este atinge as pessoas como me atingiu a mim — num breve momento e de uma forma tão colossal.

Tinhas vestida aquela t-shirt que eu adorava. Ficava-te muito larga e a manga estava sempre a cair-te do ombro. Eu devia estar atento ao filme, mas não conseguia tirar os olhos daquele pedaço de pele à mostra entre o teu pescoço e o ombro. Enquanto olhava para lá, senti mais uma vez aquele incrível impulso de dizer Amo-te, e a palavra estava ali, mesmo na ponta da minha língua, por isso inclinei-me para a frente e pressionei-a contra a tua pele.

E foi aí que ficou, escondida e em silêncio, até eu ganhar coragem para dizê-la em voz alta, seis meses depois.

Não fazia ideia de que te lembravas daquele beijo, ou de todas as vezes que te beijei no mesmo sítio depois desse dia. Mesmo quando o li no teu diário, tu apressaste-te a avançar para aquele que consideravas ser verdadeiramente o nosso primeiro beijo, por isso não fazia ideia de que ao menos significava algo para ti, até ao momento em que vi a tua tatuagem. Nem consigo dizer-te o que significa para mim saber que tens o nosso coração tatuado no exato sítio onde em tempos enterrei secretamente a palavra «Amo-te».

Quero que me prometas uma coisa, Lily. Quando olhares para essa tatuagem, não quero que penses senão nas palavras que escrevi nesta carta. E de cada vez que eu te beijar aí, quero que te lembres da razão por que te

beijei aí da primeira vez. Por amor. Descobri-lo, oferecê-lo, recebê-lo, perder-me nele, vivê-lo, partir por ele.

Estou a escrever esta carta sentado no chão do quarto do Josh. Foi a minha experiência com o Josh esta noite que me despertou esta memória. Ele está doente, com gastroenterite. Talvez não tão doente como eu estava no dia em que percebi que te amava, mas, ainda assim, muito, muito doente. Quem lhe pegou foi o Theo, que esteve assim há uns dias.

Eu nunca cuidei de uma pessoa doente, por isso não tenho medicamentos nenhuns. Acho que vou num instante à farmácia. E de caminho talvez ponha esta carta por baixo da tua porta.

Não é divertido cuidar de uma pessoa doente. Os sons, o cheiro, a privação de sono, na verdade, é tudo quase igualmente mau para a pessoa que cuida. De cada vez que lhe tiro a febre ou o obrigo a beber água, penso em ti e em como cuidaste de mim com um instinto maternal tão terno. Estou a tentar replicá-lo no meu cuidado ao Josh, mas acho que não tenho tanto jeito como tu.

Eras tão jovem, apenas alguns anos mais velha do que o Josh é agora. Mas tenho a certeza de que te sentias muito mais velha do que eras. Eu sentia. Passámos por coisas que nenhum miúdo devia ter de experienciar. Isto faz-me pensar se o Josh sente a idade que tem, ou se se sente mais velho do que devia por causa de tudo aquilo por que passou.

Quero que ele se sinta jovem o máximo de tempo que puder. Quero que desfrute do seu tempo comigo. Quero que ele saiba o que é o amor muito antes do que eu soube. E espero que ele esteja a assimilar o amor aos poucos, para não o atingir todo ao mesmo tempo, como aconteceu comigo. Quero que cresça com ele, envolto nele, rodeado por ele. Quero que o testemunhe.

Quero ser um exemplo para ele. Quero que nós sejamos um exemplo para ele e para a Emerson. Eu e tu, Lily.

Passaram-se seis meses. Vem viver comigo.

Com amor,
Atlas

Assim que acabo de ler a carta, pouso-a e enxugo os olhos. Se choro assim quando me convida para ir viver com ele, não sei como irei sobreviver a um pedido de casamento.

Ou aos votos matrimoniais, já agora.

Pego no telemóvel e faço uma videochamada para o Atlas. Toca durante dez longos segundos. Quando o Atlas finalmente atende, vejo-o deitado no sofá da sua sala. Sorri, apesar de estar exausto por ter estado toda a noite acordado com o Josh.

— Olá, linda. — Tem voz de quem acabou de acordar.

— Olá. — Tenho a mão enrolada em punho, onde apoio a bochecha, contendo o meu enorme sorriso.

— Como está o Josh?

— Está bem — responde o Atlas. — Está a dormir, mas acho que fiquei acordado tanto tempo que tenho o cérebro demasiado assoberbado para descansar. — Tapa a boca com o punho e esconde um bocejo.

— *Atlas*. — Digo o seu nome com empatia, porque ele parece absolutamente esgotado. — Precisas que vá aí dar-te um abraço?

— Estás a perguntar se preciso que venhas *para casa* e me dês um abraço?

Sorrio quando ele o diz.

— Sim. É exatamente isso. Precisas que eu vá *para casa* e te dê um abraço?

Ele assente com a cabeça.

— Preciso, sim, Lily. Vem para casa.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ATLAS

— Tu não és rico? — pergunta o Brad. — Não podias contratar pessoas que fizessem isto por ti?

— Tenho dois restaurantes, estou muito longe de ser rico. E porque havia de contratar alguém, se vos tenho a vocês?

— Pelo menos é *a descer* — diz o Theo.

— Aprende com o teu filho, Brad. Tudo tem um lado bom.

Já não nos falta mudar muita coisa. A Lily não precisou de muitos dos seus pertences, porque a minha casa já está equipada, por isso doou a maior parte a um abrigo local para vítimas de violência doméstica. Devemos conseguir esvaziar o apartamento dela esta tarde.

O Brad é a única pessoa que conheço que tem uma carrinha, por isso ele e o Theo têm estado a ajudar-nos a carregar as coisas que não cabem nos nossos carros. O berço da Emerson, a televisão da sala da Lily, alguns dos quadros que tinha nas paredes.

O Josh escapou por sorte. Como está no treino de basebol, não teve de ajudar com a mudança.

Fiquei surpreendido quando ele chegou a casa há uns meses a dizer que se tinha inscrito para as captações. Conseguiu entrar para a equipa e tem estado a dar tudo o que tem. Entre mim e a Lily, não faltámos a um único jogo.

Enviei o calendário à nossa mãe por mensagem, mas até agora ela não apareceu em nenhum jogo. E só apareceu uma vez no jantar que começámos a

fazer à terça-feira. Eu tinha esperanças de que ela quisesse envolver-se mais, mas não estou admirado por não o fazer. Também duvido que o Josh esteja admirado. Não nos focamos demasiado no que não está a funcionar nas nossas vidas. Focamo-nos no que *existe*, e há muitas coisas pelas quais temos de estar gratos. As duas principais são o facto de ter conseguido a guarda do Josh e a mudança da Lily e da Emerson para a nossa casa. É curioso como a vida pode mudar tão drasticamente num instante.

O Atlas do ano passado não saberia o que pensar do Atlas deste ano.

A Lily começa a subir as escadas no preciso instante em que chego ao fundo dos degraus. Sorri e dá-me um beijo de fugida, depois sobe o resto da escadaria a correr.

O Theo abana a cabeça.

— Ainda nem acredito que chegaste tão longe com ela. — Levanta uma caixa com o joelho e encosta-se à porta da rua para a abrir. Segura-a aberta para mim e para o Brad, mas eu paro quando chegamos à garagem.

Um carro que parece o do Ryle está a estacionar num lugar a pouca distância da carrinha do Brad.

Sou assolado por uma sensação de pavor. Não tive uma única interação com ele desde o dia em que tentou andar à briga comigo no meu restaurante, mas isso foi há meses. Não sei se já se habituou à ideia de me ver com a Lily, mas, pelo olhar que lança na minha direção, não parece ter aceitado muito bem.

Traz alguém com ele. Do banco do pendura sai um homem que, pela descrição da Lily, parece ser o cunhado do Ryle. Já conheci a mãe da Lily, assim como a Allysa e a Rylee, mas nunca vi o Marshall.

Dirijo-me à carrinha do Brad e carrego a caixa que levava, mas nunca perco de vista o carro do Ryle. O Theo e o Brad voltam para dentro, sem se aperceberem da presença do Ryle. O Marshall tira a Emerson do banco de trás e fecha a porta. O Ryle deixa-se ficar no carro enquanto o Marshall se encaminha para mim com a Emerson.

Estende-me a mão.

— Olá. Atlas, não é? Sou o Marshall.

Correspondo ao aperto de mão.

— Sim, prazer em conhecer-te.

Ele acena com a cabeça. Quando a Emmy me vê, o Marshall tem de a segurar com mais força, porque ela se atira para mim. Avanço para pegar nela.

— Olá, Emmy. Divertiste-te hoje?

O Marshall observa-me com ela por um momento e depois diz:

— Cuidado. Ela hoje vomitou duas vezes em cima do Ryle.

— Está doente?

— Está ótima, mas esteve todo o dia comigo e com ele. As duas meninas comeram açúcar ao pequeno-almoço. E a meio da manhã. *E* ao almoço *e* a meio da tarde e… — Descarta a ideia com a mão. — A Lily e a Issa já estão habituadas.

A Emerson estica-se para me tirar os óculos de sol da cabeça. Tenta pô-los na sua própria cara, mas ficam tortos, portanto ajudo-a a endireitá-los. Ela abre-me um sorriso e eu também lhe sorrio.

O Marshall olha de relance para o carro onde o Ryle se encontra e torna a olhar para mim.

— Desculpa ele não sair. Isto ainda é tudo um pouco estranho para ele. O facto de ela ir viver contigo.

Quando o Marshall diz *ela*, não é à Lily que se refere. Está a olhar para a Emerson. Faço um aceno compreensivo com a cabeça, porque, de facto, compreendo.

— Não faz mal. Imagino que não seja fácil para ele.

O Marshall despenteia o cabelo da Emmy e diz:

— Vou pôr-me a andar, para vocês poderem acabar o trabalho. Foi bom conhecer-te, finalmente.

— Igualmente — digo. E estou a ser sincero. O Marshall parece ser alguém de quem eu podia ser amigo, se as circunstâncias fossem diferentes.

Vira-se para regressar ao carro do Ryle, mas depois para e encara-me

novamente, antes de se afastar muito.

— Obrigado — diz. — A Lily é muito importante para a minha mulher, por isso… pois. Obrigado por fazeres a Lily feliz. Ela merece. — Assim que diz estas palavras, abana a cabeça e levanta as mãos, dando um passo atrás. — Vou-me embora, antes que isto se torne demasiado constrangedor. — Vai direito ao carro do Ryle, mas quase preferia que ele não tivesse ido tão depressa. Assim poderia ter-lhe agradecido também. Sei que o apoio dele foi muito importante para a Lily.

O Marshall fecha a porta do passageiro e o Ryle arranca.

Olho de relance para a Emmy, que agora está a roer os meus óculos de sol.

— Queres ir dizer olá à mamã? — Começo a caminhar na direção do prédio, mas paro quando vejo a Lily junto à ombreira da porta que dá para as escadas.

Assim que me vê, dá meia-volta e limpa rapidamente os olhos. Não sei bem porque é que ela está a chorar, mas começo a andar um pouco mais devagar, para lhe dar tempo de se livrar das lágrimas antes de receber a filha. Passados alguns segundos, ela vira-se com um grande sorriso e tira-me a Emmy dos braços.

— Divertiste-te com o papá hoje? — pergunta, antes de encher a Emmy de beijos.

Quando olha para mim, lanço-lhe um olhar curioso, querendo saber porque é que estava a chorar. Ela faz sinal para o parque de estacionamento onde o carro do Ryle se encontrava há instantes.

— Isto foi uma coisa muito importante — diz. — Quer dizer, eu sei que o Marshall estava com ele, mas o facto de ele se sentir à vontade para a deixar contigo… — Começa a lacrimejar novamente, o que a faz suspirar e revirar os olhos devido à sua própria reação. — É bom saber que, por causa dela, os homens da sua vida podem pelo menos *fingir* dar-se bem.

Honestamente, isto também me agrada. Ainda bem que ela estava lá em cima quando eles apareceram. Sei que o Ryle ficou no carro enquanto o Marshall ma entregava, mas foi um passo na direção certa. Talvez eu e o Ryle precisássemos tanto desta interação como a Lily.

Acabámos de provar que a colaboração é possível, mesmo que seja dolorosa.

Limpo-lhe a bochecha molhada e dou-lhe um beijo rápido.

— Eu amo-te. — Ponho a mão ao fundo das costas da Lily e encaminho-a para as escadas. — Falta só uma viagem para ficares presa a mim para sempre.

A Lily ri-se.

— Mal posso esperar por ficar presa a ti para sempre.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

LILY

Estou enrolada no sofá do Atlas, completamente esgotada por causa da mudança.

No *nosso* sofá.

Vou demorar algum tempo a habituar-me.

O Theo e o Josh ajudaram-me a desempacotar o resto das minhas coisas e da Emerson, porque o Atlas teve de ficar a trabalhar até tarde. Eu acordo cedo, ele chega a casa tarde, mas é empolgante que agora tenhamos mais um do outro, mesmo que seja só de passagem. E temos os domingos juntos.

Mas hoje é sexta-feira e amanhã é sábado, os dias mais ocupados do Atlas, por isso estou a fazer companhia ao Josh e ao Theo até a minha mãe voltar com a Emerson. Temos estado os três a ver *À Procura de Nemo,* mas está quase a acabar.

Sinceramente, não pensei que eles aguentassem, porque estão na idade em que os pré-adolescentes tendem a querer afastar-se dos filmes da Disney. Mas estou a aprender que a Geração Z é de uma estirpe diferente. Quanto mais tempo passo com estes dois, mais acho que são diferentes de qualquer geração anterior. São menos sensíveis à pressão dos pares e mais apoiantes da individualidade. Tenho alguma inveja deles.

O Josh levanta-se quando começam a passar os créditos finais.

— Gostaste?

Ele encolhe os ombros.

— Foi bastante divertido, tendo em conta que começou com o massacre brutal de todo aquele caviar. — Leva o seu pacote de pipocas vazio para a cozinha, mas o Theo ainda está de olhos postos na televisão. Abana lentamente a cabeça.

Eu ainda estou a digerir a descrição que o Josh fez do início do filme…

— Não percebo — diz o Theo.

— O comentário do caviar?

O Theo olha para mim e para a televisão.

— Não. Não percebo porque é que o Atlas te disse aquilo de terem chegado finalmente à margem. Nem sequer era uma citação do filme. Ele disse-me que era por causa do *À Procura de Nemo*. Passei o filme inteiro à espera de que alguém dissesse isso.

Tenho a certeza de que terei de me habituar a uma série de coisas, agora que vivo com o Atlas, mas saber que ele fala com este miúdo acerca da nossa relação é provavelmente algo a que nunca me habituarei.

A confusão nos olhos do Theo desaparece de repente, como se desligada por um interruptor.

— Ah. *Ah*. Porque quando a vida os empurra para baixo, eles continuam a nadar, por isso o que o Atlas estava a dizer era que a vida já não… *Já percebi*. — A sua mente ainda está a mil à hora. Ele começa a abanar a cabeça enquanto se levanta do chão. — Continuo a achar que é piroso — murmura. O telemóvel do Theo toca assim que se põe de pé. — Tenho de ir, o meu pai já chegou.

O Josh regressa à sala.

— Não dormes cá hoje?

— Esta noite não posso. Os meus pais vão levar-me a uma cena de manhã.

— Também quero ir a uma cena — diz o Josh.

O Theo, que está a começar a calçar os sapatos, hesita.

— Pois… não sei.

— Aonde vão?

Os olhos do Theo encontram brevemente os meus, depois voltam ao Josh.

— É um desfile — diz baixinho, como se fosse um aviso.

— Um desfile? — O Josh inclina a cabeça. — Porque é que estás assim tão esquisito? Que género de desfile? Um desfile de orgulho?

O Theo engole em seco, parecendo que ele e o Josh nunca tiveram esta conversa, por isso fico nervosa pelo Theo. Mas nos últimos meses já passei tempo suficiente com o Josh para saber que ele valoriza a sua amizade com o Theo.

O Josh pega nos sapatos e senta-se ao meu lado no sofá para os calçar.

— O que é que estás a dizer? Que não posso ir a um desfile de orgulho só porque gosto de raparigas?

O Theo muda o peso de um pé para o outro.

— Tu podes ir. Eu só… não sabia se tu sabias.

O Josh revira os olhos.

— O gosto de uma pessoa em termos de manga pode revelar muito acerca dela, Theo. Eu não sou parvo.

— *Josh* — digo.

— Desculpa. — Ele vai buscar um casaco ao armário. — Posso dormir na casa do Theo esta noite?

A atitude casual do Josh neste momento tão importante entre os dois faz-me lembrar tanto o Atlas.

O Josh conscienciosо.

Mas este pedido para ir embora com o Theo deixa-me sem saber o que fazer. Arregalo ligeiramente os olhos. Só vivo aqui há quatro dias. O Josh nunca me pediu autorização para nada, e eu e o Atlas ainda não estabelecemos propriamente regras de base.

— Sim, claro que sim. Mas diz ao teu irmão onde estás.

Não acho mesmo que o Atlas se importe. Agora que vivemos juntos, vamos ter de lidar com situações destas com o Josh e a Emerson. Quem age como pai de quem, quando, como. É empolgante, na verdade. Gosto de organizar a vida com o Atlas.

A minha mãe ainda não regressou com a Emerson, portanto, assim que o Josh

e o Theo saem, a casa fica em silêncio e vazia pela primeira vez desde que nos mudámos. Nunca tinha estado aqui sozinha. Passo o meu tempo a sós a deambular pelas divisões, a abrir armários, a familiarizar-me com a minha nova casa.

A minha nova casa. É engraçado dizê-lo.

Vou lá para fora e sento-me numa cadeira do *deck*, a contemplar o pátio. É o pátio perfeito para um jardim. Quase inédito, num lugar tão perto do centro da cidade. É como se o Atlas tivesse procurado uma casa especificamente pelo espaço perfeito de jardim, para o caso de eu voltar a entrar na sua vida. Sei que não foi por isso que escolheu esta casa, mas é divertido imaginar que o fez por essa razão.

O meu telemóvel toca, sobressaltando-me. É o Atlas, a devolver-me um telefonema com uma videochamada.

— Oi.

— O que é que estás a fazer? — pergunta ele.

— Estou a escolher um sítio para o meu jardim. O Josh quis ir dormir à casa do Theo, por isso deixei-o ir. Espero que não te importes.

— Claro que não. Eles ajudaram-te?

— Sim, está quase tudo feito.

O Atlas parece aliviado. Passa a mão pela cara, como se estivesse a libertar a tensão. Parece que teve um dia atarefado, mas esconde-o com um sorriso.

— Onde está a Emerson?

— A minha mãe vem a caminho com ela.

Ele suspira, como se estivesse triste por não poder vê-la.

— Começo a sentir a falta dela — diz. As palavras saem-lhe suaves e rápidas, como se tivesse receio de admitir que começa a amar a minha filha. Mas eu apanhei as palavras dele e vou guardá-las junto de todas as outras coisas doces que ele já me disse. — Chego a casa daqui a umas três horas. Vais estar acordada?

— Se não estiver, sabes o que fazer. — O Atlas abana ligeiramente a cabeça e

levanta um canto da boca. — Amo-te. Vem para casa depressa.

— Também te amo.

Assim que terminamos a chamada, ouço a voz doce da Emerson e viro-me imediatamente. A minha mãe está parada à porta, com ela ao colo. Está a sorrir, parecendo ter ouvido parte da conversa.

Levanto-me para pegar na Emerson, que se agarra a mim. Vai ser uma noite fácil. Quando ela se aninha desta forma, significa que está pronta para dormir. Faço sinal à minha mãe para se sentar ao meu lado.

— Isto é giro — diz ela.

É a primeira vez que cá vem. Eu mostrava-lhe a casa, mas a Emerson já está a esfregar a cara no meu peito, tentando lutar contra o cansaço. Quero dar-lhe uma oportunidade de adormecer antes de me levantar.

— Que sítio magnífico para um jardim — comenta a minha mãe. — Achas que ele escolheu esta casa de propósito, na esperança de que voltasses à vida dele?

Encolho os ombros.

— Estava a perguntar-me o mesmo, mas não queria presumi-lo. — Faço uma pausa e, quando absorvo completamente a pergunta, olho para ela. *Que voltasse à vida dele?* Eu nunca lhe contei que o Atlas era um amigo dos tempos do Maine. Parti do princípio de que ela não se lembrava dele.

Parti do princípio de que ela não fazia ideia de que o Atlas na minha vida agora era alguém do meu passado.

Ela apercebe-se da surpresa no meu rosto, por isso, diz:

— É um nome singular, Lily. Eu lembro-me dele.

Sorrio, mas também me sinto confusa por ela nunca ter falado disto. Namoro com ele há mais de seis meses e ela já esteve com ele um punhado de vezes.

Mas suponho que não devia estar surpreendida. A minha mãe sempre teve alguma dificuldade em abrir-se. Não posso censurá-la. Passou anos com um homem que não lhe permitia ter qualquer voz, por isso tenho a certeza de que tem sido difícil para ela aprender a voltar a usá-la.

— Porque é que nunca disseste nada? — pergunto-lhe.

Ela encolhe os ombros.

— Achei que me dirias alguma coisa, se quisesses que eu soubesse.

— Eu queria, mas não quis que te sentisses constrangida ao pé dele. Sobretudo depois do que o pai lhe fez.

Ela desvia os olhos de mim, perscrutando o pátio. Fica em silêncio por um momento.

— Nunca te disse isto, mas falei com o Atlas uma vez. Mais ou menos. Cheguei a casa do trabalho mais cedo e vocês os dois estavam a dormir no sofá. Foi um grande choque — diz ela, a rir-se. — Eu pensava que eras tão doce e inocente, mas ali estavas tu, no meu sofá da sala a dormir com um rapaz qualquer. Eu ia começar a gritar contigo, mas ele acordou tão assustado. Não com medo de mim, na verdade, agora que penso nisso. Parecia mais assustado com a possibilidade de te perder. Seja como for, ele saiu à pressa e em silêncio, por isso fui atrás dele até à rua, para o ameaçar e dizer-lhe que nunca mais voltasse. Mas ele… fez uma coisa tão estranha, Lily.

— O que é que ele fez? — Tenho o coração na garganta.

— Deu-me um abraço — diz ela, com um vestígio de riso na voz.

Fico de queixo caído.

— Ele deu-te *um abraço*? Apanhaste-o em flagrante com a filha e ele abraçou-te?

Ela confirma com um aceno de cabeça.

— Isso mesmo. E foi um abraço cúmplice, sabes? Foi como se tivesse genuinamente pena de mim, e eu senti-o naquele abraço. Como se estivesse a encorajar-me, ou a reconfortar-me. E depois… simplesmente foi-se embora. Nem sequer tive oportunidade de lhe gritar por estar em minha casa contigo, sem ninguém a vigiar. Talvez fosse esse o plano dele, pode ter sido uma tática de manipulação, não sei.

Abano a cabeça.

— Não foi nenhuma tática. — *O Atlas consciencioso*.

— Eu sabia que namoravas com ele. E sabia que estavas mais a escondê-lo do teu pai do que de mim, por isso não levei a mal. Nunca interferi porque gostava que tivesses alguém, Lily. — Abarca a casa atrás de nós com um gesto. — E agora, olha. É teu para sempre.

Esta história faz-me apertar a Emerson com um pouco mais de força.

— Fico feliz por saber que há um homem na tua vida que dá abraços tão cúmplices — diz a minha mãe.

— Ele dá mais do que bons abraços — digo, com cara séria.

A minha mãe ri-se.

— Lily! — Põe-se em pé, abanando a cabeça. — Agora vou para casa.

Estou a rir-me para dentro quando ela sai. Uso a mão livre para enviar uma mensagem ao Atlas.

Amo-te tanto, meu idiota.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ATLAS

— Vais mesmo fazer isto? — pergunta o Theo.

Estou diante de um espelho, a ajeitar a gravata. O Theo está sentado no sofá, tentando convencer-me a deixá-lo ler os meus votos antes do casamento.

— Não tos vou ler.

— Vais fazer figura de parvo — diz ele.

— Não vou. São bons.

— Atlas. Vá lá. Estou a tentar ajudar-te. Estou mesmo a ver que deves ter acabado com uma frase tipo: «*É meu desejo que sejas o meu badejo.*»

Rio-me. Não sei como é que ele ainda arranja estas rimas, depois de dois anos nisto.

— Praticas os teus insultos durante as noites de insónia?

— Não, surgem-me naturalmente.

Alguém bate à porta e abre uma nesga.

— Cinco minutos.

Vejo-me uma vez mais ao espelho antes de me virar para o Theo.

— Onde é que está o Josh? Preciso de garantir que está pronto.

— Não te posso dizer.

Inclino a cabeça.

— Onde é que ele está, Theo?

— Da última vez que o vi, estava no gazebo, com a língua enfiada pela garganta de uma rapariga qualquer. Não tarda nada, és avô.

— Sou irmão dele. Seria tio, não avô. — Olho pela janela, mas o gazebo está vazio. — Vai à procura dele, por favor.

Eu e o Josh somos muito parecidos, mas ele é um pouco mais confiante em relação às raparigas do que eu era na idade dele. Acabou de fazer 15 anos e, até agora, esta é a idade de que gosto menos. Tenho a certeza de que no ano que vem, quando tiver idade suficiente para conduzir, vou envelhecer uma década.

Preciso de pensar noutra coisa. Já estou nervoso. Talvez o Theo tenha razão e eu deva rever os meus votos mais uma vez, para garantir que não há nada a mudar ou acrescentar.

Tiro a folha do bolso e desdobro-a, pegando numa caneta para o caso de querer fazer alguma alteração de última hora.

Querida Lily,

Estou habituado a escrever-te cartas que mais ninguém vai ler, e talvez por isso tenha sido tão difícil quando tentei escrever estes votos pela primeira vez. A ideia de que seriam lidos em voz alta diante das outras pessoas era um bocadinho aterrorizadora.

Mas os votos não devem ser algo que se faz em privado. O propósito de um voto é fazer uma promessa intencional que seja testemunhada, seja por Deus, pelos amigos ou pela família.

Talvez te perguntes, contudo, ou pelo menos eu perguntei-me, qual é a necessidade de um voto público. Não consegui parar de pensar no que terá acontecido no passado para criar a necessidade de testemunhar o amor.

Será que significa que algures, pelo caminho, uma promessa foi quebrada? Um coração foi despedaçado?

É dececionante, se pensares seriamente nos motivos para os votos existirem. Se confiássemos que toda a gente mantém a sua palavra, os votos não seriam necessários. As pessoas encontrariam o amor e manter-se-iam fiéis a ele para sempre, ponto final.

Mas acho que é esse o problema. Somos pessoas. Somos humanos. E os humanos podem, por vezes, ser dececionantes.

Perceber isso levou-me por outro caminho no meu processo de pensamento ao escrever estes votos. Comecei a perguntar-me: se os humanos são tantas vezes dececionantes e tão raramente bem-sucedidos no amor, o que é que podemos fazer para garantir que o nosso seja um amor resistente ao teste do tempo? Se metade dos casamentos acabam em divórcio, isso significa que metade dos votos alguma vez feitos acabaram por ser quebrados. Como é que garantimos que não somos um desses casais que se transforma em estatística?

Infelizmente, Lily, não conseguimos fazer isso. Apenas podemos ter esperança, mas não podemos garantir que as palavras que aqui dizemos e prometemos um ao outro hoje não acabem no processo de um advogado de divórcios daqui a alguns anos.

Peço desculpa, tenho noção de que estes votos estão a fazer com que o casamento pareça um ciclo extremamente deprimente que só acaba bem metade das vezes.

Mas para alguém como eu, isso até é empolgante.

Metade das vezes?

50-50?

Um em cada dois?

Se alguém me tivesse dito, quando era adolescente, que teria uma hipótese de 50-50 de viver a minha vida toda contigo, ter-me-ia sentido o homem mais sortudo do planeta.

Se quando eu era adolescente alguém me tivesse dito que tinha 50 por cento de hipóteses de viver toda a minha vida contigo, eu ter-me-ia sentido o ser humano mais feliz do mundo.

Se alguém me tivesse dito que tinha 50 por cento de hipóteses de ser amado por ti, perguntar-me-ia o que raio teria feito para ter tanta sorte.

Se alguém me tivesse dito que nos casaríamos um dia, e que eu poderia dar-te a tua lua de mel de sonho na Europa, e que o nosso casamento teria 50

por cento de hipóteses de dar certo, eu teria perguntado imediatamente o tamanho do teu dedo anelar, para podermos começar.

Talvez a ideia de o fim do amor ser uma coisa negativa seja apenas uma questão de perspetiva. Porque, para mim, a ideia de que um amor chegou ao fim significa que, a dada altura, existiu amor. E houve uma época na minha vida, antes de ti, em que eu o desconhecia por completo.

A versão adolescente de mim não teria visto um potencial desgosto amoroso como uma coisa má. Eu tinha inveja de qualquer pessoa que alguma vez tivesse amado algo o suficiente para experienciar a sua perda. Antes de ti, eu nunca tinha conhecido nenhum amor.

Mas depois tu apareceste e mudaste isso. Não só tive a oportunidade de ser a primeira pessoa a apaixonar-se por ti, como também tive a experiência de partilhar um desgosto amoroso contigo. E depois, como que por milagre, tive a oportunidade de me apaixonar por ti outra vez.

Duas vezes numa só vida.

Como é que um homem pode ter tanta sorte?

Tendo tudo isto em conta, o facto de eu ter chegado aqui, de nós termos chegado aqui, ao dia do nosso casamento, é francamente mais do que alguma vez sonhei obter da vida. Uma respiração, um beijo, um dia, um ano, uma vida inteira. Aceitarei tudo o que me deres, e prometo que irei estimar cada segundo que tiver a sorte de passar contigo a partir deste momento, tal como estimei cada segundo que passei contigo antes deste momento.

Se quiser ser otimista, podemos viver toda a nossa vida juntos e felizes, até sermos frágeis e velhos e eu precisar de um dia inteiro para chegar aos teus lábios e dar-te um beijo de boa-noite. Se isso acontecer, juro que ficarei imensamente grato pelo amor que nos acompanhou pela vida.

Se quiser ser pessimista, podemos voltar a partir o coração um do outro já amanhã. Sei que não o faremos, mas, mesmo que o fizéssemos, juro que seria imensamente grato pelo amor que levaria a esse desgosto até ao dia da minha

morte. Se o meu destino for acabar como uma estatística, não há ninguém com quem quisesse mais ser uma estatística do que contigo.

Mas tu disseste-me uma vez que eu era realista, por isso quero acabar os meus votos com realismo. No meu íntimo, acredito que iremos sair daqui hoje para enfrentarmos uma viagem cheia de colinas, vales, picos e desfiladeiros. Por vezes, haverás de precisar que eu te dê a mão na descida das colinas, e outras vezes eu precisarei que me conduzas na subida da montanha, mas, a partir de agora, iremos enfrentar tudo juntos. És tu e eu, Lily. Nos bons momentos e nos maus, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, no passado e para sempre, tu és a minha pessoa favorita. Sempre foste. Sempre serás. Amo-te. Amo tudo o que és.

Atlas

Solto o ar, com a folha a tremer na minha mão. Os votos estão exatamente como eu queria, por isso dobro o papel quando o Josh entra no quarto. Vem com o Darin, o Brad, o Theo e o Marshall.

O Marshall segura a porta.

— Estás pronto? Está na hora.

Confirmo com um aceno de cabeça, mais do que pronto, mas antes de guardar os votos no bolso, decido fazer uma pequena alteração. Não mudo nada do que já escrevi, mas acrescento uma linha no final.

P.S. É meu desejo que sejas o meu badejo.

AGRADECIMENTOS

Isto Acaba Aqui foi o único livro para o qual sempre disse de forma veemente que nunca haveria de escrever uma sequela. Sentia que tinha terminado onde precisava de terminar, e eu não queria exercer mais pressão sobre a Lily.

Mas depois aconteceu o #Booktok, a petição online e as mensagens e vídeos, e eu apercebi-me de que a maioria dos leitores não me estava a pedir para lhe causar mais sofrimento. O que vocês queriam era simplesmente ver a Lily e o Atlas felizes. Quando comecei a pensar num esboço, percebi rapidamente que também eu precisava muito de ver a Lily e o Atlas felizes. A todos os que me pediram mais, o meu muito obrigada. Este livro não existiria sem vocês.

Tenho tantas pessoas a quem agradecer, e não necessariamente pela existência de *Isto Começa Aqui*, mas mais pelo apoio constante que me deram ao longo dos anos e que resultou na escrita de um livro que eu nunca pensei vir a ter a coragem de terminar. Desde familiares a amigos, a bloggers, leitores, editores e agentes, sem qualquer ordem em particular, quero apenas dizer OBRIGADA pelo vosso incessante apoio e por garantirem que eu continue a adorar escrever.

Levi Hoover, Cale Hoover, Beckham Hoover e Heath Hoover. Os meus quatro homens favoritos em todo o planeta. Sem o vosso incentivo e apoio, não conseguiria fazer nada disto.

Lin Reynolds, Murphy Fennell e Vannoy Fite. As minhas três mulheres favoritas em todo o planeta.

A toda a equipa da Bookworm Box e da Book Bonanza. Obrigada a todos por tudo aquilo que fazem!

Às minhas agentes Jane Dystel e Lauren Abramo, e a toda a equipa da Dystel, Goderich & Bourret.

Obrigada à minha editora, Melanie Iglesias Pérez, à minha relações-públicas Ariele Stewart Fredman, à Libby McGuire, editora responsável pela minha publicação, e a toda a equipa da Atria.

A Stephanie Cohen e Erica Ramirez. Obrigada por tornarem os meus sonhos realidade e terem sempre em conta os meus interesses. Adoro-vos mais do que consigo expressar por palavras, e de cada vez que entro no vosso gabinete parece que estou a chegar a casa.

Obrigada à Pamela Carrion e à Laurie Darter, por tudo o que fazem e por me manterem entretida todos os dias.

Obrigada à equipa da Simon & Schuster Audio por fazerem os meus livros ganhar vida.

Obrigada à autora Susan Stoker, por ser um exemplo tão bom para outros autores e por nos manter sempre informados com as suas mensagens e cumprimentos semanais.

E um enorme agradecimento aos seguintes, por estarem sempre presentes: Tarryn Fisher, Anna Todd, Lauren Levine, Shanora Williams, Chelle Lagoski Northcutt, Tasara Vega, Vilma Gonzalez, Anjanette Guerrero, Maria Blalock, Talon Smith, Johanna Castillo, Jenn Benando, Kristin Phillips, Amy Fite, Kim Holden, Caroline Kepnes, Melinda Knight, Karen Lawson, Marion Archer, Kay Miles, Lindsey Domokur, e tantos outros.

Obrigada aos CoHorts, ao BookTok, aos bloggers, bibliotecários e todos aqueles que se dedicam a espalhar o vosso amor pela leitura.

Acima de tudo, obrigada a cada uma das pessoas que alguma vez tiraram um bocadinho do seu tempo para enviar uma mensagem ou um e-mail a um autor só para lhe dizer o quanto os seus livros significam para elas. Vocês são uma parte enorme do motivo que nos leva a escrever.



Sobre este livro

SERÁ ASSIM TÃO SIMPLES COMEÇAR DE NOVO?

Depois do seu reencontro inesperado, Lily e Atlas não conseguem parar de pensar um no outro nem em tudo aquilo por que passaram. Mas uma nova aproximação entre eles poderá não ser tão simples como parece. Lily tem de pensar no bem-estar da filha e na reação de Ryle a uma eventual relação com Atlas.

Atlas também está ciente das dificuldades. Sabe que Ryle não irá aceitar facilmente a sua presença na vida da ex-mulher e da filha e não tem dúvidas de que os problemas de comportamento dele não terminaram com o fim do casamento.

Terão Lily e Atlas força suficiente para enfrentar todos os obstáculos que irão surgir pelo caminho?

Sobre Colleen Hoover

Autora norte-americana bestseller do *New York Times* e que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para cerca de 30 línguas. Na sua vasta lista de obras incluem-se *Um Caso Perdido, Uma Nova Esperança, Amor Cruel, Confesso, 9 de Novembro, Isto Acaba Aqui, A Ilusão de Merit, Verity, Sempre Tu, Layla, Se Fosse Perfeito, Corações Feridos e Isto Começa Aqui*, publicados em Portugal pela Topseller.

Colleen cresceu numa quinta, no Texas, casou-se quando tinha 20 anos e tirou uma licenciatura em Serviço Social. Trabalhou nos Serviços de Proteção de Menores, antes de voltar aos estudos para concluir a sua formação em Educação Especial e Nutrição Infantil.

Vive com o marido e os três filhos no Texas. Em 2015, criou The Bookworm Box, um clube de subscrição de livros autografados pelos respetivos autores e cujos fundos se destinam a instituições de solidariedade social.

Saiba mais em:
http://www.colleenhoover.com



Edição em formato digital: outubro de 2022

ISTO COMEÇA AQUI
Título original: *It Starts With Us*
Texto © 2022, Colleen Hoover
Publicado por Atria Books, uma chancela
de Simon & Schuster, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a protecção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Fernanda Semedo
Capa: Danielle Mazzella di Bosco
Imagens da capa: Tanja Ivanova/Getty Images; wuttichok/Adobe Stock

ISBN: 978-989-623-786-8

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivros
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.editora

[1] O palavrão em inglês escreve-se *asshole*, que se pode traduzir por «cara de cu». *Ass whole* é uma deturpação da palavra com base no som, mas dessa forma ganha um novo significado, significando «um completo cu». [*N.T.*]

Índice

Isto Começa Aqui

Nota da Autora

Dedicatória

Capítulo Um – Atlas

Capítulo Dois – Lily

Capítulo Três – Atlas

Capítulo Quatro – Lily

Capítulo Cinco – Atlas

Capítulo Seis – Lily

Capítulo Sete – Atlas

Capítulo Oito – Lily

Capítulo Nove – Atlas

Capítulo Dez – Lily

Capítulo Onze – Atlas

Capítulo Doze – Lily

Capítulo Treze – Atlas

Capítulo Catorze – Lily

Capítulo Quinze – Atlas

Capítulo Dezasseis – Lily

Capítulo Dezassete – Atlas

Capítulo Dezoito – Lily

Capítulo Dezanove – Atlas

Capítulo Vinte – Lily

Capítulo Vinte e Um – Atlas

Capítulo Vinte e Dois – Lily

Capítulo Vinte e Três – Atlas

Capítulo Vinte e Quatro – Lily

Capítulo Vinte e Cinco – Atlas

Capítulo Vinte e Seis – Lily

Capítulo Vinte e Sete – Atlas

Capítulo Vinte e Oito – Lily

Capítulo Vinte e Nove – Atlas

Capítulo Trinta – Lily

Capítulo Trinta e Um – Atlas

Capítulo Trinta e Dois – Lily

Capítulo Trinta e Três – Atlas

Capítulo Trinta e Quatro – Lily

Capítulo Trinta e Cinco – Atlas

Capítulo Trinta e Seis – Lily

Capítulo Trinta e Sete – Atlas

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Colleen Hoover

Créditos

Notas